O MUNDO FUNERÁRIO NA ANTIGUIDADE TARDIA EM PORTUGAL: AS NECRÓPOLES DOS SÉCULOS V A VIII

ANDREIA AREZES

VOLUME II

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

ANEXO 1
CATÁLOGO DOS MATERIAIS

Este catálogo contempla um importante e diversificado conjunto de materiais, selecionado entre um corpo mais vasto de peças que analisámos presencialmente nas diversas instituições, públicas e privadas, que nos receberam e facultaram acesso aos seus acervos.

Passamos a elencá-las, por ordem alfabética, assinalando as siglas utilizadas ao longo do texto:

A.I.A. – *Archeoestudos* – Investigação Arqueológica (Filial de Seixezelo, V. N. Gaia)
A.P. – Arqueologia e Património (Filial de Beja)
C.M.A. – Câmara Municipal de Abrantes
C.A.M. – Campo Arqueológico de Mértola
M.C.C.G. – Museu dos Condes de Castro Guimarães (Cascais)
M.D.D.S. – Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
M.M.-N.B.P. – Museu de Mértola – Núcleo da Basílica Paleocristã (Mértola)
M.M.C. – Museu Monográfico de *Conimbriga* – Museu Nacional (Condeixa-a-Nova)
M.M.A.A. – Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira
M.M.M. – Museu Municipal de Marvão
M.M.S.R. – Museu Municipal Santos Rocha (Figueira da Foz)
M.N.A. – Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)
M.R.R.L. – Museu Regional Rainha D. Leonor (Beja)
M.S.M.S. – Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães)
M.T. – Museu dos Terceiros (Ponte de Lima)
P.M. – *Perennia Monumenta* (Vila Nova de Famalicão)
S.A.C.M.C.V. – Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Além das instituições mencionadas, tivemos igualmente oportunidade de analisar materiais noutros Museus: o de História Natural, no Porto, o Geológico e o Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Também eles nos abriram as portas e permitiram que levássemos a cabo o estudo solicitado. Todavia e, por razões várias, acabou por não se revelar pertinente a inclusão dos artefactos ou conjuntos neles examinados no inventário que agora apresentamos. Em contrapartida, integrámos um pequeno corpo de objetos, originários do sítio de Patalou e que se encontram à guarda do Sr. João Francisco Lopes, em Nisa, onde nos deslocámos para os observar e descrever já aquando da preparação da dissertação de Mestrado por nós elaborada e defendida em 2010.

Algumas peças que tinham ficado por analisar aquando desse trabalho prévio, pela impossibilidade de confirmar a sua localização, puderam, já no quadro da presente dissertação, ser finalmente estudadas. Referimo-nos à placa de cinturão de Salvaterra do Extremo, que acabámos por identificar entre os metais conservados na Sala Seca do Museu Nacional de Arqueologia, e aos adornos áureos de Beiral do Lima, em depósito na mesma instituição desde o encerramento do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral, no Porto.

O catálogo encontra-se organizado em função dos sítios geradores de materiais, sendo a sequência das estações idêntica à seguida no capítulo 6. No entanto, há lacunas e ausências a realçar, derivadas de uma conjugação de fatores. Por um lado, nem sempre os pedidos de autorização para estudo de coleções tiveram resposta e, por outro, quando obtida, nem sempre, por motivos diversos, foi positiva. Acresce notar que, pontualmente, não se chegou a descortinar o paradeiro de determinados conjuntos. Veja-se o caso dos elementos metálicos da necrópole de Alcaria, em Caldas de Monchique: uma das hipóteses veiculadas pela bibliografia indicava como depositário o Museu Municipal Dr. José Formosinho, em Lagos, hipótese que acabou por ser afastada na sequência dos contactos que estabelecemos com a referida instituição. Uma segunda, por seu turno, apontava o Museu Geológico, em Lisboa. Mas, conforme pudemos constatar aquando da nossa deslocação àquele Museu, nele apenas se conservam os materiais atribuídos à Idade do Bronze e não os que se inserem na cronologia do nosso trabalho. Neste sentido, há um desfasamento entre o total das necrópoles elencadas na dissertação e o número de sítios com materiais associados que lográmos congregar no catálogo. Não obstante, a quantidade e diversidade de peças aqui reunidas mostra-se, ao que julgamos, suficientemente esclarecedora e ilustrativa da realidade que nos propusemos tratar.

Para as apresentar estabelecemos um esquema de base compartimentado, num primeiro nível, em função da matéria de suporte em que foram produzidas. Contudo, no que ao universo dos metais diz respeito e atendendo à variedade de objetos inventariados, decidimos proceder a um segundo nível de subdivisão, de modo a favorecer o entendimento dos conjuntos e a evitar potenciais dispersões de leitura. Assim, acabámos por fixar a seguinte estrutura:

A. Materiais cerâmicos
B. Materiais metálicos
B.1. Adereços de vestuário
B.2. Adornos do corpo
B.3. Elementos de utilização quotidiana
B.4. Armamento militar ou cinegético
B.5. Outros materiais metálicos
C. Materiais vítreos
D. Outros materiais
D.1. Adornos

O nosso ponto de partida fundou-se, pois, nestas categorias amplas e progressivamente desdobradas: arrancando sempre do algarismo 1, as descrições avançam em articulação com a sequência dos números de inventário conferidos pelas instituições aos artefactos que nelas se conservam, em exposição ou, maioritariamente, em reserva. É certo que nem

todos se encontram inventariados. De qualquer modo, cremos que isso dificilmente poderá redundar em problemas de reconhecimento das peças. Veja-se, por exemplo, o caso dos materiais recolhidos no quadro das chamadas «Escavações Antigas» de *Conimbriga*: apesar de não terem sido ainda inventariados, estão associados a um n.º de entrada no laboratório, que acabou por se revelar extremamente útil, ao facilitar a listagem de numerosas peças. Em paralelo, e mesmo relativamente às situações em que não foi possível obter elementos identificadores alternativos, consideramos que as especificidades dos artefactos, destacadas no texto, e o cotejo com as estampas correspondentes, permitirão suprir eventuais dificuldades.

Posto isto, há que explicitar que a grande maioria das fotografias dos materiais que compõem as estampas são da nossa autoria. As exceções radicam, basicamente, em três conjuntos de imagens, gentilmente cedidas pelas instituições onde os acervos se encontram depositados. Um desses grupos concerne aos recipientes cerâmicos e vítreos recolhidos na necrópole de Beiral do Lima; o segundo, às cerâmicas exumadas em sepulturas localizadas no concelho de Castelo de Vide. No primeiro caso, as condições menos favoráveis para a captação do tipo de registo que pretendíamos e, consequentemente, os resultados pouco satisfatórios que obtivemos, levaram-nos a solicitar as fotografias arroladas no arquivo do Museu D. Diogo de Sousa; no segundo, a existência de imagens disponíveis na Secção de Arqueologia do município, perfeitamente elucidativas da tipologia das peças, dispensou-nos de proceder à repetição de um processo do qual provavelmente não retiraríamos significativo valor adicional. O terceiro caso prende-se com o conjunto de Beja. A natureza ímpar dos objetos áureos depositados no Museu Nacional de Arqueologia (dois elementos de cinturão e um cabuchão), e o facto de se impor que, na sequência da observação e descrição preconizadas, rapidamente fossem reconduzidos ao lugar que ocupam na exposição permanente, impediu-nos de realizar o respetivo registo fotográfico; todavia, pudemos aceder às imagens integradas no arquivo da instituição. Já no que respeita à espada, por seu turno conservada no Museu Regional Rainha D. Leonor, faltaram-nos as condições adequadas para efetuar as fotos, sobretudo em razão da falta de espaço e de luminosidade natural, daí que tenhamos optado por utilizar os ficheiros que o museu amavelmente nos cedeu.

Por último, cabe-nos salientar que as informações veiculadas em cada uma das fichas resulta da observação macroscópica e individualizada dos artefactos. A intenção basilar que norteou a sua elaboração prendeu-se, fundamentalmente, com a sistematização das características mais significativas dos objetos analisados. Neste sentido, cada ficha apresenta uma descrição das especificidades percecionadas, a indicação dos dados metrológicos, de apreciações pertinentes sobre os contextos de origem, uma avaliação dos paralelos identificados e uma proposta de enquadramento cronológico, por forma a afirmar-se como um sólido patamar de análise, ainda que, naturalmente, como todas as bases de dados, esteja sempre sujeita a atualizações.

As fichas encerram com um ponto dedicado à bibliografia, onde são fornecidas todas as referências bibliográficas listadas por ordem de publicação. Ressalvamos apenas que, nos

casos em que não remetemos para qualquer obra, estamos perante materiais inéditos à data da realização deste catálogo.

Concluídos os necessários apontamentos explicativos iniciais, passamos então à apresentação dos materiais selecionados.

Sítio: Beiral do Lima

(Freg. Beiral do Lima; Conc. Ponte de Lima; Dist. Viana do Castelo).

Local de depósito: M.D.D.S. (Braga) e M.N.A. (Lisboa).

A. Materiais cerâmicos

A.1. – Copo ou potinho (Est. I, fig. 1 e 2).

N.º de Inv. – 1994.0181 (M.D.D.S.).

Descrição – Copo ou potinho, em razoável estado de conservação, apesar de incompleto. Trata-se de uma forma com perfil em *S*, colo reentrante e boca esvasada, encontrando-se o lábio, ligeiramente boleado, um pouco danificado. A pança é bojuda, de configuração semiesférica e a base alta e plana. O fundo apresenta-se parcialmente lascado. Na base, também ligeiramente corroída, são observáveis marcas de torno. A superfície exterior terá sido polida, mas parte desse efeito já se perdeu. Nalguns pontos, aliás, é evidente a ocorrência de zonas corroídas. Faltam vários fragmentos: um ou mais na parte média da pança, outros na zona superior do bojo, bem como no bordo.

Produto de cozedura redutora, apresenta pasta de cor cinzenta escura (Munsell 2.5 Y 4/0), razoavelmente homogénea. A observação das zonas de fratura mostra tonalidade clara e inclusão de algum desengordurante não plástico, designadamente quartzo, com calibre oscilando entre 1,18 e 1,40 mm.

Dimensões – 103,10 mm (alt.); 57,42 mm (Ø boca); 77,37 mm (Ø bojo); 53,6 mm (Ø fundo).

Cronologia – Século V.

Observações – Quer o recipiente em análise quer o que se segue no catálogo foram publicados por Teresa Soeiro. Este, concretamente, foi classificado como «jarrita»[1].

Bibliografia – VIANA, 1961: 6; est. III, n.º 4; MELO, 1967: 151-152, fig. 70, a); LANHAS, 1969: 255; SOUSA, 1979: 295; 303; SOEIRO, 1981-82: 108, est. XII; n.º 4; BARROCA, 1987: 84; est. IX; ALMEIDA, 1990: 135-136; ALMEIDA, 1996a: 50; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 55.

[1] SOEIRO, 1981-82: 108.

A.2. – Copo ou potinho (?) (Est. I, fig. 3 e 4).

N.º de Inv. – 1994.0184 (M.D.D.S.).

Descrição – Copo ou potinho de cerâmica Cinzenta Tardia em razoável/bom estado de conservação. Encontra-se incompleta, truncada no bordo e, sobretudo, na parte média da pança. Possui colo alto e reentrante, culminando em bordo esvasado, com lábio ligeiramente boleado. De contorno semiesférico, mostra-se mais esguia e menos bojuda que a peça anterior. A superfície exterior recebeu polimento, efetuado na horizontal, mas já parcialmente desaparecido. Por outro lado, são ainda percetíveis finas estrias horizontais no colo e também na zona do bojo mais próxima do pé.

A pasta, com coloração cinzenta[2], produto de cozedura redutora, é depurada e homogénea, incluindo apenas quartzo e mica residuais, de calibre diminuto.

Dimensões – 108,07 mm (alt.); 45,20 mm (Ø boca); 70,18 mm (Ø bojo); 38,78 mm 53,6 mm (Ø fundo); 3,91 mm (esp.).

Cronologia – Século V.

Observações – Ferreira de Almeida classifica esta peça como um vaso de toucador. Chama ainda a atenção para o facto de a mesma se integrar perfeitamente no quadro das produções locais coevas, que se pautam por um nível técnico pouco elevado[3].

Bibliografia – VIANA, 1961: 6; est. V, n.º 4; MELO, 1967: 151-152, fig. 70, b); LANHAS, 1969: 254; SOUSA, 1979: 295; 303; SOEIRO, 1981-82: 108; est. XII, n.º 3; ALMEIDA, 1986b: 33; BARROCA, 1987: 84; est. IX; ALMEIDA, 1990: 135-136; ALMEIDA, 1996a: 50; 52; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 55.

A.3. – Jarro (Est. II, fig. 5 e 6).

N.º de Inv. – 1994.0228 (M.D.D.S.).

Descrição – Forma de contenção de líquidos contorno semiesférico, com perfil em *S*, ligeiramente incompleta: encontra-se em falta parte do colo e do arranque da boca. O bordo, liso e esvasado, é projetado para o exterior, encontrando-se parcialmente fragmentado. O colo é côncavo, reentrante, e a pança, bojuda. A asa, de fita e secção retangular, arranca da zona superior do lábio, curvando depois ligeiramente e assentando, finalmente, na pança. Possui, na parte exterior, uma mancha ferruginosa, eventualmente resultante do contacto com o metal. O fundo é plano, tendo, aparentemente, sido justaposto ao corpo do recipiente. Ambas as superfícies possuem vestígios de fuligem, sendo o acabamento pouco regular; apenas uma área delimitada da exterior, de configuração aproximadamente triangular e localizada sensivelmente na zona oposta à asa, aparenta ter sido alisada.

A pasta, acastanhada[4], é pouco depurada, integrando desengordurante não plástico: é observável areia residual, mica e quartzo, sendo o calibre máximo deste mineral de 1,17 mm.

[2] MUNSELL, 1975: 2.5 Y 5/0.

[3] ALMEIDA, 1986b: 33.

[4] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 5/4.

Dimensões – 118,27 mm (alt.); 73,15 mm (Ø boca); 98,73 mm (Ø bojo); 15,44 mm (larg. asa); 3,64 mm (esp. lábio).

Cronologia – Século V.

Observações – Segundo informação de Abel Viana, este recipiente «[…] achava-se dentro de uma sepultura, ou seja, de uma das covas»[5].

Bibliografia – VIANA, 1961: 5; est. III, n.º 3; MELO, 1967: 148; 150, fig. 68, a); SOUSA, 1979: 295; 304; BARROCA, 1987: 84; ALMEIDA, 1990: 128, fig. XXXIII; 134-135; ALMEIDA, 1996a: 50; 52.

A.4. – Garrafa ou *almotolia* (Est. II, fig. 7 e 8).

N.º de Inv. – 1994.0229 (M.D.D.S.).

Descrição – Recipiente cerâmico incompleto, de forma cónica, provido de gargalo e, originalmente, talvez de uma asa. Apresenta-se muito fragmentado, denotando colagens numa das faces do bojo. Nessa zona, mais danificada, a parte conservada encontra-se desgastada. O gargalo estreita progressivamente a partir do bojo, alargando depois, na zona de contacto com o bordo. Na base deste, é observável uma carena. O lábio, por seu turno, é esvasado e boleado. O fundo é aplanado ou muito ligeiramente côncavo, com marcas de torno.

A pasta, acastanhada[6] e de melhor qualidade que a dos púcaros, é razoavelmente homogénea, conforme visível no cerne, e até depurada. A presença de areia e mica é residual. As superfícies exibem vestígios de fuligem, provavelmente resultantes da exposição ao fogo. Terão sido alisadas no sentido horizontal, muito embora atualmente se mostrem degradadas, provavelmente devido às condições da jazida. O polimento foi, aliás, praticamente aniquilado.

Dimensões – 137,16 mm (alt.); 35,77 mm (Ø boca); 100,81 mm (Ø bojo); 67,98 mm (Ø fundo); 4,18 mm (esp. lábio).

Cronologia – Século V.

Observações – Abel Viana menciona o facto de a peça em análise, que considera semelhante a uma botija, ter sido recolhida no exterior dos sepulcros[7]. Brochado de Almeida acrescenta que o fundo da peça aparenta «[…] ter sido cortado com uma corda. […]»[8].

Bibliografia – VIANA, 1961: 5-6; est. IV, n.º 2; MELO, 1967: 151-152, fig. 69; SOUSA, 1979: 295; 304; BARROCA, 1987: 84; ALMEIDA, 1990: 135-136; ALMEIDA, 1996a: 50.

[5] VIANA, 1961: 5.

[6] MUNSELL, 1975: 10 YR 7/4.

[7] VIANA, 1961: 6.

[8] ALMEIDA, 1990: 136.

A.5. – Jarro (Est. II, fig. 9 e 10).

N.º de Inv. – 1994.0416 (M.D.D.S.).

Descrição – Jarro incompleto, de forma semiesférica, com perfil em *S*. Possui pança bojuda e mutilada; a meio, arranca a asa, de fita e secção retangular, que se prolonga até entroncar na abertura da boca, quase integralmente desaparecida. O colo é côncavo e o bordo seria provavelmente esvasado. O fundo apresenta pé baixo, com textura irregular.

A pasta apresenta coloração castanha rosada[9] e é pouco depurada. Inclui quartzo e alguma mica. As superfícies, onde são observáveis abundantes vestígios de fuligem, são ásperas e até algo rugosas, revelando alguma suavidade apenas nas zonas queimadas. O acabamento é, pois, pouco cuidado.

Dimensões – 120,83 mm (alt.); 74 mm (Ø boca); 100,46 mm (Ø bojo); 46,35 mm (Ø fundo); 4,02 mm (esp. lábio); 7,74 mm (esp. asa).

Cronologia – Século V.

Observações – Abel Viana descreve a peça em análise como uma «[…] vasilha asada, de barro vermelho, do feitio de *ampulla* […]»[10].

Bibliografia – VIANA, 1961: 5; est. III, n.º 5; MELO, 1967: 150, fig. 68, b); 151; SOUSA, 1979: 295; 304; BARROCA, 1987: 84; ALMEIDA, 1990: 128, fig. XXXIII; 135; ALMEIDA, 1996a: 50; 52.

B. Materiais metálicos

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (Est. III, fig. 11 e 12).

S/ Inv. (M.N.A.).

Descrição – Anel de ouro maciço, em excelente estado de conservação, provido de mesa de configuração circular, com decoração *cloisonné,* marcada por certo grau de irregularidade ao nível da disposição das células, que se organizam em forma de flor. Ao todo, encontram-se em falta oito das granadas originalmente incrustadas. Uma das granadas sobreviventes encontra-se quebrada. O aro, de contorno sub-elíptico e secção subcircular, estreita progressivamente até atingir cada uma das extremidades do verso da mesa, ao qual está soldado. As zonas laterais da mesa apresentam duas fraturas: uma no prolongamento da cavidade inferior de uma pétala; outra no alinhamento da cavidade superior, em posição sensivelmente simétrica. Esta apresenta-se na oblíqua, estendendo-se na direção da zona superior do aro. Sendo, porém, pouco extensa (2,64 mm) não chega a atingi-lo. Já no primeiro caso, a fratura, com 3,40 mm de extensão, atravessa toda a parte lateral da mesa.

Dimensões – 18,01 (Ø mesa); 23,08 mm (Ø aro); 4 mm (esp. mesa); 1,99 mm (esp. aro).

Cronologia – Século V.

[9] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/6.

[10] VIANA, 1961: 5.

Observações – O facto de o anel, os elementos constituintes do «diadema», as contas de colar e o conjunto das peças vítreas terem sido recolhidos de um único sepulcro[11], leva-nos a considerar a forte possibilidade de estarmos perante uma inumação feminina, com paralelos em enterramentos orientais de tipo «principesco». Note-se, porém, que muito embora o esquema decorativo e técnico utilizado na composição do objeto em análise remeta para uma ambiência cultural muito específica, não detetámos paralelos diretos concretos entre outros anéis, apenas similitudes e aproximações sobretudo entre peças que funcionaram como elementos de cinturão.

Bibliografia – VIANA, 1961: 7; 9-10; est. II, n.º 1-3; MELO, 1967: 142; 145-146, fig. 61; LANHAS, 1969: 256-257; ALMEIDA, 1979: 312; SOUSA, 1979: 295-296; 301; ALMEIDA, 1986b: 31-32; BARROCA, 1987: 83-86; est. IX; ALMEIDA, 1990: 137-138, fig. XXXV, n.º 6; MATTOSO, 1992: 328; ALMEIDA, 1996a: 50-51; LÓPEZ QUIROGA & RODRÍGUEZ LOVELLE, 1999: 231-232; LÓPEZ QUIROGA, 2001: 117; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 287; 296, fig. 3; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 55; 128-129; BARROSO CABRERA *et al.*, 2006a: 214; AREZES, 2011: 58; 119; 287; AREZES, 2012: 228-229, fig. 2; AREZES, 2017: 141; 143.

B.2.2 – Diadema (Est. III, fig. 13 e 14).

S/ Inv. (M.N.A.).

Descrição – Conjunto de quarenta e quatro elementos áureos, atualmente articulados de modo a compor uma peça de adorno única, que tem sido classificada na bibliografia como «diadema». O esquema seguido na reconstituição vigente apresenta, em cada uma das extremidades, uma espécie de alfinete. Segue-se, da esquerda para a direita, uma primeira «conta», aproximadamente cilíndrica, que estreita sensivelmente no campo central e se encontra decorada com finas incisões. Já a segunda é alongada e decorada com três caneluras em relevo, patentes na zona mais volumosa, na sequência da qual se regista um estreitamento progressivo na direção da extremidade, onde, no entanto, figura um leve rebordo. A terceira «conta» é mais alongada, revelando maior volume na zona central. É ornada praticamente em toda a sua extensão, através de caneluras que se sucedem, dispostas na vertical, podendo ter sido modeladas ou obtidas também com recurso a incisão. Denotando estado de conservação consideravelmente melhor que a anterior, revela, ainda assim, sinais que apontam para a possibilidade de ter sido amolgada. O quarto elemento possui a aparência mais desigual e irregular do conjunto de contas alongadas; de certo modo, parece até incompleto, colocando-se a hipótese de se encontrar em falta parte equivalente, que deveria posicionar-se de modo simétrico; é ornado, por um lado, através de incisão longitudinal; por outro, apresenta leves cavidades, quase que similares a células destinadas a incrustação. A quinta conta possui forma de losango, aproximadamente: a zona de maior volume coincide com a parte central; segue-se um estreitamento e, depois, leve espessamento nas

[11] VIANA, 1961: 9.

extremidades. As faces são irregulares, parecendo ter sido marteladas e o corpo principal da conta apresenta-se amolgado ao longo de praticamente toda a extensão. O sexto elemento é equivalente ao terceiro, denotando o mesmo esquema decorativo e ligeira deformação (talvez mais acentuada que no primeiro elemento do género a ser descrito, como se tivesse sido martelado ou amassado). A produção terá sido idêntica, radicando a diferença fundamental no menor volume revelado pelo campo central. O sétimo é vagamente similar ao quinto, muito embora denotando facetamento de um dos lados, o mesmo que, no prolongamento, volta a espessar, na aproximação à extremidade; depois de nova sequência de pendentes atinge-se então o oitavo elemento, adjacente ao alfinete, que se apresenta ornado com uma série de finas incisões. Note-se que, entre cada uma das «contas», figuram pequenos pendentes, ligeiramente apontados numa das extremidades; na oposta, a superior, conservam uma superfície mais aplanada, onde se inscreve uma perfuração. É através dela que se estabelece a ligação com os pequenos anéis sequenciais que atualmente se apresentam suspensos ou enfiados no fio.

Dimensões – 290,8 mm (extensão total); 61,67 mm (comp. de um dos alfinetes); 16,95 mm (comp. conta alongada); 7,16 mm (alt. conta alongada).

Cronologia – Século V.

Observações – Atendendo à reconstituição atual, um dos paralelos para o «diadema» radica no colar exumado no sepulcro feminino de Hochfelden, região do Baixo Reno, na Alsácia (França). Outra das possibilidades a considerar remete para o colar de ouro de Kertsch (Crimeia). As propostas de datação avançadas para ambos apontam para inícios do século V[12].

Bibliografia – VIANA, 1961: 7; 9-10; est. I; MELO, 1967: 142; 144, fig. 60; LANHAS, 1969: 256-257; SOUSA, 1979: 295-300; ALMEIDA, 1986b: 31; 34; BARROCA, 1987: 83-86; est. IX; ALMEIDA, 1990: 137-138, fig. XXXV, n.º 7, 8; 139; MATTOSO, 1992: 341; ALMEIDA, 1996a: 50-51; LÓPEZ QUIROGA & RODRÍGUEZ LOVELLE, 1999: 231-232; LÓPEZ QUIROGA, 2001: 117-118; 122; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 287; 296, fig. 3; LÓPEZ QUIROGA, 2004a: 592, n.º 502; LÓPEZ QUIROGA, 2004b: 218-219; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 55; 128-129; BARROSO CABRERA *et al.*, 2006a: 214; PINAR GIL, 2006: 220; PINAR GIL & RIPOLL LÓPEZ, 2008: 114-11; 125-126; AREZES, 2011: 58; 127-129; 367-368; AREZES, 2012: 228-229; AREZES, 2017: 141-143.

B.4 – Armamento militar ou cinegético

B.4.1 – Lâmina de punhal (Est. IV; fig. 15 e 16).

N.º de Inv. – 1994.0017 (M.D.D.S.).

Descrição – Lâmina de ferro consolidada, em bom estado de conservação, com perfil aproximadamente fusiforme e ligeiramente irregular. Conserva o espigão destinado ao

[12] LÓPEZ QUIROGA, 2001: 118-119.

encabamento, todavia um pouco truncado. Já a parte oposta encontra-se completa, mantendo a extremidade apontada.

Genericamente, pode afirmar-se que a textura é regular, sendo observáveis zonas sobrelevadas, alternando com áreas rebaixadas.

Dimensões – 142,58 mm (comp.); 25 mm (larg.); 5,05 mm (esp.); 25,40 mm (peso).

Cronologia – Século V.

Observações – Abel Viana refere que o punhal foi «[…] encontrado sobre um pavimento de calcetaria sobre o qual havia sido feito fogo, pois aí se encontraram restos de cinzas e carvões, apresentando o pavimento evidentes sinais de fogo. […]»[13]. M. de Fátima Melo acrescenta que tinha a ponta partida e que a fratura seria recente; além do mais, aponta como comprimento 16,5 cm[14], medida superior à atualmente mensurável. Finalmente, note-se ainda que a referida peça, quando descrita por Rigaud de Sousa, se achava muito deteriorada[15]. Presentemente e na sequência de processo de consolidação a que foi sujeita, apresenta-se em bom estado.

Bibliografia – VIANA, 1961: 7, est. IV, n.º 1; MELO, 1967: 145-146, fig. 62; LANHAS, 1969: 251; SOUSA, 1979: 295; 297; 301; BARROCA, 1987: 84; 87; ALMEIDA, 1990: 134; 137-138, fig. XXXV, n.º 3; ALMEIDA, 1996a: 50-51; LÓPEZ QUIROGA & RODRÍGUEZ LOVELLE, 1999: 231; LÓPEZ QUIROGA, 2004a: 592, n.º 502; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 56; CARVALHO, 2008: 108.

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1. – Indeterminado (Est. IV; fig. 17 e 18).

N.º de Inv. – 1994.0016 (M.D.D.S.).

Descrição – Peça torsa de prata e função indeterminada, eventual elemento de alfinete de cabelo, em bom estado de conservação. Apresenta como decoração uma sequência de caneluras paralelas entre si.

Dimensões – 43,64 mm (comp.); 3,54 mm (Ø).

Cronologia – Século V (?).

Observações – Fernando Lanhas classificou este elemento como «[…] um varão com fio de prata enrolado, possivelmente cabeça de alfinete de toucado […]»[16].

Bibliografia – LANHAS, 1969: 256-257; SOUSA, 1979: 301; ALMEIDA, 1986b: 31; ALMEIDA, 1990: 137-138, fig. XXXV, n.º 9; 139.

[13] VIANA, 1961: 7.

[14] MELO, 1967: 45.

[15] SOUSA, 1979: 297.

[16] LANHAS, 1969: 257.

C. Materiais vítreos

C.1 – Taça (Est. V; fig. 19 e 20).

N.º de Inv. – 1994.0418 (M.D.D.S.).

Descrição – Taça campanulada de vidro transparente, com tonalidade amarela acastanhada. Parcialmente fragmentada, foi sujeita a processos de colagem. O fundo, pontuado por botão central, é circular e levemente convexo. A boca, esvasada, possui lábio boleado. As caneluras, dilatadas e verticais, apresentam-se dispostas de modo paralelo entre si. O vidro revela a ocorrência de algumas impurezas e bolhas. Terá sido soprado em molde.

Dimensões – 68,61 mm (alt.); 101,27 mm (Ø boca); 34,97 mm (Ø base); 3,87 mm (esp.).

Cronologia – Século V.

Observações – Rigaud de Sousa aponta a possibilidade de o bordo ter sido engrossado ao fogo e realça as semelhanças notadas entre as duas taças recolhidas em Beiral e algumas peças vítreas da Falperra (Braga) e de *Conimbriga*[17]. De facto, são notórias as parecenças entre o perfil do recipiente em análise e o do n.º 226 de *Conimbriga,* recolhido na camada de destruição da *insula*, a norte das termas, com datação atribuída a cerca de 465-468[18], cronologia coincidente com as pilhagens e ataques suevos ao *Municipium*[19]. Registe-se, por outro lado, que uma das taças mencionadas por Rigaud de Sousa – a proveniente do sepulcro que forneceu os objetos áureos[20] – dado o grau de fragmentação em que se encontrava, foi retirada para restauro[21] e, atualmente, é desconhecido o seu paradeiro.

Bibliografia – VIANA, 1961: 6; est. II, n.º 4 e 5; MELO, 1967: 148, n.º 1; 149, fig. 65; LANHAS, 1969: 253; SOUSA, 1979: 295-296; 302; ALMEIDA, 1986b: 33; BARROCA, 1987: 83-85; est. IX; ALMEIDA, 1990: 128, fig. XXXIII, n.º 19; 136-137; ALMEIDA, 1996a: 50-51; LÓPEZ QUIROGA & RODRÍGUEZ LOVELLE, 1999: 231; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 55; CRUZ, 2009a: vol. III, 86, Bei01; CRUZ, 2009b: 43, n.º 8.12.

C.2 – Copo (Est. V; fig. 21 e 22).

N.º de Inv. – 1994.0419 (M.D.D.S.).

Descrição – Recipiente de tonalidade verde amarelada, de configuração aproximadamente cilíndrica. O estado de conservação pode considerar-se genericamente bom, apesar de parte do bordo, em aresta, se encontrar lascado e ausente. Por seu turno, o corpo do copo revela duas linhas de fratura; ambas arrancam da zona da abertura, sendo que a mais extensa se prolonga até à base, de tendência algo convexa. São observáveis bolhas na composição do vidro, a maior parte de dimensão reduzida, mas pelo menos três de tamanho mais avultado.

---

[17] SOUSA, 1979: 295-296.

[18] ALARCÃO *et al*., 1976: 195-196.

[19] IDÁCIO, 1974: 171-173, §229, §230, §231.

[20] VIANA, 1961: 6; est. II, n.º 6

[21] ALMEIDA, 1990: 136.

Dimensões – 60,75 mm (alt.); 65,55 mm (Ø boca); 36,12 mm (Ø base); 1,85 mm (esp.).

Cronologia – Século V.

Observações – Rigaud de Sousa chama a atenção para o facto de não ter sido possível detetar paralelos exatos para as peças de vidro na tipologia de Isings[22]. Registe-se, todavia, que a observação de outros recipientes leva-nos a considerar a existência de similitudes com os tipo 96/106 c[23].

Bibliografia – VIANA, 1961: 6; est. III, n.º 1; MELO, 1967: 148, n.º 2 a); 149, fig. 66, a); LANHAS, 1969: 252; SOUSA, 1979: 295-296; 302; ALMEIDA, 1986b: 32; BARROCA, 1987: 83-85; est. IX; ALMEIDA, 1990: 128, fig. XXXIII, n.º 17; 136-137; ALMEIDA, 1996a: 50-51; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 55; CRUZ, 2009a: vol. II, 106; vol. III, 86; CRUZ, 2009b: 69, nº 10.33.

C.3 – Copo (Est. V; fig. 23 e 24).

N.º de Inv. – 1994.0420 (M.D.D.S.).

Descrição – Copo cilíndrico de vidro verde amarelado, praticamente completo, mais alto que o anterior. Encontra-se, por outro lado, mais fragmentado que o precedente, embora consolidado e colado. Ainda assim, o lábio apresenta uma área em falta, de dimensão reduzida. O bordo, de aresta, é levemente esvasado. O fundo é aplanado ou muito ligeiramente convexo, sendo que o corpo da peça se revela menos bojudo. O modo de produção, soprado, terá sido idêntico ao do exemplar anterior, daí que sejam observáveis algumas bolhas no vidro, embora de menores dimensões.

Dimensões – 64,75 mm (alt.); 60,10 mm (Ø boca); 40,82 mm (Ø base); 2,75 mm (esp.).

Cronologia – Século V.

Observações – Fernando Lanhas considera que a forma do recipiente em análise evoca o tipo 106 de Isings[24]. Todavia, a confrontação com outros exemplares leva-nos a considerá-lo mais próximo do tipo 96[25].

Bibliografia – VIANA, 1961: 6; est. III, n.º 6; MELO, 1967: 148, n.º 2 b); 149, fig. 66, b); LANHAS, 1969: 252; SOUSA, 1979: 295-296; 302; ALMEIDA, 1986b: 32; BARROCA, 1987: 83-85; est. IX; ALMEIDA, 1990: 128; fig. XXXIII, n.º 18; 136-137; ALMEIDA, 1996a: 50-51; LÓPEZ QUIROGA & RODRÍGUEZ LOVELLE, 1999: 231; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 55; CRUZ, 2009a: vol. II, 106; vol. III, 86; CRUZ, 2009b: 69, nº 10.34.

[22] SOUSA, 1979: 296.

[23] FOY & NENNA, 2001: 215-216; SÁNCHEZ DE PRADO, 2001: 75-76, fig. 3.

[24] LANHAS, 1969: 252.

[25] ISINGS, 1957: 113-114.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – Contas de colar (Est. VI; fig. 25 e 26).

S/ Inv. (M.D.D.S.).

Descrição – Conjunto de vinte contas de âmbar, provavelmente pertencentes a um colar. A de maior tamanho apresenta configuração cilíndrica e encontra-se deteriorada numa das superfícies, tendo sido sujeita a restauro. Outras quatro mostram igualmente contorno cilíndrico, mais ou menos evidente; duas oscilam entre o formato discoide e o aplanado, com considerável grossura. Outras são mais achatadas, com espessura variável (uma zona mais alta, outra menos, sendo o perfil oblíquo). Em geral, ressalta a variabilidade tipológica destes elementos avulsos, apesar de, em certos casos, se registar uma aproximação em termos de dimensão.

Dimensões – 27,75 mm (Ø da conta de maior tamanho); 18,58 mm (esp. da conta mais grossa).

Cronologia – Século V.

Observações – A propósito das contas de contorno esferoidal ou cilíndrico, produzidas em âmbar ou vidro, Abel Viana refere o facto de este tipo de achado ocorrer com bastante frequência em necrópoles visigóticas[26]. Por outro lado, Rigaud de Sousa acrescenta que as recolhas de Beiral atingiram um total de «[…] 21 discos de âmbar […]»[27]. No entanto, contabilizámos apenas vinte exemplares. Registe-se ainda que o âmbar é considerado um material com propriedades apotropaicas[28]. Finalmente, acrescente-se que as contas de âmbar de Beiral têm sido apresentadas como paralelo para as recuperadas na Rua do Hospital, em Vigo, muito embora aqui avultem alguns elementos em forma de «cogumelo»[29], claramente diferenciáveis.

Bibliografia – VIANA, 1961: 7-8; 10; est. IV; est. V; MELO, 1967: 145; 147, fig. 63 e 64; LANHAS, 1969: 258-259; ALMEIDA, 1979: 312; 1986b: 31; SOUSA, 1979: 295-296; 302; BARROCA, 1987: 83; 85; ALMEIDA, 1990: 134-135; 139-140, fig. XXXVI, 2; ALMEIDA, 1996a: 50-51; CASAL GARCÍA & PAZ LOBEIRAS, 1996: 317; LÓPEZ QUIROGA & RODRÍGUEZ LOVELLE, 1999: 231; LÓPEZ QUIROGA, 2001: 120; 122; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 286; 2004: 55; LÓPEZ QUIROGA, 2004: 592, n.º 502.

D.1.2 – Contas de colar (Est. VI; fig. 27 e 28).

S/ Inv. (M.D.D.S.).

Descrição – Sete contas de colar de cor verde, produzidas em variscite. As duas que possuem maior dimensão apresentam contorno discoide e perfuração de contorno cilín-

[26] VIANA, 1961: 10.

[27] SOUSA, 1979: 296.

[28] ALMEIDA, 1986b: 31.

[29] CASAL GARCÍA & PAZ LOBEIRAS, 1996: 317.

drico, sendo a mais fina a pior conservada. As restantes cinco, produzidas no mesmo material, oferecem grandes dificuldades de representação, dado o seu tamanho diminuto. Duas delas são mais aplanadas, enquanto as demais denotam tendência cilíndrica e perfil nem sempre regular, antes ligeiramente oblíquo.

Dimensões – 8,36 mm (Ø); 2,81 mm (esp.).

Cronologia – Século V.

Observações – Abel Viana identificou a matéria-prima em que foram produzidas as contas como «serpentina»[30]. Só posteriormente, quando uma delas foi analisada por Huet Bacelar Gonçalves e Maria de Lurdes Reis se clarificou a natureza dos pequenos adornos: variscite[31]. Ao todo, teriam sido doze as contas de cor verde recolhidas: cinco discoides, de tamanho mais avultado e sete de dimensão reduzida, aproximadamente cilíndricas[32].

Bibliografia – VIANA, 1961: 8, est. IV; est. V; MELO, 1967: 145; fig. 64; LANHAS, 1969: 258; SOUSA, 1979: 295; GONÇALVES & REIS, 1981-82: 154, fig. 1, n.º 6; 157, n.º 6; BARROCA, 1987: 83-85; ALMEIDA, 1990: 134-135; 139-140, fig. XXXVI, 3 e 5; ALMEIDA, 1996a: 50-51; LÓPEZ QUIROGA & RODRÍGUEZ LOVELLE, 1999: 231; LÓPEZ QUIROGA, 2004a: 592, n.º 502.

Sítio: Bouça da Gateira

(Freg. Facha; Conc. Ponte de Lima; Dist. Viana do Castelo).

Local de depósito: M.T. (Ponte de Lima).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Copo (Est. VII, fig. 29 e 30).

S/ Inv. (M.T.)

Descrição – Pequeno copo feito a torno, em bom estado de conservação. Apresenta perfil em *S*, boca esvasada e corpo algo bojudo, que se diferencia do fundo, plano e espesso, através de uma zona reentrante. A superfície exterior é muito regular, devendo ter sido alisada. Ostenta evidentes marcas de torno. A decoração – três sulcos horizontais –, surge na parte média superior do corpo. Não parece resultar de um processo de incisão, antes de uma espécie de rebaixamento, eventualmente promovido com recurso a espátula.

A pasta, produto de cozedura redutora, apresenta coloração cinzenta[33]. É compacta, bem cozida, razoavelmente depurada. Possui alguma mica à superfície, sendo também observável quartzo de pequeno calibre, sobretudo, na zona de fratura da boca.

[30] VIANA, 1961: 8-9.

[31] GONÇALVES & REIS, 1981-82: 157.

[32] VIANA, 1961: 8; LANHAS, 1969: 258.

[33] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 6/2.

Dimensões – 96,01 mm (alt.); 52,28 mm (Ø boca); 34,79 mm (Ø colo); 69,39 mm (Ø bojo); 54,62 mm (fundo).

Cronologia – Séculos VI-VI (?).

Observações – O copo em análise foi recolhido num dos sepulcros com cobertura triangular, construído com base em *tegulae* e *imbrices*[34].

Bibliografia – BAPTISTA, 1974: 3; REIS, 1978: 43; ALMEIDA *et al.*, 1981: 6-7, fig. III, n.º 2; ALMEIDA, 1990: 73-74, est. VI, n.º 1; 75; ALMEIDA, 1996a: 331; 334, fig. 131; BROCHADO, 2004: 61; 66; 142.

Sítio: Quinta do Paço Novo

(Freg. Facha; Conc. Ponte de Lima; Dist. Viana do Castelo).

Local de depósito: M.T. (Ponte de Lima).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Copo (Est. VII, fig. 31 e 32).

N.º de Inv. – NPF 84 5 (M.T.).

Descrição – Recipiente feito a torno, atualmente incompleto e bastante danificado, com superfícies deterioradas. Falta parte do bojo e a zona do colo que se conserva é bastante reduzida. No entanto, a colagem de alguns fragmentos permitiu reconstituir o perfil da peça. Seria em *S*, com boca esvasada. O fundo é ligeiramente reentrante e mais largo que o revelado por outras formas congéneres.

A pasta, ligeiramente porosa, é rosada escura, próxima do acastanhado[35]. A ocorrência de mica é evidente, mas é possível que outros elementos plásticos tivessem integrado a composição da pasta como desengordurante, tendo desaparecido aquando da cozedura, como testemunham os negativos observados.

Dimensões – 97,75 mm (alt.); 78,70 mm (Ø bojo); 55,31 mm (fundo); 3,31 mm (esp.).

Cronologia – Séculos V-VI (?).

Observações – Segundo Brochado de Almeida, estes copos pautam-se por «[…] uma maior uniformidade tipológica que as taças, têm um perfil em S, lábio boleado, fundo côncavo separado da parede por quebra marcada, pasta castanho-amarelada, pouco apurada e superfícies acastanhadas e alisadas, mas muito estragadas pelas condições da jazida. […]»[36].

Bibliografia – ALMEIDA, 1990: 75-76, fig. XX, n.º 6; 77; ALMEIDA, 1996a: 122; ALMEIDA, 2003: 389; BROCHADO, 2004: 147; CARVALHO, 2008: vol. III, 123.

[34] ALMEIDA, 1996: 331.

[35] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/4.

[36] ALMEIDA, 1990: 75.

A.2. – Copo (Est. VII, fig. 33 e 34).

N.º de Inv. – NPF 84 51 (M.T.).

Descrição – Peça feita a torno, atualmente truncada. A colagem de vários fragmentos permitiu reconstituir o seu perfil praticamente completo, que seria em *S*. Em falta encontra-se parte considerável da pança, do colo, bem como a boca. A separação entre o bojo e a base, ligeiramente côncava, faz-se através de uma espécie de carena. Na zona inferior da referida carena, uma reentrância longitudinal marca a aproximação do fundo. Na superior, inicia-se o arredondamento do corpo. A superfície exterior da peça encontra-se em mau estado de conservação. Não obstante, aparenta ter sido, originalmente, alisada.

A pasta, rosada escura, quase acastanhada[37] e, portanto, similar à revelada por NPF 84 5, é razoavelmente bem depurada. Ainda assim, observa-se alguma mica e quartzo residual, cujo calibre não excede 1,5 mm.

Dimensões – 109,45 mm (alt.); 50,84 mm (Ø boca); 73,05 mm (Ø bojo); 43,17 mm (fundo); 2,56 mm (esp. colo).

Cronologia – Séculos V-VI (?).

Observações – O estado de fragmentação em que este recipiente e o precedente se encontram ficará a dever-se à ação dos meios mecânicos, que danificaram os sepulcros onde se encontravam depositados[38].

Bibliografia – ALMEIDA, 1990: 75-76, fig. XX, n.º 7; 77; ALMEIDA, 1996a: 122-123, fig. 51, n.º 1; ALMEIDA, 2003: 389; BROCHADO, 2004: 147; CARVALHO, 2008: vol. III, 123.

Sítio: Torre Velha – Castro de Avelãs

(Freg. Castro de Avelãs; Conc. Bragança; Dist. Bragança).

Local de depósito: M.S.M.S. (Guimarães).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. VIII; fig. 35 e 36).

N.º de Inv. – MSA – 2764 (c).

Descrição – Fivela fundida em molde, de liga de cobre. Apesar da ocorrência de algumas concreções, nomeadamente no fuzilhão, pode considerar-se que o estado de conservação é razoável. O aro é ovalado, de secção semicircular. O fuzilhão, de base escutiforme, pos-

[37] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/4.

[38] ALMEIDA, 1990: 75.

sui agulha de secção triangular, ligeiramente assimétrica e denotando ligeiro estreitamento sensivelmente a meio da extensão longitudinal. O gancho, recurvo e completo, continua a permitir a perfeita articulação em torno do eixo da charneira.

Dimensões – 33,92 mm (Ø aro); 32,55 mm (comp. fuzilhão); 11,63 mm (larg. fuzilhão); 9,49 mm (esp. anel).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – Segundo informação transmitida por J. Henriques Pinheiro, responsável pelas escavações, a fivela em análise, a que se refere como «fíbula», foi recolhida no interior de uma sepultura localizada a escassos metros da igreja de S. Sebastião[39].

Bibliografia – PINHEIRO, 1888: 84; AREZES, 2011: 60; 111; 219-220.

Sítio: São Miguel – Caldas de Vizela.

(Freg. União das freguesias de Caldas de Vizela [São Miguel e São João]; Conc. Vizela; Dist. Braga).

Local de depósito: P. M. (Vila Nova de Famalicão).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Vasilha (Est. IX, fig. 39 e 40).

S/ Inv.

Descrição – Recipiente de contenção de líquidos, produto de cozedura redutora, com pasta de cor cinzenta[40], homogénea e compacta, na qual são observáveis alguns elementos não plásticos de médio calibre, fundamentalmente respeitantes a mica, preta e branca. Possui duas asas aproximadamente simétricas, que arrancam da zona em que o colo começa a alargar e se prolongam, perfazendo uma curvatura, até ao bojo. O colo, esguio e prolongado, culmina num bordo esvasado, cuja parte superior, de secção triangular, se encontra ligeiramente quebrada, não sendo evidente se a fratura será já antiga. A decoração circunscreve-se à zona superior do bojo, na forma de cinco linhas incisas dispostas na horizontal. Uma das asas apresenta também um grafito, pouco profundo, de natureza pouco clara. A superfície mostra-se algo áspera. De qualquer modo, é possível que se tenha verificado uma tentativa de alisamento, eventualmente com recurso a seixo, responsável pelos traços verticais.

Dimensões – 295 mm (alt.); 55,94 mm (Ø boca); 38,57 mm (Ø colo); 100,26 mm (Ø bojo); 78,49 mm (fundo); 132,49 mm (larg.); 6,20 mm (esp. lábio); 13,12 mm (esp. asa); 790 g (peso).

[39] PINHEIRO, 1888: 84.

[40] MUNSELL, 1975: 2.5 Y 4/2 ou 2.5 YR 5/4.

Cronologia – Século VI, avançando eventualmente até ao VII.

Observações – Peça de mobiliário fúnebre recolhida no interior da sepultura nº 8[41]. Coaduna-se com o tipo 14 estipulado por Flörchinger[42], se bem que, apesar de denotar pontos de contacto quer com a variante A, quer com a B, não pareça articular-se plenamente com nenhuma delas. Tem similitudes com um recipiente achado na sepultura 40 da necrópole de Gerena, província de Sevilha[43], e com um outro recuperado na necrópole do Cerro de las Losas, em El Espartal, Madrid[44]. Todavia, se atentarmos no perfil prolongado do colo, culminado num bocal levemente esvasado, o mais próximo que encontramos é procedente de Gósquez de Arriba, sítio igualmente localizado na região de Madrid[45].

Bibliografia – AREZES, 2006: 7-8; 16; AREZES, 2011: 64; AREZES, 2015a: 236-241; AREZES, 2017: 151-152.

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. VIII; fig. 37 e 38).

S/ Inv.

Descrição – Aro de fivela de ferro, fundido em molde, em mau estado de conservação, degradado e com abundantes concreções, que dificultam a observação. Denota contorno aproximadamente retangular e encontra-se incompleto, destituído da agulha do fuzilhão e também da placa com a qual, eventualmente, se articularia. Na base tem uma protuberância concrecionada que poderá corresponder aos restos do gancho e do arranque do fuzilhão, entretanto desaparecido.

Dimensões – 37,89 mm (Ø aro); 14,99 mm (larg. da base concrecionada).

Cronologia – Século VI, com possibilidade de se estender ao VII.

Observações – Este adorno de vestuário foi detetado *in situ*, no decurso da escavação da UE-22, patente no interior da sepultura n.º 3[46].

Bibliografia – AREZES, 2006: 8; 16; 25; AREZES, 2011: 64; 235-236; AREZES, 2017: 151.

[41] AREZES, 2006: 7; 16.

[42] FLÖRCHINGER, 1998: 17-18.

[43] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 13, n.º 4.

[44] MORÍN DE PABLOS *et al.*, 2006: 76, fig. 26.

[45] CONTRERAS MARTINEZ & FERNÁNDEZ UGALDE, 2006: 531, fig. 18; 532.

[46] AREZES, 2006: 25.

Sítio: *Conimbriga*

(Freg. União das freguesias de Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova; Conc. Condeixa-a--Nova; Dist. Coimbra).

Local de depósito: M.M.C. (Condeixa-a-Nova) e M.N.A. (Lisboa).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Aplique (?) (Est. X, fig. 41 e 42).

N.º de Inv. – A. 9 (M.M.C.).

Descrição – Possível aplique de cinturão, de liga de cobre, fundido em molde, consolidado. Apresenta contorno geométrico e, lateralmente, surge recortado, sendo visíveis dois entalhes, colocados em posição simétrica. No verso figuram dois finos apêndices, de feitura simples, ainda conservados.

Dimensões – 20,68 mm (comp.); 21 mm (larg.); 9,94 mm (comp. apênd. mais extenso).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Este pequeno aplique, recolhido nas «Escavações Antigas», é idêntico a dois objetos detetados na necrópole de Carpio de Tajo, respetivamente, nas sepulturas 198 e 266. No primeiro caso, a peça ocorreu em associação com fivelas de aro ovalado e com outros apliques escutiformes; no segundo, foi identificado junto de duas fivelas de aro ovalado, providas de fuzilhão escutiforme. A proposta cronológica que avançamos é, portanto, consonante com o referido tipo de adorno[47].

Bibliografia –

B.1.2 – Fuzilhão (Est. X, fig. 43 e 44).

N.º de Inv. – A. 10 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de liga de cobre, fundido em molde, em bom estado de conservação, consolidado. A base, de contorno escutiforme, apresenta decoração incisa na superfície frontal: dois sulcos paralelos definem uma moldura, ausente apenas da área imediatamente adjacente ao arranque da agulha. No campo central, por seu turno, figuram outros sulcos, organizados de modo aparentemente aleatório e sem, portanto, gerar qualquer tipo de motivo específico. A agulha, que estrangula um pouco, na sequência de um leve ressalto, alarga depois ligeiramente, em progressão para a extremidade, de secção triangular. O reverso, em pior estado, exibe o que resta do gancho apenso, muito incompleto, de que resta apenas uma parte diminuta, de contorno circular.

Dimensões – 40,18 (comp.); 19,70 mm (larg.); 5,28 mm (esp. agulha).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

[47] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 136, fig. 47, n.º 3; 163, n.º 6.

Observações – Este fuzilhão, procedente da zona do *forum*[48], revela similitudes com os objetos n.º 9 e 12 da Coleção Sevilhana[49].

Bibliografia – ALARCÃO, 1994: 142, n.º 435.17; AREZES, 2011: 116-117; 255-256.

B.1.3 – Fuzilhão (Est. X, fig. 45 e 46).

N.º de Inv. – A. 11 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de liga de cobre, fundido em molde, em bom estado de conservação. Trata-se de um tipo assimétrico, com especificidades pouco vulgares. No entanto, o contorno revelado, apesar de não ser rigorosamente escutiforme, prenuncia alguns pontos de contacto com a referida configuração. O objeto afigura-se quase que uma leve chapa, exibindo duas reentrâncias aproximadamente simétricas nas zonas laterais, levemente rebaixadas. Possui ainda um orifício de contorno circular, onde encaixaria o gancho que se articularia na charneira. A agulha, por seu turno, evidencia leve curvatura na extremidade.

Dimensões – 33,22 mm (comp.); 23,71 mm (larg.); 1,49 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Não foi encontrado, até ao momento, paralelo direto para o fuzilhão em análise, recuperado aquando da realização das chamadas «Escavações Antigas».

Bibliografia –

B.1.4 – Fuzilhão (Est. X, fig. 47 e 48).

N.º de Inv. – A. 12 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de contorno escutiforme, de liga de cobre. Produto de fundição em molde, apresenta-se razoavelmente bem conservado, apesar de incompleto, destituído do gancho com que se articularia em torno do eixo da charneira de uma fivela de aro ovalado. De tonalidade amarelada, apresenta tamanho diminuto. A decoração, escassa, refere-se unicamente a um profundo sulco inciso disposto na horizontal, na zona que medeia entre a base do escudo e o arranque da agulha. Esta, provida de ligeira aresta central, culmina na sequência de curvatura, denunciando secção sub-triangular.

Dimensões – 20,35 mm (comp.); 8,03 mm (larg.); 2,91 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – A coloração amarelada do fuzilhão, recolhido no âmbito das «Escavações Antigas», poderá derivar da elevada percentagem de zinco presente na composição da liga metálica ou, em alternativa, resultar do tipo de tratamento a que a peça foi sujeita em laboratório.

Bibliografia –

[48] ALARCÃO, 1994: 49.

[49] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 71, fig. 5, n.º 9 e 12; 278-280; lâm. II.

B.1.5 – Fuzilhão (Est. XI, fig. 49 e 50).

N.º de Inv. – A. 13 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão escutiforme, de liga de cobre, fundido em molde, consolidado. Apresenta coloração genericamente amarelada, com ocorrência de manchas escuras. Na zona do escudo propriamente dito, são observáveis, para além do orifício de configuração aproximadamente circular, três ou quatro elementos puncionados. A agulha poderá pretender representar um zoomorfo. Com efeito, na extremidade, de secção semicircular, são visíveis dois pontos colocados em posição sensivelmente simétrica, que parecem evocar a figuração dos olhos.

Dimensões – 35,37 mm (comp.); 16,82 mm (larg.); 4,14 mm (esp.); 3,61 mm (Ø do orifício).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Este pequeno fuzilhão, atualmente destituído do gancho com o qual se articularia, foi recolhido no âmbito das «Escavações Antigas», à semelhança do objeto cuja análise se segue (A. 14). É idêntico a um outro, igualmente recolhido em *Conimbriga* e também integrado no catálogo (n.º inv. 68.41).

Bibliografia –

B.1.6 – Fuzilhão (Est. XI, fig. 51 e 52).

N.º de Inv. – A. 14 (M.M.C.).

Descrição – Suposto fuzilhão de contorno escutiforme, produzido em liga de cobre e fundido em molde, consolidado. A haste é de secção retangular, alargando ligeiramente na aproximação à extremidade. No verso não é observável qualquer vestígio relacionável com o arranque do gancho.

Dimensões – 26,24 mm (comp.); 10,03 mm (larg.); 1,33 (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – A dúvida quanto à possibilidade de a presente peça ter, efetivamente, funcionado como fuzilhão, deve-se à ausência de indícios de gancho. No entanto, há que registar a hipótese de a patine estar, presentemente, a ocultar eventuais vestígios de soldadura.

Bibliografia –

B.1.7 – Fuzilhão (Est. XI, fig. 53 e 54).

N.º de Inv. – A. 15 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão escutiforme de liga de cobre, fundido em molde, em bom estado de conservação. Sensivelmente no campo central da base é observável um orifício, onde se encontra fixado o gancho. Em paralelo, são visíveis duas linhas incisas paralelas e dispostas na horizontal, na zona adjacente ao arranque da agulha. Esta, de perfil sinuoso e irregular, estrangula progressivamente até atingir espessura mais reduzida a meio da sua extensão, alargando depois um pouco, novamente, até à extremidade.

Dimensões – 41 mm (comp.); 12,61 mm (larg.); 5,08 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Este exemplar, recolhido na zona do *forum*[50], denota evidentes similitudes com um outro recolhido na sepultura 140 da necrópole de Carpio de Tajo[51], sepulcro que continha também anéis, contas de colar e apliques de cinturão.

Bibliografia – ALARCÃO, 1994: 142, n.º 435.15; AREZES, 2011: 116-117; 257-258.

B.1.8 – Fuzilhão (Est. XI, fig. 55 e 56).

N.º de Inv. – A. 16 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de liga de cobre, fundido em molde, em razoável estado de conservação. Destituído de estrangulamentos no campo central, encontra-se incompleto, pois falta-lhe o gancho. De qualquer modo, é bem visível o orifício de contorno circular onde este deveria penetrar. Não é claro se, originalmente, se articularia com uma fivela, eventualmente de aro ovalado, ou antes com uma placa de cinturão rígida, muito embora consideremos mais forte esta segunda hipótese. A agulha exibe uma espinha longitudinal e alarga progressivamente na direção da extremidade, onde apresenta secção semi-triangular.

Dimensões – 39,97 mm (comp.); 8,66 mm (larg.); 2,08 mm (Ø do orifício).

Cronologia – Segunda metade do século VI a cerca de 600/640 (?).

Observações – Esta peça, recolhida no contexto das «Escavações Antigas», tem afinidades com o fuzilhão de uma placa de lingueta rígida depositada no Museu Arqueológico Nacional, de Madrid[52]. Mas, particularmente próximo, até pela ocorrência de decoração incisa na superfície superior, é o fuzilhão isolado n.º 7, incluído na Coleção Sevilhana[53].

Bibliografia –

B.1.9 – Fuzilhão (Est. XII, fig. 57 e 58).

N.º de Inv. – A. 17 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de liga de cobre, fundido em molde, em razoável estado de conservação, apesar da ocorrência de algumas zonas escurecidas. Apresenta contorno escutiforme, muito embora destituído dos estrangulamento laterais. As superfícies não primam pela regularidade, sendo percetíveis algumas reentrâncias. O apêndice, patente no verso, encontra-se completo, não fragmentado.

Dimensões – 32,95 mm (comp.); 9,90 mm (larg.); 2,75 mm (esp.); 7,25 mm (Ø do apêndice); 7,02 mm (Ø da abertura).

Cronologia – Segunda metade do século VI a cerca de 600/640 (?).

Observações – Este pequeno fuzilhão é idêntico ao apresentado no ponto precedente

[50] ALARCÃO, 1994: 49.

[51] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 112-113, fig. 34, n.º 6.

[52] RIPOLL LÓPEZ, 1986: 63, fig. 5, n.º 1; 66, n.º 18.

[53] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 71, fig. 5, n.º 7; 278, n.º 7; lâm. I.

(n.º inv. A. 16) e, à semelhança daquele, foi igualmente detetado no quadro das «Escavações Antigas».

Bibliografia –

B.1.10 – Placa de cinturão (Est. XII, fig. 59 e 60).

N.º de Inv. – A. 18 (M.M.C.).

Descrição – Placa de cinturão incompleta, de tipologia liriforme. Fundida em molde e produzida em liga de cobre encontra-se em razoável a bom estado de conservação. A superfície frontal, desbastada a cinzel, exibe duas molduras incisas. A primeira, de contorno mais arredondado, mas truncada pela fratura da peça, deveria delimitar o campo central, por seu turno subdividido em dois. A segunda, em forma de retângulo incompleto, delimita a zona proximal, igualmente subdividida em dois. Os motivos decorativos apresentam-se inscritos em áreas levemente rebaixadas e constituem produto de incisão. Correspondem a cabeças de aves, prováveis grifos, conjugadas com elementos de tipo geométrico. São observáveis quatro protuberâncias laterais, a par de dois espigões, figurando na extremidade proximal da peça. Nenhum destes elementos se reveste de funcionalidade específica, obedecendo antes a um propósito meramente ornamental. No verso, cuja superfície se mostra algo rebaixada, figuram quatro apêndices paralelos entre si: dois colocados nas imediações dos espigões; os outros, em posição mais adiantada e próxima do campo central. Todos os orifícios se encontram tapados, devido à acumulação de concreções.

Dimensões – 60,45 mm (comp.); 43,32 mm (larg.); 4,28 mm (esp.).

Cronologia – Finais do século VI/início do VII aos alvores do VIII.

Observações – As características desta peça permitem integrá-la no tipo A definido por Ripoll López para a Coleção Sevilhana, sendo notórias, aliás, as semelhanças com o n.º 38 da referida coleção[54].

Bibliografia – ALARCÃO, 1994: 141, n.º 432.4; AREZES, 2011: 103; 149-150.

B.1.11 – Placa de cinturão (Est. XII, fig. 61 e 62).

N.º de Inv. – A. 19 (M.M.C.).

Descrição – Fragmento da parte distal de uma placa de cinturão liriforme, de liga de cobre, produto de fundição em molde. Apesar de incompleta, encontra-se em bom estado de conservação. Dois sulcos profundos e paralelos entre si permitem a definição da moldura exterior, que surge em relevo. Na parte interior e delimitado por um sulco inciso, é observável o campo central, provido de decoração: um zoomorfo (grifo?) elaborado através da conjugação de elementos incisos e excisos e que apresenta ladeado por sulcos ou meias-luas incisos, pouco regulares, com tendência a ocorrerem de forma oblíqua. O único apêndice observável no verso encontra-se perfeitamente conservado.

[54] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 134-135, fig. 17, n.º 38; 294-295; lâm. XIII, n.º 38.

Dimensões – 41,26 mm (comp.); 29,25 mm (larg.); 2,29 mm (esp.); 6,98 mm (Ø apêndice).

Cronologia – Finais do século VI/início do VII aos alvores do VIII.

Observações – Segundo indicação do Inventário Geral do Museu Monográfico, a peça foi detetada nas «Escavações Antigas» (A.G 12). Há que registar a possibilidade de se coadunar, em termos formais, com placas de cinturão do grupo C definido por Ripoll López[55].

Bibliografia –

B.1.12 – Fivela (Est. XIII, fig. 63 e 64).

N.º de Inv. – A. 21 (M.M.C.).

Descrição – Pequena fivela de liga de cobre, fundida em molde, em razoável a bom estado de conservação. O aro apresenta contorno aproximadamente ovalado ou em forma de *D*, revelando estreitamento na zona do eixo da charneira, onde o fuzilhão se articula e continua a movimentar perfeitamente. O referido fuzilhão mostra-se tendencialmente retilíneo, mas possui uma ligeira aresta ou espinha dorsal, que se estende longitudinalmente, ao longo da superfície.

Dimensões – 18,29 mm (Ø aro); 15,51 mm (comp. fuzilhão); 6,55 (larg.); 2,36 mm (esp. aro); 1,46 mm (esp. fuzilhão).

Cronologia – Século VI.

Observações – Esta peça, recuperada no contexto das «Escavações Antigas», é similar a uma fivela de bronze que figurava sobre a pélvis de um indivíduo de sexo masculino, depositado na sepultura 28 da necrópole de Camino de los Afligidos, Alcalá de Henares, Madrid[56].

Bibliografia –

B.1.13 – Fivela (Est. XIII, fig. 65 e 66).

N.º de Inv. – A. 22 (M.M.C.).

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, consolidada. Possui aro oval, com secção hexagonal e decorado, na superfície frontal, por incisões de tendência levemente oblíqua. Também as zonas laterais exibem motivos incisos, recorrentemente dispostos aos pares e de modo paralelo entre si, deste modo perfazendo motivos triangulares. É provável que, originalmente, as incisões figurassem ao longo de toda a superfície do aro. Porém, algumas encontram-se já apagadas. No eixo da charneira encaixa o gancho do fuzilhão, ainda conservado. Com forma de cone alongado, é decorado por duas incisões, horizontais e paralelas, que assim delimitam um campo central, ocupado por outras linhas incisas, que se conjugam e criam motivos triangulares ou em cruz. A base, com contorno semicircular, mostra-se aplanada na área que precede o arranque do gancho.

[55] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 133-134; 136.

[56] FERNÁNDEZ-GALIANO RUIZ, 1976: 53, fig. 32.

Dimensões – 40,23 mm (Ø); 6,20 mm (larg. do aro); 32,06 mm (comp. fuzilhão).

Cronologia – Século VI.

Observações – Detetámos paralelos para a decoração patente nesta fivela, recolhida na zona do *forum*[57] em dois adornos de vestuário procedentes da necrópole de Carpio de Tajo: o n.º 2 da sepultura C e o n.º 2 da sepultura 209[58].

Bibliografia – ALARCÃO, 1994: 49; 142, n.º 435.12; AREZES, 2011: 111; 221-222.

B.1.14 – Fivela (Est. XIII, fig. 67 e 68).

N.º de Inv. – A. 55 (M.M.C.).

Descrição – Fivela consolidada, de reduzida dimensão, fundida em molde e produzida em liga de cobre. Apresenta aro ovalado, de secção circular. Conserva o fuzilhão, de base escutiforme, se bem que algo incipiente, e agulha de secção arredondada. Conserva também o gancho, ainda completo e de tendência recurva. A fivela surge articulada com a placa, de formato retangular, constituída por duas folhas metálicas dobradas e dotada de um orifício de contorno circular bem definido, onde deveria ter encaixado um cravo ou rebite, entretanto desaparecido.

Dimensões – 21,29 mm (Ø); 6,84 mm (larg. base escutiforme); 3,60 mm (esp. aro).

Cronologia – Século V (?).

Observações – Retomando o que mencionámos na descrição, o fuzilhão, apesar de evidenciar base escutiforme, mostra um contorno ainda pouco desenvolvido. Tal especificidade poderá indiciar o facto de estarmos perante um «protótipo», se bem que de um tipo que acabará por se repercutir de modo consideravelmente abundante. Palol i Salellas atribui a este e outros exemplares, que considera imbuídos de uma matriz «romano-germânica», uma cronologia que, para este caso em concreto, nos parece demasiado recuada e que se centra preferencialmente na segunda metade do século IV[59]. Já Adília Alarcão avança a datação para o intervalo compreendido entre os séculos V a VII[60], sendo que é a primeira dessas centúrias que se nos afigura a mais indicada.

Bibliografia – PALOL I SALELLAS, 1969: 148, fig. 26, n.º 4; 152; ALARCÃO, 1994: 142, n.º 435.11; AREZES, 2011: 112; 225-226.

B.1.15 – Botão (Est. XIV, fig. 69 e 70).

N.º de Inv. – A. 193 (M.M.C.).

Descrição – Pequeno objeto em bom estado de conservação, consolidado, de liga metálica, provavelmente resultante de fundição em molde. Apresenta contorno oval, sendo visíveis chanfraduras nas zonas laterais. Coincidentes com a área mais rebaixada e aplanada

[57] ALARCÃO, 1994: 49.

[58] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 71, fig. 11, n.º 2; 144; 146-147, fig. 54, n.º 2.

[59] PALOL I SALELLAS, 1969: 159-160.

[60] ALARCÃO, 1994: 142, n.º 435.11.

da peça dividem-na, deste modo, em duas partes. Estas, volumosas, localizam-se nas extremidades e ostentam decoração na superfície frontal. Concretamente, os ornatos referem-se a motivos incisos: duas linhas paralelas e dispostas na horizontal, marcando a área inferior de cada uma das partes constitutivas do botão; acima destas, por seu turno, figuram elementos puncionados, um dos quais, aliás, se sobrepõe a uma das incisões. No verso figura uma lingueta ou apêndice, colocado sensivelmente em posição central e provida de um orifício circular, através do qual se processaria a ligação à correia.

Dimensões – 21,84 mm (comp.); 10,48 mm (larg.); 1,8 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – Esta peça que, de acordo com Inventário Geral do Museu Monográfico, terá sido recuperada no âmbito das «Escavações Antigas», assemelha-se ao exemplar 596, recolhido na sepultura 75 da necrópole de Tinto Juan de La Cruz, em Pinto, Madrid[61]. É, por outro lado, rigorosamente idêntico a um objeto detetado no sepulcro 47 de Duratón, classificado como «passador»[62].

Bibliografia – ALARCÃO & PONTE, 1984: 108, n.º 436.2; ALARCÃO, 1994: 143, n.º 436.2.

B.1.16 – Fíbula (Est. XIV, fig. 71 e 72).

N.º de Inv. – A. 292.7 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula de tipo *Rouillé*, do grupo das *Armbrustfibeln*, produzida em liga de cobre. Razoavelmente conservada, encontra-se destituída de mola, fuzilhão e descanso. Possui arco de secção semicircular, cuja extremidade se alarga e aplana longitudinalmente, evidenciando uma perfuração de contorno circular, bem definida e supostamente destinada à colocação de um botão decorativo. O pé, liso e aplanado, apresenta configuração trapezoidal.

Dimensões – 57,52 mm (comp.); 13,34 mm (larg. pé); 3,83 mm (esp. arco).

Cronologia – Século V aos alvores do VI.

Observações – M. Schulze-Dörrlamm cartografou quatro exemplares de tipo *Rouillé* no trabalho que elaborou em torno das *Armbrustfibeln* e *Bügelknopffibeln* identificadas nos territórios localizados a Oeste do Reno e a Sul do Danúbio. Dois deles (n.º de inv. A.292.7 e A. 3426) foram recolhidos em *Conimbriga,* encontrando-se incluídos no presente catálogo; outro procede de Asotskoe Gorodisce, na Lituânia e, finalmente, a quarta fíbula é oriunda do sítio epónimo de Rouillé, em França[63]. Todavia, note-se que tal classificação não se revela consensual. Com efeito, esta mesma fíbula foi publicada como integrante do tipo 48.1b, que Salete da Ponte estabelece como parte do grupo das *Bügelknopffibeln*[64].

[61] BARROSO CABRERA *et al.*, 2006b: 553, fig. 12.

[62] MOLINERO PÉREZ, 1948: 143; lâmina XXVI, fig. 2.

[63] SCHULZE-DÖRRLAMM, 1986: 652; 654 *apud* NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 184.

[64] PONTE, 2006: 484, nº 296.

Bibliografia – NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 183-184; 186; 205, fig. X, n.º 49; 206, fig. XI; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 284; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 119-120; PONTE, 2006: 389; 391; 484, n.º 296; AREZES, 2011: 108; 183-184; AREZES, 2012: 231.

B.1.17 – Fíbula (Est. XIV, fig. 73 e 74).

N.º de Inv. – A. 389 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula de tipo *Conimbriga*, do grupo das *Bügelknopffibeln*, de liga de cobre, atualmente destituída de mola, fuzilhão e descanso. Apresenta perfil em *P* e arco de contorno semicircular, onde entronca um eixo provido de botões terminais em forma de bolbo. Na superfície superior do pé, espatulado, é observável um motivo em forma de cruz, colocado sensivelmente junto ao arranque do arco.

Dimensões – 70,32 mm (comp.); 11,61 mm (larg. pé); 3,09 mm (esp. arco).

Cronologia – Século V aos alvores do VI.

Observações – Nuño González individualiza o tipo *Conimbriga* no quadro das *Bügelknopffibeln*, indicando o exemplar em análise como único representante do referido tipo, no quadro dos achados peninsulares[65].

Bibliografia – NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 183-184; 186; 205, fig. X, n.º 47; 206, fig. XI; ALARCÃO, 1994: 134, n.º 410.21; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 284; LÓPEZ QUIROGA, 2004b: 221; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 119-120; PONTE, 2006: 387; 393; 484, n.º 297; AREZES, 2011: 108; 185-186; AREZES, 2012: 231; LÓPEZ QUIROGA, 2013: 337, fig. 283.

B.1.18 – Fíbula (Est. XV, fig. 75 e 76).

N.º de Inv. – A. 390 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula bem conservada, consolidada, produzida em liga de cobre. Poderá configurar, muito embora com algumas reservas, um exemplar de tipo Duratón, do grupo das *Armbrustfibeln*. O arco apresenta secção semicircular e o pé, longo, é espatulado e provido de um suporte ou descanso, soldado na zona intermédia da parte posterior. Tem decoração incisa, patente no arco e no pé, referente a sulcos dispostos na horizontal e paralelos entre si, ao que se soma um motivo em forma de *X*.

Dimensões – 51,08 mm (comp.); 6,71 mm (larg.); 1,37 mm (esp.); 15,43 mm (Ø arco).

Cronologia – Século V aos alvores do VI.

Observações – No Museu Monográfico de *Conimbriga* existe uma outra fíbula (n.º de inv. A. 574), que Nuño González considera idêntica ao exemplar analisado, classificando ambas como integrantes do tipo Duratón, do grupo das *Armbrustfibeln*[66]. Note-se, porém, que tal proposta não reúne total acordo. Com efeito, Salete da Ponte, além de não considerar a integração desta peça no grupo das *Armbrustfibeln* (antes no das fíbulas em P e, concre-

[65] NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 183-184.

[66] NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 205, fig. X, n.º 45.

tamente, no âmbito das pseudo-*Augenfibeln*, tipo Ponte 46.1), faz recuar a cronologia ao período que medeia entre os finais do século I/inícios do II ao termo do III[67].

Bibliografia – ALARCÃO & PONTE, 1984: 96, n.º 410.11; NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 182; 205, n.º 46; ALARCÃO, 1994: 134, n.º 410.11; PONTE, 2006: 386-388; 391; 394, fig. 99, n.º 11; 482, n.º 287; AREZES, 2011: 187.

B.1.19 – Fíbula (Est. XV, fig. 77 e 78).

N.º de Inv. – A. 574 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula de tipo Duratón, do grupo das *Armbrustfibeln*, em liga de cobre. O estado de conservação é genericamente bom, apesar de a peça se encontrar incompleta, desprovida de mola, fuzilhão e descanso. O arco, de secção semicircular, apresenta na extremidade uma perfuração de contorno circular, atravessada por um filamento metálico. Depois, na zona oposta, junto ao arranque do pé, espatulado, são visíveis quatro caneluras dispostas na horizontal e paralelas entre si. Já na superfície superior do pé, na aproximação à extremidade, figuram dois motivos incisos em cruz, delimitados por linhas, também incisas e separados por um campo liso, destituído de qualquer motivo ornamental.

Dimensões – 67,59 mm (comp.); 6,64 mm (larg. pé); 1,94 mm (esp. arco); 21,96 mm (Ø arco).

Cronologia – Século V aos alvores do VI.

Observações – À semelhança do que se verifica com outras das fíbulas reunidas no presente catálogo, também neste caso há divergências ao nível das propostas de classificação avançadas pelos diferentes autores. Assim, registe-se que Salete da Ponte o integra no tipo 48.1b do grupo das *Bügelknopffibeln*[68].

Bibliografia – NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 183-184; 205, fig. X, n.º 45; 206, fig. XI; 209, fig. XIII, nº 6; ALARCÃO, 1994: 134, nº 410.20; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 284; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 119-120; PONTE, 2006: 386; 394, fig. 99, n.º 10; 484, nº 295; AREZES, 2011: 108; 187-188; AREZES, 2012: 231.

B.1.20 – Fíbula (Est. XV, fig. 79 e 80).

N.º de Inv. – A. 710 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula incompleta, de liga de cobre, em razoável/mau estado de conservação. O arco e secção denotam contorno semicircular, enquanto o descanso tubular revela configuração trapezoidal. A mola apresenta-se fragmentada, tal como a extremidade do pé, espatulado. A decoração, incisa, concerne a motivos geométricos.

Dimensões – 35,39 mm (comp.); 3,90 mm (larg. pé); 4,04 mm (esp. pé).

Cronologia – Século V.

[67] PONTE, 2006: 386-388; 482, n.º 287.

[68] PONTE, 2006: 484, nº 295.

Observações – Nesta peça, bem como em duas outras, igualmente integradas no catálogo (n.º inv. A. 3424 e 69.369) encontrar-se-ão ausentes os traços mais específicos das *Armbrustfibeln* fundidas. A característica mais singular que apresentam prende-se com o facto de mola e agulha se formarem a partir do aro, não consistindo, portanto, em elementos independentes. Ainda assim, Nuño González considera provável que estes exemplares entronquem numa raiz comum, centrada na Europa de Leste e, em particular, na região da Roménia, em diversos pontos da Polónia, no Danúbio Médio e na área de influência da cultura de *Tchernjahov-Sîntana de Murs*[69]. Ressalve-se, porém e ainda a propósito dos referidos objetos oriundos de *Conimbriga*, que Pérez Rodríguez-Aragón os classifica como efetivas fíbulas de besta, de tipo quado-suevo[70], enquanto Salete da Ponte os integra no tipo Ponte 47, referente ao grupo que a autora define para as *Krägenfibel/Armbrustfibeln*[71]. Anteriormente, em publicação datada de 1981, também Helmut Schlunk se lhes referiu, aludindo aos paralelos manifestados face a outras fíbulas detetadas na Europa Central e conotadas com a presença suévica[72].

Bibliografia – NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 182-184; 186; 205, fig. X, n.º 51; 206, fig. XI; ALARCÃO, 1994: 134, nº 410.20; PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 629, n.º 6; 632, fig. 2, n.º 3; 633-634; 641; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 284; 295, fig. 2; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 119-120, n.º 3; PONTE, 2006: 387-388; 391; 482, n.º 288; AREZES, 2011: 108; 189-190; AREZES, 2012: 231.

B.1.21 – Fuzilhão (Est. XVI, fig. 81 e 82).

N.º de Inv. – A. 845 (M.M.C.).

Descrição – Fragmento de fuzilhão escutiforme, em razoável a bom estado de conservação. Produzido em liga de cobre, terá sido fundido em molde. Dada a sua dimensão avultada, não deverá proceder de uma fivela, antes de uma placa de cinturão rígida. Nas proximidades da base é observável uma perfuração de contorno circular, na qual poderia encaixar o gancho, atualmente ausente. As zonas laterais mostram ligeira assimetria. O reverso apresenta textura algo irregular, sendo possível que resulte de defeito de fabrico.

Dimensões – 29,16 mm (comp.); 25,17 mm (larg.); 6,35 mm (esp.); 3,42 mm (Ø perf.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Segundo o Inventário Geral do Museu Monográfico, este fragmento de fuzilhão terá sido recolhido nas «Escavações Antigas».

Bibliografia –

[69] NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 182.

[70] PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 629; 633-634.

[71] PONTE, 2006: 387-389; 482.

[72] SCHLUNK, 1981: 285 *apud* NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 183.

B.1.22 – Fíbula (Est. XVI, fig. 83 e 84).

N.º de Inv. – A. 3424 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula de liga de cobre, em razoável/mau estado de conservação, sendo percetíveis alguns sinais de corrosão, entretanto travados. Apresenta arco e secção de contorno semicircular e mola voltada para cima. Por seu turno, o pé, largo e longo, denota tendência aplanada. Já o descanso tubular, fragmentado, onde encaixa o gancho, revela configuração trapezoidal. A mola bilateral, de corda, figura na zona exterior do arco.

Dimensões – 53,13 mm (comp.); 4,46 mm (larg. arco); 5,87 mm (esp. pé).

Cronologia – Século V.

Observações – Remetemos considerações gerais acerca das linhas de interpretação divergentes em torno da filiação deste e de dois outros artefactos oriundos de *Conimbriga* para as informações já avançadas a propósito da fíbula A. 710. Acrescentamos, a propósito deste exemplar em concreto, que no trabalho de sistematização que M. Schulze-Dörrlamm dedicou às *Armbrustfibeln* e *Bügelknopffibeln* descobertas nos territórios localizados a Oeste do Reno e a Sul do Danúbio, lhe é atribuída uma cronologia centrada nos inícios do século V. A autora indica para esta peça paralelos que radicam em objetos procedentes dos sítios de Valentine e Montmaurin, sul de França[73]. E em artigo mais recente, Pérez Rodríguez-Aragón apresenta representação gráfica precisamente de duas fíbulas recolhidas nos locais citados, Valentine e Montmaurin, deste modo possibilitando a confirmação das semelhanças que M. Schulze-Dörrlamm discerniu[74].

Bibliografia – NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 182-184; 186; 205, fig. X, n.º 50; 206, fig. XI; PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 629, n.º 5; 632, fig. 2, n.º 1; 633-634; 641; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 284; 295, fig. 2; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 119-120, n.º 1; PONTE, 2006: 387-389; 483, n.º 291; AREZES, 2011: 108; 191-192; AREZES, 2012: 231.

B.1.23 – Fíbula (Est. XVII, fig. 85 e 86).

N.º de Inv. – A. 3425 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula de tipo *Siscia*, do grupo das *Armbrustfibeln*. Produzida em liga de cobre, encontra-se razoavelmente conservada, apesar de destituída de mola, eixo e fuzilhão. O arco exibe contorno semicircular e culmina numa espécie de apêndice provido de pequeno orifício arredondado. Já o pé, espatulado, denota feição triangular e mantém o descanso tubular. Estreita progressivamente, da zona do arco, até à extremidade.

Dimensões – 37,05 mm (comp.); 4,99 mm (larg. arco); 6,43 mm (esp. pé).

Cronologia – Século V aos alvores do VI.

Observações – A propósito da classificação avançada para esta fíbula, registamos que

[73] SCHULIZE-DÖRRLAMM, 1986: 693 *apud* NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 182.

[74] PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 632, fig. 2.

Salete da Ponte tem opinião discordante, integrando-a no tipo Ponte 48, do grupo das *Bügelknopffibeln*[75].

Bibliografia – NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 182; 184; 205, fig. X, n.º 52; 206, fig. XI; 211, fig. XV, n.º 1; PONTE, 2006: 387, 48.1a; 389; 483, n.º 293; AREZES, 2011: 108; 193-194; AREZES, 2012: 231.

B.1.24 – Fíbula (Est. XVII, fig. 87 e 88).

N.º de Inv. – A. 3426 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula com perfil em *P*, de tipo *Rouillé*, do grupo das *Armbrustfibeln*. Produzida em liga de cobre, mostra-se bem conservada e sem sinais de corrosão. Tanto o arco como a secção possuem configuração semicircular. Na extremidade do arco figura um orifício de formato circular, bem definido, que seria atravessada por um botão decorativo, entretanto desaparecido. O pé, longo e espatulado, tem bordos biselados.

Dimensões – 46,42 mm (comp.); 6,38 mm (larg. pé); 2,18 mm (esp. arco).

Cronologia – Século V aos alvores do VI.

Observações – Esta fíbula consta do segundo exemplar recolhido em *Conimbriga* ao qual Nuño González atribuiu a classificação de tipo *Rouillé*[76]; o primeiro, já abordado, é o A. 292.7. No entanto, Salete da Ponte apresenta este objeto como integrante do tipo 48.1b, que a autora define no quadro do grupo das *Bügelknopffibeln*[77].

Bibliografia – NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 183-184; 186; 205, fig. X, n.º 48; 206, fig. XI; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 284; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 119-120; PONTE, 2006: 389; 483, n.º 294; AREZES, 2011: 108; 195-196; AREZES, 2012: 231.

B.1.25 – Fivela (Est. XVII, fig. 89 e 90).

N.º de Inv. – A. 4084 (M.M.C.).

Descrição – Peça de liga de cobre, fundida em molde, em bom estado de conservação, apesar de incompleta e atualmente destituída de fuzilhão. Originalmente, deveria articular-se com uma placa de cinturão de tipologia liriforme. O aro, modelado e, na zona média, algo dilatado, apresenta configuração em forma de D e eixo de tendência retilínea, de secção circular. Na área inferior, são observáveis dois supostos apêndices, patentes em cada uma das extremidades laterais.

Dimensões – 30,56 mm (Ø); 6,32 mm (larg.); 3,57 mm (esp.).

Cronologia – Finais do século VI/início do VII aos alvores do VIII.

Observações – Apesar de alguns pormenores não se mostrarem rigorosamente coincidentes com a peça em análise, julgamos poder apontar como morfologicamente próxima a

[75] PONTE, 2006: 387, 48.1a.

[76] NUÑO GONZÁLEZ, 1989.

[77] PONTE, 2006: 386; 483, n.º 294.

fivela da placa de cinturão nº 1 recolhida no sepulcro 196 da necrópole de Carpio de Tajo[78], a par de uma outra, incompleta, procedente da sepultura 4 da necrópole de El Gatillo de Arriba, Cáceres[79].

Bibliografia – ALARCÃO, 1994: 142, n.º 435.7; AREZES, 2011: 114; 233-234.

B.1.26 – Fuzilhão (Est. XVIII, fig. 91 e 92).

N.º de Inv. – 65.86 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de liga de cobre, fundido em molde, bem conservado. A base exibe contorno escutiforme e, no verso, um gancho curto, com extremo aplanado. Na superfície frontal é observável decoração incisa. Dois sulcos, paralelos entre si, criam uma espécie de moldura dupla, que se estende por toda a área, exceção feita à que se localiza em posição imediatamente adjacente à agulha, onde figura um único sulco. O campo central é dominado por uma estrela de cinco pontas. Depois, na parte superior, são percetíveis outros dois sulcos, horizontais e paralelos entre si, que encostam à linha interior da moldura. Delimitada pelos referidos sulcos horizontais, bem assim como pelo que mais se aproxima do arranque da agulha, ocorre uma linha ondulante. Finalmente, a agulha, de tendência genericamente aplanada, mostra-se rebaixada e mais estreita na zona de arranque, alargando depois progressivamente na direção da ponta, que denota secção semicircular.

Dimensões – 47,98 mm (comp.); 10,08 mm (larg. agulha); 25,09 mm (larg. base); 2,65 mm (esp. base).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Nas *Fouilles de Conimbriga* são apontados como paralelos para este fuzilhão (oriundo da zona do *forum*: nível 65 F X 18 [2]) e demais objetos congéneres, exemplares recolhidos em necrópoles como Duratón (Meseta Castelhana) ou Bâle-Bernerring e Schleitheim-Hebsack[80], por seu turno localizadas em território atualmente suíço e, concretamente, nas imediações do rio Reno. Às indicações de paralelos citadas acrescentamos a peça nº 11 da Coleção Sevilhana[81], que se nos afigura idêntica em termos tipológicos e, parcialmente, ao nível dos ornatos. Salientamos, porém, que no que concerne à ornamentação, não detetámos uma organização decorativa que se aproximasse rigorosamente da revelada pelo fuzilhão em análise.

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 97; 101, n.º 75; lâm. XXI; n.º 75; ALARCÃO, 1994: 142, n.º 435.16; ALARCÃO, 2004a: 109; AREZES, 2011: 116-117; 259-260.

[78] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 61; 131; 133; 218.

[79] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 22, n.º 9.

[80] ALARCÃO *et al.*, 1979: 97.

[81] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 71, fig. 5, nº 11; 315; lâm. II, nº 11.

B.1.27 – Botão ou aplique de cinturão (Est. XVIII, fig. 93 e 94).

N.º de Inv. – 67.14 (M.M.C.).

Descrição – Objeto fundido em molde, de liga de cobre, em bom estado de conservação. O campo central da superfície superior é convexo e o contorno é escutiforme, sendo observáveis dois entalhes paralelos e aproximadamente simétricos nas áreas laterais. No verso figura um apêndice aplanado, provido de uma perfuração de contorno circular, através do qual se processaria a passagem do fio, de modo a permitir a fixação da peça.

Dimensões – 23,52 mm (Ø); 6,50 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – São múltiplos os paralelos identificados para este tipo de peça, parte dos quais achados em grandes necrópoles visigótica da Meseta Castelhana, caso de Duratón, em Segóvia[82], Carpio de Tajo, em Toledo[83], ou Cacera de las Ranas, Aranjuez, Madrid[84]. A peça em análise foi recolhida em 1967, na zona do criptopórtico (67 CRY. 9 [2])[85].

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 97; 101, n.º 78; lâm. XXI, n.º 78; ALARCÃO, 1994: 141; 143, n.º 436.1; AREZES, 2011: 123; 315-316.

B.1.28 – Fivela (Est. XVIII, fig. 95 e 96).

N.º de Inv. – 68.40 (M.M.C.).

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, em bom estado, consolidada. Apresenta aro de contorno ovalado, de secção semicircular. O fuzilhão, apontado e de tendência afunilada, articula-se através de um gancho curvo, encaixado no eixo da charneira, que coincide com a zona mais fina do aro. A base, de configuração escutiforme, exibe uma linha incisa, disposta na oblíqua, que, todavia, não deverá configurar motivo decorativo.

Dimensões – 37,70 mm (Ø); 10,47 mm (larg. aro); 4,90 (esp. base).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Esta fivela, recuperada na zona do *forum* (68 H VII 44 [5]), apresenta pontos de contacto com o exemplar nº 7 da necrópole de Afligidos «O», em Alcalá de Henares[86], bem como com a fivela da sepultura 165 da necrópole de Duratón, em Segóvia[87].

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 97; 101, n.º 73; lâm. XXI, n.º 73; ALARCÃO, 1994: 142, n.º 435.13; ALARCÃO, 2004a: 109; AREZES, 2011: 111; 227-228.

---

[82] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXVI, fig. 1.

[83] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 134; 136, fig. 47, n.º 4 e 5.

[84] BARROSO CABRERA & MORÍN DE PABLOS, 2006a: 743.

[85] ALARCÃO *et al.*, 1979: 101.

[86] MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 122, nº 7; 125, fig. 54, nº 7.

[87] MOLINERO PÉREZ, 1948: 151; lâmina XXX, fig. 3.

B.1.29 – Fuzilhão (Est. XIX, fig. 97 e 98).

N.º de Inv. – 68.41 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de contorno algo assimétrico. Produzido em liga de cobre e fundido em molde, encontra-se em bom estado de conservação, apesar da ocorrências de manchas escuras, patentes sobretudo no verso. A base denota configuração escutiforme, sendo que, sensivelmente no campo central, é observável um orifício regular e bem definido, de configuração circular, onde deveria encaixar uma das extremidades do gancho, entretanto desaparecido. A agulha possui secção sub-triangular.

Dimensões – 30,02 mm (comp.); 15,62 mm (larg. base); 2,23 mm (esp. agulha).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – Entre os fuzilhões similares ao objeto em análise (detetado em: 68 H VII 40 [2]), destacamos o fuzilhão da fivela da sepultura 45 de Duratón[88].

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 97; 101, n.º 76; lâm. XXI, n.º 76; ALARCÃO, 2004a: 109; AREZES, 2011: 116-117; 261-262.

B.1.30 – Fuzilhão (Est. XIX, fig. 99 e 100).

N.º de Inv. – 68.43 (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de liga de cobre, fundido em molde, bem conservado. A base é escutiforme e apresenta, na superfície frontal, uma fina canelura horizontal, a que se acrescenta um pequeno elemento aposto, de contorno aproximadamente circular. Por outro lado, são ainda observáveis, na aproximação à zona de arranque da agulha, ténues linhas incisas, paralelas e dispostas na horizontal. A agulha propriamente dita é apontada, com espinha dorsal e secção triangular, encontrando-se atualmente destituído de gancho.

Dimensões – 20,88 mm (comp.); 5,46 mm (esp. base); 5,56 mm (esp. agulha).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – É possível apontar similitudes entre a peça em análise, procedente da zona do *forum* (68 R1 E [1])[89] e um leque variado de objetos. Destacamos o fuzilhão da fivela detetada na sepultura 183 de Duratón[90], o fuzilhão n.º 5 da necrópole de Afligidos «O»[91] e, por último, o fuzilhão da fivela de aro ovalado de Torre de Palma, integrado na Coleção Americana do M.N.A.[92].

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 97; 101, n.º 74; lâm. XXI, n.º 74; ALARCÃO, 1994: 142, n.º 435.14; ALARCÃO, 2004a: 109; AREZES, 2011: 116-117; 263-264.

[88] MOLINERO PÉREZ, 1948: 143; lâmina XXVI, fig. 1.

[89] ALARCÃO & ETIENNE, 1977: 175; ALARCÃO *et al.*, 1979: 101.

[90] MOLINERO PÉREZ, 1948:154; lâmina XXXII, fig. 2.

[91] MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 122, nº 5; 125, fig. 54, nº 5.

[92] AREZES, 2011: 251.

B.1.31 – Fíbula (Est. XIX, fig. 101 e 102).

N.º de Inv. – 69.369 (M.M.C.).

Descrição – Fíbula de liga de cobre, fundida em molde, completa e em razoável estado de conservação. O aro denota secção semicircular, sendo a mola bilateral e em corda. A superfície superior do pé encontra-se decorada com caneluras.

Dimensões – 29,03 mm (comp.); 2,55 mm (larg. arco); 1,66 mm (esp. do arco).

Cronologia – Século V.

Observações – Remetemos para o comentário à peça n.º A. 710. Acrescente-se que o objeto em análise procede do nível estratigráfico mais recente da rua situada a norte do *forum* (69 R2 [1])[93], com cronologia atribuída ao século V[94].

Bibliografia – ALARCÃO & ETIENNE, 1977: 247, n.º 1969; ALARCÃO *et al.*, 1979: 115-116; 123; lâm. XXVI, n.º 31; NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 182-184; 186; 205, fig. X, n.º 53; 206, fig. XI; PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 629, n.º 7; 632, fig. 2, n.º 2; 633-634; 641; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 284; 295, fig. 2; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 119-120, n.º 2; PONTE, 2006: 387-389; 391; 482, n.º 290; AREZES, 2011: 108; 197-198; AREZES, 2012: 231.

B.1.32 – Placa de cinturão (Est. XX, fig. 103 e 104).

N.º de Inv. – A. 74.6. (M.M.C.).

Descrição – Placa de configuração retangular, constituída por uma base ou caixa fundida em molde, de liga de cobre, com vidros incrustados. Na superfície frontal são observáveis molduras laterais subdivididas em dois campos. Em cada um dos extremos figura um orifício de contorno circular, para colocação de um rebite. Contudo, apenas um desses elementos se conserva. No campo central avulta uma rosácea, composta por quatro pétalas de contorno semicircular que, separadas por elementos sub-retangulares, arrancam de um elemento central de configuração arredondada e regular. No exterior do círculo, que enforma os motivos descritos figuram dois outros semicírculos, os quais estabelecem a ligação entre o elemento decorativo central e as molduras laterais.

A técnica utilizada na composição dos ornatos radica no chamado *cloisonné*, que recorre ao engaste de vidros coloridos nas pequenas células ou concavidades definidas na superfície frontal da placa. Algumas das referidas células encontram-se presentemente destituídas dos elementos que as preenchiam e exibem apenas uma espécie de cola ou massa esbranquiçada, que subjacente, serviria de aglutinante. No verso, o único rebite subsistente, que é também observável na superfície frontal, surge em relevo. Em paralelo, na zona inferior, é visível um outro orifício, igualmente destinado ao preenchimento com um cravo, entretanto desaparecido. Do lado oposto, os pontos que corresponderiam aos dois orifícios originais apresentam-se obstruídos.

[93] ALARCÃO & ETIENNE, 1977: 247.

[94] ALARCÃO *et al.*, 1979: 116.

Dimensões – 40,28 mm (comp.); 24,82 mm (larg.); 5,20 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V ao último do VI.

Observações – A peça onde detetámos similaridades mais nítidas com a placa em análise procede da necrópole de «tradição» visigótica do sítio de Tinto Juan de La Cruz (Madrid), com cronologia atribuída ao século VI[95].

Bibliografia – ALARCÃO, 1994: 141, n.º 432.5; PINAR & RIPOLL, 2008: 109; 119; 130, fig. 16, n.º 2; AREZES, 2011: 98; 151-152; AREZES, no prelo: a.

B.1.33 – Fuzilhão (Est. XX, fig. 105 e 106).

N.º de Inv. – 74 C (M.M.C.).

Descrição – Fuzilhão de contorno escutiforme regular, fundido em molde e produzido em liga de cobre. Encontra-se em estado de conservação razoável a bom, correspondendo a superfície do verso à que se encontra em pior estado. Originalmente, o gancho agora desaparecido e do qual é apenas possível observar o arranque, deveria encaixar no eixo da charneira de uma fivela de aro ovalado. A extremidade da agulha denota secção triangular.

Dimensões – 38,57 mm (comp.); 17,63 mm (larg.); 6,02 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Esta peça, à semelhança de outros objetos de liga de cobre guardados na sala contígua ao laboratório do Museu Monográfico, poderá ser oriunda da Casa de *Cantaber*. Todavia, não foi possível confirmar esta hipótese, visto que a designação «C» poderá remeter para outra localização. Tipologicamente, destacam-se as similitudes com um fuzilhão procedente de uma fivela de aro ovalado recuperada em Troia Praia, em que adiante nos deteremos (n.º de inv. 983.5.6, do M.N.A.).

Bibliografia –

B.1.34 – Placa de cinturão (Est. XXI, fig. 107 e 108).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – F. 4382; caixa 666 – Escavações antigas. Bronzes tratados inventariados. Adorno pessoal, equipamento militar e peças de arnês).

Descrição – Fragmento de placa de cinturão de tipo rígido, de liga de cobre, fundida em molde. A parte conservada concerne à zona proximal, coincidente com a área da fivela, bem como à aproximação do campo central da lingueta. Foi precisamente aqui, na lingueta, que ocorreu a quebra, daí que se encontre em falta a respetiva parte distal. Ausente está também o fuzilhão, cujo gancho encaixaria na perfuração central, de contorno circular e ladeada por duas outras, de tamanho um pouco mais reduzido. Na superfície frontal são observáveis motivos decorativos, referentes a um conjunto de oito círculos oculados incisos. Já no canto superior esquerdo do verso, figura um **x**. No entanto, não se conserva qualquer apêndice de sujeição.

[95] BARROSO CABRERA & MORÍN DE PABLOS, 2006b: 720; 725, fig. 9.

Dimensões – 53,46 mm (comp.); 36,83 mm (larg.); 2,76 mm (esp.); 3,22 mm (Ø perf.).

Cronologia – Segunda metade do século VI ao final da primeira metade do VII.

Observações – São evidentes as semelhanças, a nível morfológico e decorativo, entre a peça analisada e dois outros objetos inventariados no atual território espanhol: a placa n.º 31 da Coleção Sevilhana[96] e a de Loma de Eugenia, Hellín, Albacete[97].

Bibliografia –

B.1.35 – Fuzilhão (Est. XXI, fig. 109 e 110).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 466; caixa 666).

Descrição – Fuzilhão escutiforme, de liga de cobre, fundido em molde. Procedente de fivela de aro ovalado, encontra-se em bom estado de conservação. O corpo escutiforme propriamente dito possui uma moldura, patente ao longo de todo o contorno exterior. Já no campo central, rebaixado, são visíveis múltiplos pontos incisos, sem que porém, aparentem obedecer a uma disposição regular. A agulha apresenta perfil algo irregular, sendo dotada de uma ligeira aresta disposta no sentido do longitudinal. Em paralelo denota, na aproximação à zona central, um estreitamento muito ténue.

Dimensões – 39,56 mm (comp.); 19,57 mm (larg.); 3,14 mm (esp.); 7,90 mm (Ø apêndice).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – Apesar de a configuração apresentada pelo objeto em análise permitir evocar múltiplos paralelos, convém notar que a decoração pontilhada observável no campo superior da base não é equiparável à de nenhum outro dos exemplares analisados.

Bibliografia –

B.1.36 – Fivela (Est. XXII, fig. 111 e 112).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4386; caixa 666).

Descrição – Fivela de liga de cobre, com tonalidade amarelada escura, de secção semi-retangular, incompleta. Atualmente, falta-lhe parte do aro, bem como o fuzilhão, sendo que, originalmente, se deveria articular com uma placa de cinturão de tipo liriforme. O aro denota tendência oblonga; é também percetível que, na zona inferior, ocorre primeiro um ligeiro estreitamento e depois uma inflexão para o exterior. Já na área superior é observável uma faixa rebaixada, onde se apoiaria o fuzilhão. Sensivelmente a partir do campo central e, ao longo do superior, a fivela é decorada com motivos incisos, de cariz vegetalista ou geométrico. A superfície do reverso é consideravelmente mais irregular.

Dimensões – 18,59 mm (alt.); 36,93 mm (larg.); 2,51 mm (esp.)

Cronologia – Finais do século VI/início do VII aos alvores do VIII.

[96] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 107, fig. 14; lâm. X, n.º 31.

[97] GAMO PARRAS, 2006: 153, fig. 15, n.º 10.

Observações – Este aro de fivela possui pontos de contacto com um exemplar igualmente incompleto, mas não tão fragmentado, do Museu Arqueológico Nacional, de Madrid[98]. Em território português, há a assinalar as semelhanças com o aro de fivela da necrópole da *villa* de Casais Velhos[99], também integrado no presente catálogo (n.º inv. CV.696).

Bibliografia –

B.1.37 – Botão ou apêndice de sujeição (?) (Est. XXII, fig. 113 e 114).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4560; caixa 666).

Descrição – Apêndice de sujeição de liga de cobre, presumivelmente fundido em molde, em bom estado de conservação. De reduzido tamanho, ostenta, no entanto, profusa decoração incisa, referente sobretudo a sulcos colocados sempre de modo paralelo entre si e dispostos em diversos sentidos (oblíquo, horizontal e vertical). A secção da base é retangular.

Dimensões – 13,28 mm (com.); 12,32 mm (Ø); 8,67 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/início do VII.

Observações – O objeto em análise é idêntico aos apêndices de sujeição que encaixam num elemento articulável com uma fivela provida de fuzilhão escutiforme, recolhida na sepultura n.º 2 da necrópole de Aneirão[100].

Bibliografia –

B.1.38 – Placa de cinturão (Est. XXII, fig. 115 e 116).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4894; caixa 666).

Descrição – Fragmento de parte distal de placa de cinturão liriforme. Produzida em liga de cobre, encontra-se em bom estado de conservação. Na superfície frontal, um sulco inciso define uma moldura exterior, à qual, por seu turno, se sobrepõem pontualmente pequenas incisões, por vezes dispostas na oblíqua. No campo central, delimitado por uma fina linha, avultam duas cabeças de grifo, ave fantástica. A que figura na zona mais próxima da extremidade distal é a maior e melhor definida; já a segunda parece ter sido ali colocada com o intuito de preencher o espaço livre. Os olhos, bico e representação de escassas penas resultam da combinação da aplicação das técnicas de excisão e incisão. O botão de remate não se encontra completo, antes levemente quebrado, à semelhança do que se verifica com o único apêndice visível no verso, igualmente fragmentado.

Dimensões – 22,91 mm (comp.); 19,01 mm (larg.); 1,74 mm (esp.); 6,41 mm (Ø apêndice).

Cronologia – Finais do século VI/início do VII aos alvores do VIII.

---

[98] RIPOLL LÓPEZ, 1986: 74, n.º 66; 78, fig. 13, n.º 4.

[99] AREZES, 2011: 215-216.

[100] GASPAR & BATISTA, 2003: 35.

Observações – Este fragmento de placa enquadra-se no grupo H-2[101], cujas principais características radicam na reduzida dimensão das peças e no facto de os campos decorativos resultarem do traçado de diagonais[102].

Bibliografia –

B.1.39 – Placa ou elemento de cinturão (?) (Est. XXIII, fig. 117 e 118).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4899; caixa 666).

Descrição – Fragmento de placa rígida vazada (?), consolida e em bom estado de conservação. Produzido em liga de cobre, apresenta uma tonalidade dourada, que porventura resulta do tratamento a que foi sujeito. Na superfície frontal é observável uma composição decorativa: três aberturas vazadas, de contorno circular, ladeadas por círculos incisos concêntricos ou oculados, os quais perfazem o número total de cinco motivos. No verso, é observável um apêndice completo, destinado à passagem do fio. Acrescente-se ainda que, se por um lado, conseguimos identificar a suposta extremidade distal do fragmento, hesitamos em determinar se o limite oposto corresponderá a uma zona de fratura, sensivelmente colocada em posição central (a tratar-se, efetivamente, de uma placa) ou, dado o seu aspeto «denteado», se coincidirá com o término da peça. A confirmar-se esta segunda possibilidade, não estaríamos perante um fragmento de placa de cinturão, antes face a um aplique ou elemento congénere.

Dimensões – 24,61 mm (comp.); 22,01 mm (larg.); 2,23 mm (esp.); 7,13 mm (Ø apêndice).

Cronologia – Segunda metade do século VI a cerca de 600/640.

Observações – Até ao momento não foi possível identificar um paralelo para este fragmento, supostamente procedente de uma placa de cinturão.

Bibliografia –

B.1.40 – Fivela (Est. XXIII, fig. 119 e 120).

S/ Inv. (M.M.C. s/referência; caixa 674 – Escavações antigas. Ferros tratados).

Descrição – Fivela de ferro, incompleta, mas consolidada, de contorno aproximadamente ovalado e ainda provida de fuzilhão. Este, de tendência retilínea, estreita ligeiramente na direção da ponta e articula-se através do gancho conservado, em torno do eixo da charneira, atualmente fragmentado.

Dimensões – 24,20 mm (Ø); 29,12 mm (comp. fuzilhão); 7,31 mm (larg. aro); 3,95 mm (esp. fuzilhão).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – É possível que esta fivela tenha sido utilizada não como adorno de

[101] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 61.

[102] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 133; 140; 149, fig. 23.

vestuário, mas antes como parte do equipamento equino. Porém, e independentemente da funcionalidade que terá servido, há que destacar as similitudes com outra fivela, igualmente de ferro, recuperada da sepultura 37 da necrópole de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid). Acrescente-se que os autores que publicam este objeto referem que as fivelas ovaladas dotadas de agulha reta ocorrerem em diversas necrópoles «visigóticas» da Meseta Castelhana, não obstante entroncarem na tradição romana[103].

Bibliografia –

B.1.41 – Placa de cinturão (Est. XXIII, fig. 121 e 122).

S/ Inv. (M.N.A. – cont. 1516, vol. 1).

Descrição – Parte distal de placa de cinturão rígida vazada, de tipo *Palazuelos*. Fundida em molde, encontra-se em bom estado de conservação geral, muito embora sejam percetíveis alguns sinais de degradação no verso. A área conservada apresenta recorte algo assimétrico e o apêndice patente na extremidade denota configuração sub-retangular. A decoração é de cariz geométrico: são observáveis motivos oculados incisos e, em paralelo, duas perfurações, entretanto concrecionadas, que se sobrepõem parcialmente a dois dos motivos circulares (o que revela serem posteriores aos motivos oculados). Acrescente-se ainda que, junto do limite exterior da placa, são visíveis sulcos sequenciais, fundamentalmente oblíquos. No verso, na zona mais avançada, sensivelmente coincidente com o apêndice sub-retangular já mencionado, figura um apêndice isolado, que mantém desobstruído o orifício destinado à passagem de fio.

Dimensões – 33,73 mm (comp.); 41 mm (larg.); 4,25 mm (esp.).

Cronologia – Segunda metade do século VI até cerca do ano 600/640.

Observações – Achados congéneres ocorrem de modo particularmente significativo em necrópoles localizadas na província de Segóvia, como é o caso de Duratón e Madrona. Mas há também exemplares documentados nas de Castiltierra e Carpio de Tajo, bem como no sítio epónimo de Palazuelos (Guadalajara). É, aliás, em razão do excelente fabrico das peças identificadas neste último sítio, que acabou por se adotar a designação em causa: tipo *Palazuelos*[104]. Acrescentamos ainda que o paralelo mais próximo para a peça de *Conimbriga* radica na placa recolhida em El Juncal, Málaga[105].

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 243; lâm. LXV, fig. 357; PALOL I SALELLAS, 1966: 48; AREZES, 2011: 99; 153-154; AREZES, no prelo: a.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Pulseira (Est. XXIV, fig. 123 e 124).

N.º de Inv. – A. 399 (M.M.C.).

[103] BARROSO CABRERA *et al.*, 2006b: 547, fig. 9; 559.

[104] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 93.

[105] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 99, fig. 13, n.º 2.

Descrição – Pulseira em bom estado de conservação, constituída por uma corrente de ouro, estruturada através da alternância de pequenas argolas e de fio simples. O metal é pontuado por pequenas contas vítreas de cor verde e configuração circular. Numa das extremidades é observável uma pequena granada, aproximadamente em forma de gota; na oposta, figura um gancho, que corresponderá ao fecho da peça.

Dimensões – 146,88 mm (comp.); 0,36 mm (esp. fio).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Adília Alarcão chama a atenção para o facto de, apesar de este tipo de pulseira ocorrer com alguma frequência ao longo dos séculos II e III, os materiais utilizados, concretamente, as contas de vidro e a granada, serem empregues sobretudo em adereços visigóticos[106]. Note-se, por outro lado, que o aspeto original da peça podia não ser exatamente aquele que é atualmente observável. Com efeito, e de acordo com o Inventário Geral, esta apresentava-se partida e incompleta quando foi encontrada na zona C, 10, pelo que, cumprindo instruções de Vergílio Correia, acabou por se executar nova composição, a partir do desenho dos fragmentos.

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 42-43, n.º 22; est. IV, n.º 22; ALARCÃO & PONTE, 1984: 96, n.º 407; ALARCÃO, 1994: 45-46; 132, n.º 407.

B.2.2 – Anel (Est. XXIV, fig. 125 e 126).

N.º de Inv. – A. 722 (M.M.C. – caixa 668 – Bronzes tratados, não inventariados: adorno pessoal, placas, fiação e tecelagem, outros).

Descrição – Anel de liga de cobre, cuja mesa, elíptica, exibe dois caracteres alfabéticos incisos, um ***N*** e um ***E***. Em paralelo, é ainda observável um elemento puncionado, patente no campo intermédio superior do ***N***. O estado de conservação pode considerar-se, genericamente, razoável. Não obstante, na zona inferior esquerda da mesa, abaixo do primeiro caracter, a patine superficial do metal encontra-se ausente. O aro, liso e de secção em *D*, estreita progressivamente, à medida que se afasta da mesa. Registe-se, todavia, que não se apresenta completo.

Dimensões – 26,67 mm (Ø máximo); 13,80 mm (Ø mesa); 3,21 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este anel, recolhido no âmbito das «Escavações Antigas» será, em conformidade com marcação visível no verso da mesa, procedente da zona H 2. Elsa Ávila França acrescenta que apareceu na área das designadas «Grandes Termas do Sul»[107], integradas no programa de remodelação urbanística flaviana, mas concluídas já no tempo de Trajano. A mesma autora considera que os caracteres incisos perfazem a inscrição AVE[108]. De qualquer modo e, independentemente da leitura, são notórios os pontos de contacto

[106] ALARCÃO, 1994: 45-46.

[107] FRANÇA, 1969: 64.

[108] FRANÇA, 1969: 34.

que revela face a uma peça recolhida na *villa* das Carvalheiras (Braga) e atualmente conservada no M.D.D.S. (n.º de inv. 1991.1746), quer ao nível do desenho dos caracteres, quer da coincidência verificada para duas das letras incisas. Com efeito, e no caso do anel das Carvalheiras, correspondem a um ***N***, um ***A*** (?) e um ***E***. Convém, no entanto, ressalvar, que este último não foi produzido em liga de cobre, mas em azeviche.

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 34, n.º 58; est. II, n.º 58.

B.2.3 – Anel (Est. XXIV, fig. 127 e 128).

N.º de Inv. – A. 729 (M.M.C. – caixa 668).

Descrição – Anel de fita, de liga de cobre, fraturado, mas, não obstante, em razoável estado de conservação. Afigura-se que, originalmente, o aro tenha sido soldado na parte interior. Este, muito fino, ostenta caracteres alfabéticos incisos na face externa, sendo que cada uma das extremidades dos mencionados caracteres é definida por um elemento puncionado. São ainda observáveis outros motivos incisos, que se conjugam de modo a perfazer «decoração em espinha».

Dimensões – 20,12 mm (Ø máximo); 1,98 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça aproxima-se, em termos de configuração, de outros anéis de fita recolhidos em necrópoles com ocupação tradicionalmente classificada como «visigótica». Para o território nacional, chamamos a atenção para objetos congéneres recolhidos nos cemitérios da Abuxarda e Talaíde, ambos em Cascais[109]. A «decoração em espinha» também surge noutros anéis, não de fita mas providos de mesa central ornada, um dos quais igualmente recolhido na Abuxarda[110]; o segundo, atualmente em paradeiro incerto, procede da necrópole da Azinhaga da Boa Morte, em Castelo de Vide[111].

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 34, n.º 57; est. II, n.º 57.

B.2.4 – Bracelete (?) (Est. XXV, fig. 129 e 130).

N.º de Inv. – A. 740 (M.M.C.).

Descrição – Possível bracelete, incompleto, de liga de cobre, em mau estado de conservação, com risco de fratura. O aro, aberto e fino, encontra-se fragmentado, sendo que um dos extremos, igualmente quebrado, exibe uma perfuração ou orifício. A decoração, patente de modo mais ou menor regular ao longo de toda a extensão conservada, combina linhas incisas oblíquas e sequenciais, configurando motivos sub-triangulares, a par de elementos puncionados.

Dimensões – 5,15 mm (larg.); 1,49 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

[109] AREZES, 2011: 269-270; 309-310.

[110] AREZES, 2011: 267-268.

[111] RODRIGUES, 1975: est. XLVIII; 1978: 83, fig. 19.

Observações – De acordo com o Inventário Geral do Museu Monográfico, esta peça foi recolhida na zona H, no quadro das «Escavações Antigas».

Bibliografia –

B.2.5 – Brinco anelar (Est. XXV, fig. 131 e 132).

N.º de Inv. – 66.452 (M.M.C.).

Descrição – Brinco de liga de cobre incompleto mas, não obstante, em bom estado de conservação geral. A cabeça é poliédrica e o aro, apesar de tendencialmente liso, mostra-se algo torcido. No campo inferior à resina, colocada para efetuar a marcação, são observáveis leves incisões, as quais, eventualmente, poderão decorrer de um propósito decorativo.

Dimensões – 5,89 mm (Ø cabeça); 33,98 mm (comp. aro); 2,74 mm (esp. aro).

Cronologia – Século VI.

Observações – Peça recolhida na zona lajeada do *forum* (66 FOR. [3]).

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 142, n.º 217; lâm. XXXIV, n.º 217; AREZES, 2011: 126; 349-350.

B.2.6 – Brinco anelar (Est. XXV, fig. 133 e 134).

N.º de Inv. – 69.370 (M.M.C.).

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, consolidado, mas ainda assim em estado de grande fragilidade, traduzido em potencial risco de fratura. O aro, de configuração sensivelmente elíptica, é aberto e desencontrado, com a extremidade mais fina posicionada no interior da peça. Já a extremidade oposta, que surge colocada na parte exterior, exibe como decoração quatro caneluras moduladas.

Dimensões – 27,03 mm (Ø máximo); 2,14 mm (larg.); 2,37 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – No âmbito do território português, há a apontar óbvias semelhanças entre este objeto, recuperado do sector 69 R3 12 [3][112], na rua a oeste do *forum* flaviano[113], e dois outros brincos, integrados no presente catálogo: o primeiro, igualmente exumado em *Conimbriga* (s/ inv.; n.º de ent. laboratório – 4703); o segundo, na necrópole da Abuxarda (n.º de inv. 2003.9.6, do M.N.A.).

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 142, n.º 221; lâm. XXXIV, n.º 221; AREZES, 2011: 126; 351-352.

B.2.7 – Brinco anelar (Est. XXV, fig. 135 e 136).

N.º de Inv. – 69.371 (M.M.C.).

Descrição – Brinco de liga de cobre, fundido em molde, razoavelmente conservado.

[112] ALARCÃO *et al.*, 1979: 142.

[113] ALARCÃO & ETIENNE, 1977: 177.

O aro, completamente destituído de decoração, denota contorno pouco regular. Numa das extremidades é observável um elemento cilíndrico apenso, de secção circular, que terá sido posteriormente colocado e que atualmente se encontra incompleto. Na sequência do referido elemento, o aro começa a estreitar progressivamente, na direção do limite oposto, que coincide com a ponto onde atinge a espessura mais reduzida.

Dimensões – 27,52 mm (Ø máximo); 2,66 mm (larg. aro); 2,71 mm (esp. remate).

Cronologia – Século VI.

Observações – Trata-se de uma peça idêntica ao brinco anelar nº 2 recolhido na sepultura 48 da necrópole de Camino de los Afligidos, em Alcalá de Henares[114]. Recolhida em 1969 (69 H VIII 48 [1]), poderá relacionar-se com o momento em que a *insula* do vaso fálico foi devastada[115]. Note-se, a propósito, que a camada de destruição da referida *insula* terá facultado fragmentos de duas formas de *sigillata* clara D, com datação atribuída por Hayes ao século VI[116]. Acrescente-se ainda o facto de, no local, terem sido detetados vários enterramentos, efetuados em sepulturas de lajes e, neste sentido, similares aos que figuravam na zona do *forum*. Se bem que presumivelmente tardios, não se lhes conhece, porém, enquadramento cronológico seguro[117].

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 142, n.º 218; lâm. XXXIV, n.º 218; AREZES, 2011: 126; 353-354.

B.2.8 – Anel (Est. XXVI, fig. 137 e 138).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 588; caixa 668).

Descrição – Anel de liga de cobre, em bom estado de conservação, apesar do aro se encontrar fragmentado e incompleto. A mesa, projetada e saliente, de configuração circular, não parece ter sido soldada ao aro; antes se afigura que ambos formam uma peça única, fundida em molde. Na superfície frontal da mesa são observáveis sulcos incisos. No entanto, não é claro se estes se conjugam por forma a representar um motivo estelar ou, em alternativa, se pretenderão evocar caracteres alfabéticos.

Dimensões – 24,23 mm (Ø máximo); 10,42 mm (Ø mesa); 2,03 mm (esp.).

Cronologia – Século VII (?).

Observações – Elsa Ávila França considera que os sulcos incisos representam caracteres alfabéticos, que se organizam de modo a perfazer a inscrição +AMAON, a qual poderá, eventualmente, remeter para o nome da proprietária do adorno[118]. Não obstante alguns pormenores divergentes, notam-se similitudes entre este anel e um exemplar de prata con-

[114] MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 152; 154, fig. 66, n.º 2.

[115] ALARCÃO & ETIENNE, 1977: 242.

[116] ALARCÃO, 2004a: 105-106.

[117] LÓPEZ QUIROGA, 2013: 324.

[118] FRANÇA, 1969: 34.

servado no MNSR (n.º de inv. 67 Our CMP/MNSR)[119]. Também no esquema decorativo patente num dos adornos da província de Salamanca publicados por Morín de Pablos são identificáveis pontos de contacto não despiciendos[120].

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 34, n.º 59; est. II, n.º 59.

B.2.9 – Anel (Est. XXVI, fig. 139 e 140).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 600; caixa 668).

Descrição – Anel de liga de cobre, em bom estado de conservação. O aro, muito fino e aberto, desencontrado, denota contorno francamente irregular. Na mesa é observável um círculo central, rebaixado e, no interior, uma cruz patada, em relevo, ladeada por pontos. Note-se, porém, que a decoração não se circunscreve aos motivos contidos na mesa. De facto, em cada uma das zonas laterais de arranque do aro, figura uma série de elementos de contorno quadrangular ou subquadrangular, em fiadas paralelas.

Dimensões – 23,24 mm (Ø máximo); 5,59 mm (Ø mesa); 0,94 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – A decoração visível na mesa desta peça, detetada no quadro das «Escavações Antigas», é idêntica à de um outro anel recolhido na província de Salamanca[121].

Bibliografia –

B.2.10 – Anel (Est. XXVI, fig. 141 e 142).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 607; caixa 668).

Descrição – Anel de fita, de liga de cobre, em razoável estado de conservação. O aro, fino e de contorno irregular, não se encontra soldado, pelo que as extremidades se sobrepõem. A decoração, pouco profusa, consta de linhas incisas, dispostas na oblíqua e de modo sequencial, deste modo perfazendo uma conjugação geométrica.

Dimensões – 20,03 mm (Ø máximo); 0,89 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este anel de fita é muito semelhante a um outro, mal conservado e fragmentado, procedente da necrópole da Abuxarda, em Cascais (cf. n.º de inv. 20.822 / 2003.7.1). Registe-se também a existência de claros paralelos com anéis de fita recolhidos em Salamanca[122].

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 28, n.º 31; est. I, n.º 31.

B.2.11 – Brinco anelar (Est. XXVII, fig. 143 e 144).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 624 s/r; caixa 668).

[119] AREZES, 2011: 293-294.

[120] MORÍN DE PABLOS, 2006: 205, fig. 64, E.

[121] MORÍN DE PABLOS, 2006: 205, fig. 64, 11.

[122] MORÍN DE PABLOS, 2006: 204-205, fig. 64, G, H.

Descrição – Brinco anelar, de liga de cobre e tonalidade amarelada, razoavelmente conservado. O aro, de secção circular, é liso e estreita na direção de uma das extremidades. Na oposta, é observável uma espécie de apêndice, provido de decoração: quatro caneluras, dispostas na horizontal e paralelas entre si. Note-se, todavia, que no verso do brinco, as caneluras não são percetíveis.

Dimensões – 25,50 mm (Ø máximo); 2,22 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça é similar a outro brinco anelar, recolhido na necrópole da Abuxarda (n.º de inv. 20.819 /2003.9.13), incluído no presente catálogo.

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 47, 6 (fig. 91); est. III, n.º 91.

B.2.12 – Bracelete (Est. XXVII, fig. 145 e 146).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 628; caixa 668).

Descrição – Bracelete de tom amarelado, de liga de cobre, em bom estado de conservação, apesar de incompleto. A decoração preenche todo o campo útil da superfície exterior do bracelete, conjugando sulcos incisos, dispostos na vertical, sequenciais e paralelos entre si, com outros colocados na oblíqua, os quais se sobrepõem, perfazendo motivos alongados, em forma de *X*.

Dimensões – 58,13 mm (Ø máximo); 4,63 mm (larg.); 1,30 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – O paralelo mais próximo que detetámos para o bracelete em análise procede do sepulcro 10 de El Gatillo de Arriba[123]. Todavia, o esquema decorativo que este último exibe não é rigorosamente idêntico ao da peça de *Conimbriga*.

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 56, n.º 14; est. IV, n.º 14.

B.2.13 – Anel (Est. XXVII, fig. 147 e 148).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 806; caixa 668).

Descrição – Anel de liga de cobre, razoavelmente bem conservado. O aro, muito fino, não se encontra completo, não sendo evidente se, originalmente, era aberto ou fechado. Na mesa, que não prima pela simetria, é observável um motivo cruciforme, obtido através da sobreposição de sulcos incisos, sendo que em cada extremidade figura um elemento puncionado.

Dimensões – 20,95 mm (Ø máximo); 0,95 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – São notórias as similitudes entre esta peça e um anel recuperado na sepultura 42 da necrópole de Duratón[124], sobretudo no que toca às soluções decorativas patentes na mesa de cada um deles.

Bibliografia –

[123] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 22, n.º 15.

[124] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXVI, fig. 2.

B.2.14 – Brinco anelar (Est. XVIII, fig. 149 e 150).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 889; caixa 668).

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, em estado de conservação razoável a bom. O aro, liso, denota contorno ligeiramente irregular, muito embora, genericamente, se possa caracterizar como circular. É possível que, na extremidade mais volumosa, coincidente com a zona do apêndice, tenha existido decoração, a qual, no entanto, acabou por se ir apagando progressivamente. Já a extremidade oposta mostra-se bem apontada.

Dimensões – 29,67 mm (Ø máximo); 2,24 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Registem-se alguns paralelismos entre este brinco, recolhido na zona B, e um dos exemplares recuperados na necrópole de Talaíde (n.º de inv. TA.30.75).

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 47, 4 (fig. 88); est. III, n.º 88.

B.2.15 – Brinco anelar (Est. XXVIII, fig. 151 e 152).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 916; caixa 668).

Descrição – Brinco anelar de tonalidade dourada, de liga de cobre (?) e em óptimo estado de conservação. O aro, liso e de contorno circular regular, apresenta apenas uma ligeira fratura, sensivelmente na parte média da argola. Esta mostra-se apontada numa das extremidades, engrossando depois progressivamente até atingir a oposta, onde é observável a decoração: dois sulcos incisos.

Dimensões – 20,12 mm (Ø máximo); 1,98 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Ressalvando a diferença de diâmetro, salientamos as semelhanças entre este pequeno brinco, que terá sido recolhido na zona H 2, Grandes Termas da Sul[125] e um elemento congénere recolhido numa sepultura da necrópole de Casais Velhos, incluída no presente catálogo (n.º de inv. CV.693.45).

Bibliografia – FRANÇA, 1969: 47, 5 (fig. 89); est. III, n.º 89.

B.2.16 – Bracelete (Est. XXVIII, fig. 153 e 154).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4573; caixa 668).

Descrição – Bracelete de aro liso e remate serpentiforme, de liga de cobre. Apenas uma das extremidades se conserva, permitindo observar não só a respetiva configuração original, mas também alguns elementos que definem os traços zoomórficos da serpe. Estes reportam-se, concretamente, a um orifício, que marca o arranque da cabeça e a dois supostos cravos circulares, que pretendem representar os olhos. O aro, de contorno algo irregular, encontra-se fragmentado na área oposta à referida extremidade, sensivelmente nas proximidades do segundo orifício, que ditaria o arranque da cabeça entretanto desaparecida.

[125] FRANÇA, 1969: 64.

Dimensões – 68,67 mm (Ø máximo); 5,44 mm (larg. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O paralelo mais próximo consta de um bracelete exumado na sepultura 12 da necrópole de Talaíde (n.º de inv. TA.22.75). O mesmo sepulcro proporcionou a recolha de outros adornos do corpo, caso de brincos anelares e de um anel de fita provido de ornatos incisos[126].

Bibliografia –

B.2.17 – Brinco anelar (Est. XXIX, fig. 155 e 156).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4677; caixa 668).

Descrição – Pequeno e frágil brinco anelar, de aro liso e contorno bastante regular, em razoável estado de conservação. A extremidade que, originalmente, seria apontada, encontra-se ligeiramente fragmentada. Na oposta, por seu turno, figura um apêndice paralelepipédico, provido de decoração: uma sequência de sulcos incisos, colocados de modo paralelo entre si.

Dimensões – 19,51 mm (Ø máximo); 2 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O apêndice deste brinco denota grande similitude com o de um outro exemplar recolhido na sepultura 4 da necrópole de Talaíde (n.º inv. TA.39.75) e incluído no presente catálogo.

Bibliografia –

B.2.18 – Brinco anelar (Est. XXIX, fig. 157 e 158).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4681; caixa 668).

Descrição – Brinco de liga de cobre, com aro liso. Uma das extremidades é apontada. O aro alarga depois progressivamente, na direção da extremidade oposta, onde é observável decoração (duas caneluras dispostas de modo paralelo entre si). A secção da peça é aproximadamente circular.

Dimensões – 26,44 mm (Ø máximo); 2,36 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Apesar de a tipologia deste objeto ser análoga à de uma série de outros brincos anelares, até ao momento não identificámos um paralelo direto para o moldurado do apêndice.

Bibliografia –

B.2.19 – Brinco anelar (Est. XXIX, fig. 159 e 160).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4703; caixa 668).

[126] CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

Descrição – Brinco anelar, de liga de cobre. Encontra-se em razoável/mau estado de conservação, denunciando condição de grande fragilidade. Algumas zonas do aro, de configuração sensivelmente elíptica, exibem leves fraturas, prenunciando a ocorrência de possível fragmentação. Uma das extremidades é apontada; na oposta, por seu turno, figura a decoração (três caneluras sequenciais e colocadas de modo paralelo entre si).

Dimensões – 30,76 mm (Ø máximo); 1,95 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Trata-se de uma peça com formato de aro idêntico ao apresentado por um exemplar igualmente recolhido em *Conimbriga*, integrado no presente catálogo (n.º inv. 69.370) e previamente estudado[127].

Bibliografia –

B.2.20 – Brinco anelar (Est. XXX, fig. 161 e 162).

S/ Inv. (n.º de ent. Laboratório M.M.C. – 4709; caixa 668).

Descrição – Brinco anelar, de liga de cobre, em razoável estado de conservação. Originalmente, o aro deveria apresentar contorno aproximadamente circular; no entanto, a configuração atual, alterada, é bastante irregular. Uma das extremidades, a mais fina, aparenta encontrar-se fragmentada. Na oposta, por seu turno, é observável uma espécie de espiral de metal, em mau estado, enrolada sobre o aro. Já sensivelmente na parte média, figura um elemento apenso, igualmente enleado, que talvez se tenha soltado do conjunto decorativo patente na zona cimeira.

Dimensões – 25,03 mm (Ø máximo); 3,67 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Até ao momento não foi identificado paralelo direto para este brinco.

Bibliografia –

B.2.21 – Brinco anelar (Est. XXX, fig. 163 e 164).

S/ Inv. (M.M.C. s/referência; caixa 668).

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, completo, consolidado, em bom estado de conservação. O aro, liso, denota configuração algo assimétrica, mas regular. Culmina, numa das extremidades, sob a forma de três caneluras sequenciais e paralelas entre si. A outra, por seu turno, mostra-se apontada e apenas muito levemente quebrada.

Dimensões – 19,34 mm (Ø máximo); 1,78 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – São evidentes as similitudes entre a peça em análise e um dos brincos (n.º 034) recolhidos numa das sepulturas de Montinhos 6, Serpa[128].

Bibliografia –

[127] AREZES, 2011: 351-352.

[128] AREZES *et al.*, 2013: 1924, fig. 11.

B.4 – Armamento / elementos de potencial natureza ofensiva ou cinegética

B.4.1 – Bainha de faca (Est. XXX; fig. 165 e 166).

N.º de Inv. – A. 24 (M.M.C.).

Descrição – Objeto fragmentado, de liga de cobre, em bom estado de conservação geral. Com forma de *U*, serviria para colocar na ponta de uma bainha, provavelmente feita em material perecível, talvez couro. O campo central é composto por uma espécie de placa fina, de perfil irregular, que aparenta ter sido batida. Nas zonas laterais, ocas, nas quais encaixa a placa, podem ser observadas, nas extremidades, dois cravos (também visíveis no verso), ladeados por sulcos incisos, paralelos entre si.

Dimensões – 28,63 mm (larg.); 6,06 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – Esta peça, recolhida no contexto das «Escavações Antigas», encontra paralelo direto em objetos exumados em contextos sepulcrais de outros pontos da geografia peninsular. Citamos, a título de exemplo, a bainha do túmulo 80 da necrópole pirenaica de Estagel[129] ou as recuperadas, respetivamente, nas sepulturas 141 e 146 da necrópole de Duratón; no primeiro dos referidos túmulos, aliás, surge associada aos restos de uma faca e a duas fivelas, uma das quais provida de fuzilhão de contorno escutiforme[130].

Bibliografia –

B.4.2 – Espada (Est. XXXI; fig. 167 e 168).

N.º de Inv. – 65.76 (M.M.C.).

Descrição – Peça de ferro, razoavelmente bem conservada. A lâmina, longa e de secção oval, possui uma leve depressão central («sangradouro»). Uma espécie de cravo, de contorno alongado, liga-a à guarda. Esta, de tendência recurva, mantém parte do revestimento de fios de prata, muito embora alguns deles tenham já desaparecido. Os que restam permitem, não obstante, perceber que foram colocados na vertical, diretamente sobre o ferro. Finalmente, o punho apresenta contorno sub-retangular e estreita progressivamente à medida que se aproxima do topo.

Dimensões – 850 mm (comp.); 2,94 mm (esp. da lâmina, na aproximação à guarda).

Cronologia – Século V ou, eventualmente, séculos VI-VII.

Observações – A espada foi recolhida em 1965 na zona do *forum* (65 G X 33 [3]), nas proximidades de uma espora que ostenta o mesmo tipo de decoração, produzida à base de fios de prata (n.º de inv.: A. 4092). Os dois elementos integrariam o equipamento de um cavaleiro, supostamente suevo. Sem que tenha sido possível identificar um paralelo rigorosamente idêntico para o exemplar em questão, foram, todavia, reconhecidas algumas

[129] LANTIER, 1943: 171, fig. 13.

[130] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXIX, fig. 2 e 4.

similitudes entre a peça de *Conimbriga* e espadas oriundas das necrópoles de Schleitheim-Hebsack e Bâle-Bernerring, com datação atribuída aos séculos VI e VII[131].

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 91-92; 95, n.º 54; lâm. LVIII, n.º 54; ALARCÃO & PONTE, 1984: 107, n.º 427; ALARCÃO, 1994: 49; 140, n.º 427; ALARCÃO, 2004a: 109; LÓPEZ QUIROGA & CATALÁN RAMOS, 2010: 420-421; 427-430; CATALÁN RAMOS, 2013: 56; 186; LÓPEZ QUIROGA, 2013: 337.

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1 – Cama de freio (Est. XXXII; fig. 169 e 170).

N.º de Inv. – A. 301 (M.M.C.).

Descrição – Cama de freio em excelente estado de conservação, de liga metálica, produto de fundição em molde bivalve. Lateralmente, exibe representação de zoomorfos, concretamente, de duas panteras afrontadas, cujas patas dianteiras se encontram apoiadas sobre a parte superior de um *cantharus* que, decorado a bisel, figura em posição central. Através da aselha, de contorno aproximadamente retangular ou trapezoidal e que surge colocada no topo do *cantharus,* far-se-ia o engate ou atrelagem do animal; já a perfuração de configuração circular da zona inferior serviria para a passagem do freio. A peça, numa primeira aproximação, afigura-se simétrica, mas uma observação mais cuidada permite reconhecer evidentes irregularidades, as quais surgem patentes não só ao nível do tamanho e contorno das áreas vazadas, mas também dos corpos dos zoomorfos. A cama apresenta-se profusamente decorada, sendo os ornatos referentes sobretudo a sulcos e linhas incisas, maioritariamente oblíquas, bem como a elementos puncionados. O reverso mostra-se reentrante ou côncavo nalguns pontos.

Dimensões – 107,08 mm (alt.); 86,61 mm (larg.); 8,74 mm (esp.); 226,5 g (peso).

Cronologia – Finais do século V a finais do VI.

Observações – A peça em análise foi, segundo informação de Isabel Pereira[132], exumada em escavações realizadas antes de 1962. Apesar de nela discernirmos pontos de contacto indiscutíveis com outros objetos congéneres de filiação romana, inclusive com o par de uma cama de freio igualmente recuperado em *Conimbriga* (n.º inv. A. 511 e A. 512) e que se pauta por influências orientais, consideramos, na esteira da autora supracitada, a vigência de traços mais toscos e frustres nesta peça, os quais nos levam a colocar a hipótese de a referida cama, muito embora influenciada por protótipos romanos, configurar uma reprodução «bárbara» de um esquema clássico, que perdurou no tempo. Também Adília Alarcão chama a atenção para o facto de as estilizações zoomórficas utilizadas indiciarem, por um lado, influxos da metalurgia romana dos séculos III e IV ao mesmo tempo que, por outro, denunciam um estilo que remete para uma ascendência cita e/ou sármata, propagada

[131] ALARCÃO *et al.*, 1979: 91-92.

[132] PEREIRA, 1970: 14.

pela Europa através das movimentações dos grupos «bárbaros»[133]. Ressalve-se, contudo, que esta interpretação não recolhe unanimidade[134].

Bibliografia – PALOL I SALELLAS *et al.*, 1967: 240; lâmina VI, n.º 2; PEREIRA, 1970: 12-14, est. II, n.º 3; PALOL I SALELLAS, 1972: 142; ALARCÃO & PONTE, 1984: 109, n.º 439.3; ALARCÃO, 1994: 50; 143, n.º 439.3; RIPOLL LÓPEZ & DARDER LISSON, 1994: 321, nº 65; 322, fig.19, n.º 65; PINTO, 2002: 398, nº 297; 768, est. 166, n.º 297; AREZES, 2015b: 66; 70; 76, fig. 21 e 22.

B.5.2 – Espora (Est. XXXII; fig. 171 e 172).

N.º de Inv. – A. 4092 (M.M.C.).

Descrição – Espora de ferro em razoável a bom estado de conservação. Possui haste em U, é longa e provida de uma ponta ou espigão também extenso, de secção circular e extremidade cónica, na qual é observável decoração executada com fio de prata. Note-se, no entanto, que é possível que a decoração se tenha estendido à totalidade da superfície frontal da peça, uma vez que, pontualmente, são visíveis ténues vestígios. Em contrapartida, no verso, não é observável qualquer indício de ornamentação.

Dimensões – 240 mm (alt.); 115 mm (abert.); 7,46 mm (Ø extremidade completa);

Cronologia – Século V ou, eventualmente, séculos VI-VII.

Observações – Trata-se da espora a que tivemos já oportunidade de fazer referência: por ter sido encontrada nas proximidades da espada e, sobretudo, devido às semelhanças decorativas entre ambos os artefactos, é possível que tenham integrado o conjunto utilizado por um mesmo cavaleiro[135]. Note-se, porém, que apesar de as primeiras menções à referida espora no texto das *Fouilles* remeterem para o n.º 95[136], no texto mais pormenorizado que adiante é apresentado, constata-se que a designação de inventário (65.156), descrição e medidas associados à espora identificada com tal número, 95[137] não coincidem, em rigor, com os comportados pela peça exposta no Museu Monográfico de *Conimbriga* em articulação com a espada, antes com os de uma outra espora. Aliás, também a representação gráfica evoca esse segundo objeto[138]. É possível, pois, que esta imprecisão explique o facto de López Quiroga e Catalán Ramos publicarem uma fotografia da espora inventariada com o n.º 65.156 como peça inédita[139].

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1979: 91; 99; ALARCÃO & PONTE, 1984: 109, n.º 441.1; ALARCÃO, 1994: 49; 144, n.º 441.1; LÓPEZ QUIROGA & CATALÁN RAMOS, 2010: 421; 427; CATALÁN RAMOS, 2013: 56.

---

[133] ALARCÃO, 1994: 50.

[134] RIPOLL LÓPEZ & DARDER LISSON, 1994: 348.

[135] ALARCÃO *et al.*, 1979: 91; 99; ALARCÃO, 1994: 49.

[136] ALARCÃO *et al.*, 1979: 91; 99.

[137] ALARCÃO *et al.*, 1979: 102.

[138] ALARCÃO *et al.*, 1979: lâm. XXII, n.º 95.

[139] LÓPEZ QUIROGA & CATALÁN RAMOS, 2010: 427, fig. 8; LÓPEZ QUIROGA, 2013: 337, fig. 283.

B.5.3 – Espora (Est. XXXIII; fig. 173 e 174).

S/ Inv. (n.º de ent. Lab. M.M.C. – 1233; caixa 661 – Ferros tratados por inventariar).

Descrição – Espora de ferro, fundida em molde, consolidada e em bom estado geral. No topo, é observável a cabeça, poliédrica, regular e destituída de qualquer tipo de motivo decorativo. Já na zona que antecede o arranque da haste é observável uma espécie de anel ornado com caneluras. A haste propriamente dita, em forma de U, culmina em duas extremidades providas de pequenas saliências voltadas para o exterior.

Dimensões – 260 mm (alt.); 108,7 mm (abert.); 117,20 mm (larg.); 7,96 mm (esp. aro).

Cronologia – Século V ou, eventualmente, séculos VI-VII.

Observações –

Bibliografia –

B.5.4. – Cabo de pátera (Est. XXXIII; fig. 175 e 176).

N.º de Inv. – 64.78 (M.M.C.).

Descrição – Cabo de bronze zoomórfico, em bom estado de conservação, apesar de incompleto. Procedente de vaso ritual, denota contorno cilíndrico e termina em forma de cabeça de animal estilizado. Na parte superior ostenta uma cruz incisa, logo seguida de inscrição retrógrada cinzelada, onde se pode ler o nome +EMMANVEL. Por seu turno e, no seguimento imediato da inscrição é observável uma flor-de-lis. Lateralmente, na zona do «focinho», são observáveis os olhos, representados através de dois círculos concêntricos, de contorno algo irregular. Na cabeça encontra-se também patente uma aresta longitudinal e, de cada lado da aresta, uma espécie de voluta.

Dimensões – 90,48 mm (comp.); 21,57 mm (Ø corpo); 7,57 mm (esp.).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – A peça em análise foi recolhida em 1964 (64 G VI 48 [1]), no âmbito da primeira campanha de escavações luso-francesas[140]. Tem paralelo num cabo de pátera procedente de *Ampurias* e conservado no Museu de Girona[141].

Bibliografia – ETIENNE & BAIRRÃO OLEIRO, 1966: 14 est. VII; ETIENNE *et al.*, 1976: 123-124; lâm. XXII, n.º 110; ALARCÃO & ETIENNE, 1977: 157; 170; ALARCÃO *et al.,* 1979: 155, lâm. XXXVIII, n.º 20; ALARCÃO & PONTE, 1984: 134, n.º 549; ALARCÃO, 1994: 164-165, n.º 551; LÓPEZ QUIROGA, 2013: 324; 337, fig. 282.

C. Materiais vítreos

C.1 – Taça (Est. XXXIV; fig. 177 e 178).

N.º de Inv. – 67.769 (M.M.C.).

Descrição – Taça campanulada, de tonalidade verde amarelada, restaurada. Os frag-

[140] ETIENNE & BAIRRÃO OLEIRO, 1966: 14.

[141] PALOL I SALELLAS, 1950: est. LIV, n.º 1.

mentos que a compõem, e nos quais são visíveis escassas bolhas de ar, de pequena dimensão, foram colados, tendo permitido reconstituir a orientação «original» da peça. A maior parte dos fragmentos recuperados pertencem à zona do bordo, que poderá ter sido espessado ao fogo. Outros, porém, prolongam-se pela parede, esvasada e estendem-se, inclusive, até à base. Encontram-se estabilizados por uma resina utilizada no restauro, através da injeção num molde. A decoração, patente na área superior, concretamente, na aproximação à boca, consta de quatro fios ou caneluras, dispostos na horizontal e de modo paralelo entre si.

Dimensões – 65,37 mm (alt.); 96,80 mm (Ø boca); 46,88 mm (Ø base); 2,81 mm (esp.).

Cronologia – Século V.

Observações – Os fragmentos deste recipiente foram recolhidos no nível de destruição da *insula* a norte das termas (67 H VII 50 [3]), com datação em torno dos anos 465-468[142], coincidentes com os ataques suevos ao *Municipium*. A reconstituição preconizada permitiu reconhecer similitudes com a taça de Beiral (n.º de inv. 1994.0418), integrada no presente catálogo, bem como com uma forma detetada num sepulcro da Herdade da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo) e com uma outra, procedente de Cacia (Aveiro)[143].

Bibliografia – ALARCÃO *et al.*, 1976: 195-196; 202; lâm. XLIII, n.º 226; ALARCÃO & ETIENNE, 1977: 238-239; ALARCÃO & PONTE, 1984: 34, n.º 162; ALARCÃO, 1994: 82, n.º 162.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – «Colar» de contas (Est. XXXIV; fig. 179 e 180).

S/ Inv. (M.N.A. – cont. 1914, vol. 28).

Descrição – Conjunto de vinte e três contas de colar agregadas em torno de um fio e revelando estado de conservação desigual. De facto, algumas encontram-se parcialmente quebradas, com zonas degradadas. Duas delas, com secção aproximadamente cilíndrica, apresentam cor castanha. Uma (12,27 mm Ø; 3,96 mm esp.) terá sido produzida em âmbar; a outra (11,40 mm Ø; 4,45 mm esp.) em material não diagnóstico e atualmente um pouco danificado. No conjunto inclui-se também um exemplar (9,65 mm Ø; 5,08 mm esp.) de cor verde translúcida; é mais volumoso e possui configuração cilíndrica. Um outro (12,23 Ø mm; 6,59 mm esp.) é negro, igualmente cilíndrico, com uma das faces aplanada. Os restantes, de vidro, oscilam entre a tonalidade azul e azul escura, revelando-se uns mais baços e outros mais vivos. A configuração também oscila. A maior parte das contas é cilíndrica; no entanto, a altura ou o ângulo de abertura podem mostrar-se desiguais e, normalmente, assimétricos, daí a falta de homogeneidade geral.

Cronologia – Séculos V-VI (?).

[142] ALARCÃO *et al.*, 1976: 195-196; ALARCÃO & ETIENNE, 1977: 238-239, n.º 1735.

[143] ALARCÃO *et al.*, 1976: 196.

Observações – Note-se que, efetivamente, nada garante que as contas assim reunidas integrassem o mesmo colar e, muito menos, que a organização original fosse, de facto, a atualmente apresentada. Registe-se, a propósito, que D. Fernando de Almeida faz referência a um «[…] colar de contas de massa de vidro azul, de *Conimbriga* […]», conservado no Museu Nacional de Arqueologia[144]. Todavia, a confrontação entre a fotografia associada ao «colar» do M.N.A.[145] e as contas por nós observadas, não permite corroborar a possibilidade de pertencerem ao mesmo conjunto.

Bibliografia –

Sítio: Salvaterra do Extremo

(Freg. Salvaterra do Extremo; Conc. Idanha-a-Nova; Dist. Abrantes).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Placa de cinturão (Est. XXXV; fig. 181 e 182).

N.º de Inv. – 2004.415.1.

Descrição – Placa de cinturão de tipologia liriforme, de secção retangular e perfil marcado por considerável regularidade. Produzida em liga de cobre e fundida em molde, encontra-se em bom estado de conservação, apesar de incompleta (pois carece da fivela com a qual se articularia). A superfície frontal, cujas zonas laterais e extremidade exibem vários apêndices decorativos, denota uma clara divisão em três partes. Na proximal é visível uma moldura, definindo um campo aproximadamente retangular, preenchido com incisões paralelas, dispostas na horizontal ou ligeiramente arqueadas. A parte central, por seu turno, surge ladeada quase integralmente por uma orla que arranca de um núcleo composto por três elementos de contorno aproximadamente circular e algo salientes. No interior da referida orla avultam dois campos simétricos e longitudinais, em cada um dos quais é observável um grifo com duas cabeças, sendo os olhos representados através de círculos oculados e as bocas por incisões alongadas. Finalmente, a parte distal revela nova moldura, em forma de rim, decorada com sulcos maioritariamente arqueados. No reverso, consolidado, muito limpo e regular, figuram cinco apêndices perfeitamente conservados: um, na parte distal; dois em posição simétrica, na central, e dois outros na proximal.

Dimensões – 76,76 mm (comp.); 33,97 mm (larg.); 3,80 mm (esp. placa); 6,78 mm (Ø do apêndice patente no verso da parte distal).

[144] ALMEIDA, 1962: 239; 256.

[145] ALMEIDA, 1962: est. LXII, fig. 341.

Cronologia – Século VII, perdurando talvez ao longo das primeiras décadas do VIII.

Observações – Este exemplar, oferecido ao M.N.A. por um antigo aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alfredo Ferraz de Carvalho[146], congrega especificidades que o aproximam quer do tipo A quer do C estipulado por Ripoll López[147]. As semelhanças com o tipo A radicam sobretudo na organização dos campos central e distal da peça; já relativamente ao tipo C, centram-se na configuração da zona proximal[148]. No âmbito da preparação da tese de Mestrado era nossa intenção analisar esta peça; todavia, os Serviços de Inventário do M.N.A. não conseguiram, na altura, localizá-la[149]. Só posteriormente, já no quadro do estudo levado a cabo para elaborar o presente trabalho, foi possível identificar a placa de cinturão de Salvaterra, guardada junto de outros adornos congéneres, adquiridos em leilão.

Bibliografia – VASCONCELOS, 1932-34: 5; CARDOZO, 1942: 254-255; PAÇO & FERREIRA, 1951: 417; ALMEIDA, 1962: 245; 255; lâm. LXVII, fig. 365; PALOL I SALELLAS, 1966: 51; AREZES 2011: 74; 181-182; AREZES, no prelo: a.

Sítio: Fonte do Sapo
(Freg. Mouriscas; Conc. Abrantes; Dist. Santarém).

Local de depósito: C.M.A. (Abrantes).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. XXXV; fig. 183 e 184).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.1.1.

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, com aro e secção aproximadamente oblongos, atualmente em razoável/mau estado de conservação. Apesar de mal conservado, o aro denuncia a ocorrência de algumas zonas decoradas, designadamente junto do campo rebaixado onde apoia a agulha do fuzilhão, a meio da extensão do aro, em cada um dos lados, e junto do eixo da charneira. A ornamentação compreende linhas incisas simples, dispostas na vertical e/ou oblíqua. É possível que, caso as superfícies não se encontrassem tão degradadas, se percecionassem mais linhas incisas. Em paralelo, quase não é possível discernir o metal no verso, de tendência reentrante, visto ainda possuir terra agregada. Relativamente ao fuzilhão, note-se que enforma uma morfologia ainda não registada

[146] VASCONCELOS, 1932-34: 5.

[147] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 61.

[148] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 61; 135, fig. 17; 139, fig. 19, n.º 46; 141, fig. 20, n.º 51.

[149] AREZES, 2011: 181.

nas demais peças estudadas. Assemelha-se a um cone, quando perspetivado de um ponto de vista frontal, sendo a base aplanada. Na sequência da referida base, estreita um pouco até atingir a zona da moldura saliente, onde volta a alargar. O afunilamento mostra-se depois progressivo, até atingir a espessura mínima da agulha, coincidente com o topo.

Dimensões – 34,76 mm (Ø); 6,57 mm (esp. aro); 24,95 mm (comp. fuzilhão).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Esta fivela foi recolhida na sepultura n.º 15[150].

Bibliografia – BATISTA & GASPAR, 2000: 639; est. III, foto 3; AREZES, 2011: 73.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (Est. XXXVI; fig. 185 e 186).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.1.3.

Descrição – Anel de liga de cobre, fundido em molde, em razoável/mau estado de conservação, com concreções acumuladas que poderão ocultar alguns pormenores da peça. O aro denota tendência retilínea e facetada no arranque, de cada um dos lados da mesa. Só sensivelmente no campo central lateral começa a evidenciar curvatura. A secção será, neste ponto, semicircular. Nas zonas facetadas, a secção aproximar-se-á do contorno retangular, se bem que denotando cantos arredondados. As zonas facetadas do aro possuem decoração: pequenos triângulos irregulares, alinhados sensivelmente na horizontal. A mesa, por seu turno, é composta por uma «moldura» trapezoidal, na qual se inscreve uma área projetada, de contorno arredondado ou circular. Dado o grau de degradação em que se encontra, não é claro se os elementos incisos que ostenta são círculos fechados ou se configuram antes algo semelhante a semicírculos abertos.

Dimensões – 25,43 mm (Ø); 11,74 mm (alt. mesa); 12,5 mm (Ø da parte saliente da mesa); 5,12 mm (esp. mesa); 4,29 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O anel foi exumado na sepultura n.º 11[151].

Bibliografia – BATISTA & GASPAR, 2000: 639; est. III, foto 4; AREZES, 2011: 73.

B.2.2 – Brinco anelar (Est. XXXVI.; fig. 187 e 188).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.1.4.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, em razoável/mau estado de conservação. De facto, o contorno original do aro foi significativamente alterado. Atualmente, mostra-se torcido, tendo perdido a configuração aproximadamente circular. E, dado que se encontra elevado nas proximidades do remate, também o apêndice viu a sua posição transformar-se. Na direção oposta à que ostenta o apêndice, o aro denota tendência para o estreitamento

[150] BATISTA & GASPAR, 2000: 639.

[151] BATISTA & GASPAR, 2000: 639.

progressivo. Relativamente ao apêndice, registe-se que apresenta configuração cilíndrica e que é destituído de decoração.

Dimensões – 22,48 mm (Ø aro); 2,90 mm (Ø apêndice); 5,59 mm (alt. apêndice); 1,21 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – À semelhança das contas de vidro, também o brinco anelar, publicado como alfinete de cabelo, foi detetado na sepultura n.º 19. Encontrava-se posicionado sob a calote craniana do esqueleto ali depositado, que se crê pertencer a um indivíduo de sexo feminino[152].

Bibliografia – BATISTA & GASPAR, 2000: 639.

B.2.3 – Conta ou pingente (Est. XXXVI; fig. 189 e 190).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.1.9.

Descrição – Pequena peça de liga de cobre, fundida em molde, em razoável/mau estado de conservação. É possível que conste de uma conta de colar ou, eventualmente, de um pingente. Caso corresponda, efetivamente, a uma conta, trata-se do primeiro exemplar metálico do género a ser observado no âmbito do presente estudo. Possui a forma de um cilindro completo e apresenta molduras ou sulcos sequenciais. Todavia, nem toda a superfície se encontra decorada. De facto, algumas zonas surgem praticamente lisas, não sendo claro de essas áreas correspondiam à superfície que ficava oculta (e daí a ausência de ornatos) ou, em alternativa, se a decoração teria recoberto, originalmente, toda a conta mas acabado, entretanto, por desaparecer. Note-se, finalmente, que a perfuração destinada à passagem do «fio» se encontra obstruída, devido à acumulação de sedimentos.

Dimensões – 16,08 mm (comp.); 5,71 mm (Ø).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Até ao momento, não conseguimos reconhecer nenhum paralelo para o objeto em análise.

Bibliografia –

B.2.4 – Argola (Est. XXXVII; fig. 191 e 192).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.42.7.

Descrição – Quatro fragmentos de argola, presumivelmente fundida em molde e atualmente em razoável/mau estado de conservação. Não é muito claro qual o material em que foi produzida, talvez uma liga de cobre. Também a sua funcionalidade levanta dúvidas. Não sendo certo que tenha sido utilizada como brinco ou anel, coloca-se a possibilidade de ter funcionado como elemento de sustentação ou de ligação com outra peça.

Dimensões – 11,78 mm (Ø); 2,14 mm (esp.).

[152] BATISTA & GASPAR, 2000: 639.

Observações – Os fragmentos metálicos que compõem a argola, razoavelmente idênticos a um pequeno objeto recuperado no túmulo 34 da necrópole de Segobriga[153], foram recolhidos na sepultura 4.

Bibliografia – BATISTA & GASPAR, 2000: 639.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – Pedra de anel (Est. XXXVII; fig. 193 e 194).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.1.2.

Descrição – Pedra de anel negra, de contorno redondo, bem definido. Trata-se de um elemento muito polido, de textura regular, na superfície superior. A da base é, todavia, um pouco menos conseguida, até porque, sendo direcionada para o engaste, não haveria necessidade de investir numa melhor preparação. Não é claro em que matéria-prima foi produzida, mas não parece ser vidro, antes um mineral.

Dimensões – 12,72 mm (Ø); 6,08 mm (alt.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Segundo ficha de inventário consultada, esta pequena pedra de anel foi recolhida nos solos depositados no exterior da sepultura n.º 15.

Bibliografia –

D.1.2 – Conta de colar (Est. XXXVII; fig. 195 e 196).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.1.8.

Descrição – Conta de colar de vidro. Apresenta configuração circular e cor azul, um pouco escura. O estado de conservação é razoável, apesar da ocorrência de zonas esbotenadas e ainda de uma ligeira perfuração, patente numa das superfícies. Ainda são percetíveis restos de solo agregados ao corpo da conta.

Dimensões – 13,49 mm (Ø); 5,53 mm (Ø interior).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com a ficha de inventário, foi detetada na sepultura n.º 19.

Bibliografia –

D.1.3 – Conta de colar (Est. XXXVII; fig. 197 e 198).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.1.10.

Descrição – Conta de vidro, oculada e inteira. Apresenta-se ligeiramente esbotenada. Não obstante, o estado de conservação é razoavelmente bom. O azul é a cor de fundo, oscilando a tonalidade da decoração entre o branco leitoso e o cinzento claro.

Dimensões – 7,50 mm (Ø); 2,78 mm (Ø interior); 7,61 mm (alt.).

[153] ALMAGRO BASCH, 1975: 32, fig. 11, n.º 7.

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Uma vez mais, foi através da ficha de inventário que se revelou possível determinar o local de origem desta conta, o qual remete para a sepultura n.º 12.

Bibliografia –

D.1.4 – Conta de colar (Est. XXXVIII; fig. 199 e 200).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.1.11.

Descrição – Conta de colar inteira e razoavelmente conservada, produzida em vidro branco ou, eventualmente, num outro tipo de material, revestido com uma espécie de esmalte. Possui dimensão mínima e contorno circular, sendo provida de ligeira protuberância em cada uma das superfícies, em zona coincidente com o término da perfuração.

Dimensões – 4,73 mm (Ø); 0,36 mm (Ø interior).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com ficha de inventário, procede da sepultura n.º 19.

Bibliografia –

D.1.5 – Contas de colar (Est. XXXVIII; fig. 201 a 206).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.21.7.

Descrição – Pequeno conjunto de contas de colar de âmbar em estado de conservação razoável/mau, reunidas sob a mesma referência de inventário. Uma delas apresenta contorno aproximadamente cilíndrico, se bem que algo irregular. A perfuração destinada à passagem do fio encontra-se atualmente tapada, devido à acumulação de sedimentos. Uma segunda conta apresenta-se quebrada em duas partes, uma das quais esbotenada. De qualquer modo, é evidente que as superfícies seriam facetadas. A terceira conta, completa, possui superfícies aplanadas e muito regulares, quase que alisadas. A secção, por seu turno, é oblonga e algo irregular, e a perfuração está parcialmente obstruída por sedimentos aglomerados. Os restantes fragmentos de âmbar, dado o seu tamanho diminuto e o facto de se mostrarem destituídos de qualquer especificidade relevante, não acrescentam informação útil à descrição do conjunto.

Dimensões – 7,86 mm (Ø da 1ª); 7,92 mm (alt.); 5,25 mm (Ø da 2ª); 8,40 mm (alt.); 6,77 mm (Ø da 3ª); 6,85 mm (alt.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Em conformidade com a ficha de inventário, este conjunto de fragmentos de contas de âmbar foi recolhido na sepultura n.º 19. Dado que, no artigo publicado acerca da necrópole, é fornecida a indicação do achado de trinta e duas «[…] pequenas contas de vidro pentagonais num tom vermelho fogo […]», que se encontravam *in situ*, rodeando o pescoço da criança inumada[154], assumimos que a referência se

[154] BATISTA & GASPAR 2000: 639.

reporta às contas de âmbar analisadas e ao conjunto cuja apresentação se segue (n.º de inv. 09.FSN.012.42.7).

Bibliografia – BATISTA & GASPAR 2000: 639.

D.1.6 – Contas de colar (Est. XXXIX; fig. 207 a 214).

N.º de Inv. – 09.FSN.012.42.7.

Descrição – Conjunto constituído por escassas contas de colar de âmbar inteiras e por numerosos fragmentos, provenientes de elementos congéneres, mas deteriorados e fracionados. O estado de conservação geral oscila entre o razoável e o mau. Uma das contas, bastante danificada e quebrada em duas parcelas, poderia ter possuído contorno cilíndrico. No entanto, o grau de segmentação não nos permite afirmá-lo de modo peremptório. Uma segunda conta, melhor conservada, denota secção aproximadamente triangular ou sub-triangular. As faces mostram-se ligeiramente facetadas e a perfuração destinada à passagem do fio está obstruída pela acumulação de sedimentos. A terceira conta completa exibe superfícies consideravelmente regulares e facetadas, exceção feita a um dos lados, ligeiramente côncavo. Finalmente, a quarta conta mostra-se mais irregular que a anterior e também em pior estado de conservação. Os lados apresentam-se facetados, mas corroídos e, em paralelo, uma das extremidades, junto da perfuração, revela tonalidade algo escurecida, colocando-se a hipótese de ter sido exposta ao fogo.

Dimensões – 4,94 mm (Ø da 1ª); 7,83 mm (alt.); 8,53 mm (Ø da 2ª); 9,32 mm (alt.); 8,84 mm (Ø da 3ª); 10,18 mm (alt.); 8,05 mm (Ø da 4ª); 9,77 mm (alt.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – À semelhança do conjunto de contas de âmbar anteriormente analisado, também este foi recolhido na sepultura n.º 19.

Bibliografia – BATISTA & GASPAR, 2000: 639.

Sítio: Talaíde

(Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Local de depósito: M.C.C.G. (Cascais).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. XL; fig. 215 e 216).

N.º de Inv. – TA.10.75.

Descrição – Objeto de ferro, incompleto, de tendência retangular, muito embora denotando ligeiro estreitamento na zona central do aro, quer na parte superior, quer na

inferior. O aro apresenta-se também ligeiramente fragmentado e desencontrado, em determinados pontos da superfície. Não conserva o fuzilhão, apenas o gancho, concrecionado e «soldado» ao aro, que possui secção retangular.

Dimensões – 41,63 mm (Ø); 5,94 mm (larg. aro); 5,73 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – No presente catálogo, a fivela surge integrada no campo referente aos adereços de vestuário. Registe-se, no entanto, que a sua tipologia poderia perfeitamente coadunar-se com objetos destinados à cavalaria, como os documentados para o *Castellum* de Sant Julià de Ramis, na província de Girona[155].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

B.1.2 – Fivela (Est. XL; fig. 217 e 218).

N.º de Inv. – TA.11.75.

Descrição – Fivela de ferro com aro de configuração elipsoidal, em bom estado de conservação, consolidada. Preserva o fuzilhão, de contorno irregular, estreitando sensivelmente na zona central e voltando a alargar depois, até à extremidade, recurva. A secção é retangular.

Dimensões – 43,50 mm (Ø); 6,24 mm (larg. do aro); 4 mm (esp. do aro); 51,03 mm (comp. do fuzilhão); 4,26 mm (esp. do fuzilhão).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com ficha de inventário do M.C.C.G., a fivela em análise seria de cinto, devido à posição em que se encontrava quando foi detetada. Por outro lado, os autores da intervenção consideram a possibilidade de esta peça, exumada da sepultura 28, ter sido usada para fixar calçado, sapato ou bota[156]. Note-se, todavia, que à semelhança do que se verifica com a anteriormente descrita (TA.10.75), a tipologia que apresenta poderá encontrar-se mais em conformidade com a de objetos vocacionados para a cavalaria, como os publicados para o Castro de Puig Rom[157].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 329, fig. 11, n.º 5.

B.1.3 – Fivela (Est. XLI; fig. 219 e 220).

N.º de Inv. – TA.15.75.

Descrição – Fivela de bronze, fundida em molde, com aro ovalado, em bom estado de conservação. Apresenta uma leve depressão na zona superior do aro, para apoio do fuzilhão. Este, por seu turno produzido em cobre, encontra-se fragmentado na ponta, que coincide

[155] GARCÍA JIMÉNEZ & VIVÓ I CODINA, 2003: 184, fig. 11, n.º 4.

[156] CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 329.

[157] GARCÍA JIMÉNEZ & VIVÓ I CODINA, 2003: 184, fig. 11, n.º 3.

com a parte mais degradada da peça. Engata no aro através de um gancho recurvo, que se movimenta no eixo da charneira, ponto onde a espessura é mais reduzida.

Dimensões – 27,49 mm (Ø); 26,45 mm (comp. fuzilhão); 5,36 mm (esp. aro).

Cronologia – Século VI.

Observações – Procede da sepultura 8, tendo sido encontrada em associação com duas facas de ferro e um aplique zoomórfico, com figuração de um elefante[158].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; 412, fig. 5, n.º 4; 413; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 324-325; 327, fig. 10, n.º 4; 329, fig. 11, n.º 4; 333, fig. 14, n.º 14; 336; AREZES, 2011: 111; 245-246.

B.1.4 – Fivela (Est. XLI; fig. 221 e 222).

N.º de Inv. – TA.28.75.

Descrição – Adereço de bronze, fundido em molde, de configuração reniforme, em estado de conservação razoável a bom. Não obstante, são visíveis manchas na superfície frontal, a par de alguns sinais de corrosão no verso, e os suportes do eixo da charneira encontram-se fragmentados. Originalmente, a fivela devia articular-se com uma placa de cinturão liriforme. Atualmente surge isolada e, além do mais, destituída de fuzilhão. A superfície frontal ostenta decoração, a qual, ladeada por uma moldura em relevo, se inscreve numa zona rebaixada. Constam os ornatos de círculos incisos com um elemento puncionado no interior de cada um deles.

Dimensões – 45,51 mm (Ø); 8,28 mm (larg.); 3,98 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VII-VIII.

Observações – A fivela procede da sepultura 14, à superfície da qual foi detetada a foice e, eventualmente, também o aplique com representação de leão[159].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; 412, fig. 5, n.º 13; 413; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 326-327, fig. 10, n.º 11; 329, fig. 11, n.º 3; 333, fig. 14, n.º 1; AREZES, 2011: 247-248.

B.1.5 – Botão (Est. XLII; fig. 223 e 224).

N.º de Inv. – TA.32.75.

Descrição – Pequena peça de bronze, em bom estado de conservação, apesar de no verso serem observáveis algumas concreções do metal. Fundido em molde, consta de um exemplar cónico e sextavado, cuja superfície frontal, com campo central convexo, definido por um sulco inciso, se apresenta bem alisada e regular.

Dimensões – 13,32 mm (Ø); 5,59 mm (esp.).

Cronologia – Século VI (?).

[158] CARDOSO & CARDOSO, 1995: 412.

[159] CARDOSO *et al.*, 1995: 327.

Observações – Objeto análogo a exemplar sem contexto detetado na necrópole de Duratón[160]. Recolhido na sepultura 4, é potencialmente relacionável com derivações do Tipo E definido por Aurrecoechea Fernández[161].

Bibliografia – CARDOSO *et al.*, 1995: 333, fig. 14, n.º 5; AREZES, 2011: 123-124; 317--318.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Brinco (Est. XLII, fig. 225 e 226).

N.º de Inv. – TA.20.75.

Descrição – Brinco anelar de aro aberto, produzido em liga metálica (latão). Fundido em molde, encontra-se em estado de conservação razoável/mau, evidenciando grande fragilidade e potencial risco de fratura. Uma das extremidades do aro surge parcialmente quebrada, revelando tendência para se apartar do corpo da peça. Por seu turno, na extremidade oposta é observável um apêndice de configuração circular e de eventual função decorativa, ainda em pior estado e igualmente fragmentado.

Dimensões – 35,98 mm (Ø aro); 9,04 mm (comp. do apêndice); 2,80 mm (esp. aro).

Cronologia – Século VI a meados do VII.

Observações – Este objeto de adorno foi exumado na sepultura 12, juntamente com um segundo brinco anelar (n.º inv. TA.21.75), cuja análise se segue, e um bracelete (n.º inv. TA.22.75), todos integrados no presente catálogo. Do mesmo sepulcro procedem três numismas datáveis dos séculos IV-V, cuja ocorrência revela a sobrevivência do óbolo a Caronte[162]. Este brinco é idêntico a exemplares oriundos da necrópole de Carpio de Tajo[163], a um outro detetado no túmulo 277 de Duratón, em associação com uma placa de cinturão rígida[164], e a um dos recolhidos na Horta de João Lopes[165].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; 412, fig. 5, n.º 6; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 326; 333, fig. 14, n.º 20 A; AREZES, 2011: 126; 355-356.

B.2.2 – Brinco (Est. XLII, fig. 227 e 228).

N.º de Inv. – TA.21.75.

Descrição – Brinco anelar de latão, fundido em molde, com aro aberto e liso. O estado de conservação é razoável/mau, sendo visíveis indícios de corrosão em alguns pontos da superfície. O aro encontra-se ligeiramente quebrado na zona do limite apontado. Já no extremo oposto, o apêndice amovível mostra-se degradado, evidenciando também algum grau de fragmentação.

[160] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXXVI, fig. 1.
[161] AURRECOECHEA FERNÁNDEZ, 1994: 159.
[162] CARDOSO *et al.*, 1995: 322.
[163] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 217.
[164] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXXV, fig. 1.
[165] FIGUEIREDO & LOPES, 2013: 1982, fig. 12.

Dimensões – 37,01 mm (Ø aro); 4,76 mm (Ø apêndice); 2,41 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Peça recolhida na sepultura 12. É semelhante a um brinco proveniente de San Pedro de Alcántara, publicado por A. Flörchinger[166].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; 412, fig. 5, n.º 8; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 326-327, fig. 10, n.º 8; 333, fig. 14, n.º 20 B; AREZES, 2011: 126; 357-358.

B.2.3 – Bracelete (Est. XLIII, fig. 229 e 230).

N.º de Inv. – TA.22.75.

Descrição – Bracelete serpentiforme, de bronze, fundido em molde, em razoável a bom estado de conservação. O aro, liso, remata em cada uma das extremidades sob a forma de cabeça de ofídio, sendo que ambas se encontram providas de apêndices laterais. Por seu turno, as cabeças apresentam vestígios de decoração incisa na superfície exterior.

Dimensões – 68,80 mm (Ø); 7,16 mm (larg. aro); 2,28 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Bracelete recolhido na sepultura 12. Existirá um segundo adorno congénere, procedente da sepultura 4. Todavia, não nos foi possível aceder à peça em causa, pelo que, no catálogo, figura apenas o bracelete que tivemos oportunidade de estudar presencialmente. Ainda a propósito desta peça, registe-se que o facto de ostentar representações de cabeças de ofídios é interpretado como prova da sobrevivência de cultos orientais, consagrados a Ísis e Serápis[167].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; 412, fig. 5, n.º 12; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 327, fig. 10, n.º 10; 333, fig. 14, n.º 17; 334; AREZES, 2011: 124-125; 325-326.

B.2.4 – Brinco (Est. XLIII, fig. 231 e 232).

N.º de Inv. – TA.30.75.

Descrição – Brinco anelar de liga metálica, fundido em molde, em razoável a bom estado de conservação. O aro é aberto e liso enquanto o remate ou apêndice revela configuração paralelepipédica. É precisamente na superfície do remate que surge a decoração: incisões que, lateralmente, se organizam de modo a compor motivos geométricos, enquanto nas zonas superior e inferior se resumem a sulcos dispostos na vertical. No topo são observáveis seis sulcos: o que se localiza no extremo da peça possui espessura diminuta, sendo que o da extremidade oposta marca o arranque do aro.

Dimensões – 37,11 mm (Ø); 7,74 mm (comp. remate); 3,38 mm (esp. aro).

---

[166] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 5, n.º 10.

[167] CARDOSO *et al.*, 1995: 334.

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Primeiro brinco de um par recuperado na sepultura 6[168]; o segundo corresponde a um dos exemplares abaixo descritos (n.º inv. TA.38.75).

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 326-327, fig. 10, n.º 6; AREZES, 2011: 126; 359-360.

B.2.5 – Anel (Est. XLIII, fig. 233 e 234).

N.º de Inv. – TA.34.75.

Descrição – Adorno de bronze, de secção semicircular, em razoável a bom estado de conservação, apesar de, na superfície frontal da mesa, serem observáveis alguns sinais de corrosão. No campo central figura um caracter inciso, *M* (ou *W*). O aro do anel consta de uma espécie de fita, que se sobrepõe sensivelmente na zona oposta à da mesa; a parte inferior apresenta a extremidade aplanada.

Dimensões – 23,03 mm (Ø); 7,09 mm (larg. aro); 2,02 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Na sepultura 91 da necrópole de Duratón, em Segóvia, foi detetado um anel ornado com idêntico caracter inciso[169].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; AREZES, 2011: 121; 307-308.

B.2.6 – Anel (Est. XLIV, fig. 235 e 236).

N.º de Inv. – TA.35.75.

Descrição – Três fragmentos de anel de fita de bronze, de perfil irregular; um deles, aliás, apresenta-se retorcido. Em cada um dos fragmentos são observáveis ornatos geométricos, obtidos através de incisão: triângulos de diminuto tamanho, que se dispõem na horizontal sob a forma de um cordão, junto aos limite exterior e inferior do aro, definindo o campo central, igualmente decorado. Na área central propriamente dita, os motivos constam de linhas incisas oblíquas, que se articulam de forma a perfazer motivos geométricos, de configuração triangular. Entre as referidas linhas ocorrem, aleatoriamente, outros elementos geométricos. Genericamente, pode afirmar-se que os ornatos surgem mais esbatidos ou rarefeitos nos dois fragmentos de dimensões mais reduzida.

Dimensões – 16,16 mm (Ø); 5,54 mm (larg.); 0,68 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Veja-se, como possível paralelo para os fragmentos do anel em análise, um adorno fragmentado exumado na Abuxarda e incluído no presente catálogo: n.º de inv. 20.826 / 2003.9.18.

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; AREZES, 2011: 309-310.

[168] CARDOSO *et al.*, 1995: 327, fig. 10.

[169] MOLINERO PÉREZ, 1948: 145; lâmina XXVII, fig. 3.

B.2.7 – Brinco (Est. XLIV, fig. 237 e 238).

N.º de Inv. – TA.38.75.

Descrição – Brinco anelar de bronze, fundido em molde, completo, consolidado e em bom estado de conservação. O aro é aberto e liso, sendo um dos extremos apontado. Na extremidade oposta figura o remate, de configuração paralelepipédica, ostentando decoração. Nas zonas laterais, as incisões perfazem motivos triangulares. Já na parte superior são observáveis outros sulcos, também incisos, dispostos na vertical e paralelos entre si. Por seu turno, na parte interior do brinco, figuram mais motivos incisos, que se organizam de modo similar.

Dimensões – 37,31 mm (Ø); 9,62 mm (comp. remate); 3,59 mm (larg. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O apêndice do exemplar em análise é consideravelmente análogo ao apresentado pelo par de brincos anelares recuperados na sepultura 6 de Duratón, onde figuravam em associação com uma fivela ovalada provida de fuzilhão escutiforme[170].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 326-327, fig. 10, n.º 6; AREZES, 2011: 126; 361-362.

B.2.8 – Brinco (Est. XLIV, fig. 239 e 240).

N.º de Inv. – TA.39.75.

Descrição – Brinco anelar de bronze, em bom estado de conservação. O aro é simples, aberto e liso, de secção circular e configuração ligeiramente irregular. Uma das extremidades, fragmentada, encontra-se dobrada para o interior. Na extremidade oposta avulta um remate paralelepipédico facetado, em cujas superfícies são observáveis sulcos incisos verticais. A exceção radica na parte interior, em que surge um único sulco, horizontal e colocado em posição central, cruzado por três outros, verticais.

Dimensões – 32,85 mm (Ø); 5,73 mm (comp. apêndice); 2,15 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça foi exumada na sepultura 4[171] e possui paralelos particularmente próximos em dois brincos anelares recolhidos no túmulo 146 da necrópole de Carpio de Tajo[172].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 326; 333, fig. 14, n.º 7; AREZES, 2011: 126; 363-364.

B.3 – Elementos de utilização quotidiana

B.3.1 – Foice (Est. XLV; fig. 241 e 242).

N.º de Inv. – TA.7.75.

[170] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXV, fig. 1.

[171] CARDOSO *et al.*, 1995: 333, fig. 14, n.º 7.

[172] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 115, fig. 36; 116.

Descrição – Foice de ferro, incompleta, em bom estado, consolidada. Conserva parte do espigão, que se encontra fragmentado. Corresponde à zona de espessura mais significativa, denotando secção retangular ou sub-retangular. A lâmina, mais fina e provida de gume liso, apresenta perfil bastante regular. A extremidade oposta à do espigão encontra-se em falta.

Dimensões – 29,51 mm (larg. lâmina); 6 mm (esp. lâmina); 6,80 mm (esp. espigão).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – A lâmina de foice, na qual os autores reconhecem paralelos com objetos documentados para o período de ocupação romana de *Conimbriga*, foi detetada entre duas das lajes que constituíam a sepultura 14, daí que coloquem a hipótese de ter sido usada no corte de vegetação no espaço cemiterial[173]. Pela nossa parte, chamamos a atenção para a ocorrência de lâminas congéneres à analisada em sítios de *habitat* altimediévicos, caso de La Vega, na região de Madrid[174].

Bibliografia – CARDOSO & CARDOSO, 1995: 409-410; 412, fig. 5, n.º 14; CARDOSO *et al.*, 1995: 322; 323, fig. 8; 327, fig. 10, n.º 12.

B.3.2 – Prego (?) (Est. XLV; fig. 243 e 244).

N.º de Inv. – TA.12.75.

Descrição – Fragmento de objeto de ferro de pequena dimensão, praticamente não diagnóstico. Poderá, efetivamente, constar de parte de um prego ou, em alternativa, de um fuzilhão, similar ao que constitui parte de TA.11.75. A secção é aproximadamente quadrangular.

Dimensões – 25,82 mm (comp.); 4,71 mm (larg.); 4,35 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – A ficha de inventário do M.C.C.G. classifica o fragmento como prego ou extremidade distal de prego, possivelmente de caixão. Sem indicação concreta do contexto de origem, colocamos a hipótese de os dois objetos congéneres integrados no catálogo (TA.12.75 e TA.13.75) poderem ter sido exumados nas sepulturas 22 ou 28, as únicas indicadas na bibliografia[175] como tendo proporcionado tal tipo de recolha.

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 409; CARDOSO *et al.*, 1995: 320.

B.3.3 – Prego (?) (Est. XLV; fig. 245 e 246).

N.º de Inv. – TA.13.75.

Descrição – Objeto de ferro consolidado, possível prego, com secção quadrangular na zona fragmentada. A extremidade oposta mostra-se, por seu turno, circular e apontada.

[173] CARDOSO & CARDOSO, 1995: 409-410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

[174] ALFARO ARREGUI & MARTÍN BAÑÓN, 2006: 415-416.

[175] CARDOSO & CARDOSO, 1995: 409; CARDOSO *et al.*, 1995: 320.

Dimensões – 43,96 mm (comp.); 4,42 mm (larg.); 4,16 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações –

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 409; CARDOSO *et al.*, 1995: 320.

B.4 – Armamento militar ou cinegético

B.4.1 – Lâmina de faca (Est. XLVI; fig. 247 e 248).

N.º de Inv. – TA.8.75.

Descrição – Objeto de ferro de perfil regular, consolidado e em bom estado de conservação, apesar de ligeiramente quebrado nas extremidades. Possui um espigão destinado ao encabamento e protuberâncias em relevo, patentes sobretudo na parte que identificámos como correspondente ao verso.

Dimensões – 117,70 mm (comp.); 17,77 mm (larg.); 6,19 mm (esp.).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – A lâmina da faca em análise, a par de um segundo objeto idêntico (TA.9.75), constituíam parte do espólio depositado na sepultura 8, definida como uma estrutura de tipo «caixa»[176]. As duas lâminas surgiam dispostas em posição inversa, associadas a uma fivela e a um aplique com figuração de elefante[177].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 412, fig. 5, n.º 1; 413; CARDOSO *et al.*, 1995: 321-322; 324-325, fig. 9; 327, fig. 10, n.º 2.

B.4.2 – Lâmina de faca (Est. XLVI; fig. 249 e 250).

N.º de Inv. – TA.9.75.

Descrição – Objeto de ferro consolidado, em bom estado; não obstante, conserva apenas parte do espigão de encabamento. A lâmina apresenta perfil irregular, com zona inferior de tendência descendente; já a superior, denota alinhamento mais linear.

À semelhança do exemplar anteriormente analisado (TA.8.75), também este possui algumas protuberâncias em relevo.

Dimensões – 119,03 mm (comp.); 18,42 mm (larg.); 5,50 mm (esp.).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Segundo interpretação dos responsáveis pela escavação, as duas lâminas de ferro estariam guardadas numa aljava[178].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 71; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 412, fig. 5, n.º 2; 413; CARDOSO *et al.*, 1995: 321-322; 324-325, fig. 9; 327, fig. 10, n.º 1.

---

[176] CARDOSO & CARDOSO, 1995: 408.

[177] CARDOSO, 1995: 412; CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

[178] CARDOSO *et al.*, 1995: 324.

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1. – Aplique (Est. XLVII; fig. 251 e 252).

N.º de Inv. – TA.14.75.

Descrição – Fina chapa metálica recortada, representando um zoomorfo, em concreto, um elefante. O campo superior da peça, bastante frágil, encontra-se em razoável estado de conservação. Já o inferior apresenta-se mais degradado, com zonas escamadas e outras escurecidas. Parte da tromba surge fragmentada e, em paralelo, falta um rebite. A decoração, profusa, fez-se com recurso a punção, com insistência nas incisões e pontilhado. Na tromba é visível um sulco, sensivelmente paralelo aos limites superior e inferior. Acima do sulco e, prosseguindo até ao extremo distal, ocorrem triângulos sequenciais, cada vez mais estilizados, até se converterem quase em pontos. O tronco, modulado, ostenta uma linha incisa, que delimita a superfície ornamental. No campo central observam-se três motivos amendoados dispostos na horizontal e um oblíquo, marcando a tendência descendente, na direção da pata conservada.

Dimensões – 30,44 mm (comp.); 13,3 mm (larg.); 3,32 mm (esp.).

Cronologia – Século VI, com possibilidade de atingir o VII.

Observações – Aplique exumado na sepultura 8. Coloca-se a possibilidade de ter ornamentado a aljava onde eram guardadas as facas (n. º de inv. TA.8.75 e TA.9.75, respetivamente) recolhidas no mesmo sepulcro. As análises químicas efetuadas à peça revelaram a presença de elevado teor de zinco e uma alta concentração de chumbo[179], elementos que favorecem a ductilidade do metal e, consequentemente, uma melhor aplicação das técnicas de ornamentação. Acrescente-se ainda que este pequeno elefante tem fortes afinidades com um outro aplique, um cervídeo, recuperado no túmulo 29 da necrópole de Herrera de Pisuerga, em Palencia, onde surgia associado a uma placa de cinturão de tipo rígido[180].

Bibliografia – CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; 412, fig. 5, n.º 5; 413; CARDOSO *et al.*, 1995: 324-325, fig. 9; 326-327, fig. 10, n.º 5; 329, fig. 11, n.º 2; 333, fig. 14, n.º 15; 336.

B.5.2. – Aplique (Est. XLVII; fig. 253 e 254).

N.º de Inv. – TA.17.15.

Descrição – Chapa metálica recortada, de latão, representando um zoomorfo, um suposto leão, em bom estado de conservação. Não obstante, apresenta-se fragmentada e ligeiramente incompleta, com ausência de parte da cabeça e de cada uma das patas. Na superfície frontal é observável decoração incisa. Dois sulcos, um patente na parte superior e um outro, na zona inferior do corpo, delimitam o campo central, onde é visível uma linha oblíqua, obtida a partir de uma sequência de motivos puncionados, da qual irradiam semicírculos alinhados e paralelos entre si. Na área correspondente ao dorso, são percetíveis três triângulos

[179] CARDOSO *et al.*, 1995: 336.

[180] MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1933: lâm. XL.

alinhados e colocados na vertical, igualmente incisos. Entre estes e a pequena perfuração, ocorrem novos elementos: uma linha oblíqua, a par de motivos de configuração semicircular.

Dimensões – 16,25 mm (comp.); 30,39 mm (larg.); 1,29 mm (esp.).

Cronologia – Século VI, com possibilidade de atingir o VII.

Observações – Objeto recuperado à superfície, presumivelmente da sepultura 14, caraterizada como estrutura de tipo «caixa»[181]. Trata-se do único artefacto recolhido na necrópole de Talaíde em cuja composição foi possível identificar a ocorrência de ouro; em paralelo, o latão utilizado na produção pauta-se por uma importante concentração de chumbo. Opção recorrente, a esta particularidade se ficava a dever não só a obtenção de adornos de tonalidade dourada como, por outro lado, maior facilidade ao trabalhar o metal[182]. Note-se ainda que, tal como a peça anteriormente analisada, este aplique possui incontornáveis pontos de contacto com um objeto (javali?), detetado na necrópole de Herrera de Pisuerga, desta feita, no sepulcro 7, onde se encontrava igualmente depositada uma fíbula de bronze[183].

Bibliografia – CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 327, fig. 10, n.º 14; 333, fig. 14, n.º 21; 337; AREZES, 2011: 122; 313-314.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – Contas de colar (Est. XLVIII; fig. 255 e 256).

N.º de Inv. – TA.40.75.

Descrição – Quatro contas de vidro, de cor azul forte, três das quais apresentam configuração aproximadamente fusiforme ou bicónica. As duas maiores do conjunto denotam ter sido facetadas, circunstância que lhes confere contorno ou secção prismática. Por outro lado, uma dessas contas de dimensão mais avultada parece revelar leve pigmentação, de tonalidade dourada. A terceira conta, ligeiramente mais pequena que as precedentes, terá igualmente sido facetada. Já a quarta e última possui forma de gota e formato mais arredondado. É mais clara, aliás quase translúcida, na zona de diâmetro mais reduzido, coincidente com uma das extremidades. Todas se encontram perfuradas, de modo a permitir a passagem do fio.

Dimensões – 1ª: 20,19 mm; 2ª: 19,83 mm; 3ª: 18,87 mm; 4ª: 10,56 mm (comp.); 1ª: 7,91 mm; 2ª: 7,44 mm; 3ª: 6,59 mm; 4ª: 5,44 mm (larg.); 1ª 1,11 mm; 2ª: 1,29 mm; 3ª: 1,06 mm; 4ª: 1,88 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O conjunto das contas de colar recolhidas e que abarcam quer os exemplares de vidro, quer os de âmbar, cuja análise se segue, foi integralmente exumado na

[181] CARDOSO & CARDOSO, 1995: 408; CARDOSO *et al.*, 1995: 327.

[182] CARDOSO *et al.*, 1995: 337.

[183] MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1933: 16-17; lâm. XXIII.

sepultura 2[184]. Relativamente às de vidro, apontamos como paralelo os elementos constituintes de um colar oriundo de Tinto Juan de la Cruz, Pinto, Madrid[185].

Bibliografia – CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

D.1.2. – Contas de colar (Est. XLVIII; fig. 257 e 258).

N.º de Inv. – TA.42.75.

Descrição – Conjunto de vinte e uma contas de colar de âmbar, algumas das quais algo danificadas ou quebradas, mas, genericamente, num estado de conservação razoável a bom. Além destas vinte e uma contas, figuram, num saco à parte, mais sete fragmentos de tamanho diminuto que poderiam, originalmente, ter composto um outro elemento congénere, produzido no mesmo material. O conjunto, bastante tosco, manifesta clara variabilidade, quer em termos da tonalidade apresentada, quer da configuração. Com efeito, umas são castanhas claras, outras, mais escuras; algumas denotam contorno cilíndrico, outras revelam grande irregularidade e formato quase triangular.

Dimensões – 8,53 mm (Ø da maior das contas); 3,92 mm (larg. da mais grossa); 2,52 mm (esp. média).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – As contas de âmbar procedem da sepultura 2[186].

Bibliografia – CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

Sítio: Casais Velhos

(Freg. União das freguesias de Cascais e Estoril; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Local de depósito: M.C.C.G. (Cascais).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Tigela (Est. XLIX, fig. 259 e 260).

N.º de Inv. – CV.611.45.

Descrição – Tigela com bordo largo, parcialmente fragmentado. Muito esvasado, apresenta estrias horizontais e paralelas entre si na parede exterior. Na zona inferior e antecedendo o arranque da pança, menos pronunciada mas ainda assim ligeiramente bojuda, figura um sulco reentrante, que acompanha toda a extensão da peça. As superfícies são pouco regulares e possuem textura áspera, mais evidente na parede interior e no fundo, plano. Na exterior, por seu turno, são observáveis ténues vestígios de alisamento. Outra

[184] CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

[185] MORÍN DE PABLOS *et al.*, 2006: 67.

[186] CARDOSO & CARDOSO, 1995: 410; CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

possibilidade é a de ter sido aplicada uma leve aguada ou pintura incipiente como solução de acabamento. A decoração resume-se a um motivo inciso ondulante, disposto na oblíqua, na zona inferior à parte reentrante. Não é claro se a peça terá sido feita ao torno ou manualmente. De qualquer modo, são observáveis dedadas na parede interior.

Produto de cozedura oxidante, apresenta tonalidade alaranjada[187]. A pasta é porosa e inclui desengordurante abundante, designadamente, mica e quartzo.

Dimensões – 154,56 mm (Ø boca); 123,39 mm (Ø bojo); 97,15 mm (Ø fundo); 8,67 mm (esp. do lábio).

Cronologia – Inícios do século VII à primeira metade do VIII.

Observações – Fausto Figueiredo e Afonso do Paço mencionam, entre o espólio funerário recolhido, a existência de «[…] un cuenco de fondo plano […]»[188]. É possível que se refiram a esta tigela.

A cronologia por nós proposta, entre os inícios do século VII e a primeira metade do VIII, tem em atenção a evolução dos tipos de tigelas ou taças carenadas proposta por Vigil-Escalera Girado[189], e concorda com as datações de outros materiais da necrópole.

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 311.

A.2 – Bilha (Est. XLIX, fig. 261 e 262).

N.º de Inv. – CV.612.45.

Descrição – Recipiente de contenção de líquidos, aproximado à forma 15, variante A, da tipologia definida por A. Flörchinger[190], muito embora a configuração piriforme não se mostre tão pronunciada como a desse tipo. Produzido a torno, apresenta bocal esvasado, de contorno circular e lábio arredondado. O colo é alto, com moldura saliente, no prolongamento da qual arranca a asa de fita. Esta revela-se assimétrica, com disposição oblíqua. Na base, que se apoia no bojo, ostenta uma impressão digitada. A superfície é pouco regular e ligeiramente áspera, encontrando-se decorada na metade superior do bojo, fundamentalmente acima do limite inferior da asa. Os ornatos constam de duas bandas incisas paralelas, sendo que, no campo compreendido entre ambas, figura uma sequência de motivos ondulantes e algo irregulares, que, por vezes, se sobrepõem ao sulco patente na zona inferior, sensivelmente coincidente com a parte média do bojo. O fundo é plano, de textura irregular.

Produto de cozedura oxidante, a pasta apresenta coloração avermelhada[191], exceção feita ao cerne que, observável na zona fragmentada do lábio, denota uma tonalidade castanha clara. É visível algum desengordurante não plástico, mica e quartzo, mormente de pequeno calibre.

[187] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/6.
[188] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 311.
[189] VIGIL-ESCALERA GIRADO, 2006: 731: fig. 3.
[190] FLÖRCHINGER, 1998: 19.
[191] MUNSELL, 1975: 10 R 5/6.

Dimensões – 172,09 mm (alt.); 56,28 mm (Ø boca); 45,84 mm (Ø colo); 104,78 mm (Ø bojo); 72,20 mm (Ø fundo); 7,85 mm (esp. lábio); 15,97 mm (esp. asa).

Cronologia – Segunda metade do século VI a finais do século VII.

Observações – A bilha, tipologicamente idêntica à do Mosteiro de San Claudio, em Leão[192], foi exumada da zona nascente de um sepulcro, em presumível associação com três crânios. Na área oposta, encontrava-se depositado um quarto crânio, duas lanças de ferro (n.º de inv. CV.698.45 e CV.699.45) e uma lucerna, que não tivemos oportunidade de analisar. Além dos artefactos elencados, foram ainda detetados outros vestígios osteológicos, dispostos sem qualquer ordem aparente[193]. As informações fornecidas pelos autores permitem aferir, de modo inequívoco, que a sepultura que proporcionou a identificação de tal conjunto foi sistematicamente reutilizada.

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1987: 4; CARDOSO, 1991: 50, fig. 21; AREZES, 2015a: 236-241.

A.3 – Jarro (Est. XLIX, fig. 263 e 264).

N.º de Inv. – CV.627.45.

Descrição – Jarro correspondente à forma 10, variante B, da tipologia definida por A. Flörchinger[194]. Produzido a torno, possui bocal trilobado, ligeiramente fragmentado na área adjacente ao bico vertedor. O lábio remanescente é esvasado e arredondado. A asa, de fita, com ligeira depressão longitudinal, arranca do bordo e prolonga-se sensivelmente até ao campo central do bojo, que coincide com a zona de maior diâmetro da peça, onde termina ostentando uma impressão digitada. Parte significativa da superfície do jarro exibe acumulação de fuligem. É possível que tal se relacione com o processo de cozedura e não com uma utilização exposta ao fogo, visto que a coloração enegrecida se encontra também patente na parte interior do vaso e os vestígios patentes no fundo plano da peça são residuais. Sobrepondo-se à coloração negra, é observável, nalguns pontos, uma película acastanhada, que deverá resultar das condições específicas da jazida e da acumulação de sedimentos. A textura é pouco regular e, em determinadas faixas, até rugosa.

A pasta apresenta tonalidade avermelhada[195], configurando produto de cozedura oxidante. Inclui elementos não plásticos, designadamente, mica e quartzo, fundamentalmente de calibre reduzido a mediano.

Dimensões – 154,51 mm (alt.); 75,99 mm (Ø boca); 67,07 mm (Ø colo); 115,09 mm (Ø bojo); 77,09 mm (Ø fundo); 7,80 mm (esp. lábio); 13,90 mm (esp. asa).

Cronologia – Segunda metade do século VI a finais do VII/inícios do VIII.

---

[192] MORÍN DE PABLOS, 2006: 210-211, fig. 82.

[193] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310.

[194] FLÖRCHINGER, 1998: 15.

[195] MUNSELL, 1975: 10 R 4/6.

Observações – Fausto Figueiredo e Afonso do Paço mencionam, entre o espólio funerário recolhido no sítio de Casais Velhos, a ocorrência de «[…] otra vasija sin adorno idéntica a la arriba citada […]»[196], peça que deverá corresponder ao jarro em análise.

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 311; AREZES, 2015a: 236-241.

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1. – Fivela (Est. L; fig. 265 e 266).

N.º de Inv. – CV.696.

Descrição – Fivela de bronze, fundida em molde, de tipologia reniforme, incompleta, mas em razoável estado de conservação. Na superfície frontal as áreas mais degradadas coincidem com o espaço ocupado pelos apêndices que sustentariam o eixo da charneira e que se encontram quebrados. Também o verso revela alguns vestígios de concreções. No topo da superfície frontal é possível observar a depressão ou leve concavidade onde se apoiava a agulha do fuzilhão, atualmente ausente. Originalmente deveria articular-se com uma placa de cinturão liriforme, a qual, todavia, não figura no acervo do Museu.

Dimensões – 28,88 mm x 39,96 mm (Ø); 4,28 mm (esp.).

Cronologia – Finais do século VI/inícios do VII aos alvores do século VIII.

Observações – São abundantes os paralelos passíveis de ser apontados para esta peça. Destacamos, para o território nacional, a fivela articulada com a placa de cinturão de S. Caetano, em Chaves[197] e, para a Meseta, a fivela recuperada no sepulcro 248 de Duratón, onde surgiu em associação com um jarro cerâmico[198]. Nesta necrópole, a ocorrência deste tipo de fivela, para mais em articulação com um vaso cerâmico destinado à contenção de líquidos, configura uma situação ímpar e reveladora de uma cronologia mais tardia que a da generalidade dos enterramentos que comporta.

Bibliografia – AREZES, 2011: 215-216.

B.1.2. – Apliques de cinturão (Est. L; fig. 267 a 270).

N.º de Inv. – CV.775.

Descrição – Conjunto composto por cinco apliques de cinturão escutiformes e alguns fragmentos metálicos de dimensão diminuta, que poderão proceder de peças congéneres ou mesmo de um dos apliques que se apresentam quebrados. No entanto, não se revelou possível concretizar qualquer «colagem». Os apliques constam de elementos finos e frágeis, produzidos em liga de cobre, em mau estado de conservação e com sinais de corrosão ativa.

Dimensões – 1º: 23,40 mm; 2º: 22,64 mm; 3º: 15,39 mm; 4º: 24,54 mm; 5º: 18,10 mm (comp. de cada um dos cinco apliques completos); 1º: 12,77 mm; 2º: 12,92 mm; 3º: 8,26

[196] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 311.

[197] CARDOZO, 1942: 253, fig. 6.

[198] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXXIV, fig. 3.

mm; 4º: 12,20 mm; 5º: 11,95 mm (larg.); 1º: 1,57 mm; 2º: 1,45 mm; 3º: 1,13 mm; 4º: 1,87 mm; 5º: 1,91 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V a finais do VI/alvores do VII.

Observações – É possível que Fausto Figueiredo e Afonso do Paço estejam a referir-se aos apliques de cinturão quando aludem à recolha de «[…] diversos fragmentos de botones […]»[199], até pelo facto de parte dos elementos em causa de encontrarem, efetivamente, quebrados.

A cronologia proposta coincide com a datação estabelecida para as fivelas de aro ovalado e fuzilhão escutiforme.

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310 (?).

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (Est. LI, fig. 271 e 272).

N.º de Inv. – CV.694.45.

Descrição – Anel filiforme, de liga de cobre, em estado de grande fragilidade. Encontra-se fragmentado numa das pontas do aro. Não é claro se terá possuído ou não decoração. É apenas percetível uma incisão horizontal, muito leve, que percorre todo o contorno da peça, mas não é possível afirmar se o propósito subjacente terá sido o de ornamentá-la. Foi manuseada o menos possível, por forma a evitar exercer pressão, susceptível de provocar algum tipo de dano.

Dimensões – 55 x 44 mm (Ø); 8 mm (larg.); 2 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações –

Bibliografia –

B.2.2 – Brinco anelar (Est. LI, fig. 273 e 274).

N.º de Inv. – CV.692.45.

Descrição – Pequeno brinco anelar de liga de cobre, em razoável estado de conservação, denotando ténues vestígios de incisões paralelas no aro, o qual, não obstante, apresenta grande parte da superfície lisa e destituída de qualquer tipo de ornamentação. A secção é circular. Possui, numa das extremidades, um apêndice poliédrico e facetado, por seu turno de secção quadrangular, muito embora revelando ligeiro desbaste e arredondamento dos ângulos. Em cada uma das faces laterais figura um número variável de três ou quatro elementos puncionados. A extremidade oposta à do apêndice encontra-se atualmente ligeiramente fragmentada e incompleta.

Dimensões – 26,77 mm (Ø brinco); 4,56 mm (Ø apêndice); 2,67 mm (esp. do aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

[199] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310.

Observações – É possível que a menção de Fausto Figueiredo e Afonso do Paço à recolha, numa sepultura feminina, de um «[…] pendiente de bronce circular, abierto y provisto de botón en una extremidad […]»[200] remeta para este brinco.

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1987: 4.

B.2.3 – Brinco anelar (Est. LI, fig. 275 e 276).

N.º de Inv. – CV.693.45.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, em razoável estado de conservação, com aro de contorno regular, de secção circular. Estreita progressivamente, à medida que se aproxima da extremidade oposta àquela onde figura o apêndice geométrico. Este, coincidente com a área mais volumosa da peça, ostenta três caneluras ou molduras ondeadas.

Dimensões – 32,21 mm (Ø brinco); 3,07 mm (Ø apêndice); 2,88 mm (esp. do aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – A referência de Fausto Figueiredo e Afonso do Paço a um segundo brinco, «[…] se recogió además otro pendiente […]»[201], deverá reportar-se a este adorno em particular.

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1987: 4.

B.3 – Elementos de utilização quotidiana

B.3.1 – Agulha (Est. LI; fig. 277 e 278).

N.º de Inv. – CV.690.45.

Descrição – Agulha de liga de cobre, em bom estado de conservação, destituída de decoração, com cabeça espatulada e presença de um orifício circular, destinado à passagem do fio. O corpo da agulha, coincidente com a zona de maior espessura do objeto, apresenta secção aproximadamente cilíndrica.

Dimensões – 110,51 mm (comp.); 5,45 mm (larg. da cabeça); 2,25 mm (esp.); 1,85 mm (Ø orifício).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Fausto Figueiredo e Paço fazem referência específica à recolha da agulha: «[…] Se recogió además otro pendiente, diversos fragmentos de botones, una aguja y una figura […]»[202].

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1987: 4

[200] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310.
[201] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310.
[202] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310.

B.4 – Armamento militar ou cinegético

B.4.1 – Ponta de lança (?) (Est. LII; fig. 279 e 280).

N.º de Inv. – CV.698.45.

Descrição – Conjunto constituído por dois objetos atualmente apartados, mas que, originalmente, deveriam incorporar uma só peça. O primeiro deles refere-se a uma lâmina de ferro de secção aproximadamente ovalada, provida de uma «espinha» dorsal, ou nervura, patente sensivelmente na zona central. Não consta de um elemento maciço. De facto, ao ser observado em perfil, são percetíveis zonas ocas. Que poderá tal facto traduzir? Terá a lâmina sido produzida através da sobreposição de várias camadas de metal? Aparentemente, uma das extremidades da lâmina deveria articular-se com a de menor diâmetro do segundo objeto, oco, de configuração cilíndrica e secção em anel, que nos parece a base da peça, onde encaixaria o cabo de madeira, não conservado.

Dimensões – 260,75 mm (comp. lâmina); 27,39 mm (larg.); 18,42 mm (esp.); 68,66 mm (comp. do segundo elemento); 22,29 mm (Ø); 6,68 mm (esp. da parede).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – As duas lanças de ferro (CV.698.45 e CV.699.45), uma lucerna que não tivemos possibilidade de analisar, e ainda um crânio, figuravam na zona ocidental de um dos sepulcros da necrópole. Trata-se da mesma sepultura que, na área nascente, conservava três crânios, a par da bilha cerâmica (n.º de inv. CV.612.45), conforme descrito por Fausto Figueiredo e Afonso do Paço: «[…] A oriente había un grupo de tres cráneos y una vasija de barro con ligero dibujo ondulado. En la parte opuesta solamente un cráneo, una lucerna e dos lanzas de hierro […]»[203].

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310.

B.4.2 – Lança (?) (Est. LII, fig. 281 e 282).

N.º de Inv. – CV.699.45.

Descrição – Conjunto composto por dois elementos presentemente apartados, mas que, originalmente, deveriam integrar uma peça única. O primeiro deles consta de uma lâmina tipologicamente divergente da previamente observada (CV.698.45), visto ser mais fina e possuir contorno irregular. Contudo e à semelhança da anterior, ostenta igualmente uma espécie de «espinha dorsal» ou nervura, observável em ambas as faces. A espessura, tendencialmente pouco avultada, mostra-se mais considerável numa das extremidades. O segundo elemento constitutivo do conjunto refere-se, supostamente, a parte da base da peça, onde, por um lado, encaixaria a lâmina e, por outro, o cabo de madeira, entretanto desaparecido. E, tal como o elemento congénere anteriormente observado (que integra o primeiro conjunto, sinalizado com o n. de inv. CV.698.45), este possui uma extremidade oca, de paredes mais finas.

[203] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310.

Dimensões – 267,02 mm (comp. lâmina); 18,47 mm (larg.); 10,98 mm (esp.); 66,01 mm (comp. do segundo objeto); 17,44 mm (Ø do mesmo objeto); 4,05 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Ainda que não sejam rigorosamente idênticas, há analogias a registar entre as lanças de Cascais Velhos e duas peças recolhidas na região de San Pelayo, em Alava, no País Basco[204].

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310.

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1. – Aplique (Est. LIII; fig. 283 e 284).

N.º de Inv. – CV.695.45.

Descrição – Chapa metálica de liga de cobre, fina e recortada, de configuração zoomórfica, podendo eventualmente corresponder a um canídeo. A superfície superior apresenta decoração profusa, ausente apenas da zona correspondente ao focinho, que surge em posição subsequente ao primeiro cravo ou rebite, bem como da cauda, de contorno recurvo, e da única pata conservada. No resto do corpo figuram linhas incisas que perfazem, nos seus alinhamentos, caixas quadrangulares preenchidas por triângulos. Além do esquema descrito e que se aplica à maior extensão do corpo do zoomorfo, são observáveis, na área correspondente à cabeça, motivos de configuração triangular de dimensão variável e que se organizam de modo diverso. Já na parte traseira do corpo, subsequente ao segundo cravo, bem como ao longo da pata, os ornatos referem-se a uma conjugação que integra quer motivos de contorno triangular quer outros semelhantes a «meias luas», quer ainda elementos puncionados. Note-se que os dois cravos, apesar de possuírem uma função concreta, assumem também um papel «ornamental», designadamente na parte dianteira do aplique, onde o primeiro dos rebites pretende representar o olho do zoomorfo. Para a parte posterior, esta asserção não é tão clara, muito embora se possa admitir que pudesse estabelecer a separação entre o torso do zoomorfo e a respetiva traseira.

Dimensões – 43,37 mm (comp.); 16,41 mm (larg.); 2,50 mm (esp. do rebite patente na zona distal); 1,13 mm (esp. da chapa propriamente dita).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – É provável que a referência a «[…] una figura de perro, todo en cobre […]»[205] remeta para o aplique em análise, ou então para o aplique seguinte (n.º de inv. CV.776). O facto de não possuirmos qualquer descrição relativa à peça impede-nos de ser mais assertivos na apreciação.

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310-311; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1989: s/ pág.

[204] AZKARATE GARAI-OLAUN, 2004: 407, a-a' e b-b'.

[205] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310-311.

B.5.2 – Aplique (Est. LIII, fig. 285 e 286).

N.º de Inv. – CV.776.

Descrição – Aplique zoomorfo em razoável estado conservação, de pequena dimensão, alusivo a um possível canídeo. A chapa de liga metálica (latão?) em que foi produzido terá sido recortada, de forma a permitir criar o contorno do corpo e a abertura do olho. O aplique encontra-se fragmentado em diversos pontos, nomeadamente na zona correspondente ao focinho e na parte posterior do corpo.

Dimensões – 12,39 mm (comp.); 32,77 mm (larg.); 1,72 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – Em conformidade com o que mencionámos previamente, é possível que a referência a «[…] una figura de perro, todo en cobre […]»[206] pretenda evocar o aplique em análise, ou o anterior.

Bibliografia – FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310-311; CARDOSO & CARDOSO, 1995: 413; CARDOSO *et al.*, 1995: 324; AREZES, 2011: 122; 311-312.

Sítio: Murches

(Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1 – Jarro (Est. LIV, fig. 287 e 288).

N.º de Inv. – 20.794.

Descrição – Vaso trilobado produzido em pasta vermelha acastanhada[207] mas ostentando zonas negras[208], que se supõe decorrentes do processo de cozedura. A pasta é compacta e, aparentemente, bem cozida, com características que a aproximam das produções de Casais Velhos. É percetível, na zona quebrada do bojo, a ocorrência de mica e quartzo, este último residual. A superfície exterior indicia ter sido sujeita a tratamento (muito embora não especialmente cuidado), eventualmente um alisamento. O lábio é arredondado. O bico, por seu turno, aparenta ter sido ligeiramente modelado, através de duas dedadas, uma em cada face e em posição aproximadamente simétrica. A asa, de fita, arranca da boca e prolonga-se sensivelmente até ao bojo. A pança é ligeiramente bojuda e o fundo plano, com textura algo irregular.

[206] FIGUEIREDO & PAÇO, 2007 [1950]: 310-311.

[207] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/4.

[208] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 4/4.

A superfície exterior apresenta uma espécie de película acastanhada. Na face representada, nas proximidade da asa, entre a zona superior e central do bojo, figura uma abertura, disposta sensivelmente na oblíqua (25,62 de extensão por 6,14 mm de largura).

Dimensões – 139,75 mm (alt.); 74,03 mm (Ø boca); 57,29 mm (Ø colo); 116,80 mm (Ø bojo); 71,44 mm (Ø base).

Cronologia – Segunda metade do século VI aos finais do VII/ inícios do VIII.

Observações – Segundo Paula e Oliveira, terá sido detetado sobre a cabeça de uma esqueleto[209].

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1890: 90; lâm. II, fig. 2; PAÇO, 1960: 9; 12, fig. 4, b; CARDOSO, 1991: 38; AREZES, 2015a: 236-241.

Sítio: Alcoitão

(Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1 – Bilha (Est. LIV, fig. 289 e 290).

N.º de Inv. – 2004.241.1.

Descrição – Bilha ou garrafa muito leve, praticamente completa, em estado de conservação regular. Feita a torno, apresenta pasta de tonalidade avermelhada[210] depurada, com inclusão de elementos não plásticos de pequeno calibre. A superfície encontra-se algo desgastada, sendo possível que tenha exibido, originalmente, engobe ou aguada. A asa arrancaria junto ao lábio, prolongando-se sensivelmente até à parte superior do bojo. No entanto, e dado que o recipiente se encontra muito rolado, as zonas de fratura não são muito evidentes. São visíveis duas linhas incisas paralelas na zona de transição entre o bojo e o arranque do colo, ao que se acrescenta a possibilidade de, na zona compreendida entre o arranque da asa e a faixa decorada terem existido outras incisões. No entanto, talvez o facto de serem mais finas tenha determinado o seu quase total desaparecimento. Um leve ressalto marca o arranque do colo propriamente dito, que se prolonga, estreito, alargando apenas muito ligeiramente na aproximação à zona do lábio. O pé é anelar, de base plana, encontrando-se ligeiramente esbotenado.

Dimensões – 175,06 mm (alt.); 41,46 mm (Ø bordo); 33,89 mm (Ø colo); 98,11 mm (Ø bojo, coincidente com o arranque da asa); 48,30 mm (Ø base); 4,71 mm (esp. lábio).

Cronologia – Séculos VI-VII.

[209] OLIVEIRA, 1888-1892: 90.

[210] MUNSELL, 1975: 10 R 5/8.

Observações – Segundo Paula e Oliveira[211], um dos vasos recolhidos na necrópole de Alcoitão encontrava-se depositado junto da cabeça de um esqueleto; o segundo, por seu turno, figurava aos pés de outro indivíduo. Em conformidade com a lâmina apresentada (II, fig. 3), o vaso em análise corresponderá a este último.

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 88; lâm. II, fig. 3; PAÇO, 1960: 9; AREZES, 2015a: 236-241.

B – Materiais metálicos.

B.2. – Adornos do corpo.

B.2.1 – Anel (Est. LV, fig. 291 e 292).

N.º de Inv. – 20.800.

Descrição – Anel de bronze, em razoável a bom estado de conservação, detetado *in situ*, sobre o crânio de um indivíduo inumado[212]. Fundido em molde, possui aro plano convexo, que alarga na aproximação à mesa. Esta apresenta um sulco inciso ao longo de todo o contorno, que assim define uma moldura lisa e estabelece a separação face ao campo decorado. Na zona central figuram cinco *SSS*, obtidos através de incisão e dispostos de modo paralelo entre si. O aro encontra-se igualmente ornamentado, nas zonas adjacentes à mesa, com três linhas incisas, que, conjugadas, adquirem configuração triangular. Cada uma delas culmina num círculo, também inciso, com puncionamento no interior.

Dimensões – 25,35 mm x 23,88 mm (Ø aro); 14,68 mm (Ø mesa); 2,62 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este anel, inicialmente depositado no Museu dos Serviços Geológicos, foi já publicado como originário da necrópole da Abuxarda[213]. Todavia, a primeira referência à peça e, inclusive, a descrição das condições em que foi identificada, é feita a propósito da intervenção levada a cabo nos finais do século XIX em Alcoitão[214], daí que tenhamos optado por manter esta localização. Salientamos, porém, que desconhecemos se estas referências bibliográficas não condizentes decorrerão de alguma circunstância específica que as justifique ou se estaremos perante um problema de interpretação, que redundou numa sucessiva acumulação de erros.

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 88; lâm. III, fig. 7; PEREIRA, 1905: 18; VASCONCELOS, 1913: 586, fig. 304 a; 587; VIANA *et al.*, 1949: 2-3; 7, est. III, nº 1; PAÇO, 1960: 9-10, fig. 3, f; VIANA, 1960: 8; ALMEIDA, 1962: 238; 256; lâm. LXI, fig. 337; PALOL I SALELLAS, 1966: 48, n.º 18; CARDOSO, 1991: 46, fig. 16; ARRUDA, 1994: 234; AREZES, 2011: 66-67; 285-286.

---

[211] OLIVEIRA, 1888-1892: 88.

[212] OLIVEIRA, 1888-1892: 88.

[213] VASCONCELOS, 1913: 586, fig. 304 a; 587; ALMEIDA, 1962: 238; 256; est. LXI, fig. 337; CARDOSO, 1991: 46, fig. 16; ARRUDA, 1994: 234, n.º 288.

[214] OLIVEIRA, 1888-1892: 88.

Sítio: Abuxarda
(Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1 – Bilha (Est. LV, fig. 293 e 294).

N.º de Inv. – 2003.9.22.

Descrição – Recipiente de contenção de líquidos, possível bilha, feita a torno. Apesar de incompleta, fragmentada junto ao colo e já sem bocal, é possível afirmar que, genericamente, se encontra em bom estado de conservação. Mantém o arranque da asa. Na zona superior do bojo, globular e, na zona que medeia entre esta e o arranque do colo, são observáveis elementos decorativos sequenciais, dispostos no sentido vertical ou ligeiramente oblíquo. O fundo é plano, muito embora apresentando ligeira tendência para a convexidade.

A superfície apresenta tonalidade bege ou rosada muito clara[215], aparentando ter sido pintada ou, pelo menos, possuir vestígios de aguada. A pasta é razoavelmente depurada, com inclusão residual de desengordurante não plástico, fundamentalmente, mica e quartzo, de reduzido calibre.

Dimensões – 141,97 mm (alt.); 51,88 mm (Ø colo); 114,30 mm (Ø bojo); 88,15 mm (Ø fundo); 5,78 mm (esp. da parede).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Segundo Paula e Oliveira, as sepulturas da Abuxarda revelaram-se mais ricas que as de Alcoitão, tendo facultado a recolha não só de adornos metálicos, mas também de: «[…] quelques objets de céramique de peu d'intérêt […]»[216].

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; AREZES, 2015a: 236-241.

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Placa de cinturão (Est. LVI; fig. 295 e 296).

N.º de Inv. – 20.804 / 2003.9.1.

Descrição – Placa de cinturão de bronze, fundida em molde, em razoável estado de conservação. Apresenta tipologia rígida simples, lados retos e extremo distal arredondado. A superfície frontal ostenta uma «espinha dorsal» longitudinal, que retira à peça o aspeto aplanado. A separação entre o corpo da placa propriamente dito e zona da fivela, que apresenta contorno retangular, é ditada por um sulco inciso horizontal. Um pouco abaixo do

[215] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 7/6.

[216] OLIVEIRA, 1888-1892: 89.

referido sulco localiza-se a perfuração circular onde encaixa o gancho curvo do fuzilhão, que se mantém completo. Este, de base escutiforme, possui uma agulha curta. O gancho, por seu turno, é percorrido por um sulco irregular, com cerca de 1 mm de espessura. O verso conserva os três apêndices de sujeição, um dos quais figura isolado na parte distal da placa; os restantes dois encontram-se posicionados junto dos limites laterais da peça, de modo paralelo e nas proximidades da perfuração atravessada pelo gancho.

Dimensões – 84,81 mm (comp.); 33,55 mm (larg.); 2,58 mm (esp. placa); 27,99 mm (comp. fuzilhão); 13,33 mm (larg. fuzilhão); 4,76 mm (esp. fuzilhão).

Cronologia – Segunda metade do século VI até cerca do ano 600/640.

Observações – Afonso do Paço integra esta peça no designado «período visigodo» estabelecido por Santa Olalla, acrescentando que se trata de um tipo de objeto de ocorrência frequente em necrópoles da Meseta Castelhana, como Carpio del Tajo e Herrera de Pisuerga[217].

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: lâm. III, fig. 2; MACEDO, 1928: 340; CARDOZO, 1942: 254; PAÇO, 1960: 9-10, fig. 3, c; 14; VIANA, 1960: 8; ALMEIDA, 1962: 243--244; 256; lâm. LXVI, fig. 358 e 359; CARDOSO, 1991: 46, fig.16; INÁCIO, 2005: 81; AREZES, 2011: 66; 99; 141-142; AREZES, no prelo: a.

B.1.2 – Fivela (Est. LVI; fig. 297 e 298).

N.º de Inv. – 20.805 / 2003.9.2.

Descrição – Fivela de bronze, em razoável/mau estado de conservação, fundida em molde, com aro de forma oval e secção elíptica. O fuzilhão, de contorno escutiforme, ostenta na zona superior dois sulcos incisos dispostos na horizontal, deste modo perfazendo caneluras. Possui uma agulha de secção triangular que se adapta ao eixo da charneira, através de um gancho curvo.

Dimensões – 32,93 (Ø aro); 7,92 mm (larg.); 5,46 mm (esp.); 10,20 (Ø gancho do fuzilhão); 34,27 (comp.); 12,3 mm (larg. base); 4,30 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – Quer a fivela em análise, quer a que se segue no catálogo (n.º de inv. 20.806 / 2003.9.3) divergem da imagem associada a uma fivela oval com fuzilhão escutiforme publicada como oriunda da necrópole da Abuxarda por Afonso do Paço[218]. Décadas antes, Paula e Oliveira apresentara-a entre os metais procedentes de Cascais, mas sem especificar o local concreto de recolha[219]. Já nos alvores do século XX, F. Alves Pereira indica a necrópole de Alcoitão como cemitério de origem da peça[220]. Sem poder veicular uma informação segura a este respeito, salientamos o facto de persistirem dados equívocos rela-

[217] PAÇO, 1960: 14.

[218] PAÇO, 1960: 9-10, fig. 3, a; 14, 1.ª.

[219] OLIVEIRA, 1888-1892: lâmina III, fig. 1.

[220] PEREIRA, 1908: 205, fig. 3.

tivamente a determinados materiais. Em paralelo e, no caso dos elementos atribuídos à Abuxarda, acrescentamos que não foi possível identificar todos os objetos mencionados na bibliografia ou mesmo no inventário manual do M.N.A. Citamos como exemplo para o primeiro caso, uma espada referida por Guilherme Cardoso[221] e, para o segundo, o anel com n.º de inv. 20.798 ou a fivela com n.º de inv. 20.807, materiais descritos, mas que, atualmente, não é possível localizar.

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; MACEDO, 1928: 340; PAÇO, 1960: 9; ALMEIDA, 1962: 241-242; lâm. LXIV, fig. 348; PALOL I SALELLAS, 1966: 48, n.º 18; CARDOSO, 1991: 46, fig. 16; ARRUDA, 1994: 234, n.º 289; AREZES, 2011: 66; 111; 203-204.

B.1.3 – Fivela (Est. LVII; fig. 299 e 300).

N.º de Inv. – 20.806 / 2003.9.3.

Descrição – Fivela de bronze, fundida em molde, em razoável estado de conservação. O aro apresenta forma ovalada e secção semicircular. O fuzilhão, com base escutiforme, possui uma agulha de secção triangular e ponta curva, que encaixa, através de um gancho completo, na base ou eixo da charneira. A base do fuzilhão exibe, como decoração, dois sulcos incisos horizontais.

Dimensões – 32,01 mm (Ø aro); 7,85 mm (larg.); 28,25 mm (comp. fuzilhão); 13 mm (larg.); 4,85 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – São muito abundantes os paralelos passíveis de ser apontados para a fivela em análise. Veja-se um, particularmente próximo, referente ao exemplar recolhido na sepultura 191 de Duratón[222], onde surgiu em associação com apliques de cinturão escutiformes, também eles produzidos em liga de cobre.

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; PAÇO, 1960: 9; ALMEIDA, 1962: lâm. LXIV, fig. 347; PALOL I SALELLAS, 1966: 48, n.º 18; ARRUDA, 1994: 234, n.º 290; AREZES, 2011: 66; 111; 205-206.

B.1.4 – Fivela (Est. LVII; fig. 301 e 302).

N.º de Inv. – 20.821 / 2003.9.14.

Descrição – Aro de fivela de ferro, fundida em molde, de tipologia aparentemente reniforme. O estado de conservação é razoável, tendo a peça sido consolidada. Não obstante, encontra-se incompleta, fragmentada e destituída de fuzilhão. As superfícies são rugosas, de textura irregular.

Dimensões – 44,15 mm (Ø aro); 6,19 mm (larg.); 6,25 mm (esp.).

Cronologia – Século VII, perdurando eventualmente nas décadas iniciais do VIII.

[221] CARDOSO, 1991: 45.

[222] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXXII, fig. 4.

Observações – A reavaliação desta fivela leva-nos a colocar a hipótese de a mesma poder estar relacionada com o equipamento de cavalaria[223].

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 114; 207-208.

B.1.5 – Fuzilhão (Est. LVII; fig. 303 e 304).

N.º de Inv. – 2003.9.31.

Descrição – Fuzilhão de liga de cobre, fundido em molde, em razoável estado de conservação, provido de agulha curva, de secção triangular. Parte de uma peça compósita, presumivelmente uma fivela de contorno ovalado, encontra-se atualmente isolado e incompleto, destituído do gancho com o qual se articularia no eixo da charneira. Com efeito, apresenta-se fragmentado, sendo que a zona onde se produziu a quebra corresponde ao campo de maior acumulação de concreções. São observáveis quatro caneluras, modeladas e dispostas na horizontal, cada uma das quais ornada com pequenas incisões verticais.

Dimensões – 36,01 mm (comp.); 11,40 mm (larg.); 7,31 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – O paralelo mais próximo que nos foi possível reconhecer para o fuzilhão em análise centra-se na agulha da fivela recuperada na sepultura 167 de Duratón[224].

Observações – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 11; AREZES, 2011: 116; 253--254.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1. – Anel (Est. LVIII; fig. 305 e 306).

N.º de Inv. – 20.801.

Descrição – Anel de bronze, em bom estado de conservação. O aro, de secção semicircular, mostra-se liso em grande parte da sua extensão. Apenas nas proximidades da mesa, de contorno aproximadamente circular ou subquadrangular, dez incisões subsequentes e paralelas (cinco de cada lado) perfazem caneluras decorativas. No campo central da mesa figura uma suástica incisa, com elementos puncionados em cada uma das extremidades e outros colocados nos espaços deixados livres, entre incisões. Por seu turno, o contorno ou perímetro exterior é ladeado por incisões oblíquas ou apenas por pontos.

Dimensões – 28,43 x 28,04 mm (Ø total); 12,51 mm (Ø mesa); 7,82 mm (alt. aro); 3,50 mm (esp. aro); 2,59 mm (esp. mesa).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Leite de Vasconcelos alude ao primordial carácter pagão da suástica, símbolo que, ao ser apropriado pelo cristianismo, começou a ser aplicado em diversos suportes, designadamente em epígrafes, lucernas e anéis, como o do «[…] cemiterio visigotico de Cascaes

[223] GARCÍA JIMÉNEZ & VIVÓ I CODINA, 2003: 184, PR 3.

[224] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXX, fig. 3.

[…]»[225]. Pela nossa parte, salientamos que, até ao momento, não se encontra documentada a existência de qualquer outro exemplar provido de suástica em território português, muito embora o tema surja representado noutros suportes, nomeadamente em mosaicos e sarcófagos.

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 8; PEREIRA, 1905: 18; VASCONCELOS, 1913: 586, fig. 303; 587; VIANA *et al.*, 1949: 3; 7, est. III, fig. 2; PAÇO, 1960: 9-10, fig. 3, g; ALMEIDA, 1962: 237; LXI, fig. 334; PALOL I SALELLAS, 1966: 48, n.º 18; AREZES, 2011: 118.

B.2.2. – Anel (Est. LVIII; fig. 307 e 308).

N.º de Inv. – 20.802 / 2003.4.1.

Descrição – Anel de bronze, detetado no sepulcro de um indivíduo do sexo feminino[226]. Fundido em molde, encontra-se em bom estado de conservação, apesar da ocorrência de zonas ligeiramente degradadas na superfície frontal. Possui aro plano convexo e mesa modulada, de configuração retangular. No campo central da mesa, definido através de um sulco inciso, figuram três peixes, dispostos em posição paralela entre si. Foram obtidos através da incisão de elementos de forma elíptica, com um apêndice triangular nas extremidades. Em cada uma das zonas de arranque da mesa, o aro apresenta decoração em espinha. A haste central culmina, nos pontos limite, em novo motivo triangular.

Dimensões – 27,83 mm (Ø total); 11,14 mm (Ø mesa); 5,12 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – A. M. Arruda publica uma descrição desta peça, mas a imagem fotográfica associada ao texto não corresponde a este anel[227]. Recolhido, segundo informação constante do processo, no interior de um sepulcro que albergava o esqueleto de uma mulher (M.N.A.), apresenta consideráveis semelhanças com um exemplar recuperado no túmulo 186 de Duratón[228], mas sobretudo com um outro, oriundo de Salamanca[229], que, além da iconografia da mesa, também apresenta decoração em espinha patente nas hastes.

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 238; lâm. LXI, fig. 336; PALOL I SALELLAS, 1966: 48, n.º 18; CARDOSO, 1991: 46, fig. 16; ARRUDA, 1994: 234, n.º 287; AREZES, 2011: 66; 118; 267-268.

B.2.3. – Anel (Est. LIX; fig. 309 e 310).

N.º de Inv. – 20.803 / 2003.8.2.

Descrição – Anel de fita, de liga de cobre, fundido em molde, em estado de conservação razoável/mau. Trata-se de uma peça muito leve, ligeiramente fragmentada e de perfil

[225] VASCONCELOS, 1913: 586.

[226] ALMEIDA, 1962: 238.

[227] ARRUDA, 1994: 234, n.º 287.

[228] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXXII, fig. 2.

[229] MORÍN DE PABLOS, 2006: 205, fig. 64.

irregular. Em algumas faixas do aro são observáveis vestígios de decoração, concretamente, linhas incisas dispostas na oblíqua.

Dimensões – 20,31 mm (Ø aro); 4,74 mm (alt.), 0,70 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Poderiam ser apontados diversos paralelos para este objeto, dado que os anéis de fita, que entroncam na tradição romana, persistem entre os adornos que continuaram a ser usados ao longo dos séculos VI e VII. No entanto, convém notar que, apesar de não termos encontrado esquema decorativo rigorosamente idêntico ao apresentado por este exemplar, se detetaram ornatos similares, nomeadamente, em dois anéis de Salamanca[230].

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 269-270.

B.2.4. – Anel (Est. LIX; fig. 311 e 312).

N.º de Inv. – 20.812 / 2003.6.1.

Descrição – Dois fragmentos de anel de fita de liga de cobre em mau estado de conservação, evidenciando amplos traços de degradação do metal. No fragmento mais regular são observáveis quatro linhas incisas verticais, a par de dois outros sulcos cruzados, também incisos, um disposto na horizontal, outro na vertical, elementos que poderão representar uma tentativa de promover a decoração do aro. Já o segundo fragmento, de perfil mais sinuoso, não conserva qualquer vestígio seguro de decoração.

Dimensões – 18,31 mm (Ø aro); 3,57 mm (larg.); 0,67 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça fragmentada é razoavelmente similar a um dos anéis de Salamanca publicados por Morín de Pablos[231].

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 271-272.

B.2.5 – Anel (Est. LIX; fig. 313 e 314).

N.º de Inv. – 20.822 / 2003.7.1.

Descrição – Três fragmentos, em mau estado de conservação, de anel de fita de liga de cobre, dois dos quais permitem colagem. Na superfície exterior do aro de cada um dos fragmentos, é observável decoração incisa: linhas sequenciais, que, dispostas na vertical ou oblíqua, perfazem motivos geométricos, de configuração essencialmente triangular.

Dimensões – 16,69 mm (Ø aro de um dos frag.); 5,97 mm (larg.); 0,87 mm (larg.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Os fragmentos deste anel apresentam fortes similitudes com os pertencentes a peças congéneres recolhidas na mesma necrópole e incluídas no presente catálogo (n.º de inv. 20.822 / 2003.9.15, 20.828 / 2003.9.20 e 2003.9.7).

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 118; 273-274.

[230] MORÍN DE PABLOS, 2006: 204-205, fig. 64, G, H.

[231] MORÍN DE PABLOS, 2006: 205, fig. 64, D.

B.2.6 – Anel (Est. LIX; fig. 315 e 316).

N.º de Inv. – 20.822 / 2003.9.15.

Descrição – Pequeno fragmento de anel de fita de liga de cobre em mau estado de conservação. Na superfície exterior é observável decoração incisa: linhas colocadas no sentido vertical e oblíquo e que assim perfazem motivos geométricos, de configuração triangular. Porém, parte dos sulcos não é visível, particularidade que poderá decorrer do desgaste da peça ou das abundantes concreções.

Dimensões – 12,07 mm (Ø total); 1,38 mm (larg.); 0,76 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Apesar da dimensão muito reduzida que possui, é possível discernir as semelhanças face a dois outros anéis de fita fragmentados, igualmente recolhidos na Abuxarda (n.º de inv. 20.822 / 2003.7.1, 20.828 / 2003.9.20 e 2003.9.7).

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 118; 275-276.

B.2.7 – Anel (Est. LX; fig. 317 e 318).

N.º de Inv. – 20.826 / 2003.9.18.

Descrição – Anel de fita de liga de cobre, muito frágil, em razoável/mau estado de conservação, com abundantes sinais de degradação. O aro não se apresenta fechado. Os extremos, ligeiramente desencontrados, são aplanados e isentos de decoração. De facto, os ornatos surgem restritos a um campo limitado por dois sulcos horizontais, compreendendo uma conjugação alternada de elementos puncionados e linhas incisas.

Dimensões – 18,72 mm (Ø aro); 5,09 mm (larg.); 0,69 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – A. M. Arruda publica uma imagem da peça em análise; todavia, o texto associado não é condizente, reportando-se a um outro anel integrado no presente catálogo (n.º de inv. 20.802 / 2003.4.1) e cuja mesa ostenta três peixes incisos.

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 46, fig. 16; ARRUDA, 1994: 234, n.º 287; AREZES, 2011: 66; 277-278.

B.2.8 – Anel (Est. LX; fig. 319 e 320).

N.º de Inv. – 20.828 / 2003.9.20.

Descrição – Dois fragmentos de anel de fita de liga de cobre, de perfil sinuoso e em mau estado de conservação, circunstância de que decorrem dificuldades de manipulação. Ambos apresentam decoração geométrica: sulcos incisos, colocados no sentido vertical ou oblíquo, assim delineando motivos geométricos triangulares.

Dimensões – 12,08 mm (Ø de um dos frag.); 3,92 mm (larg.); 0,71 mm (espessura).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Os elementos em análise são idênticos a outros fragmentos de anéis integrados no catálogo (n. º de inv. 20.822 / 2003.7.1, 20.828 / 2003.9.15 e 2003.9.7).

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 118; 279-280.

B.2.9 – Anel (Est. LX; fig. 321 e 322).

N.º de Inv. – 2003.7.2.

Descrição – Dois fragmentos de anel produzido em material não diagnóstico, presumivelmente, latão, em estado de grande fragilidade. O aro do fragmento que mantém parte da mesa ostenta sulcos sequenciais, os quais lhe conferem um aspeto ondulado. No outro fragmento é observável um sulco vertical, que vem na continuação dos que figuram no primeiro; em paralelo e, a par deste, verifica-se também a ocorrência de uma linha horizontal, tenuemente incisa. Não é certo, porém, que esta última corresponda a um elemento intencional e/ou ornamental.

Dimensões – 14,16 mm (Ø frag. de maior dimensão); 4,82 mm (larg.); 1,2 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Apesar de um evidente «ar de família» entre este e outros anéis peninsulares, não foi possível reconhecer-lhe um paralelo direto.

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 281-282.

B.2.10 – Anel (Est. LX; fig. 323 e 324).

N.º de Inv. – 2003.9.7.

Descrição – Anel de fita de liga de cobre, incompleto e fragmentado, com perfil sinuoso e irregular e em mau estado de conservação. No aro continua a ser observável a decoração incisa, referente a duplas linhas oblíquas, encadeadas de forma a perfazer motivos de configuração geométrica.

Dimensões – 18,55 mm (Ø aro); 4,19 mm (larg.); 0,58 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Peça com características análogas às reveladas por outros anéis fragmentados, igualmente oriundos da Abuxarda e previamente descritos (n.º de inv. 20.822 / 2003.7.1; 20.822 / 2003.9.15 e 20.828 / 2003.9.20). Registem-se, por outro lado, as nítidas semelhanças que denota face a um objeto exumado na sepultura 4 da necrópole de Segobriga, em Cuenca[232], onde surgia associado a um par de brincos anelares providos de remates moldurados.

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 118; 283-284.

B.2.11 – Bracelete (Est. LXI; fig. 325 e 326).

N.º de Inv. – 2003.9.4.

Descrição – Bracelete serpentiforme de bronze, fundido em molde, em bom estado de conservação. Cada uma das extremidades do aro remata sob a forma de cabeça de ofídio,

[232] ALMAGRO BASCH, 1975: 18.

sendo o contorno dos focinhos definido através de incisão. São também visíveis elementos em relevo, supostos apêndices, que surgem colocados em posição sensivelmente simétrica, nas zonas laterais do aro, próximas da cabeça. O aro exibe ainda outras linhas incisas, desta feita dispostas em bandas.

Dimensões – 63,53 mm (Ø aro); 4,53 mm (larg.); 3,48 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – No texto onde descreve o bracelete em análise, D. Fernando de Almeida indica a fig. 330 da lâmina LIX como imagem representativa da peça[233]. Todavia, não se verifica correspondência entre o bracelete com remates serpentiformes e os objetos fotografados e identificados com a referida indicação.

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 12; PAÇO, 1960: 9-10, fig. 3, d; ALMEIDA, 1962: 237; AREZES, 2011: 66; 124-125; 319-320.

B.2.12 – Bracelete (Est. LXI; fig. 327 e 328).

N.º de Inv. – 20.813 / 2003.9.8.

Descrição – Dois fragmentos de adorno metálico produzido em ferro, em razoável estado de conservação, os quais, unidos, deveriam compor uma pulseira ou bracelete. As superfícies dos dois fragmentos mostram-se algo rugosas e de textura irregular, muito embora seja evidente que ambos foram sujeitos a processo de tratamento e consolidação.

Dimensões – 75,08 mm (Ø aro); 5,65 mm (larg.); 5,46 mm.

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Paula e Oliveira menciona o achado de, entre outros objetos: «[…] bracelets en fer et en bronze […]»[234], apresentando também ilustração referente aos fragmentos em análise[235]. Já Afonso do Paço, apesar de fazer alusão à recolha de «braceletes», não acrescenta qualquer pormenor acerca de tais peças e, por outro lado, não inclui representação gráfica dos fragmentos de ferro.

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 9.

B.2.13 – Brinco (Est. LXI; fig. 329 e 330).

N.º de Inv. – 20.809 / 2003.9.5.

Descrição – Brinco de liga de cobre, fundido em molde, em razoável/mau estado de conservação, com aro aberto e liso, contorno circular e secção cilíndrica. Em determinado ponto da progressão do aro é observável uma inflexão que marca o início de um progressivo estreitamento, que culmina na extremidade mais apontada.

Dimensões – 38,06 mm (Ø aro); 3,60 mm (larg.); 3,11 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

[233] ALMEIDA, 1962: 237.

[234] OLIVEIRA, 1888-1892: 89.

[235] OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 9.

Observações – Esta peça, que classificamos como brinco e se assemelha, inclusive, a um dos adornos recuperados no sepulcro 284 de Duratón[236], foi considerada por D. Fernando de Almeida como «pulseira»[237].

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 13; PAÇO, 1960: 9-10, fig. 3, e; ALMEIDA, 1962: 256; lâm. LIX, fig. 330; GOMES, 2002: 385; AREZES, 2011: 66; 126; 327-328.

B.2.14 – Brinco (Est. LXII; fig. 331 e 332).

N.º de Inv. – 20.810 (1/2) / 2003.9.24.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, fundido em molde, em razoável/mau estado de conservação. Possui aro aberto e liso, onde encaixa um elemento decorativo perfurado, de contorno circular, cujo verso se apresenta decorado por uma linha incisa horizontal, disposta sensivelmente na zona central. As superfícies, pouco regulares, denotam a presença de zonas corroídas.

Dimensões – 22,37 mm (Ø aro); 5,29 mm (larg.); 4,93 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – Paula e Oliveira refere o achado de: «[…] pendants d'oreilles en bronze et en or […]»[238].

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 126; 329-330.

B.2.15 – Brinco (Est. LXII; fig. 333 e 334).

N.º de Inv. – 20.819 / 2003.9.13.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, em razoável/mau estado de conservação, evidenciando alguma fragilidade estrutural e degradação do metal. O aro é aberto, de configuração sensivelmente circular. Apresenta, num dos extremos, um remate geométrico decorado através de molduras ou arestas dispostas na horizontal. No extremo oposto, o aro encontra-se levemente fragmentado.

Dimensões – 27,21 mm (Ø aro); 2,98 mm (larg.); 2,94 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Um dos paralelos mais próximos detetados para o brinco em análise radica num objeto recuperado no sepulcro 215 da necrópole toledana de Carpio de Tajo[239]; um outro, por seu turno, numa peça exumada no túmulo 48 da necrópole de Tinto Juan de la Cruz, em Pinto, Madrid[240].

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 126; 331-332.

---

[236] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXXV, fig. 2.

[237] ALMEIDA, 1962: 256.

[238] OLIVEIRA, 1888-1892: 89.

[239] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 146-147, fig. 54.

[240] BARROSO CABRERA *et al.*, 2006b: 547, fig. 9, n.º 587.

B.2.16 – Brinco (Est. LXII; fig. 335 e 336).

N.º de Inv. – 20.824 / 2003.9.17.

Descrição – Fragmento de brinco anelar de liga de cobre, fundido em molde, em mau estado de conservação, sendo evidentes os sinais de corrosão, sobretudo no verso da peça. O aro, aberto e liso, com secção circular, encontra-se fragmentado e incompleto. A decoração reporta-se unicamente à modelação patente na zona do remate geométrico da peça, em cuja superfície frontal é também possível observar uma linha incisa, colocada na oblíqua.

Dimensões – 28,27 mm (Ø aro); 2,93 mm (larg. remate); 2,75 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – Esta peça denota pontos de contacto com os brincos n.º 1 e 2, detetados na sepultura 91 de Carpio de Tajo[241], bem como com um outro objeto, recuperado no Rossio do Carmo, em Mértola[242].

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 126; 333-334.

B.2.17 – Brinco (Est. LXIII; fig. 337 e 338).

N.º de Inv. – 20.824 / 2003.9.29.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, fundido em molde, em razoável estado de conservação, apesar de fragmentado. O aro é liso e aberto, de contorno aproximadamente elíptico e com secção cilíndrica. Exibe, numa das extremidades, o apêndice modelado.

Dimensões – 35,58 mm (Ø aro); 1,87 mm (larg.); 1,86 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – Ainda que este brinco possa considerar-se genericamente similar a outros exemplares, não nos foi possível reconhecer um paralelo direto para a configuração do apêndice.

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 126; 335-336.

B.2.18 – Brinco (Est. LXIII; fig. 339 e 340).

N.º de Inv. – 2003.9.6.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, completo, mas em estado de conservação razoável/mau, com evidentes sinais de degradação e corrosão ativa. O aro, aberto e liso, apresenta configuração sensivelmente elíptica. Com a aproximação a uma das extremidades, é notado um estreitamento progressivo, que culmina num limite apontado e de espessura reduzida. Já na extremidade oposta é observável um remate modelado.

Dimensões – 34,05 mm (Ø aro); 1,96 mm (larg.); 1,96 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

---

[241] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 77, fig. 14, n.º 1.

[242] LOPES, 1993: 78.

Observações – A peça em análise é análoga a um brinco anelar oriundo de *Conimbriga*[243], previamente descrito (n.º de inv. 69.370).

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 126; 337-338.

B.2.19 – Brinco (Est. LXIII; fig. 341 e 342).

N.º de Inv. – 2003.9.23.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, fundido em molde, completo e em bom estado de conservação. O aro é aberto e liso, estreitando progressivamente até atingir uma das extremidades, muito apontada e provida de espessura mínima. O remate ou apêndice figura no extremo oposto. Bem modelado, apresenta três elementos decorativos, em relevo, com configuração geométrica. Dois deles – os que ladeiam o motivo central – apresentam leves excisões do metal, dispostas na oblíqua ou horizontal.

Dimensões – 30,06 mm (Ø aro); 4,40 mm (larg. do remate); 4,5 mm (esp. do remate).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Entre vários paralelos possíveis apontamos, pelas notórias similitudes, um par de brincos recolhidos na necrópole de Cacera de las Ranas, localizada em Aranjuez[244].

Bibliografia – AREZES, 2011: 66; 126; 339-340.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1. – Contas de colar (Est. LXIV; fig. 343 e 344).

N.º de Inv. – 20.814 / 2003.9.9.

Descrição – Duas contas de colar de pasta de vidro (?), apresentando tonalidade bege ou amarelada clara e dimensão muito reduzida. No entanto e apesar do tamanho diminuto, aparentam ostentar decoração, sob a forma de estrias finas e sequenciais. A configuração é a de uma espécie de «oito», que conjuga dois elementos esféricos. As duas contas possuem abertura nas extremidades, destinada à passagem do fio.

Dimensões – 4,70 mm (comp. da primeira); 4,68 mm (comp. da segunda); 4,51 mm (Ø da primeira); 4,78 mm (Ø da segunda).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Estas pequenas contas encontram plena correspondência no tipo 18.3 estabelecido por M. Maczynska, em função dos achados concretizados na necrópole de Carpio de Tajo, em Toledo[245].

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 45, fig. 15.

---

[243] ALARCÃO, 1979: 142; lâm. XXXIV, n.º 221.

[244] BALMASEDA MUNCHARAZ, 2006: 759, fig. 13.

[245] MACZYNSKA, 1992: 182.

D.1.2. – Conta de colar (Est. LXIV; fig. 345 e 346).

N.º de Inv. – 20.815 / 2003.9.10.

Descrição – Conta de vidro, em bom estado de conservação, de cor amarelada e de opacidade translúcida. Na superfície frontal revela, junto à perfuração, leves depressões oblíquas sequenciais, patentes num plano levemente elevado. Abaixo desse plano são observáveis finas incisões, colocadas no sentido longitudinal, mas de modo pouco regular.

Dimensões – 19,42 mm (Ø conta); 6,06 mm (Ø perfuração); 8,61 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta conta é similar a uma outra, recuperada na sepultura n.º 19 da Fonte do Sapo, e previamente apresentada no catálogo (n.º de inv. 09.FSN.012.1.8).

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 10; PAÇO, 1960: 10, fig. 3, b; CARDOSO, 1991: 45, fig. 15.

D.1.3. – Conta de colar (Est. LXIV; fig. 347 e 348).

N.º de Inv. – 20.816 / 2003.9.11.

Descrição – Conta gomada, de vidro, em bom estado de conservação e de tonalidade amarelada. Apresenta perfil pouco regular. Os próprios gomos, bem como a perfuração destinada à passagem do fio, carecem de simetria ou orientação constante. A tal, acresce o facto de também a espessura se mostrar variável. Note-se que, na aproximação à perfuração, ambas as superfícies assumem tendência mais aplanada. Numa delas, que entendemos como frontal, um sulco ou depressão marca a separação entre a área aplanada e o arranque do contorno mais arredondado que caracteriza os gomos.

Dimensões – 20,94 mm (Ø conta); 5,80 mm (Ø perfuração); 13,37 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Tanto a conta em análise como aquela cuja descrição se segue (n.º de inv. 2003.9.12 / 20.818) são idênticas a uma outra, descoberta na sepultura 48 de El Gatillo de Arriba, em Cáceres[246]. Aliás, ambos os exemplares, com origem na Abuxarda, integram o tipo 19.1 b definido por M. Maczynska para as contas da necrópole de Carpio de Tajo[247].

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 4; PAÇO, 1960: 9-10, fig. 3, j; ALMEIDA, 1962: LX, fig. 331; CARDOSO, 1991: 45, fig. 15.

D.1.4. – Conta de colar (Est. LXV; fig. 349 e 350).

N.º de Inv. – 20.818 / 2003.9.12.

Descrição – Conta gomada de cor verde, fragmentada, em mau estado de conservação. As superfícies apresentam-se derruídas e ostentam algumas perfurações, como se tivessem sido expostas a algum agente corrosivo. Numa das superfícies é observável um sulco inciso,

[246] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 24, n.º 3.

[247] MACZYNSKA, 1992: 183.

na aproximação à perfuração central. O mesmo tipo de solução ocorre sensivelmente no campo lateral central da conta.

Dimensões – 20,74 mm (Ø conta); 6,72 mm (Ø perfuração); 12,98 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Além do paralelo acima indicado, vejam-se também as diversas contas gomadas recuperadas no túmulo 140 de Nouvion-en-Ponthieu[248], a par de uma outra, procedente da necrópole de Afligidos «O», em Madrid[249].

Bibliografia – OLIVEIRA, 1888-1892: 89; lâm. III, fig. 5; ALMEIDA, 1962: LX, fig. 331; CARDOSO, 1991: 45, fig. 15.

D.1.5. – Contas de colar (Est. LXV; fig. 351 a 354).

N.º de Inv. – 20.823 / 2003.9.16.

Descrição – O n.º de inventário em epígrafe concerne a um conjunto de contas de colar de âmbar e de vidro, parte das quais se apresenta quebrada. No grupo das contas de âmbar, integram-se dez fragmentos, parte dos quais se revela realmente incaracterístico e de dimensões particularmente diminutas. Todavia, em quatro casos, o grau de fragmentação não impediu que se identificasse as perfurações centrais, destinadas à passagem do fio. Apenas uma das contas, muito deteriorada e com configuração cilíndrica, se encontra praticamente inteira. São dela as medidas de diâmetro e espessura máxima apresentadas. Já o conjunto de fragmentos de contas de vidro totaliza cinco elementos. Quatro, porém, são tão frágeis, que optamos por nem sequer os medir, já que tal ação poderia provocar algum tipo de dano ou, inclusive, novas fraturas. Apenas um dos elementos em causa, de tonalidade azul cobalto, se encontra melhor conservado. Alongado e de tendência aproximadamente cónica, mantém a perfuração interior. Correspondem-lhe o comprimento e largura abaixo indicados.

Dimensões – 10,84 mm (comp.); 5,46 mm (larg.); 6,24 mm (Ø conta); 7,38 mm (esp.).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – As contas de âmbar, até pelo grau de fragmentação que apresentam, assemelham-se a algumas das recolhidas na sepultura n.º 19 da necrópole da Fonte do Sapo, em Abrantes (cf. inv. 09.FSN.012.21.7 e 09.FSN.012.42.7).

Bibliografia – CARDOSO, 1991: 45, fig. 15.

[248] PITON, 1985: lâm. 31 *apud* KAZANSKI & PÉRIN, 2008: 197, fig. 24.

[249] MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 132-133, fig. 59, n.º 38.

Sítio: Aneirão
(Freg. Alvega; Conc. Abrantes; Dist. Santarém).

Local de depósito: C.M.A. (Abrantes).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela e elementos associados (Est. LXVI; fig. 355 a 360).

N.º de Inv. – 03.AN.012.1.13.

Descrição – Conjunto de elementos de vestuário fundidos em molde e detetados *in situ*. É constituído por uma fivela de aro ovalado, ainda provida do fuzilhão escutiforme, de um «gancho» ou placa e de dois apêndices de sujeição. O aro da fivela, de contorno regular, possui secção aproximadamente elíptica, sendo circular na zona do eixo da charneira. O fuzilhão, completo, conserva o gancho que permite a articulação em torno da charneira. É observável, todavia, uma ligeira fratura, na sequência da curvatura, concretamente, junto à extremidade. Destituído de decoração, o fuzilhão exibe apenas uma leve incisão, disposta sensivelmente no sentido longitudinal e que se encontra patente na área que medeia entre a parte escutiforme propriamente dita e a agulha. Esta, por seu turno, denota secção semicircular ou sub-triangular. Relativamente aos apêndices de sujeição, há que notar que ambos se assemelham a zoomorfos, eventualmente, canídeos. São percetíveis as «orelhas», salientes, bem como uma pequena moldura, que aparenta ditar o término da cabeça, seguido de uma leve depressão, supostamente correspondente ao «pescoço», a partir da qual se regista novo alargamento. O esquema seguido em cada um destes apêndices é rigorosamente idêntico.

O elemento que se apresenta isolado e que designamos de «gancho» ou placa, encontra-se algo degradado e incompleto, fragmentado na parte mais estreita e afunilada, pelo que não é possível apontar de que modo se processaria o remate. O verso é liso. Já a parte central da superfície frontal é perpassada por um campo projetado, que se dispõe no sentido longitudinal. É possível que este «gancho», que se articula com a fivela e onde encaixam os apêndices de sujeição (concretamente, nas aberturas patentes de cada um dos lados do campo projetado) se destinasse a apoiar na zona do cinto.

Dimensões – 34,38 mm (Ø aro da fivela); 8,49 mm (larg. aro); 36,08 mm (comp. fuzilhão); 16,16 mm (larg. zona escutiforme); 68,06 mm (comp. do «gancho» ou placa); 10,28 mm (alt. máx. apênd.); 4,02 mm (esp. máx. apênd.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – Este conjunto representa um caso único (pelo menos, entre os materiais documentados até ao momento) de um achado nestas condições. Foi encontrado na sepultura n.º 2, sendo que os elementos constituintes se articulavam de acordo com a mon-

tagem ilustrada por Filomena Gaspar e Álvaro Batista[250]. Os paralelos para a fivela provida de fuzilhão escutiforme são abundantes, pelo que nos limitamos a apontar, como exemplo, os objetos congéneres recolhidos na necrópole da Abuxarda, em Cascais, integrados no presente catálogo (n.º de inv. 20.805 / 2003.9.2 e 20.806 / 2003.9.3). Relativamente aos apêndices de sujeição, não poderíamos deixar de salientar que se assemelham a um pequeno objeto estudado no Museu Monográfico de *Conimbriga* (n.º de ent. Laboratório – 4560), igualmente incluído no catálogo, bem como a dois elementos isolados, exumados na sepultura 143 da necrópole de Duratón[251].

Convém acrescentar que na mesma sepultura e, concretamente, num contexto de enchimento identificado junto dos dentes, foram detetados um fragmento de vidro, uma lasca de sílex (n.º de inv. 03.AN.012.4.10) e duas moedas romanas (n.º de inv. 03.AN.012.2.9), com alguma leitura, se bem que não conclusiva, pelo menos até que seja efetuado o necessário tratamento.

Bibliografia – GASPAR & BATISTA, 2003: 35; OOSTERBEEK, 2010: 30.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Bracelete (Est. LXVII; fig. 361 e 362).

N.º de Inv. – 03.AN.012.1.14.

Descrição – Bracelete de bronze, fundido em molde, mal conservado. O aro, de secção elíptica, é aparentemente liso, destituído de decoração. Os remates, por seu turno, assumem contorno zoomórfico, colocando-se a hipótese de constarem de elementos serpentiformes. O estado de degradação em que se encontra a peça não permite avançar mais pormenores. Todavia, e não sendo possível perceber se existiriam incisões, definindo os remates, nota-se um estrangulamento do aro, seguido de novo alargamento, deste modo marcando o contorno da cabeça; já o estreitamento progressivo subsequente pretenderia evocar o focinho.

Dimensões – 71,22 mm (Ø); 9,80 mm (larg.); 4,38 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O bracelete em análise foi recolhido na sepultura n.º 1, a par dos restos de um anel de bronze, que repousavam junto do braço esquerdo do indivíduo, e de contas circulares de prata, estas identificadas na zona da cabeceira[252]. Além dos elementos mencionados, a ficha de inventário dá-nos conta da presença de outros materiais nesse mesmo sepulcro: de duas tiras de chumbo pesadas, dobradas em diversas voltas, de função indeterminada (n.º de inv. 03.AN.012.1.6); de um fragmento de moeda ilegível, mas classificada como romana, detetada no enchimento (n.º de inv. 03.AN.012.1.3) e de fragmentos de ferro não diagnósticos, mas eventualmente correspondentes a pregos (n.º de inv. 03.AN.012.4.2).

Bibliografia – GASPAR & BATISTA, 2003: 35; OOSTERBEEK, 2010: 30.

[250] GASPAR & BATISTA, 2003: 35.

[251] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXIX, fig. 3.

[252] GASPAR & BATISTA, 2003: 35.

B.2.2 – Argolas (?) (Est. LXVII; fig. 363 e 364).

N.º de Inv. – 03.AN.012.2.1.

Descrição – Duas pequenas argolas congéneres, presumivelmente metálicas, em razoável estado de conservação, apesar da fragmentadas. Cada uma exibe uma espécie de moldura exterior sobrelevada e uma abertura central, em torno da qual é visível uma sequência de motivos circulares, levemente salientes e que se encontra patente em cada uma das faces.

Dimensões – 11,89 mm (Ø da argola mais completa); 1,74 mm (esp.); 11,57 (Ø da argola mais fragmentada); 1,83 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O mais completo destes pequenos artefactos, recolhidos na zona da cabeceira da sepultura n.º 1, foi classificado como anel[253]. Discordando da proposta veiculada, até pela própria morfologia das peças, colocamos a hipótese de corresponderem a duas pequenas argolas que constituiriam, eventualmente, parte de um adorno mais complexo. No entanto, carecemos de dados adicionais que nos permitam formular uma hipótese mais assertiva.

Bibliografia – GASPAR & BATISTA, 2003: 35; OOSTERBEEK, 2010: 30.

B.2.3 – Anel (Est. LXVIII; fig. 365 e 366).

N.º de Inv. – 03.AN.012.2.5.

Descrição – Reunidos sob a mesma designação de inventário encontra-se um elemento vítreo e dois pequenos fragmentos produzidos em liga de cobre. O elemento de vidro é translúcido e apresenta contorno circular regular. Originalmente, deveria ter sido encastoado na parte central da mesa de um anel, numa cavidade preparada para o efeito. Por seu turno, os dois pequenos fragmentos metálicos serão provavelmente procedentes do corpo do adorno propriamente dito. Mas, dado o tamanho diminuto que comportam, não é possível discernir se fariam parte do aro ou da mesa.

Dimensões – 9,15 mm (Ø elemento de vidro); 4,42 mm (alt.); 8,25 mm (Ø frag. metálico); 2,50 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Os restos do suposto anel foram recolhidos do interior da sepultura n.º 1, na área onde se encontraria depositado o braço esquerdo do indivíduo inumado[254].

Bibliografia – GASPAR & BATISTA, 2003: 35.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – Conta de colar (Est. LXVIII; fig. 367 e 368).

N.º de Inv. – 03.AN.012.1.8.

[253] GASPAR & BATISTA, 2003: 35.

[254] GASPAR & BATISTA, 2003: 35.

Descrição – Conta de colar completa, em bom estado de conservação. Produzida em vidro, exibe configuração cilíndrica. A tonalidade de base é acastanhada. A decoração, referente a motivos dispostos de modo sequencial e curvilíneo, ao longo de toda a superfície, surge pintada a branco.

Dimensões – 11,14 mm (Ø); 9,26 e 8,63 mm (Ø das extremidades).

Cronologia – Último quartel do século V a finais do VI ou inícios do VII.

Observações – A proposta de cronologia para esta conta assenta no facto de se encontrar em associação com a fivela provida de fuzilhão escutiforme, acima descrita.

Bibliografia – GASPAR & BATISTA, 2003: 35.

Sítio: Patalou

(Freg. União das freguesias de Espírito Santo, Nossa Senhora da Graça e São Simão; Conc. Nisa; Dist. Portalegre).

Local de depósito: Coleção particular – Sr. João Francisco Lopes.

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Placa de cinturão (Est. LXIX; fig. 369 e 370).

S/ Inv.

Descrição – Placa de cinturão liriforme, de liga de cobre, fundida em molde, em bom estado de conservação. Encontra-se incompleta, destituída da fivela com a qual, originalmente, se articularia. A superfície frontal mostra-se dividida em três partes. A distal, ainda na posse do botão de remate, exibe uma moldura incisa, pontualmente ornada com pequenos triângulos. A ela se deve a delimitação da zona distal em dois campos, sendo que em cada um deles avulta um motivo em forma de pétala, colocado em posição simétrica. No interior, por seu turno, é visível uma combinação de elementos decorativos, incisos, excisos e puncionados. Na parte intermédia da placa figura uma dupla moldura, que marca as faixas laterais e se aproxima do cordão disposto no sentido longitudinal. O referido cordão, constituído por uma espécie de ziguezague em relevo, estende-se sensivelmente desde o contorno exterior da moldura distal até à extremidade da peça, pelo que promove a segmentação não só da zona central como da proximal. Esta, com configuração retangular, culmina em dois sólidos espigões. Os ornatos, inscritos em duas caixas levemente rebaixadas, são aqui menos profusos, constando apenas de semicírculos paralelos e sequenciais. No verso conservam-se os cinco apêndices, um dos quais surge isolado, na parte distal. Os restantes posicionam-se sensivelmente de modo paralelo entre si: dois na zona central, um dos quais fragmentado, e dois na área proximal.

Dimensões – 105,30 mm (comp.); 43,83 mm (larg.); 3,77 mm (esp.).

Cronologia – Século VII, perdurando talvez ao longo das primeiras décadas do VIII.

Observações – Entre os exemplares conhecidos no território português, aquele que possui pontos de contacto mais evidentes com a peça em análise consta do recuperado em S. Caetano, Chaves[255], atualmente em paradeiro desconhecido, devido ao furto perpetrado contra a instituição em que se encontrava depositado[256]. Ainda assim, sublinhamos as diferenças notadas ao nível da organização da parte distal. De qualquer modo, salientemos que a morfologia desta peça se enquadra perfeitamente no Grupo A delineado por Ripoll López[257]. Concretamente, são notórias as similitudes que a placa de Patalou evidencia face à parte conservada do objeto n.º 41[258].

Bibliografia – VALDEZ *et al.*, 2008: 49, fig. 6; AREZES, 2010-2011: 69-70; 74; 78, fig. 2; AREZES, 2011: 82; 103; 173-174; AREZES, no prelo: a.

B.1.2 – Placa de cinturão (Est. LXIX; fig. 371 e 372).

S/ Inv.

Descrição – Fragmento de placa de cinturão liriforme. Produzida em liga de cobre e fundida em molde, encontra-se bastante incompleta. Da peça original, que se articularia com uma fivela, também desaparecida, resta apenas a zona distal. Na extremidade figura ainda o botão de remate, se bem que deteriorado. Relativamente ao campo central, apenas se conserva parte dele, visto que a progressão da placa é interrompida pela linha de fratura. De qualquer modo, é percetível que se regista, nessa área, certa tendência para um estreitamento da largura. Um sulco inciso desenha, na aproximação ao limite da peça, uma primeira moldura. Esta surge, em parte da sua extensão, ornada com leves incisões transversais, supondo-se que, se o estado de conservação fosse melhor, seria possível observar esta opção decorativa ao longo de toda a orla. No campo interior por ela definido conjugam-se motivos em relevo de cariz geométrico, designadamente elementos circulares incisos e excisos, a par de losangos, composição que culmina numa espécie de dupla voluta. No verso são observáveis três apêndices: um, isolado, junto da extremidade distal, e dois outros, paralelos entre si e posicionados em zona mais recuada.

Dimensões – 51,24 mm (comp.); 38,71 mm (larg.); 3,09 mm (esp.).

Cronologia – Século VII, perdurando talvez ao longo das primeiras décadas do VIII.

Observações – Não foi possível detetar um paralelo direto para o exemplar em análise. Não obstante, reconhecemos semelhanças morfológicas com peças do grupo G, com desta

[255] CARDOZO, 1942: 253, fig. 6.

[256] LEMOS, 1987: 155; AREZES, 2011: 145.

[257] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 61.

[258] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 134; 137, fig. 18; 296-297; lâm. XIV, n. º 41.

que para o n.º 65[259]. No entanto, convém ressalvar que a organização decorativa e motivos utilizados no âmbito do referido grupo, não encontram correspondência.

Bibliografia – AREZES, 2010-2011: 70; 74; 79, fig. 3; AREZES, 2011: 82; 104; 175-176; AREZES, no prelo: a.

B.1.3 – Placa de cinturão (Est. LXX; fig. 373 e 374).

S/ Inv.

Descrição – Fragmento de placa de cinturão em razoável/mau estado de conservação. Produzida em liga de cobre e fundida em molde, apresenta tipologia liriforme. Da peça, muito incompleta, resta apenas parte da zona proximal, em cuja extremidade avultam os espigões salientes. Na superfície frontal é observável uma moldura definida por um sulco inciso, e decorada, exteriormente, por finas linhas sequenciais, também incisas, colocadas sobretudo na oblíqua. Já na zona interior figura um motivo em relevo, de configuração oblonga, ornado com dois motivos espiralados e três pequenos triângulos alinhados, na base. No verso, de tendência ligeiramente côncava, são visíveis dois apêndices paralelos e bem conservados, ainda com os orifícios para passagem dos fios desbloqueados.

Dimensões – 32,84 mm (comp.); 33,36 mm (larg.); 6,62 mm (esp.).

Cronologia – Século VII e, eventualmente, primeiras décadas do VIII.

Observações – Também para esta placa fragmentada não foi possível identificar um paralelo direto. É certo que alguns objetos liriformes possuem ornatos em relevo similares aos apresentados pelo terceiro exemplar de Patalou. Todavia, nessas peças a decoração ocorre no campo central da peça ou mesmo no distal, mas nunca do proximal[260].

Bibliografia – AREZES, 2010-2011: 70-71; 74; 80, fig. 4; AREZES, 2011: 82; 104; 177--178; AREZES, no prelo: a.

B.1.4 – Fivela (Est. LXX; fig. 375 e 376).

S/ Inv.

Descrição – Aro de fivela de liga de cobre, fundido em molde, em razoável estado de conservação, apesar de alguns sinais de degradação, patentes em ambas as superfícies. Com formato retangular, encontra-se incompleto e destituído de fuzilhão. O aro é praticamente liso, exceção feita apenas a dois entalhes pouco pronunciados e posicionados na aproximação a cada um dos vértices da zona superior. Em paralelo, a superfície frontal exibe um campo aplanado, onde deveria apoiar-se a extremidade da agulha, entretanto desaparecida. Por seu turno, no aro inferior e com alinhamento sensivelmente simétrico, é observável uma área recoberta com resquícios ferruginosos, onde se deveria articular o fuzilhão, possivelmente produzido em ferro.

[259] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 142; 147, fig. 22; lâm. XXVII, n.º 65.

[260] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 157, fig. 27, n.º 113-115.

Dimensões – 33,55 mm (comp.); 26,26 mm (alt.); 4,24 mm (esp.).

Cronologia – Século VI, atingindo, eventualmente, o VII.

Observações – Entre os objetos inventariados para o território português, conhece-se um paralelo direto: um aro de fivela (n.º de inv. 15.852 / 983.1002.84) recolhido por Estácio da Veiga em Milreu (Estoi, Faro) e ao qual, em conjunto com outros materiais metálicos procedentes do mesmo local, foi atribuída uma cronologia balizada entre os séculos VI e VII[261].

Bibliografia – AREZES, 2010-2011: 72; 74; 81, fig. 5, n.º 1 e 2; AREZES, 2011: 82; 111; 241-242.

B.1.5 – Fuzilhão (Est. LXX; fig. 377 e 378).

S/ Inv.

Descrição – Fuzilhão completo, de liga de cobre, fundido em molde, razoavelmente conservado. Destituído de qualquer motivo decorativo e com secção semicircular, possui espessura praticamente invariável ao longo de toda a extensão longitudinal. O gancho, preservado, apresenta curvatura, se bem que pouco pronunciada.

Dimensões – 25,26 mm (comp.); 10,03 mm (larg.); 6,92 mm (esp.)

Cronologia – Século VI.

Observações – O elemento em análise, que deverá proceder de uma fivela de aro ovalado, revela evidentes similitudes com a agulha de uma peça exumada na sepultura n.º 151 da necrópole de Carpio de Tajo[262].

Bibliografia – AREZES, 2010-2011: 73-74; 82, fig. 6; AREZES, 2011: 82; 117; 255-256.

Sítio: Cerejeiro/ Tapada do Cerejeiro

(Freg. Santiago Maior; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: C.M.C.V. – Depósito da Secção de Arqueologia.

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Pote (Est. LXXI, fig. 379 e 380).

N.º de Inv. – CE2 – 1.

Descrição – Pote feito a torno, de perfil em *S*, assimétrico, com especificidades análogas às estabelecidas por A. Flörchinger para o tipo 1, variante B[263]. O estado de conservação geral é bom. A peça encontra-se praticamente completa, exceção feita a parte do lábio que, em duas zonas distintas, surge fragmentado. A decoração, referente a bandas constituídas

[261] SIDARUS & TEICHNER, 1997: 184.

[262] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 119, fig. 38, n.º 8; 120.

[263] FLÖRCHINGER, 1998: 8.

por leves caneluras, colocadas na horizontal, regularmente e de modo paralelo entre si, ocupa exclusivamente o colo e a zona média alta do bojo. A textura da superfície é, genericamente, áspera, muito embora em algumas zonas se mostre mesmo rugosa. Ainda assim, parte da zona inferior do bojo, mais regular, parece indiciar algum tipo de acabamento ou mesmo uma tentativa de alisamento. Já na superfície interior da peça, são observáveis estrias abundantes e sequenciais. A base, plana, não é particularmente rugosa; aliás, afigura-se até mais regular que parte da superfície; surge enegrecida junto das extremidades, mas não se encontra calcinada. Neste sentido, pensamos que não haverá possibilidade de ter tido utilização sobre o fogo e, em paralelo, que a fuligem patente na superfície exterior poderá dever-se ao processo de cozedura.

A pasta, pouco depurada, inclui algum desengordurante: mica e, mais residualmente, quartzo, sendo que o de maior calibre se aproxima dos 5 mm de diâmetro. A coloração é variável, oscilando entre o castanho avermelhado[264] e o acinzentado com laivos rosados[265]; são também observáveis zonas escurecidas, com vestígios de fuligem. Há ainda a registar a presença de uma zona avermelhada[266], nas proximidades da base, daí que se considere a possibilidade de a cozedura ter decorrido em ambiente oxidante.

Dimensões – 132,06 mm (alt.); 105,54 mm (Ø boca); 88,62 mm (Ø colo); 129,45 mm (Ø bojo); 78,05 mm (Ø base).

Cronologia – Meados do século VI aos alvores do VII.

Observações – Segundo C. Rodrigues, o sepulcro onde foi recolhido o pote em análise proporcionou também a exumação de uma fivela de ferro, deteriorada e mal conservada[267]. Todavia, não é conhecida qualquer imagem, gráfica ou fotográfica, do referido objeto, atualmente em paradeiro desconhecido.

Bibliografia – RODRIGUES, 1978: 18; 73, fig. 14, vaso n.º 9; 93, fig. 26, vaso n.º 9; PRATA, 2012: 54; 56; 197.

A.2. – Jarro (?) (Est. LXXI, fig. 381 e 382).

N.º de Inv. – CE2 – 2.

Descrição – Recipiente muito leve, destinado à contenção de líquidos, possível jarro, feito a torno. Apresenta-se completo e bem conservado, tendo sido restaurada apenas numa pequena parte do lábio. O colo é alto e o lábio retilíneo. A asa arranca da boca e estende-se até à parte média alta do corpo. O bojo é pouco pronunciado e a base, por seu turno, é plana. A asa, de fita, exibe uma espinha dorsal longitudinal; e, abaixo desta, já na pança, é percetível decoração, referente a três leves caneluras, dispostas de modo regular, na horizontal e paralelas entre si.

[264] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/4.
[265] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/2.
[266] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 4/8.
[267] RODRIGUES, 1978: 18.

A superfície, de textura áspera, apresenta tonalidade esbranquiçada[268]. No entanto, a acumulação sobre a asa de leves resquícios de uma substância não identificada, leva a que se coloque a hipótese de a peça ter possuído, originalmente, algum tipo de pintura ou película relacionada com o acabamento da peça. A pasta é branda, pouco compacta, com inclusão de alguma mica (branca e preta), mas completamente atípica, quando comparada com as reveladas pelas outras peças já analisadas. Assemelha-se notavelmente à pasta branca da Bética.

Dimensões – 156 mm (alt.); 44,31 mm (Ø boca); 103,18 mm (Ø bojo); 61,48 mm (Ø base); 20,32 mm (larg. asa); 14,14 mm (esp. asa); 4,99 mm (esp. lábio).

Cronologia – Século VII.

Observações – Este recipiente parece congregar particularidades inerentes ao tipo 11 de A. Flörchinger[269]. Todavia, devemos ressalvar que a disposição da asa e a relação de proporção entre colo e bojo não são rigorosamente idênticas. Em contrapartida, os vasos do tipo 4 B, definido por Carmona Berenguer para os achados da necrópole de El Ruedo, em Córdova, enformam os paralelos mais próximos que detetámos[270], atendendo sobretudo ao perfil do colo e da boca, bem como à presença de caneluras horizontais na parte superior do bojo.

Bibliografia – RODRIGUES, 1978: 18; 75, fig. 15, vaso n.º 10; 93, fig. 26, vaso n.º 10; PRATA, 2012: 54; 56-57; 104; 197.

Sítio: Azinhaga da Boa Morte I

(Freg. Santiago Maior; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: S.A.C.M.C.V. (Castelo de Vide) e instalações do futuro Museu de Póvoa e Meadas (Póvoa, Castelo de Vide).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Jarro (Est. LXXII, fig. 383 e 384).

N.º de Inv. – BMI 1.

Descrição – Recipiente destinado à contenção de líquidos, possível jarro, produzido manualmente. De perfil assimétrico, apresenta-se fragmentado e incompleto, tendo sido parcialmente restaurado na zona do colo. A asa, de que resta apenas o arranque, de secção sub-retangular, está ausente, bem como toda a área do bordo. As superfícies, onde figura alguma fuligem, não deverão ter recebido tratamento ou, a tê-lo recebido, este desapareceu

[268] MUNSELL, 1975: 2.5 Y 8/0 ou 8/2.

[269] FLÖRCHINGER, 1998: 15.

[270] CARMONA BERENGUER, 375; 388, lâm. 8; 392-393, lâm. 12 e 13.

completamente. Ainda assim, continua a ser percetível a decoração patente na área superior da pança, ovoide, e que concerne a duas sequências de ziguezague incisas, paralelas entre si.

A pasta tem coloração rosada ou rosada acastanhada[271] e, aparentemente, é menos compacta, mais arenosa e menos depurada que a revelada por BMI 2, outro dos recipientes recuperados na necrópole. A textura é substancialmente áspera, quase rugosa, nomeadamente na base, plana. São observáveis inclusões de elementos não plásticos, designadamente, algum quartzo e mica, sendo esta última particularmente abundante.

Dimensões – 163,2 mm (alt.); 67,15 mm (Ø colo); 134 mm (Ø bojo); 88,93 mm (Ø base); 25,56 mm (Ø arranque da asa); 7,16 mm (esp. colo).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O recipiente exibe características morfológicas razoavelmente análogas às definidas por A. Flörchinger para o tipo 10, variante A[272]. É, por outro lado, similar a um jarro recolhido em Alcalá de los Gazules, Cádis[273].

Bibliografia – RODRIGUES, 1975: 183-184; est. XLVI; RODRIGUES, 1978: 15; 71, fig. 13, vaso n.º 8; 93, fig. 25, vaso n.º 8; SARNADAS, 1996: 53; PRATA, 2012: 34; 103-104; 147.

A.2. – Jarro (Est. LXXII, fig. 385 e 386).

N.º de Inv. – BMI 2.

Descrição – Jarro produzido a torno, incompleto e com vestígios de colagem em fragmentos patentes na zona superior do bojo/ arranque do colo. Apesar de a fratura ocorrer precisamente na área do colo, logo acima da extremidade superior dos fragmentos colados, presume-se, através da observação do perfil, que o bordo, atualmente ausente, poderia ser trilobado. O corpo mostra-se ligeiramente bojudo, mas a tendência para o estreitamento começa a notar-se logo no arranque do colo. O fundo, por seu turno, é praticamente plano. Na parte superior da parede exterior são visíveis algumas estrias. Na interior, por seu turno, figuram as marcas de torno e alguma fuligem, visível também exteriormente.

A coloração oscila entre o castanho claro[274] e o castanho avermelhado[275], sendo que os campos mais escuros e acinzentados poderão coincidir com uma maior exposição ao fogo. A superfície é, nalgumas zonas, áspera e quase rugosa, sendo percetíveis elementos não plásticos que, presumivelmente, assumiriam a função de desengordurante. É observável mica e, nalguns pontos, quartzo (atingindo a dimensão máxima de 4,27 mm).

Dimensões – 178,95 mm (alt.); 83,53 mm (Ø colo); 149,91 mm (Ø bojo); 76,73 mm (Ø base); 33,03 mm (Ø arranque da asa); 5,75 mm (esp. colo).

Cronologia – Meados do século VI a inícios do VII.

---

[271] MUNSELL, 1975: 7.5 6/4.

[272] FLÖRCHINGER, 1998: 14.

[273] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 1, n.º 4.

[274] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 6/4.

[275] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/4.

Observações – Este jarro, detetado no ângulo noroeste da sepultura n.º 7[276], corresponde ao tipo 10, variante B, definido por A. Flörchinger[277].

Bibliografia – CAEIRO, 1984a: 5; SARNADAS, 1996: 53; lâm. 2; PRATA, 2012: 34-35; 147.

A.3. – Pote (Est. LXIII, fig. 387 e 388).

N.º de Inv. – BMI 3.

Descrição – Pequeno pote, produzido manualmente e praticamente completo; apenas se nota a ausência, em alguns pontos do bordo, da extremidade do lábio. Ligeiramente assimétrica, esta forma possui boca esvasada e lábio de tendência arredondada. O colo é reentrante e a pança, bojuda. O fundo, por seu turno, é plano, rugoso e irregular. É possível que, originalmente, possuísse asa. Parece notar-se o arranque, nas proximidades do lábio e, na zona inferior do bojo, uma leve reentrância ou depressão, que poderia corresponder à área de apoio da pega.

A pasta é menos frustre que a apresentada pela forma cerâmica inventariada com a designação BMI 1, e mais aparentada à do jarro BMI 2. A tonalidade oscila entre o castanho claro[278] e o castanho avermelhado[279], se bem que nas zonas onde se acumula fuligem, se aproxime do cinzento. A superfície é áspera e não são visíveis marcas de torno. Todavia, mesmo que manual, a produção não é grosseira.

Dimensões – 147,20 mm (alt.); 96,97 mm (Ø boca); 83,97 mm (Ø colo); 145,8 mm (Ø bojo); 95,85 mm (Ø base); 32,44 mm (Ø arranque da asa); 5,75 mm (esp. colo).

Cronologia – Século VI.

Observações – Numa primeira análise, o pote descrito afigura-se idêntico ao classificado por A. Flörchinger como tipo 1, variante C[280]. Todavia e, em conformidade com o que tivemos já oportunidade de referir, o recipiente poderá ter possuído asa, característica que o afastaria não só do tipo acima indicado, como da cronologia, mais recuada, para ele proposto e que não ultrapassa o século V. Já S. Gutiérrez Lloret integra potes congéneres ao da Boa Morte entre os elementos correspondentes à «forma II», ressalvando a possibilidade de possuírem asa de fita. Acrescenta que estes recipientes se encontram bem documentados em diversas necrópoles visigóticas, caso da de Hornillos del Camino, em Burgos, ou do cemitério associado à basílica de Casa Herrera, em Mérida[281]. Também Vigil-Escalera Guirado inclui formas idênticas no grupo que denomina «ollas a torno lento de clase cerámica TL1»[282], recuperadas em povoados da região de Madrid e aos quais atribui uma cronologia posterior aos finais do primeiro quartel do século VI[283].

[276] CAEIRO, 1984a: 5.
[277] FLÖRCHINGER, 1998: 15.
[278] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 6/4.
[279] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/4.
[280] FLÖRCHINGER, 1998: 8.
[281] GUTIÉRREZ LLORET, 1986: 150.
[282] VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2006: 732.
[283] VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2006: 731.

Acrescente-se, agora a propósito do contexto do achado do pote da Boa Morte, que, de acordo com informação de M. C. Rodrigues, o sepulcro onde figurava foi espoliado pelo guarda-rios da região, circunstância que não só impossibilitou a concretização da descrição da estrutura[284] como, por outro lado, impediu que se conhecesse o posicionamento original da peça cerâmica. Ainda no âmbito dessa mesma exploração furtiva, foram também exumados um anel e uma fivela[285]. Apesar de os referidos metais de adorno se encontrarem atualmente em parte incerta, sabemos, através dos registos gráficos e fotográficos[286], que o anel apresentava mesa decorada com caracteres incisos e que a fivela possuía aro ovalado e fuzilhão escutiforme. Neste sentido, socorremo-nos também das datações veiculadas para os materiais metálicos a que o pote se encontrava associado, para propor uma cronologia para o recipiente cerâmico.

Bibliografia – RODRIGUES, 1975: 182; 184; est. XLVII; est. CXIII; RODRIGUES, 1978: 15; 69, fig. 12, vaso n.º 7; 93, fig. 25, vaso n.º 7; CAEIRO, 1984a: fig. 8; PRATA, 2012: 35; 103; 148.

A.4. – Jarro (?) (Est. LXXIII, fig. 389 e 390).

N.º de Inv. – MB 1.

Descrição – Peça incompleta e muito fragmentada. No entanto, um número substancial de fragmentos foi entretanto colado, tendo permitido definir parte do perfil. Assim sendo, encontra-se em falta apenas uma zona circunscrita em cada uma das faces do bojo, bem como a asa, que poderia ser de fita, uma área localizada junto ao arranque desta e, por último, todo o bordo. Pelo perfil revelado, hesitamos em afirmar peremptoriamente que esta forma cerâmica se destinasse à contenção de líquidos, não sendo de excluir que correspondesse antes a uma panela ou a um púcaro. Por outro lado e, ao contrário de outros recipientes analisados e igualmente originários da necrópole da Boa Morte I, este parece indiciar efetivas marcas de uso e de exposição direta ao fogo, uma vez que a base, plana, se encontra calcinada. Em termos de morfologia, há que acrescentar que a parte mais bojuda consta sensivelmente da zona média da pança, enquanto na aproximação ao colo se começa a registar evidente estreitamento.

A textura da superfície exterior é rugosa e a tonalidade, variável, oscilando entre o cinzento e o cinzento avermelhado[287]. Também na superfície exterior, se bem que apenas na zona superior, são observáveis algumas estrias ou leves incisões. Em paralelo e no que refere à parte interior da peça, há que mencionar as evidentes marcas de torno visíveis. A pasta, compacta, revela a inclusão abundante de mica. Outros desengordurantes, designadamente, os quartzos e feldspatos, embora presentes, mostram-se mais residuais.

[284] RODIGUES, 1975: 184.

[285] RODRIGUES, 1975: 182; 184-185; est. CXIII; 1978: 15.

[286] RODRIGUES, 1975: est. XLVIII; 1978, 83, fig. 19; 97, fig. 30.

[287] MUNSELL, 1975: 5 YR 4/2.

Dimensões – 148,67 mm (alt.); 83,70 mm (Ø colo); 155,56 mm (Ø bojo); 107,72 mm (Ø base); 35,61 mm (Ø arranque da asa); 7,65 mm (esp. colo).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça encontrava-se integrada na coleção privada do Dr. Martins Barata, tendo sido recentemente adquirida pela S.A.C.M.C.V. Tal como aquando da cedência, por parte dos herdeiros[288], no momento em que a estudámos ainda apresentava uma etiqueta de identificação, onde se lia: «Vaso votivo encontrado numa sepultura na necrópole da Barragem – 1975».

Bibliografia – PRATA, 2012: 36-37; 103; 149.

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. LXXIII; fig. 391 e 392).

N.º de Inv. – BMI 4.

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, bem conservada e consolidada. De configuração retangular, encontra-se incompleta, destituída do fuzilhão. As superfícies são consideravelmente regulares, exceção feita apenas a dois campos ligeiramente reentrantes, que se posicionam em zonas opostas do aro, muito embora não simétricas.

Dimensões – 18 mm (alt.); 30,16 mm (comp.); 4,23 mm (larg. aro); 4,26 mm (esp.); 7,6 mm (peso).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Este aro de fivela foi recolhido durante um processo de limpeza da necrópole levado a cabo pela S.A.C.M.C.V.[289]

Bibliografia – PRATA, 2012: 37-38; 150.

Sítio: Azinhaga da Boa Morte II

(Freg. Santiago Maior; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: C.M.C.V. – Depósito da Secção de Arqueologia.

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Bilha (Est. LXIV, fig. 393 e 394).

N.º de Inv. – BMII 1.

Descrição – Recipiente destinado à contenção de líquidos, possível bilha. Encontra-se incompleta, mas foi restaurada na zona média e superior do bojo, em posição sensivelmente oposta à da asa, de fita. A boca seria esvasada e o lábio, atualmente mutilado, talvez arre-

[288] PRATA, 2012: 37.

[289] PRATA, 2012: 37.

dondado. Porém, a morfologia indicada configura apenas uma hipótese, dado que tal área se apresenta ligeiramente truncada. O corpo é globular e a base, parcialmente calcinada, é plana e muito rugosa, com quartzo à superfície.

Parte do bojo, da base da asa e da zona fraturada do lábio mostram-se escurecidos, porque cobertos por uma película de fuligem. No entanto, a tonalidade dominante da pasta é o castanho avermelhado[290] ou castanho claro[291]. Já a textura é genericamente áspera ou mesmo rugosa, quer nas zonas derruídas, quer na asa, sendo percetível a ocorrência de elementos não plásticos.

Dimensões – 123,84 mm (alt.); 68,16 mm (Ø boca); 140 mm (Ø bojo); 85,95 mm (Ø base); 35,61 mm (Ø arranque da asa); 6,41 mm (esp. boca).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O aspeto desgastado da peça poderá ficar a dever-se às condições pouco propícias de deposição. Com efeito, o enchimento da barragem de Póvoa e Meadas terá afetado o estado de conservação da bilha e, inclusive, segundo J. Caeiro, motivado o seu deslocamento para a zona intermédia da sepultura n.º 2, onde foi achada[292]. Note-se, por outro lado, que tendo sido produzida manualmente, denota características bem mais frustres que as do jarro cuja descrição se segue (BMII 2), oriundo do mesmo núcleo, se bem que de uma sepultura diferente.

Bibliografia – CAEIRO, 1984b: 4; fig. 8; fig. 11 e 11-A; lâm. 3; SARNADAS, 1996: 53; PRATA, 2012: 35-36; 103; 148.

A.2. – Jarro (Est. LXIV, fig. 395 e 396).

N.º de Inv. – BMII 2.

Descrição – Jarro razoavelmente bem conservado, praticamente completo. Em falta encontra-se apenas parte do colo, na zona que se localiza em posição sensivelmente oposta à da asa, bem assim como o bocal, que seria trilobado. A superfície, cinzenta[293], é bastante regular, afigurando-se que possa ter sido alisada. Já a base, ligeiramente convexa, é castanha, rugosa, com inclusões de quartzo, sendo que alguns dos cristais ultrapassam os 3 mm de diâmetro. Os elementos não plásticos, entre os quais se contam também a mica e o feldspato, além de serem observáveis na base, são percetíveis um pouco ao longo de toda a extensão da peça. Já a característica mais evidente que decorre da observação da parte interior do jarro prende-se com a presença de marcas evidentes da utilização de torno no processo de fabrico. Finalmente, registe-se que o jarro possui três orifícios intencionalmente abertos no bojo: um, de contorno aproximadamente circular (Ø: 6,67 mm); outro, de tendência mais elíptica (Ø: 8,71 mm); um terceiro, maior e mais central, mais alongado (Ø: 23,90 mm).

[290] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/4.
[291] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 6/4.
[292] CAEIRO, 1984b: 4.
[293] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/2.

Dimensões – 231,37 mm (alt.); 57,24 mm (Ø colo); 135,47 mm (Ø bojo); 103,87 mm (Ø base); 46,63 mm (Ø larg. asa); 17,36 mm (esp. asa); 5,45 mm (esp. colo).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este recipiente foi detetado *in situ*, no ângulo noroeste da sepultura n.º 1[294]. Aparentemente, congrega as especificidades definidas por Flörchinger para a variante A do tipo 10[295], encontrando paralelo num dos jarros recuperados em Sta. Vitória do Ameixial (n.º de inv. 2006.264.44, do M.N.A.).

Bibliografia – CAEIRO, 1984b: 3-4; fig. 5; fig. 7; fig. 10 e 10-A; lâm. 2; SARNADAS, 1996: 53; PRATA, 2012: 36; 103-104; 149.

Sítio: Sepulturas 3, 4 e 5 da Tapada de Manuel Antunes
(Freg. São João Baptista; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: C.M.C.V. – Depósito da Secção de Arqueologia.

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Jarro (Est. LXXV, fig. 397 e 398).

N.º de Inv. – TMA 1.

Descrição – Jarro completo, produzido a torno, em bom estado de conservação. Possui bocal trilobado, reforçado pelas impressões digitadas na zona situada abaixo do lábio, de cada um dos lados do bico vertedor. Ao colo, pouco pronunciado, cabe apenas marcar a transição entre o bocal trilobado e a pança, tendencialmente bojuda e algo assimétrica. A base, por seu turno, é plana, se bem que denote certa irregularidade, à qual se fica a dever a evidente falta de estabilidade da peça. A decoração, que surge limitada à parte superior do bojo, consta de uma banda constituída por linhas incisas, que se dispõem de modo a perfazer um ligeiro ziguezague.

A coloração é vermelha acastanhada[296]; porém, nas zonas laterais do bojo, colo e bocal essa tonalidade é matizada pela ocorrência de algumas manchas de fuligem, não muito intensas. A superfície exterior é áspera, mostrando-se rugosa principalmente na asa. São observáveis inclusões consideráveis de elementos não plásticos: mica prateada, algum quartzo e, sobretudo, areias de grão médio a grosso, fundamentalmente concentradas na superfície da asa e da base.

Dimensões – 165,69 mm (alt.); 77 mm (Ø boca); 136,85 mm (Ø bojo); 74,77 mm (Ø base); 22,61 mm (Ø larg. asa); 13,85 mm (esp. asa); 8,2 mm (esp. lábio).

[294] CAEIRO, 1984 b: 3.

[295] FLÖRCHINGER, 1998: 14.

[296] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/4.

Cronologia – Meados do século VI a inícios do VII.

Observações – Este jarro, pautado por características que o aproximam do tipo 10, variante B, de Flörchinger[297], foi recolhido na zona da cabeceira da sepultura n.º 4[298].

Bibliografia – SARNADAS, 1996: 56; PRATA, 2012: 39; 41; 104; 165.

A.2. – Pote (Est. LXXV, fig. 399 e 400).

N.º de Inv. – TMA 2.

Descrição – Pote baixo, similar ao classificado por A. Flörchinger como tipo 1, variante A[299]. Apesar de muito calcinado, encontra-se praticamente completo: só o bocal se apresenta truncado. Em paralelo, apresenta uma linha de fratura que arranca de uma zona quebrada do bordo e se estende até à parte média baixa do bojo. Em termos genéricos, este recipiente caracteriza-se pela boca esvasada e lábio arredondado, sendo o colo reentrante e a pança, bojuda. O perfil é assimétrico e a base ligeiramente côncava, daí os problemas de estabilidade revelados pelo recipiente.

Originalmente e atendendo ao aspeto das zonas menos calcinadas, a superfície poderia apresentar uma coloração rosada[300] ou castanha clara avermelhada[301]. Todavia, a exposição ao fogo terá acabado por dissimular essa tonalidade. A pasta é muito arenosa, sendo observáveis elementos não plásticos, designadamente, mica prateada, feldspatos e grãos de quartzo, de calibre mediano.

Dimensões – 135,33 mm (alt.); 100,89 mm (Ø boca); 116,43 mm (Ø bojo); 87,26 mm (Ø base); 6,90 mm (esp. lábio).

Cronologia – Meados do século VI a inícios do VII.

Observações – Este pote, que jazia na zona da cabeceira[302] da sepultura n.º 5, deverá, efetivamente, ter sido utilizado ao lume, até de forma continuada e intensa. Já no que respeita aos moldes de produção, concordamos com Sara Prata quando afirma que o fabrico poderá ter combinado diferentes soluções, pois, por um lado, a peça evidencia marcas de torno e, por outro, revela marcas digitadas na superfície interior, resultantes da demarcação manual do colo[303].

Bibliografia – SARNADAS, 1996: 56; PRATA, 2012: 39; 41- 42; 104; 165.

[297] FLÖRCHINGER, 1998: 15.
[298] SARNADAS, 1996: 56.
[299] FLÖRCHINGER, 1998: 8.
[300] MUNSELL, 1975: 5 YR 7/4.
[301] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/4.
[302] SARNADAS, 1996: 56.
[303] PRATA, 2012: 42.

Sítio: Vale da Bexiga (sítio 6)
(Freg. São João Baptista; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: C.M.C.V. – Depósito da Secção de Arqueologia.

B. Materiais metálicos
B.2 – Adornos do corpo
B.2.1 – Brinco anelar (Est. LXXVI; fig. 401 e 402).
N.º de Inv. – VB 14.
Descrição – Brinco de liga de cobre, de tonalidade amarelada, em bom estado de conservação, consolidado. O aro é bastante fino, revelando tendência para um estreitamento progressivo, se bem que ligeiro, à medida que se processa a aproximação à extremidade oposta àquela em que figura o apêndice ou remate. Este, por seu turno, é volumoso e de configuração aproximadamente poliédrica.
Dimensões – 35,67 mm (Ø); 4,44 mm (Ø apênd.); 1,57 mm (esp.).
Cronologia – Séculos VI-VII.
Observações – Este brinco anelar, que surge na bibliografia classificado como fíbula[304], encontra paralelo consideravelmente próximo num adorno de *Conimbriga*[305]. Acrescente-se que o sepulcro n.º 3, de onde foi retirado, permitiu igualmente a recolha de alguns pregos e cravos.
Bibliografia – PRATA, 2012: 30; 141.

Sítio: Sepultura do Mascarro/ Herdade do Mascarro/ Judiarias
(Freg. São João Baptista; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: C.M.C.V. – Depósito da Secção de Arqueologia.

A – Materiais cerâmicos
A.1. – Jarro (Est. LXXVI, fig. 403 a 406).
S/ Inv.
Descrição – Jarro idêntico ao definido por A. Flörchinger como tipo 10, variante A[306]. Produzido a torno e com perfil regular, encontra-se praticamente completo e muito bem conservado. Apenas uma pequena parcela do lábio se encontra ausente. Possui bocal trilo-

[304] PRATA, 2012: 30.
[305] AREZES, 2011: 349-350.
[306] FLÖRCHINGER, 1998: 14.

bado, colo pouco pronunciado, pança bojuda e base plana. A asa, de fita, com leve depressão longitudinal, arranca do bocal e estende-se até à parte média do bojo, onde se combinam diferentes soluções decorativas. Na parte superior é observável uma banda constituída por sulcos incisos, perfazendo caneluras regulares, paralelas e dispostas na horizontal. O mesmo esquema repete-se na parte média, um pouco acima da zona onde apoia a asa. No campo compreendido entre as referidas bandas, mas mais próximo da que se localiza em posição inferior, figura um ziguezague, produto de incisão.

A superfície, de tonalidade avermelhada[307], é áspera, mas não rugosa, exceção feita à parte exterior da asa e também à base, irregular e com presença de areias graníticas, cujo calibre excede os 6 mm. Convém notar que a inclusão de elementos não plásticos ocorre não apenas na base, mas um pouco ao longo de todo o recipiente, registando-se mica branca, quartzo e, novamente, areias graníticas, algumas de avultado diâmetro (superior a 7 mm).

Dimensões – 180,08 mm (alt.); 50,58 mm (Ø colo); 43,34 mm (Ø colo); 130,55 mm (Ø bojo); 85,61 mm (Ø base); 34,41 mm (larg. asa); 13,09 mm (esp. asa).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça tem paralelo num jarro descoberto no enterramento 21 de San Pedro de Alcántara[308]. Encontra-se presentemente na posse de um familiar do Sr. Eleutério Transmontano, Nuno Félix, que integra também a Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide. Ao Nuno Félix agradecemos a disponibilização do objeto para estudo, bem como a visita ao Mascarro. Note-se que, apesar de ter sido recolhido *in situ*, persistem algumas dúvidas relativamente à identificação do sepulcro que terá proporcionado a recolha: uma das possibilidades aponta para a sepultura n.º 2; outra, para um túmulo isolado e um pouco afastado do conjunto das ruínas. Acrescente-se que a estação do Mascarro, onde avulta um vasto complexo de estruturas pétreas, maioritariamente graníticas e provavelmente correlacionáveis com uma *villa* de cronologia romana, terá recebido ocupação posterior, datada já do período altimediévico. Do sítio são oriundas duas moedas visigótica de ouro, uma das quais vendida a um cambista lisboeta e desde então perdida. Dela apenas se conhece o negativo da fotografia efetuada antes da transação, o qual não permite leitura adequada[309]. Já a segunda moeda, cunhada no reinado de Égica (687-702), foi oferecida pelo proprietário do terreno a C. Rodrigues[310], sendo atualmente desconhecido o seu paradeiro.

Bibliografia –

[307] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/8 ou MUNSELL, 1975: 10 R 5/8.

[308] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 4, n.º 2.

[309] RODRIGUES, 1975: 187; est. CXV, fig. 2.

[310] RODRIGUES, 1975: 188; est. XLIX e est. CXV, fig. 1.

Sítio: Santa Marinha/ Santo Amarinho
(Freg. São João Baptista; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: C.M.C.V. – Depósito da Secção de Arqueologia.

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Bilha (Est. LXXVII, fig. 407 e 408).

N.º de Inv. – SA 1.

Descrição – Forma baixa e frustre, com perfil algo assimétrico, razoavelmente conservada. A parte inferior é a que se encontra em pior estado. O bocal apresenta-se quase integralmente restaurado e, a julgar pela reconstituição, o lábio teria tendência retilínea. A separação entre a boca e o colo faz-se através de uma espécie de anel saliente, a partir do qual arranca a asa, de fita, mas particularmente irregular. Aliás, ela exibe uma impressão digitada, que parece ter procurado nivelar um pouco a superfície exterior, acabando por se fixar sensivelmente no campo intermédio do recipiente. O colo estabelece a transição relativamente à pança, tendencialmente bojuda. A base, por seu turno, é plana. Na parte média alta do corpo e na zona de aproximação ao colo, é visível decoração: linhas incisas que se dispõem de modo pouco regular, perfazendo um motivo em ziguezague, por vezes pronunciado e anguloso.

A pasta, de tonalidade vermelha acastanhada, é grosseira, com inclusão muito abundante de elementos não plásticos: mica, resíduos de areias graníticas e quartzo leitoso, cujo calibre chega a ultrapassar os 5 mm de diâmetro. A textura oscila entre o áspero e o rugoso.

Dimensões – 127,06 mm (alt.); 39,59 mm (Ø colo); 121,85 mm (Ø bojo); 68,61 mm (Ø base); 23,81 mm (larg. asa); 17,81 mm (esp. asa).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – São evidentes as similitudes morfológicas entre esta peça, recolhida na sepultura n.º 11[311], e os recipientes do tipo 5-c de J. Nolen[312]. À semelhança do que acontece com outros vasos tardios, que encontraram os seus arquétipos em formas romanas, também a produção destas bilhas poderá ter sido inspirada em modelos mais antigos que, neste caso, remontarão aos meados do século II[313].

Bibliografia – PRATA, 2012: 48-49; 104; 182.

A.2. – Jarro (Est. LXXVII, fig. 409 e 410).

N.º de Inv. – SA 2.

Descrição – Jarro de bocal trilobado, com perfil razoavelmente análogo ao identificado por A. Flörchinger como tipo 9, variante A[314]. Apesar de ter sido produzido a torno

[311] PRATA, 2012: 48.

[312] NOLEN, 1995-1997: 388, fig. 3, n.º 94.

[313] NOLEN, 1995-1997: 369.

[314] FLÖRCHINGER, 1998: 13-14.

denota indícios de modulação manual no bico. Encontra-se razoavelmente conservado e praticamente completo. Falta apenas a asa, da qual resta o arranque, quer na parte superior da peça, coincidente com a zona do lábio, quer na inferior, na zona média do bojo. A secção é sub-triangular. Possui decoração: linhas incisas (uma, duas ou três, dependendo da zona em análise); quando mais do que uma, as linhas dispõem-se de modo paralelo entre si, surgindo dispostas na horizontal ou ascendendo para as imediações do colo e da asa.

A tonalidade oscila entre o avermelhado claro[315] e o vermelho amarelado[316], exceção feita à zona inferior do corpo, na aproximação à base e na própria base, onde são bem visíveis manchas escuras. A superfície é áspera, pontualmente derruída e danificada, e com zonas rugosas, sobretudo na base. São bem visíveis as inclusões de elementos não plásticos especialmente, de mica e quartzo, de calibre variável, mas não ultrapassando os 5 mm. São observáveis estrias na superfície interior da peça.

Dimensões – 169,99 mm (alt.); 66,75 mm (Ø boca); 58,92 mm (Ø colo); 114,28 mm (Ø bojo); 70,46 mm (Ø base); 6,67 mm (esp. lábio).

Cronologia – Meados do século VI a inícios do VII.

Observações – Este jarro, exumado pelo rendeiro do terreno[317], estaria depositado no lado direito da cabeceira da sepultura n.º 13[318]. Todavia, este dado foi recentemente corrigido por S. Prata, que avança o sepulcro n.º 12 como local de recolha[319].

Bibliografia – RODRIGUES, 1975: 181; est. XLV; RODRIGUES, 1978: 13; 59, fig. 7, vaso n.º 2; 91, fig. 23, vaso n.º 2; PRATA, 2012: 49; 104; 182.

A.3. – Jarro (Est. LXXVIII, fig. 411 e 412).

N.º de Inv. – SA 3.

Descrição – Jarro feito a torno, razoavelmente conservado, de bocal trilobado, similar ao classificado por A. Flörchinger como tipo 10, variante B[320]. Encontra-se praticamente completo, faltando apenas a asa, que não foi restaurada. De qualquer modo, é percetível a zona de arranque, de configuração aproximadamente triangular no campo inferior do corpo, e sub-retangular na parte superior, sensivelmente alinhada com o lábio. Na zona oposta à asa é observável uma fratura sensivelmente vertical, que se prolonga até à parte média baixa do bojo, zona a partir da qual a peça está restaurada. O recipiente, compacto, é claramente assimétrico, sobretudo ao nível da pança, mais descaída. O fundo, por seu turno, é plano, pouco regular e rugoso.

[315] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 6/6.
[316] MUNSELL, 1975: 5 YR 7/6.
[317] RODRIGUES, 1975: 181.
[318] RODRIGUES, 1978: 13; 22-23.
[319] PRATA, 2012: 48.
[320] FLÖRCHINGER, 1998: 14-15.

A coloração é variável, oscilando entre o castanho avermelhado[321], o amarelo avermelhado[322] e o cinzento[323]. Aliás, nas áreas onde a presença de fuligem é mais acentuada, a tonalidade é mais escura, por vezes quase próxima do negro. A superfície, estriada abaixo do bocal, é áspera, mostrando-se rugosa somente nas faixas derruídas e pior conservadas. Na pasta, pouco depurada, são bem visíveis as inclusões de elementos não plásticos, entre as quais se destacam as areias graníticas de grande calibre, excedendo os 6 mm; encontram-se também presentes o quartzo e o feldspato, bem assim a mica branca. Finalmente, note-se a ocorrência pontual de leves traços horizontais e/ou oblíquos, que poderão eventualmente resultar de uma tentativa de alisamento.

Dimensões – 180 mm (alt.); 89,38 mm (Ø boca); 65,1 mm (Ø colo); 142,87 mm (Ø bojo); 83,42 mm (Ø base); 8,85 mm (esp. lábio).

Cronologia – Meados do século VI a inícios do VII.

Observações – Este jarro figurava no interior da sepultura n.º 5, um dos sepulcros de lajes escavados por Conceição Rodrigues. Concretamente, encontrava-se depositado do lado direito da cabeceira da estrutura, junto de escassos restos osteológicos. Para além do recipiente há apenas registo da presença de um fragmento metálico, interpretado como possível fíbula ou fivela[324].

Bibliografia – RODRIGUES, 1975: 178-180; est. XLIV; est. CX, fig. 2; RODRIGUES, 1978: 13; 61, fig. 8, vaso n.º 3; 91, fig. 23, vaso n.º 3; PRATA, 2012: 48-50; 104; 183.

A.4. – Jarro (Est. LXXVIII, fig. 413 e 414).

N.º de Inv. – SA 4.

Descrição – Jarro incompleto, produzido a torno. Apesar de mutilado, foi possível efetuar algumas colagens, a par do restauro parcial e, neste sentido, recuperar o perfil da peça. Encontrava-se ausente parte da base e da zona subsequente, correspondente ao campo médio baixo do bojo, bem como resquícios da asa, entretanto reconstituída, do bocal, que se presume trilobado, e ainda do colo. A asa, de fita, arrancava do bocal, prolongando-se até à parte média superior da pança. Esta mostra-se algo bojuda e o colo, por seu turno, reentrante. O jarro possui decoração: uma composição que associa dois sulcos paralelos, perfazendo um ziguezague, mais cuidado e menos irregular que outros já observados. Ainda assim, a execução não é particularmente bem conseguida.

A pasta tem cor amarelada, pouco vívida[325]; nalguns pontos, porém, aproxima-se do cinzento[326]. É razoavelmente depurada. A fratura na zona do colo mostra que seria arenosa;

[321] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/4.
[322] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 7/6.
[323] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 4/0.
[324] RODRIGUES, 1975: 178-179; 1978: 13.
[325] MUNSELL, 1975: 2.5 Y 7/4.
[326] MUNSELL, 1975: 5 YR 7/1.

ainda assim, é compacta e não friável. A superfície exterior é áspera, mas não rugosa, ostentando alguma mica e inclusões de quartzo, que chegam a ultrapassar os 5 mm de diâmetro. São observáveis vestígios de fuligem, porém limitados a manchas pontuais e pouco marcadas (exceção feita a uma que se localiza nas proximidades da base, concretamente, na parte inferior do bojo).

Dimensões – 162,88 mm (alt.); 58,52 mm (Ø colo); 144,06 mm (Ø bojo); 84,69 mm (Ø base); 44,02 mm (larg. asa); 18,14 mm (esp. asa); 6,62 mm (esp. colo).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Em razão da disposição da asa e da morfologia da pança – e não obstante desconhecermos, em rigor, a configuração do bocal –, este recipiente aproxima-se do tipo 10, variante A da tipologia construída por A. Flörchinger[327]. Encontrava-se depositado no interior da sepultura n.º 14, conjuntamente com uma fíbula de bronze e com os restos de uma peça de ferro, interpretada como possível espada[328].

Bibliografia – RODRIGUES, 1978: 13; 22-23; 63, fig. 9; vaso n.º 4; PRATA, 2012: 48; 50; 104; 183.

A.5. – Bilha (Est. LXXIX, fig. 415 e 416).

N.º de Inv. – SA 5.

Descrição – Bilha de perfil regular, razoavelmente conservada. O bocal, parcialmente calcinado, encontra-se incompleto, pelo que não é possível determinar com exatidão a configuração original do bordo. Já a asa, de fita e secção sub-retangular, arranca diretamente da boca, anulando, nessa zona, a possibilidade de existência de lábio. O colo, cilíndrico, alarga progressivamente até atingir a pança, bojuda. Por seu turno, a base, muito grosseira e irregular, é plana. A superfície exterior, de textura irregular e, por vezes, rugosa, com ocorrência de alguma fuligem, possui decoração: duas a três incisões no colo; um sulco inciso e quatro caneluras na zona de transição do colo para o bojo; duas caneluras, na aproximação à parte média do corpo, estendendo-se na direção da base da asa.

A pasta, cuja tonalidade oscila entre o castanho claro avermelhado[329] e o vermelho escuro[330] é pouco depurada, grosseira, com inclusão muito abundante de elementos não plásticos, designadamente, mica prateada e preta, feldspatos e quartzo leitoso, cujo diâmetro ultrapassa inclusive os 7 mm. Note-se, por outro lado, a ocorrência de alguns negativos de desengordurantes perecíveis, consumidos no processo de cozedura.

Dimensões – 134,09 mm (alt.); 41,24 mm (Ø colo); 126,57 mm (Ø bojo); 80,04 mm (Ø base); 39,31 mm (larg. asa); 14,41 mm (esp. asa); 7,01 mm (esp. colo).

Cronologia – Séculos VI-VII.

[327] FLÖRCHINGER, 1998: 14.

[328] RODRIGUES, 1978: 13; 22-23; 81, fig. 18; 97, fig. 29.

[329] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/4.

[330] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 3/6.

Observações – Esta bilha foi detetada na sepultura n.º 10[331]. Exibindo uma morfologia pouco comum, encontra entre os achados antigos de San Pedro de Alcántara um paralelo bastante próximo[332]. Pelo facto de não encontrarmos marcas claras da utilização do torno, hesitamos quanto à descriminação do modo de fabrico. Segundo C. Rodrigues, o vaso foi construído por anéis[333]; em contrapartida, S. Prata considera que o recipiente foi produzido a torno[334].

Bibliografia – RODRIGUES, 1978: 13; 65, fig. 10, vaso n.º 5; 91, fig. 24, vaso n.º 5; PRATA, 2012: 48; 51; 104; 184.

A.6. – Jarro (Est. LXXIX, fig. 417 e 418).

N.º de Inv. – SA 6.

Descrição – Pequeno jarro, correspondente ao classificado por A. Flörchinger como tipo 10, variante A[335]. Feito a torno, está incompleto, mas foi entretanto restaurado. A reconstituição abrangeu os troços da asa que se encontravam em falta, bem como a parte final do colo e o bocal, ao qual foi dada configuração trilobada. Em termos morfológicos, a peça denota colo estreito, pança bojuda e base de disco, plana e regular. A asa, de fita, possui um sulco disposto no sentido longitudinal.

A pasta, de tonalidade rosada[336] ou vermelha clara[337], é muito depurada. Com efeito, são parcas as inclusões de elementos não plásticos observáveis, resumindo-se a alguma mica e quartzo.

Em suma, trata-se de uma peça atípica, no quadro da generalidade dos recipientes observados, sobretudo devido à qualidade e depuração da pasta e ao tratamento conferido à superfície, que terá sido alisada ou, eventualmente, polida, tendo, além do mais, recebido engobe vermelho[338].

Dimensões – 115,07 mm (alt. do original remanescente); 27,80 mm (Ø colo); 99,48 mm (Ø bojo); 64,10 mm (Ø base); 18,10 mm (larg. asa); 6,47 mm (esp. asa).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça foi descoberta na sepultura n.º 12[339].

Bibliografia – RODRIGUES, 1978: 13; 67, fig. 11, vaso n.º 6; 91, fig. 24, vaso n.º 6; PRATA, 2012: 48; 51-52; 104; 184.

---

[331] RODRIGUES, 1978: 13; 22-23.
[332] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 8, n.º 1.
[333] RODRIGUES, 1978: 24.
[334] PRATA, 2012: 51.
[335] FLÖRCHINGER, 1998: 14.
[336] MUNSELL, 1975: 5 YR 7/4.
[337] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 6/8.
[338] MUNSELL, 1975: 10 R 5/8.
[339] RODRIGUES, 1978: 22-23.

A.7. – Jarro (Est. LXXX, fig. 419 e 420).

N.º de Inv. – SA 7.

Descrição – Jarro completo, produzido a torno, e em bom estado de conservação, análogo ao definido por A. Flörchinger como tipo 10, variante A[340]. O perfil é regular, sem assimetrias a reportar. Possui bocal trilobado, com lábio ligeiramente arredondado e bico vertedor modelado e reforçado com digitações manuais. O colo é relativamente alto e estreito e a pança, por seu turno, tendencialmente bojuda. A asa é de fita, consideravelmente mais larga na parte superior, estreitando depois, à medida que se aproxima do corpo do jarro; estende-se, efetivamente, desde a zona do bocal até à parte média do corpo. Um pouco abaixo, são observáveis possíveis vestígios de alisamento, efetuado na horizontal. A base, plana, coincide com a parte da peça em que a textura se mostra mais rugosa e menos regular. Com efeito e, em termos globais, a textura da superfície exterior é regular e áspera, mas não rugosa.

A pasta possui cor vermelha escura[341] e mostra-se razoavelmente homogénea, apesar das inclusões visíveis, referentes sobretudo a mica, branca e preta, e também a areias graníticas, que chegam a aproximar-se dos 3 mm de diâmetro.

Dimensões – 165,68 mm (alt.); 47,61 mm (Ø boca); 123,93 mm (Ø bojo); 85,76 mm (Ø base); 32,12 mm (larg. asa); 15,36 mm (esp. asa); 7,92 mm (lábio).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O jarro em análise foi recolhido na sepultura n.º 15[342].

Bibliografia – RODRIGUES, 1975: 180-181; est. XLIII; est. CX, fig. 2; RODRIGUES, 1978: 13; 57, fig. 6, vaso n.º 1; fig. 23, vaso n.º 1; PRATA, 2012: 48; 52; 104; 185.

Sítio: Sepulturas da Moita Forte

(Freg. São João Baptista; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: C.M.C.V. – Depósito da Secção de Arqueologia.

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Bilha (Est. LXXX, fig. 421 e 422).

N.º de Inv. – MF 1.

Descrição – Recipiente de contenção de líquidos, possível bilha, assimétrica e incompleta. Falta parte do colo, da boca e alguns segmentos do lábio, de contorno arredondado, bem como a asa. Desta, conserva-se apenas a parte inferior, correspondente à zona de arranque, patente na zona média do bojo. O bocal devia ser trilobado. O colo, relativamente

[340] FLÖRCHINGER, 1998: 14.

[341] MUNSELL, 1975: 10 R 5/8.

[342] RODRIGUES, 1978: 22-23.

alto e cilíndrico, esvasa na aproximação ao bojo, tendencialmente projetado para o exterior. A base, por seu turno, mostra-se regular, ligeiramente abaulada e destituída de quaisquer vestígios de fuligem, circunstância que afasta a possibilidade de ter sido usada ao fogo. A zona do colo, bem como a parte superior do bojo, apresentam-se fortemente estriadas. As estrias são paralelas e sequenciais, revelando-se, por vezes, algo profundas. Não é claro se teriam propósito decorativo ou se a sua ocorrência decorrerá do modo de produção utilizado, ao torno.

A coloração é muito variável: acastanhada nalgumas zonas, avermelhada escura em determinadas áreas e, noutras ainda, aproximadas do cinzento. São também visíveis resquícios de fuligem, nomeadamente na parte média do bojo e no colo, bem como no interior e exterior da boca; em contrapartida, encontram-se significativamente ausentes da base.

A superfície apresenta textura quase sempre áspera ou rugosa, excetuando no campo localizado abaixo do arranque da asa e, genericamente, um pouco ao longo da área baixa do bojo (onde, por vezes, quase se afigura que possa ter sido ligeiramente alisada).

A inclusão de elementos não plásticos é relativamente recorrente. Destaca-se a mica prateada, algumas areias (de calibre superior a 2 mm) e cristais de quartzo (cujo calibre oscila entre 1,5 e 2,5 mm).

Dimensões – 155,39 mm (alt.); 72,04 mm (Ø boca); 60,65 mm (Ø colo); 125,11 mm (Ø bojo); 81,90 mm (Ø base); 7,68 mm (lábio).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Esta bilha, exumada na sepultura n.º 2 da Moita Forte, denota uma morfologia algo atípica. Apesar de não ser rigorosamente idêntica, até porque possui uma só asa, revela algumas similitudes com um recipiente recuperado no túmulo 28 de San Pedro de Alcántara[343].

Bibliografia –

Sítio: Sepultura do Sobral/ Nave do Grou
(Freg. São João Baptista; Conc. Castelo de Vide; Dist. Portalegre).

Local de depósito: C.M.C.V. – Depósito da Secção de Arqueologia.

A – Materiais cerâmicos
A.1. – Pote (Est. LXXXI, fig. 423 e 424).
N.º de Inv. – S2 1.

[343] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 4, n.º 8.

Descrição – Pequeno pote, feito a torno, análogo ao classificado por A. Flörchinger como tipo 1, variante B[344]. Apresenta perfil em *S*, ligeiramente assimétrico e denota considerável grau de fragmentação. Parte do bojo, do colo e do bocal encontravam-se em falta. Todavia, fruto do restauro, a peça apresenta-se hoje completa. A boca é esvasada, com lábio arredondado, o colo reentrante e a pança projetada. A base, levemente côncava, praticamente não possui vestígios de fuligem que, contudo, é bem visível nalgumas área do bojo, colo e lábio.

A superfície conservada, de tonalidade amarelo avermelhado[345], não parece ter recebido qualquer tipo de tratamento e é bastante áspera. No entanto, é apenas na aproximação à base que a textura se mostra rugosa. É percetível a inclusão de alguns elementos não plásticos: mica prateada, areias e quartzo leitoso, cujo calibre chega a aproximar-se dos 3 mm.

Dimensões – 107,48 mm (alt.); 76,63 mm (Ø boca, respeitante à parte conservada); 61,49 (Ø colo); 61,68 mm (Ø base); 6,06 mm (lábio).

Cronologia – Meados do século VI aos alvores do VII.

Observações – O pote foi detetado em 1972, no interior de uma sepultura destruída[346].

Bibliografia – RODRIGUES, 1978: 16; 22-23; 77, fig. 16, vaso n.º 11; 95, fig. 27.

Sítio: Herdade dos Pombais
(Freg. Beirã; Conc. Marvão; Portalegre).

Local de depósito: M.M.M. (Marvão).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Jarro (Est. LXXXII, fig. 427 a 430).

N.º de Inv. – NP/S10.273.

Descrição – Jarro completo, produzido a torno, em ótimo estado de conservação. O colo é alto e a boca esvasada, com lábio arredondado, levemente espessado para o exterior, atualmente um pouco esbotenado. A asa, de fita, com sulco longitudinal, arranca sensivelmente a meio do colo, onde exibe uma impressão digitada, prolongando-se até à parte média da pança. Esta, de configuração esférica, possui um orifício de contorno circular regular, aberto intencionalmente logo abaixo da área onde assenta a asa. O fundo, por seu turno, é plano. Possui decoração grafitada: um *x* e, sensivelmente na parte oposta da pança, uma cruz. Mas os ornatos mais curiosos referem-se às estampilhas patentes logo abaixo da carena do colo, estendendo-se até à parte média do bojo. O motivo central é um círculo

[344] FLÖRCHINGER, 1998: 8.

[345] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/6.

[346] RODRIGUES, 1978: 22-23.

ladeado por pétalas (?), sendo que, de cada um dos lados do círculo figura um outro motivo, trapezoidal ou sub-retangular, provido de caneluras paralelas em relevo.

A pasta é compacta, bem cozida. Inclui mica, feldspatos e, mais ocasionalmente, quartzo. A superfície exterior tem textura regular, por vezes áspera, mas não rugosa. Apresenta tonalidade cinzenta[347], cinza escura[348] em alguns pontos, se bem que, pontualmente, sejam visíveis manchas alaranjadas. Já o cerne é cinza claro, conforme percecionado na zona esbotenada da boca. A produção é relativamente cuidada. Poderá, inclusive, ter havido alisamento ou polimento da superfície, se bem que não seja possível garanti-lo assertivamente.

Dimensões – 230 mm (alt.); 52,16 mm (Ø boca); 50,86 mm (Ø colo); 172 mm (Ø bojo); 92,72 mm (Ø base); 33,89 mm (larg. asa); 15,97 mm (esp. asa); 7,14 mm (lábio).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Atendendo ao contorno da boca e ao perfil do colo, alto e provido de uma moldura a partir do qual arranca a asa, este recipiente aproxima-se da variante A do tipo 15 estipulado por A. Flörchinger. Todavia, a configuração esférica do bojo é mais consonante com a variante B[349]. Foi recuperado na zona dos pés do túmulo 10, estrutura de inumação que proporcionou igualmente um anel e uma argola, ambos metálicos, bem como uma cavilha e três pregos[350], elementos que poderão indicar a utilização de caixão ou padiola.

Bibliografia – FERNANDES, 1985a: 104-105; 108; 112, fig. 2, n.º 23; 116, fig. 6.

A.2. – Bilha (Est. LXXXI, fig. 425 e 426).

N.º de Inv. – NP/S80.69.

Descrição – Bilha razoavelmente conservada, apesar de incompleta, dado que falta parte da boca, concretamente na área contrária à do bico vertedor, bem como a asa, que deveria arrancar junto do lábio. Na zona onde esta devia apoiar-se, no campo médio do bojo, é visível agora um vazio, de configuração alongada. Um outro orifício é observável nas imediações do bordo. Talvez tenha sido efetuado intencionalmente, tendo acabado por provocar mais estragos que os previstos, ao arrancar alguma da pasta cerâmica adjacente. O bocal possui contorno trilobado incipiente, sendo o lábio arredondado e levemente espessado para o exterior. O colo é reentrante, mas pouco pronunciado. O corpo, bojudo e o fundo, ligeiramente côncavo. Trata-se de uma forma mais baixa e frustre que a precedente, não sendo claro se terá sido produzida manualmente ou a torno lento. De qualquer modo, há que notar que não possui marcas de torno e que tem um perfil assimétrico. Não são percetíveis vestígios de decoração. Todavia, parece haver indícios de alisamento, na zona entre o colo e o local onde apoiava a asa. No geral, contudo, a textura é áspera e, pontualmente, rugosa.

[347] MUNSELL, 1975: 2.5 YR N5/0.
[348] MUNSELL, 1975: 2.5 YR N4/0.
[349] FLÖRCHINGER, 1998: 19.
[350] FERNANDES, 1985a: 104; 108.

A coloração da pasta oscila entre o avermelhado[351] e o castanho avermelhado[352]. Contudo, são observáveis resquícios de fuligem na superfície exterior, sobretudo na área contrária à do arranque da asa, agora desaparecida. Ocorrem igualmente na zona do lábio e ao longo do bojo, mas estão ausentes no fundo.

Dimensões – 152,63 mm (alt.); 69,74 mm (Ø boca); 66,50 mm (Ø colo); 98,57 mm (Ø base); 8,09 mm (lábio).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este recipiente corresponde à variante B do tipo 10 de A. Flörchinger[353], com cronologia atribuída ao período que se estende, sensivelmente, entre a segunda metade do século VI e os alvores do VII.

Bibliografia –

B. Materiais metálicos

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Brinco anelar (Est. LXXXIII, fig. 431 e 432).

S/ Inv.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, completo, razoavelmente conservado. O aro seria circular, tal como a secção, mas presentemente denota perfil algo irregular. À semelhança de outros exemplares previamente analisados, estreita à medida que se aproxima da extremidade oposta àquela onde figura o apêndice, a qual se mostra bem afilada. O apêndice, por seu turno, é fino e moldurado, com quatro caneluras em relevo, a última das quais mais ténue.

Dimensões – 32,02 mm (Ø aro); 7,82 mm (comp. apênd.); 2,59 mm (esp. apênd.); 1,57 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Julgamos que este brinco, idêntico a um outro exumado em *Conimbriga*[354], poderá corresponder ao publicado como n.º 1 por I. Fernandes[355]. Note-se, contudo, que o diâmetro do aro por nós medido não coincide com o apontado pela autora.

Bibliografia – FERNANDES, 1985a: 101-102; 108; 111, fig. 1, n.º 1.

B.2.2 – Brinco anelar (Est. LXXXIII, fig. 433 e 434).

S/ Inv.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre. Encontra-se em ótimo estado de conservação, apesar de estar em falta a extremidade apontada. O aro, aberto e liso, exibe contorno

[351] MUNSELL, 1975: 10 R 5/6.

[352] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/4.

[353] FLÖRCHINGER, 1998: 15.

[354] ALARCÃO, 1979: lâm. XXXIV, n.º 222.

[355] FERNANDES, 1985a: 111, fig. 1, n.º 1.

circular regular. Uma das extremidades é afilada, sendo que a espessura aumenta progressivamente, até atingir o apêndice. Este, paralelepipédico e de secção retangular, é decorado por sulcos incisos, que perfazem caneluras em todas as superfícies, exceto a da extremidade, lisa.

Dimensões – 32,92 mm (Ø aro); 8,50 mm (comp. apênd.); 5,13 mm (larg. apênd.); 2,16 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este brinco é rigorosamente análogo a um outro exumado na sepultura 4 da necrópole de Talaíde[356], cuja descrição foi oportunamente inserida no catálogo (n.º de inv. TA.39.75).

Bibliografia – FERNANDES, 1985a: 101-102; 108; 111, fig. 1, n.º 6.

B.2.3 – Brinco anelar (Est. LXXXIII, fig. 435 e 436).

S/ Inv.

Descrição – Brinco anelar completo, de liga de cobre, em bom estado de conservação. O aro, liso, exibe configuração circular regular e um apêndice idêntico ao anterior, de secção retangular e onde cinco sulcos incisos perfazem caneluras em todas as superfícies, menos na da extremidade. Os ornatos do verso, porém, encontram-se algo esbatidos. O limite apontado do aro prolonga-se até ficar oculto pelo apêndice.

Dimensões – 33,02 mm (Ø aro); 8,50 mm (comp. apênd.); 6,35 mm (larg. apênd.); 2,01 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este exemplar corresponde ao par da peça anteriormente analisada, sendo também idêntico ao brinco recuperado no túmulo 4 de Talaíde[357].

Bibliografia – FERNANDES, 1985a: 101; 108; 111, fig. 1, n.º 7.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – Conta de colar (Est. LXXXIV; fig. 437 e 438).

N.º de Inv. – NP/S4.4.

Descrição – Conta de colar de contorno circular. Produzida em vidro, de tonalidade esverdeada, é translúcida e encontra-se em bom estado de conservação. A superfície superior é troncocónica. Exibe uma primeira zona debruada na base, e uma segunda, em torno da perfuração central. O verso, por seu turno, é quase aplanado, muito embora se notem laivos decorativos, patentes no enrolamento espiralado.

Dimensões – 13,92 mm (Ø); 5,45 mm (alt. máx.); 5,32 mm (Ø perf.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

[356] CARDOSO *et al.*, 1995: 333, fig. 14, n.º 7.

[357] CARDOSO *et al.*, 1995: 333, fig. 14, n.º 7.

Observações – A configuração desta conta, detetada, juntamente com aquelas cuja análise se segue, junto da cabeceira da sepultura 4[358], encontra correspondência no tipo 16.2, estabelecido por M. Maczynska para os achados efetuados na necrópole de Carpio de Tajo[359].

Bibliografia – FERNANDES, 1985a: 103-104, n.º 17; 111, fig. 1, n.º 17.

D.1.2 – Conta de colar (Est. LXXXIV; fig. 439 e 440).

N.º de Inv. – NP/S4.5.

Descrição – Conta de colar de vidro, translúcida, de coloração esverdeada, bem conservada. É similar à anterior, apenas mais pequena. A superfície superior é cónica, enquanto o verso é tendencialmente aplanado, apesar de pontualmente parecer reentrante ou côncavo. Possui uma zona orlada na base, junto do limite; todavia, não se nota qualquer debrum ladeando a perfuração central.

Dimensões – 10,10 mm (Ø); 4,85 mm (alt. máx.); 2,83 mm (Ø perf.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Também esta conta, cujo contorno e perfil se mostram idênticos ao exemplar previamente descrito, se coaduna com o tipo 16.2 definido por M. Maczynska para a necrópole toledana[360].

Bibliografia – FERNANDES, 1985a: 103-104, n.º 18; 111, fig. 1, n.º 18.

D.1.3 – Conta de colar (Est. LXXXIV; fig. 441 e 442).

N.º de Inv. – NP/S4.6.

Descrição – Pequena conta de âmbar, de perfil muito irregular, em estado de conservação razoável/mau. As superfícies são prismáticas, mas com arestas suaves, sendo que duas delas se mostram derruídas. Por outro lado, certas áreas apresentam-se escurecidas, como se tivessem sido expostas ao fogo. Possui secção triangular e uma perfuração de tamanho muito reduzido.

Dimensões – 6,59 mm (Ø); 7,81 (alt. máx.); 1,55 mm (Ø perf.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este tipo de conta possui múltiplos paralelos, dispersos pelo território peninsular. Para o território hoje português apontamos as similitudes reveladas face a outros exemplares, caso dos recolhidos na necrópole da Fonte do Sapo, em Abrantes (n.º de inv. 09.FSN.012.21.7) ou nos enterramentos do sítio do Mosteiro, em Mértola (n.º de inv. VD – CT 2 – 117 e VD – CT 2 – 118).

Bibliografia – FERNANDES, 1985a: 103-104, n.º 19; 111, fig. 1, n.º 19.

[358] FERNANDES, 1985a: 103.

[359] MACZYNSKA, 1992: 182.

[360] MACZYNSKA, 1992: 182.

Sítio: Curral do Sampão
(Freg. Vaiamonte; Conc. Monforte; Portalegre).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

B – Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. LXXXV, fig. 443 e 444).

S/ Inv. (cont. 824/vol. 10)

Descrição – Fivela de aro ovalado, produzida em liga de cobre e fundida em molde. Não consolidada, encontra-se em estado de conservação razoável/mau. Apresenta-se completa, ainda provida do fuzilhão, de base escutiforme e bem definido. Este articula-se através do gancho, recurvo e igualmente completo. A agulha, de secção sub-triangular é, levemente arqueada a partir da zona de estrangulamento que antecede o campo central. Apesar das concreções que recobrem toda a superfície da peça, presume-se que a superfície do aro não deverá ter possuído decoração.

Dimensões – 37,04 mm (Ø aro); 40,48 mm (comp. fuzil.); 13,58 mm (larg. base escutiforme); 10,03 mm (esp. aro); 5,68 mm (esp. fuzil.).

Cronologia – Último quartel do século V a finais do VI/inícios do VII.

Observações – São abundantes os paralelos para esta fivela. Apenas a título de exemplo, destacamos o exemplar de Castro de Avelãs (Bragança), também inserido no presente catálogo e inventariado com a designação MSA – 2764 (c).

Bibliografia –

B.1.1 – Fuzilhão (?) (Est. LXXXV, fig. 445 e 446).

S/ Inv. (cont. 5147/vol. 1)

Descrição – Possível fuzilhão, incompleto, provavelmente oriundo de uma fivela, entretanto desaparecida. Dele resta parte da agulha, torcida e deslocada do alinhamento original, e da base, que possuiria configuração aproximadamente arredondada. Se observado na perspetiva inferior, nota-se ainda uma parcela do que seria o arranque do gancho. Não consolidado, encontra-se em estado de conservação periclitante, sendo evidentes os indícios de corrosão ativa, a par de sedimentos acumulados.

Dimensões – 32 mm (comp.); 15,66 mm (larg. base); 16,31 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII (?).

Observações – Até ao momento, não nos foi possível reconhecer um paralelo direto para este suposto fuzilhão, de configuração algo irregular.

Bibliografia –

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Alfinete de cabelo (Est. LXXXVI, fig. 447 e 448).

S/ Inv.

Descrição – Alfinete de liga de cobre, não consolidado, em razoável/mau estado de conservação. A cabeça, de configuração cilíndrica, apresenta zonas enegrecidas, supostamente resultantes de processos de corrosão, que deterioraram a superfície. Aliás, devido ao grau de preservação deficiente em que se apresenta, não é possível garantir se, originalmente, terá exibido decoração. Todavia, é possível que possua um motivo oculado. Quanto à agulha, apresenta espessura variável, sendo a mesma mais volumosa junto da cabeça e revelando tendência para o estreitamento com o avanço no sentido da extremidade oposta, algo apontada.

Dimensões – 144 mm (comp.); 6,22 mm (Ø cabeça); 1,75 mm (esp. máx.).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Atendendo à dimensão do objeto em análise e à configuração cilíndrica exibida pela cabeça, julgamos estar perante um alfinete de cabelo e não face um alfinete utilizado em sudário.

Bibliografia –

B.2.2 – Anel (Est. LXXXVI, fig. 449 e 450).

S/ Inv. (cont. 5147/vol. 1)

Descrição – Anel filiforme, de liga de cobre, muito fino e frágil, em razoável estado de conservação. Apesar da espessura particularmente reduzida do aro, quase que um fio metálico, este ostenta, ainda assim, ténue decoração: uma espécie de ondeado ou entrançado, propiciado através de leves incisões.

Dimensões – 17,60 mm (Ø aro); 0,63 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – Até ao momento não nos foi possível reconhecer um paralelo direto para este anel filiforme.

Bibliografia –

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – Conta de colar (Est. LXXXVII; fig. 451 e 452).

S/ Inv. (cont. 5145/vol. 1-16)

Descrição – Conta de colar de secção circular, produzida em material não identificado, talvez vidro, de tendência ligeiramente porosa e com coloração esverdeada. A decoração refere-se a sulcos incisos pouco regulares, dispostos na oblíqua. Parece haver indícios de pintura de cor azul mais escura nalgumas zonas da superfície.

Dimensões – 13,70 mm (Ø máx.); 5,93 mm (Ø orifício); 4,04 mm (esp. parede).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – O formato e os ornatos desta conta aproximam-na de um objeto isolado recolhido no sepulcro 153 da necrópole de Duratón[361].

Bibliografia –

D.1.2 – Conta de colar (Est. LXXXVII; fig. 453 e 454).

S/ Inv. (cont. 5145/vol. 1-17)

Descrição – Conta de colar de tonalidade cinzenta e configuração irregular, produzida em material não diagnóstico: não é claro se poderá constar de xisto ou de mineral congénere. Apresenta-se em razoável estado de conservação, mas possui restos de sedimentos agregados, que contribuem para a rugosidade das superfícies. Em paralelo, verifica-se acumulação de terra junto da perfuração patente na zona superior, a que se soma a presença de uma pequena pedra, obstruindo o orifício inferior.

Dimensões – 15,82 mm (alt.); 20,28 mm (Ø máx.); 4,53 mm (Ø orifício).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – A configuração irregular exibida pelo objeto em análise aproxima-a de uma das contas de colar recuperadas na sepultura 154 de Duratón[362].

Bibliografia –

D.1.3 – Conta de colar (Est. LXXXVII; fig. 455 e 456).

S/ Inv. (cont. 5145/vol. 1-17)

Descrição – Conta de colar de cor azul escura e secção tendencialmente circular, produzida em vidro. A superfície inferior é aplanada, enquanto a superior se mostra arredondada. Apesar de o estado de conservação geral ser razoável, são observáveis alguns sinais de degradação: vazios de material e pequenas perfurações.

Dimensões – 6,71 mm (alt.); 10,96 mm (Ø máx.); 3,85 mm (Ø orifício).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Em etiqueta colocada junto da conta pode ler-se a seguinte anotação: «Fíbula e conta encontrada fora das sepulturas no cemitério de Sampão». Ora, sendo certo que, entre os materiais metálicos recuperados figuram duas fíbulas em ómega, não é possível, porém, determinar a qual dos artefactos, em concreto, se refere a nota. Registemos também a possibilidade de, através da designação «fíbula», se pretender aludir a uma fivela, dada a confusão que, não raro, se estabelecia em torno da nomenclatura destes artefactos. De qualquer modo, o facto de conta e fíbula (?) terem sido detetados fora das sepulturas poderá indiciar a ocorrência de violação das tumulações.

Bibliografia –

[361] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXX, fig. 2.

[362] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXX, fig. 3.

Sítio: Monte do Pombal
(Freg. Vaiamonte; Conc. Monforte; Portalegre).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Bilha (Est. LXXXVIII, fig. 457 e 458).

N.º de Inv. – 2010.35.1.

Descrição – Bilha produzida a torno (?), razoavelmente conservada, quase completa. Falta uma pequena parcela do lábio e, no lado oposto, parte da asa. Esta, em função do alinhamento do que resta do arranque, reforçado com dedadas e localizado sensivelmente na zona média superior do bojo e junto ao bordo, deveria apresentar-se alinhada na vertical. A boca é levemente esvasada e o lábio alto, de secção aproximadamente triangular. O colo é reentrante e o corpo, tendencialmente piriforme. O fundo é ligeiramente convexo ou abaulado, o que diminui a estabilidade do recipiente. Na zona que separa o fundo do arranque do corpo detecta-se uma ligeira fratura.

A pasta é muito clara, branca rosada ou rosada clara[363]. No entanto, a presença de uma ligeira película acinzentada leva-nos a colocar a hipótese de a superfície exterior da peça ter recebido originalmente uma aguada. De qualquer modo e a ter, de facto, existido, a aguada encontra-se atualmente quase desaparecida, circunstância que poderá ficar a dever-se à acidez do solo. A superfície é ligeiramente áspera, mas não rugosa, sendo percetível a inclusão de algum desengordurante, nomeadamente, de mica, branca e preta, e de quartzo.

Dimensões – 149,11 mm (alt.); 44,83 mm (Ø boca); 33,38 mm (Ø colo); 86,64 mm (Ø bordo); 65,99 (Ø fundo); 17,80 mm (Ø arranque da asa); 6,82 mm (esp. lábio).

Cronologia – Finais do século VI/inícios do VII até meados da centúria.

Observações – Segundo informação integrada no processo do sítio, este recipiente poderá ter sido recolhido no entulho da necrópole. Corresponde à variante A do tipo 4 de Flörchinger e encontra paralelo próximo numa bilha recolhida na sepultura 39 de Gerena, Sevilha[364].

Bibliografia – AREZES, 2015a: 236-241.

[363] MUNSELL, 1975: 5 YR 8/2 ou 7,5 YR 8/4.

[364] FLÖRCHINGER, 1998: 11; lâm. 13, n.º 3.

Sítio: Herdade da Chaminé
(Freg. Vila Fernando; Conc. Elvas; Dist. Beja).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

B – Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. LXXXVIII, fig. 459 e 460).

S/ Inv.

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, em razoável/mau estado de conservação. De facto, são observáveis zonas muito degradadas, umas com sinais de corrosão ativa e outras apenas escurecidas. O aro possui contorno ovalado, enquanto o eixo da charneira, de tendência retilínea, exibe secção circular. É nele que se articula o gancho do fuzilhão, ainda completo e provido de base de contorno aproximadamente escutiforme (sem, no entanto, o atingir plenamente). Na superfície da base é observável uma leve depressão, de formato circular, resultante de ação intencional. A agulha, por seu turno, estreita progressivamente na direção da extremidade, onde culmina com secção triangular.

Dimensões – 24,05 mm (Ø aro); 26,27 mm (comp. fuzilhão); 7,82 mm (larg. base fuzilhão); 5,17 mm (esp. aro).

Cronologia – Século VI a meados do VII.

Observações – O aro desta fivela é idêntico ao de múltiplos exemplares já analisados, como os de Castro de Avelãs (Bragança) ou Abuxarda (Cascais). No entanto, o fuzilhão da Chaminé não se coaduna com os tipos plenamente escutiformes que, normalmente, estão associados aos aros ovalados, dado que a sua configuração, ainda que prenuncie esse formato, mostra-se algo incipiente. De qualquer modo, foi possível detetar-lhe um paralelo inquestionavelmente próximo, patente numa agulha isolada recuperada no sepulcro 283 de Duratón, onde surgiu associada a uma placa de cinturão rígida[365].

Bibliografia – HELENO, 1951: 89-91.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Brinco anelar (Est. LXXXIX, fig. 461 e 462).

S/ Inv.

Descrição – Brinco de liga de cobre, em razoável estado de conservação. Não obstante e à semelhança de outro exemplar recolhido na Herdade da Chaminé, em que de seguida nos deteremos, não foi sujeito a qualquer tipo de tratamento de consolidação. O reverso apresenta-se consideravelmente pior preservado, sendo visíveis faixas escurecidas e outras em que são evidentes os sinais de corrosão ativa. O aro, anelar e de secção circular, praticamente

[365] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXXV, fig. 1.

completo, estreita à medida que se aproxima da extremidade oposta à que possui o apêndice. Este, poliédrico e facetado, é adornado através de um círculo oculado, inciso em cada uma das faces laterais. Apenas se encontra ausente no limite avançado do referido apêndice, bem assim como na parte oposta, coincidente com o ponto a partir do qual arranca o aro.

Dimensões – 30,31 mm (Ø aro); 4,94 mm (Ø apêndice); 2,02 mm (esp. apêndice).

Cronologia – Século VI.

Observações – Este brinco, que denota incontornáveis semelhanças face a um outro, exumado no túmulo 178 de Duratón, em associação com duas fíbulas e parte de uma placa de cinturão provida de incrustações[366] foi publicado por Manuel Heleno como alfinete[367].

Bibliografia – HELENO, 1951: 92.

B.2.2 – Brinco anelar (Est. LXXXIX, fig. 463 e 464).

S/ Inv.

Descrição – Brinco de liga de cobre, em razoável estado de conservação, apesar de não ter sido restaurado nem consolidado. Ocasionalmente, porém, mostra zonas mais escurecidas, resultantes da degradação do metal. Possui contorno anelar e aro de secção circular, estreitando progressivamente desde a zona onde figura o apêndice. Este assume aspeto poliédrico, tendo sido facetado e revelando superfícies de contorno triangular ou sob a forma de losango.

Dimensões – 33,13 mm (Ø aro); 5,41 mm (Ø apêndice); 2,30 mm (esp. apêndice).

Cronologia – Século VI.

Observações – À semelhança da peça acima descrita, também esta foi classificada por M. Heleno como alfinete[368].

Bibliografia – HELENO, 1951: 92.

Sítio: Silveirona

(Freg. União das freguesias de Santo Estêvão e São Bento do Cortiço; Conc. Estremoz; Dist. Évora).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Jarro (Est. XC, fig. 465 e 466).

N.º de Inv. – 2002.26.40.

[366] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâmina XXXI, fig. 2.

[367] HELENO, 1951: 92.

[368] HELENO, 1951: 92.

Descrição – Vaso produzido a torno, similar ao tipo 12 de A. Flörchinger[369]. Encontra-se completo e em bom estado de conservação, sendo apenas percetíveis algumas linhas de fratura e evidências das colagens associadas. O bocal, algo esvasado, é trilobado e o lábio, arredondado. No arranque da zona do bico vertedor, posicionado lateralmente, são observáveis as dedadas que ajudaram a modelá-lo. A asa, de fita, com textura áspera e quase rugosa, arranca do bordo, onde, junto ao lábio, se apresenta sobre-elevada; estende-se depois sensivelmente até à parte intermédia do bojo, ovoide, onde termina, realçada através de uma dedada bem pronunciada. Na base, plana, figuram cinco grafitos simples, referentes a incisões sequenciais, dispostas na oblíqua e paralelas entre si.

A pasta, porosa, apresenta tonalidade rosada[370], muito embora sejam visíveis áreas acinzentadas[371], sugerindo a exposição ao fumo. Estas ocorrem praticamente em toda a superfície da peça, no lado oposto à asa. É também notória a inclusão de minerais, nomeadamente, de alguma mica, quartzo e feldspato, ao que se acrescentam elementos plásticos, como a cerâmica moída.

Dimensões – 139,47 mm (alt.); 102,13 (Ø boca); 143,40 mm (Ø bojo); 89,71 mm (Ø base); 30,41 mm (larg. asa); 12,85 mm (asa); 9,37 mm (esp. lábio).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – A tipologia desta peça, de que não se conhece o contexto[372] é idêntica à revelada por um jarro recuperado na cabana 1715 de El Prado de los Galápagos, em Madrid, cuja cronologia se centra no século VII ou inícios do VIII[373]. Assemelha-se igualmente a um recipiente exumado na sepultura 6 da basílica de Casa Herrera, em Mérida, sendo que a datação proposta surge balizada entre os finais do século V e meados do VI[374]. Ressalve-se, porém, que nenhum dos paralelos apontados possui o bico vertedor em posição lateral, face à asa.

Bibliografia – CUNHA, 2008: 61; 63; 165, n.º 109; 207, fig. 105, n.º 109; 220, fig. 147.

A.2. – Jarro (Est. XC, fig. 467 e 468).

N.º de Inv. – 2002.26.41.

Descrição – Jarro feito a torno, completo, bem preservado. É análogo à variante B do tipo 10 de A. Flörchinger[375]. Possui bocal trilobado, reforçado por duas dedadas patentes em cada um dos lados do bico vertedor. O colo, estreito e com vestígios de decoração espatulada (?), alarga na aproximação ao bojo, piriforme. A asa, de fita, arranca diretamente do bordo

[369] FLÖRCHINGER, 1998: 15.
[370] MUNSELL, 1975: 5 YR 7/4.
[371] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/2.
[372] CUNHA, 2008: 165.
[373] SÁNCHEZ-MORENO *et al.*, 2006: 448; 453-454.
[374] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 14, n.º 9.
[375] FLÖRCHINGER, 1998: 15.

e estende-se sensivelmente até à zona central do bojo. O fundo, por seu turno, é plano. Na superfície exterior, com textura algo áspera, são percetíveis vestígios de uma substância ou película esbranquiçada, que poderão eventualmente decorrer das condições de depósito da peça.

A pasta, laranja avermelhada[376], inclui alguns grãos de feldspato, de calibre reduzido, ao que se soma alguma mica branca.

Dimensões – 184,72 mm (alt.); 120,1 mm (Ø bojo); 66,37 mm (Ø base); 35,24 mm (larg. asa); 14,19 mm (esp. asa); 6,45 mm (lábio).

Cronologia – Meados do século VI a inícios do VII.

Observações – Não se conhece o contexto deste jarro; todavia, M. Cunha considera a possibilidade de ser proveniente do conjunto sepulcral que designa como Silveirona I[377]. No entanto, dada a ausência de indicações concretas acerca da sua origem e atendendo ao óptimo estado de conservação em que se apresentava, cremos que apenas se pode inferir que, efetivamente, este recipiente teria permanecido longo tempo «protegido» no interior de uma sepultura e, por outro lado, que essa estrutura seria certamente, tardia. Acrescente-se ainda que são múltiplos tipológicos para o recipiente em análise. Um deles, integrado no presente catálogo (n.º de inv. 2010.27.2 /15.891) procede da necrópole do Cortiçal, localizada em Arraiolos. Um segundo é oriundo de Casa Herrera, Mérida[378] e outro da necrópole do Cerro de las Losas, em El Espartal, Madrid[379].

Bibliografia – CUNHA, 2008: 63; 67; 165, n.º 110; 207, fig. 105, n.º 110; 220, fig. 148.

A.3. – Pote (Est. XCI, fig. 469 e 470).

N.º de Inv. – 2002.26.42.

Descrição – Pote completo, em muito bom estado de conservação: encontra-se apenas ligeiramente «esbotenado» na parte inferior do lábio, extrovertido. O perfil é em *S*, sendo o colo ligeiramente reentrante e o fundo, plano. Nele figuram dois leves grafitos: um, de tendência ziguezagueante; o segundo, que se lhe sobrepõe, algo arqueado. A zona superior, próxima do bordo, aparenta, sob determinadas perspetivas, possuir pelo menos três bandas horizontais: uma na zona de inflexão, entre bordo e bojo e as restantes duas na área de arranque da pança. Nessas bandas, as superfícies revelam uma textura mais lisa e cuidada, o que poderá indiciar uma tentativa de acabamento.

A superfície exterior, com tonalidade que oscila entre o vermelho claro e o alaranjado[380], é áspera e algo rugosa. Possui, além do mais, vestígios de uma matéria esbranquiçada semelhante à observada na peça anteriormente analisada (n.º inv. 2002.26.41). A pasta,

[376] MUNSELL, 1975: 10 R 5/8.

[377] CUNHA, 2008: 156; 165.

[378] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 20, n.º 1.

[379] MORÍN DE PABLOS *et al.*, 2006: 76, fig. 26.

[380] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 6/8 ou 5 YR 5/6.

compacta, é razoavelmente depurada, sendo percetível alguma mica branca, feldspato e quartzo, de calibre variável, mas sobretudo reduzido a mediano.

Dimensões – 172,81 mm (alt.); 168 mm (Ø bojo); 113,86 mm (Ø base).

Cronologia – Finais do século V à segunda metade do VI.

Observações – M. Cunha insere esta peça, sem indicação de contexto conhecida, no conjunto de materiais presumivelmente recolhidos em Silveirona I[381]. No entanto, reconhece-lhe datação tardia, atendendo aos paralelos que identificou, fundamentalmente assentes em recipientes de cerâmica comum atribuídos ao período visigótico[382]. De facto, coaduna-se perfeitamente com a variante C do tipo 1 definido por Flörchinger, sendo muito semelhante ao pote exumado no sepulcro 8 de Casa Herrera[383].

Bibliografia – CUNHA, 2008: 61; 166, n.º 111; 207, fig. 105, n.º 111; 220, fig. 149.

A.4. – Jarro (Est. XCI, fig. 471 e 472).

N.º de Inv. – 2002.45.1.

Descrição – Jarro de perfil em *S*, feito a torno, completo, em bom estado de conservação. Denota apenas leves linhas de fratura no lábio e indícios de colagem, como os que se encontram patentes na asa, de fita. O bordo é extrovertido e o lábio, arredondado, dispõe-se na oblíqua, sendo que, na zona imediatamente inferior, é observável um sulco inciso. A pança mostra-se bojuda e o fundo, por seu turno, ligeiramente côncavo. As superfícies são ásperas, sobretudo em razão da profusa quantidade de desengordurante incluída, designadamente mica, feldspato e quartzo, algum de calibre avultado, ultrapassando os 3 mm de diâmetro. No entanto, a generalidade dos elementos não plásticos apresenta dimensão reduzida ou mediana.

A pasta, de cor vermelha[384], é pouco depurada, quase grosseira. São visíveis vestígios de fuligem em algumas zonas, nomeadamente, na oposta à asa, os quais poderão resultar da exposição ao fumo no processo de cozedura.

Dimensões – 127,49 mm (alt.); 88,01 mm (Ø boca); 112,38 mm (Ø bojo); 59,43 mm (Ø base); 17,70 mm (larg. asa); 10,48 mm (esp. asa); 5,26 mm (lábio).

Cronologia – Finais do século V a meados do VI (?).

Observações – Este recipiente foi recolhido na sepultura X de Silveirona I[385]. É razoavelmente idêntico a um vaso detetado em Tolmo de Minateda, Helín[386], sendo possível que corresponda à variante A do tipo 5 definido por Flörchinger[387].

---

[381] CUNHA, 2008: 156; 166.

[382] CUNHA, 2008: 61.

[383] FLÖRCHINGER, 1998: 8.

[384] MUNSELL, 1975: 2,5 YR 5/8.

[385] CUNHA, 2008: 135.

[386] GUTIÉRREZ LLORET *et al.*, 2004: fig. 25 *apud* GAMO PARRAS, 2006: 149, fig. 12.

[387] FLÖRCHINGER, 1998: 12.

Bibliografia – CUNHA, 2008: 63; 66; 135, n.º 13; 191, fig. 89, n.º 13; 215, fig. 119.

A.5. – Jarro (Est. XCII, fig. 473 e 474).

N.º de Inv. – 2002.49.1.

Descrição – Jarro produzido a torno. Encontra-se completo e bem preservado, apesar de parcialmente colado e da presença de diversas linhas de fratura. O bocal é trilobado, com impressões digitadas reforçando o bico vertedor. O lábio, por seu turno, mostra-se aplanado em alguns pontos e espessado para o exterior. A asa, de fita, exibe um sulco longitudinal, descentrado e de tendência ligeiramente arqueada. No colo, pouco pronunciado, é observável uma canelura e, na parte média ou média baixa do bojo, figura uma carena saliente. O fundo é plano.

A pasta, de cor laranja[388], inclui considerável quantidade de minerais, caso de mica, quartzo e feldspato, a par de alguns elementos plásticos, de coloração avermelhada, correspondentes a cerâmica moída. Não prima pela compacidade, denunciando certa tendência para a desagregação e para que, progressivamente, se vá libertando algum material. A textura é áspera, quase rugosa, sendo percetíveis ocasionais marcas de torno.

Dimensões – 133,47 mm (alt.); 88,65 mm (Ø boca); 77,39 mm (Ø colo); 105,21 mm (Ø bojo); 60,92 mm (Ø base); 28,61 mm (larg. asa); 6,26 mm (lábio).

Cronologia – Meados do século VI aos inícios do VII.

Observações – Este vaso provém da sepultura CD de Silveirona I[389]. Pela tipologia apresentada poderá coadunar-se com a variante A do tipo 9 de Flörchinger[390]. O paralelo mais próximo que nos foi possível reconhecer radica num jarro de bocal trilobado com carena, descoberto na sepultura 36 da necrópole de Gerena[391]. Notamos, porém, uma especificidade divergente: a configuração do colo, mais estreito no exemplar sevilhano.

Bibliografia – CUNHA, 2008: 63; 66; 148-149, n.º 51; 198, fig. 96, n.º 51; 218, fig. 138.

A.6. – Bilha (Est. XCII, fig. 475 e 476).

N.º de Inv. – 2002.112.1.

Descrição – Bilha incompleta, feita a torno, compatível com o tipo 7, variante A, definido por Flörchinger[392] ou, dado que aquele carece de asa, correspondente ao tipo 10 A, estabelecido pela mesma autora[393]. O fundo é plano e o bojo cónico, nele assentando o arranque da asa, logo quebrada, mas que deveria prolongar-se até à boca. Na aproximação à zona do colo nota-se um estreitamento progressivo. No entanto, dele resta apenas uma

[388] MUNSELL, 1975: 5 YR 7/8.
[389] CUNHA, 2008: 148.
[390] FLÖRCHINGER, 1998: 14.
[391] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 12, n.º 7.
[392] FLÖRCHINGER, 1998: 13.
[393] FLÖRCHINGER, 1998: 14.

pequena parte, enquanto o bocal se encontra completamente ausente. De qualquer modo, presume-se que pudesse ser algo extrovertido. A superfície é regular, denotando, na área superior da pança, vestígios de acabamento espatulado (?), na vertical ou oblíqua. Depois, junto da asa, são observáveis duas aberturas sequenciais, de configuração aproximadamente amendoada. Já no lado oposto e, concretamente, no campo inferior, figuram dedadas alongadas, dispostas na diagonal.

A pasta é compacta, de cor castanha[394] e, em algumas faixas, quase acinzentada, supostamente em resultado do processo de cozedura. É notada a presença de desengordurante não plástico, sobretudo mica e quartzo, de calibre em regra inferior a 1,5 mm.

Dimensões – 140,18 mm (alt.); 45,96 (Ø zona conservada do colo); 125,61 mm (Ø bojo); 86,81 mm (Ø base); 11,78 mm (esp. arranque da asa); 6,60 mm (esp. colo).

Cronologia – Finais do século VI à segunda metade do VII.

Observações – M. Cunha, apoiando-se num registo do arquivo fotográfico do M.N.A. e em descrição apontada por Manuel Heleno num dos seus Cadernos, avança a hipótese de esta peça ter sido recolhida na sepultura XII[395]. Com efeito, Heleno menciona o achado de: «[…] uma bilhinha de forma cónica de pé, cheia de terra e já sem aza e desbocada […]», assinalando ainda que este recipiente surgia posicionado no ângulo direito daquela sepultura, onde repousavam «[…] dois esqueletos de costas deitados um sobre o outro e enterrados, parece-o, com pouco intervalo […]»[396]. Ora, sendo certo que a fotografia deste túmulo apresenta dois esqueletos sobrepostos e um recipiente incompleto, sem bocal, colocado no lado direito, hesitamos em assumir a efetiva correspondência entre os vasos cerâmicos, pois o bojo daquele que analisámos parece consideravelmente mais pronunciado que o da imagem.

Bibliografia – CUNHA, 2008: 172, n.º 128; 210, fig. 108, n.º 128; 221, fig. 159.

A.7. – Bilha (Est. XCIII, fig. 477 e 478).

N.º de Inv. – 2002.113.7.

Descrição – Dois fragmentos colados, procedentes de uma forma cerâmica destinada à contenção de líquidos, suposta bilha, de bojo tendencialmente piriforme. Apesar de incompleto, o perfil conservado deixa perceber que o colo seria estreito. É observável uma canelura decorativa, disposta na horizontal. E, na zona inferior, sensivelmente a meio do bojo, é também percetível o arranque da asa, ladeado por uma dedada. A superfície exterior é ligeiramente áspera, exibindo zonas com fuligem. No essencial, porém, não parece ter sido exposta ao fogo. De resto, denota apenas algumas estrias. Na superfície interna, por seu turno, são visíveis nítidas marcas de torno.

[394] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/4 ou 7.5 YR 5/4.

[395] CUNHA, 2008: 111, fig. 36; 172.

[396] HELENO, 1934: Caderno n.º 3.

A pasta, avermelhada[397], é muito compacta e bem cozida; inclui mica prateada e demais desengordurante não plástico, nomeadamente, algum quartzo cujo calibre excede os 3 mm.

Dimensões – 123,75 mm (alt.); 166,02 mm (Ø estimado do bojo); 7,53 mm (esp.).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Desconhece-se o contexto preciso de exumação destes fragmentos[398], pelo que não é seguro apontar-lhes uma origem sepulcral. No entanto, a vocação a que responderia a peça, respeitante à contenção de líquidos, aliada às particularidades da pasta, levam-nos a equacionar a possibilidade de ter feito parte do mobiliário fúnebre de algum dos túmulos tardios de Silveirona.

Bibliografia – CUNHA, 2008: 172-173, n.º 131; 210, fig. 108, n.º 131; 221, fig. 160.

A.8. – Bilha (Est. XCIII, fig. 479 e 480).

N.º de Inv. – 2002.113.19.

Descrição – Gargalo incompleto de bilha, com bordo arredondado e um pouco extrovertido. Parte do colo encontra-se fragmentado. Ainda assim, é possível comprovar a sua tendência algo reentrante. Dele arrancariam as duas asas do recipiente, sendo que, presentemente, apenas se conserva a parte inicial de uma.

A superfície, de tonalidade avermelhada[399], é áspera, rugosa e inclusive irregular, na zona inferior da asa. No entanto, é possível que tenha sido alisada ou mesmo, espatulada. A pasta é pouco depurada, mas compacta, com inclusão de mica, branca e preta, bem como de grãos de feldspato e quartzo, que chegam a rondar os 2,5 mm de dimensão.

Dimensões – 59,05 mm (alt.); 44,33 mm (Ø boca); 7,16 mm (esp. lábio).

Cronologia – Finais do século VI a meados do VII.

Observações – Este gargalo, recolhido em local não especificado de Silveirona II[400], é idêntico ao exibido por uma bilha que figura entre os achados antigos de San Pedro de Alcántara[401], compatível com o tipo 14, variante B, definido pela mesma autora[402].

Bibliografia – CUNHA, 2008: 174-175, n.º 138; 211, fig. 109, n.º 138.

A.9. – Cântaro (Est. XCIII, fig. 481 e 482).

N.º de Inv. – 2002.114.1.

Descrição – Conjunto de fragmentos que permitiram concretizar várias colagens, muito embora não seja possível articular as diferentes parcelas reunidas entre si. Ainda assim, percebe-se que o recipiente de que provêm seria alto e destinado a conter líquidos,

[397] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 6/8 ou 5/8.
[398] CUNHA, 2008: 172.
[399] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/6.
[400] CUNHA, 2008: 174-175.
[401] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 7, n.º 9.
[402] FLÖRCHINGER, 1998: 17-18.

podendo tratar-se de um cântaro ou forma congénere, provida de duas asas e com características que a aproximam, em determinados pontos, quer da variantes A, quer da B, do tipo 14 de A. Flörchinger[403]. Do gargalo, carenado e estreito, subsistem dois fragmentos, um dos quais de dimensão diminuta, colado na zona inferior, enquanto do bordo propriamente dito, já não há sinal. Da parte superior do bojo, de tendência piriforme, restam cinco fragmentos, sendo um deles respeitante à asa, de fita, com depressão longitudinal. Quanto à zona inferior, constituem-na seis fragmentos, dois dos quais bastante degradados. Não chega a ser visível qualquer fragmento do fundo, mas supõe-se que este fosse plano.

A superfície exterior mostra-se regular, com textura áspera. A pasta, compacta e algo grosseira, inclui mica preta de tamanho mediano, a par de branca, mais diminuta, bem como quartzo e feldspato. Já a coloração oscila entre o avermelhado[404] e o vermelho amarelado[405], sendo mais acastanhada e escura na parte interior dos fragmentos.

Dimensões – 31,95 (larg. asa); 14,13 mm (esp. asa); 8,19 mm (esp. parede).

Cronologia – Segunda metade do século V à segunda do VII.

Observações – As características evidenciadas por este recipiente, cujo contexto sepulcral não foi possível discernir[406], aproximam-no de um outro, achado no túmulo 40 da necrópole de Gerena[407].

Bibliografia – CUNHA, 2008: 178, n.º 149; 214, fig. 112, n.º 149.

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. XCIV; fig. 483 e 484).

N.º de Inv. – 2003.55.1.

Descrição – Aro de fivela fundido em molde, de liga de cobre, tendencialmente reniforme, bem preservado. Encontra-se destituído do fuzilhão que, originalmente, se articularia em torno da zona inferior do aro, mais concretamente no eixo da charneira, devendo prolongar-se até que a extremidade da agulha se apoiasse no topo, na zona coincidente com a leve concavidade ainda visível. As superfícies são regulares, sendo apenas percetível uma zona ligeiramente derruída no verso, pior conservado. A secção, por seu turno, é semicircular.

Dimensões – 25,62 mm (Ø); 5,40 mm (larg.); 5,06 mm (esp.).

Cronologia – Finais do século VI/inícios do VII aos alvores do século VIII.

Observações – O aro em análise foi detetado no interior da sepultura XXVII, orientada, segundo indicação de Manuel Heleno, no sentido nordeste-sudoeste. O arqueólogo acrescenta ainda outras informações acerca da estrutura e condições em que se achavam

[403] FLÖRCHINGER, 1998: 17-18.

[404] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/6 ou 5/8.

[405] MUNSELL, 1975: 5 YR 4/6.

[406] CUNHA, 2008: 178.

[407] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 13, n.º 4.

as ossadas no interior: «[…] constituída por paredes laterais, com uma lage de topo aos pés e duas a cabeceira. Ossos meudos e poucos na parte média assentes no terreno natural. Cobertura por cinco lages […]»[408]. Note-se ainda que este aro é similar a um outro exemplar, também incompleto, descoberto no sepulcro 1 de Alconétar, Cáceres[409], podendo também ser equiparado ao da fivela recolhida no sepulcro n.º 15 da Fonte do Sapo[410], sobretudo se atentarmos no formato que teria o fuzilhão, conforme representado por M. Heleno[411].

Bibliografia – CUNHA, 2008: 79-80; 177, n.º 146; 213, fig. 111, n.º 146; 222, fig. 162.

B.1.2 – Aplique de cinturão (?) (Est. XCIV; fig. 485 e 486).

N.º de Inv. – 2003.54.1.

Descrição – Fragmento de chapa metálica, produzida em liga de cobre, consolidada e em bom estado de preservação, apesar de incompleta. Encontra-se classificada, com reservas, como placa de cinturão[412]. E de facto, se por um lado, a espessura que possui é demasiado reduzida para lhe permitir funcionar como um elemento de cinturão propriamente dito, por outro, a tipologia exibida não é comparável à de qualquer exemplar conhecido, daí que tal classificação nos suscite as maiores dúvidas. Denotando configuração retangular, ostenta, na zona lateral direita, três perfurações de formato circular. Delimitando essa zona e separando-a do campo ornamentado, figura um sulco inciso disposto na vertical. Presume-se que, na área lateral esquerda, a solução vigente seria idêntica, até porque parece notar-se o arranque de três perfurações, razoavelmente alinhadas com as que são ainda visíveis na faixa simetricamente oposta; todavia, não é possível garanti-lo de modo assertivo, visto que a linha de fratura não o permite. No campo central da peça é observável um motivo zoomórfico estilizado (um leão, um canídeo ou animal congénere), cremos que em posição de marcha, quase integralmente apresentado numa perspetiva lateral, exceção feita ao olho, que nos surge de frente. Para a representação desta figura, ladeada por profusos elementos puncionados, recorreu-se à incisão e ao repuxado.

Dimensões – 33,23 mm (comp.); 27,08 mm (larg.); 0,93 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Não se conhece o contexto preciso em que o objeto em análise foi achado; porém, é apontada a possibilidade de ter sido recuperado no 2.º ou 3.º talhão de Silveirona II[413]. Note-se ainda que não nos foi possível reconhecer nenhum paralelo suficientemente próximo para esta peça e, por outro lado, que não nos parece válida a sua integração no grupo das placas liriformes.

---

[408] HELENO, 1934: Caderno n.º 4.

[409] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 22, n.º 4.

[410] BATISTA & GASPAR, 2000: 639.

[411] CUNHA, 2008: 213, fig. 111, n.º 146.

[412] CUNHA, 2008: 178.

[413] CUNHA, 2008: 178.

Bibliografia – CUNHA, 2008: 80; 178, n.º 148; 213, fig. 112, n.º 148; 222, fig. 164.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (Est. XCV, fig. 487 e 488).

N.º de Inv. – 2002.114.2.

Descrição – Anel de liga de cobre, fundido em molde, em bom estado de conservação. Possui aro liso e de contorno circular, exceto na aproximação à mesa, onde se mostra mais achatado e dotado de largura mais avultada. A decoração circunscreve-se à mesa ou sinete, seccionado em quatro campos, obtidos através da intersecção de sulcos ponteados. Em cada uma das área assim definidas, figura um motivo circular oculado, nalguns pontos algo esbatido.

Dimensões – 25,71 mm (Ø); 10,32 mm (Ø mesa); 8,46 mm (larg. aro); 1,56 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O paralelo mais direto para esta peça, possivelmente recolhida por Manuel Heleno no 2.º ou 3.º talhão de Silveirona[414], é o anel exumado na sepultura 11 da necrópole da Fonte do Sapo[415], incluído no presente catálogo (n.º de inv. 09.FSN.012.1.3).

Bibliografia – CUNHA, 2008: 79; 179, n.º 150; 214, fig. 112, n.º 150; 222, fig. 165.

B.2.2 – Brinco (Est. XCV, fig. 489 e 490).

N.º de Inv. – 2002.114.3.

Descrição – Fragmento de brinco anelar, produzido em liga de cobre, com superfície de tonalidade dourada, talvez devido ao tratamento que lhe foi conferido. A parte do aro conservada, de secção circular, apresenta-se em bom estado. Percebe-se o alargamento progressivo, a partir da extremidade preservada, em direção à oposta, onde deveria figurar o apêndice, atualmente em falta.

Dimensões – 28,80 mm (Ø); 2,70 mm (larg.); 1,97 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Sem que se conheça especificamente o local de achado deste fragmento de brinco, considera-se provável que seja oriundo do núcleo mais tardio de Silveirona[416].

Bibliografia – CUNHA, 2008: 179, n.º 151; 214, fig. 112, n.º 151; 223, fig. 166.

B.2.3 – Brinco (Est. XCV, fig. 491 e 492).

N.º de Inv. – 2002.114.4.

Descrição – Brinco anelar fragmentado e incompleto, produzido em liga de cobre. Resta o aro, de secção semicircular e tonalidade dourada, que poderá ficar a dever-se ao tipo de tratamento que lhe foi conferido aquando do processo de consolidação. Originalmente,

[414] CUNHA, 2008: 179.

[415] BATISTA & GASPAR, 2000: 639; est. III, foto 4.

[416] CUNHA, 2008: 178-179.

possuiria um apêndice, colocado junto da zona mais volumosa do aro, o qual estreita progressivamente, à medida que se aproxima da extremidade oposta.

Atualmente, a configuração surge algo alterada, tendo perdido o formato tendencialmente circular que apresentaria.

Dimensões – 37,84 mm (Ø); 2,11 mm (larg. aro); 1,33 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Segundo informação incorporada no processo de Silveirona, consultado no Arquivo do M.N.A., este brinco truncado teria sido detetado no sepulcro XXVIII. Efetivamente, esta indicação poderia ser corroborada pelos apontamentos que Manuel Heleno escreveu a propósito do referido túmulo: «[…] A cabeça repousa sobre o ombro direito, com os braços cruzados sobre o peito. Na parte NE da sepultura alguns ossos em mau estado, onde se observam fémures. Na parte superior da sepultura apareceu um brinco (argola) […]»[417]. Note-se, porém, que este brinco não foi o único a aparecer isolado. M. Cunha considera que foi outra a peça achada na sepultura XXVIII (n.º de inv. 2003.56.1) e não a analisada no presente item (n.º de inv. 2002.114.4), que a autora agrupa no conjunto de materiais «provavelmente» procedentes de Silveirona II, sem, como tal, lhe atribuir um local de recolha preciso[418].

Bibliografia – CUNHA, 2008: 179, n.º 152; 214, fig. 112, n.º 152; 223, fig. 167.

B.2.4 – Brinco (Est. XCVI, fig. 493 e 494).

N.º de Inv. – 15.517 – A / 2003.53.1.

Descrição – Brinco anelar em liga de cobre. Consolidado, encontra-se em razoável estado de conservação, apesar de incompleto. Uma das extremidades apresenta-se quebrada e a oposta, onde figura o apêndice, surge também fragmentada.

No que se refere ao apêndice, registe-se que apresenta secção aproximadamente quadrangular, evidenciando a ocorrência de concreções e zonas derruídas.

Dimensões – 34,61 mm (Ø); 7,09 mm (Ø apênd.); 5,83 mm (esp. apênd.); 3,35 mm (esp. aro);

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com informação constante do processo, este brinco, juntamente com o seguinte (n.º inv. 2003.53.1), com o qual forma par, poderia ter sido recuperado na sepultura II ou na XXI, as únicas a fornecer dois adornos deste tipo em contexto. M. Cunha, por seu turno, aponta a primeira das hipóteses, se bem que com reservas[419]. Pela nossa parte, inclinamo-nos a concordar com ela, excluindo a possibilidade de os brincos em causa procederem do sepulcro XXI, dado que a estrutura assim designada corresponde à que se encontra conservada nas reservas do Museu, em conformidade com intento manifestado por Manuel Heleno: «[…] Uma particularidade interessante apresenta este esqueleto:

[417] HELENO, 1934: Caderno n.º 4.

[418] CUNHA, 2008: 177-179.

[419] CUNHA, 2008: 79; 176.

num dedo da mão direita conserva um anel de cobre ou bronze com ornamentação. […] Outra particularidade desta sepultura é o encontrar-se ainda o esqueleto com brincos precisamente no lugar das orelhas. Os brincos tem a forma de argolas e são também de cobre ou bronze. Mantive-as em seu lugar com a intenção de reservar sepultura com as ossadas para o Museu Etnologico. […]»[420]. Acrescente-se, pois, que assim aconteceu, permanecendo os brincos e o anel bem visíveis, respetivamente, junto do crânio e numa das falanges do indivíduo (uma mulher?), assim sepultado.

Bibliografia – CUNHA, 2008: 79; 176-177, n.º 145; 213, fig. 111, n.º 145; 222, fig. 161.

B.2.5 – Brinco (Est. XCVI, fig. 495 e 496).

N.º de Inv. – 2003.53.1.

Descrição – Brinco anelar, produzido em liga de cobre. Completo e consolidado, encontra-se em razoável estado de conservação. No entanto, o verso da peça denota certo grau de degradação do metal e algumas concreções, patentes sobretudo no apêndice, o qual, algo corroído, apresenta feição aproximadamente circular ou, se observado na perspetiva contrária, quadrangular e facetada. O aro, por seu turno, possui formato e secção circulares.

Dimensões – 34,81 mm (Ø); 5,77 mm (Ø apênd.); 2,55 mm (esp. aro);

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Em conformidade com a explicação acima fornecida, esta peça faz par com o brinco anelar anteriormente descrito (n.º inv. 15.517 – A / 2003.53.1).

Bibliografia – CUNHA, 2008: 176-177, n.º 145; 213, fig. 111, n.º 145; 222, fig. 161.

B.2.6 – Brinco (Est. XCVI, fig. 497 e 498).

N.º de Inv. – 2003.56.1.

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, em bom estado de conservação, consolidado. A superfície, de tonalidade dourada, eventualmente decorrente do tratamento, possui textura pouco regular. O aro, de secção circular, apresenta perfil algo irregular e espessura variável, estreitando na direção da extremidade oposta à que exibe o apêndice. Este, igualmente com secção circular, é composto por molduras volumosas e projetadas, cada uma das quais decorada por um sulco inciso que percorre todo a sua extensão perimétrica. Estabelecendo separação entre as molduras é observável uma curta área rebaixada.

Dimensões – 31,94 mm (Ø); 7,93 mm (Ø apênd.); 4,67 mm (esp. apênd.); 3,66 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O brinco em análise, que encontra paralelo razoavelmente próximo num dos objetos recolhidos *in situ* em Montinhos 6, Serpa[421], deverá ter sido recuperado

[420] HELENO, 1934: Caderno n.º 3.

[421] AREZES *et al.*, 2013: 1924, fig. 11.

na sepultura XXVIII[422]. A propósito das dificuldades em determinar a sepultura de origem veja-se o comentário à peça inv. 2002.114.4.

Bibliografia – CUNHA, 2008: 79; 177, n.º 147; 213, fig. 111, n.º 147; 222, fig. 163.

B.4 – Armamento militar ou cinegético

B.4.1 – Ponta de lança (?) (Est. XCVII; fig. 499 e 500).

N.º de Inv. – 2002.26.65.

Descrição – Peça em ferro, consolidada e tratada, em bom estado de conservação geral. Não se encontra completa, faltando-lhe parte do metal na área onde se efetuaria o encabamento. A lâmina, de perfil ligeiramente irregular e com secção prismática exibe, em cada uma das faces e longitudinalmente, uma espinha dorsal, que se estende sensivelmente desde a zona de encabamento até à extremidade distal. Não é claro se a zona de maior diâmetro seria, originalmente, oca. Atualmente encontra-se preenchida com restos de ferro e alguns sedimentos, entre os quais avulta o quartzo.

Dimensões – 312,94 mm (comp.); 19,38 mm (Ø); 26,39 mm (larg.); 3,23 mm (esp.).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – A peça em análise, de contexto desconhecido, não foi estudada por M. Cunha. Por outro lado, também não corresponde a nenhuma das «armas» observáveis numa das fotografias publicadas, que reúne alguns objetos congéneres, dispostos como «troféus»[423]. Mas, note-se, nos Cadernos de Campo de Manuel Heleno regista-se a descoberta de diversas lanças, todas procedentes de Silveirona I, não tendo sido possível discernir a origem exata daquela que tratamos no presente trabalho.

Bibliografia –

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1. – Alfinete.

N.º de Inv. – 2002.114.7.

Descrição – Alfinete incompleto, mas consolidado, de reduzida dimensão. Conserva a cabeça, de secção quadrangular, ornada com cavidades de configuração tendencialmente oblonga ou circular. Da haste, circular, resta apenas uma pequena parte, adjacente à cabeça.

Dimensões – 110 mm (comp.); 60 mm (alt. cabeça).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Apesar de não ser conhecido o contexto de recolha deste fragmento, presume-se que seja procedente da área do conjunto sepulcral mais tardio de Silveirona[424].

Bibliografia – CUNHA, 2008: 180, n.º 153; 214, fig. 112, n.º 153.

[422] CUNHA, 2008: 79; 177.

[423] CUNHA, 2008: 119, fig. 68.

[424] CUNHA, 2008: 178.

Sítio: Cortiçal
(Freg. Igrejinha; Conc. Arraiolos; Dist. Évora).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Bilha (Est. XCVIII, fig. 501 e 502).

N.º de Inv. – 15.876 / 2010.26.1.

Descrição – Pequena bilha de duas asas, feita a torno, com perfil assimétrico, análoga à variante C do tipo 14 de A. Flörchinger[425]. O bordo é reto e o lábio denota tendência aplanada. O colo, alto, está provido de moldura saliente, a partir da qual arrancavam as asas (uma das quais atualmente desaparecida), prolongando-se até à zona mais volumosa do bojo. O fundo é plano. Não se observa qualquer tipo de decoração ou de acabamento cuidado, exceto na zona do colo, onde parece notar-se algum alisamento. Já a asa exibe uma linha incisa longitudinal junto de cada uma das extremidades.

A pasta, de tonalidade amarela avermelhada[426], é de melhor qualidade que a do jarro trilobado recolhido na mesma necrópole. Ainda assim, inclui elementos não plásticos de calibre reduzido a mediano. A textura da superfície é áspera, mas não rugosa.

Dimensões – 109,12 mm (alt.); 31,85 mm (Ø boca); 28,29 mm (Ø colo); 85,83 (Ø bojo); 32,32 mm (Ø fundo).

Cronologia – Século VI.

Observações – A pequena bilha em análise, apesar de assimétrica e, aparentemente, mais tosca, é idêntica a um recipiente oriundo do sepulcro 28 de San Pedro de Alcántara[427]. Segundo o processo do sítio, conservado no M.N.A., terá sido recolhida na sepultura 40. No entanto, as associações de materiais indicadas, pouco fiáveis e incoerentes, quer do ponto de vista cronológico quer cultural, parecem indiciar problemas de registo ou de inventariação.

Bibliografia – AREZES, 2015a: 236-241.

A.2. – Jarro (Est. XCVIII, fig. 503 e 504).

N.º de Inv. – 15.891 / 2010.27.2.

Descrição – Jarro produzido a torno, cuja configuração se coaduna com a variante B do tipo 10 de A. Flörchinger[428]. Encontrava-se bastante fragmentado mas as colagens efetuadas permitiram reconstruir a peça, hoje praticamente completa. Apesar de o bocal se encontrar quase totalmente ausente, presume-se que seria trilobado. Apenas se observa o prenúncio do bico, ladeado e reforçado por duas dedadas. A asa, de fita e com vestígios de

[425] FLÖRCHINGER, 1998: 18.
[426] MUNSELL, 1975: 7.5 YR 7/6.
[427] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 4, n.º 8.
[428] FLÖRCHINGER, 1998: 14-15.

alisamento, arranca do bordo e estende-se até à parte média alta do bojo, onde se apoia. O colo é alto e estreito. A pança, ovoide e o fundo, plano. A textura da superfície exterior é áspera e, nalgumas zonas, mesmo rugosa. As faixas mais regulares coincidem com aquelas onde se mantêm resquícios de uma película bege acastanhada.

A pasta oscila entre o avermelhado e o acastanhada[429], é grosseira e inclui desengordurante não plástico, de grão médio a grosso: mica, feldspato e algum quartzo, por vezes com calibre próximo dos 4 mm de diâmetro. Em certos pontos da asa, colo e bojo, são percetíveis zonas enegrecidas, denunciando exposição ao fumo.

Dimensões – 225,57 mm (alt.); 54,18 mm (colo); 141,09 mm (Ø bojo); 89,73 mm (fundo); 42,20 mm (larg. asa); 19,36 mm (esp. asa); 5,82 mm (esp. colo).

Cronologia – Meados do século VI a inícios do VII.

Observações – De acordo com informação transmitida por Almeida Carvalhais e recolhida no M.N.A., este jarro procede da sepultura 9 do Cortiçal. Tipologicamente aproxima-se de um dos recipientes recuperados no túmulo 20 de Casa Herrera, Mérida[430]. Todavia, o paralelo mais próximo que detetámos radica num jarro exumado na necrópole do Cerro de las Losas, em El Espartal, Madrid[431].

Bibliografia – AREZES, 2015a: 236-241.

A.3. – Pote (Est. XCIX, fig. 505 e 506).

N.º de Inv. – 18.759 / 2010.28.1.

Descrição – Pote bojudo, feito a torno, análogo à variante C do tipo 1 de Flörchinger[432]. A boca é esvasada, com lábio espessado para o exterior, de contorno arredondado. O colo é baixo e reentrante, apresentando-se longitudinalmente marcado por um sulco. O fundo seria plano, mas, atualmente, surge menos estável e algo cavado. A superfície exterior encontra-se muito danificada, revelando extensas áreas onde está ausente a capa mais superficial de cerâmica. Nas zonas conservadas, consegue perceber-se que a superfície terá sido alisada ao longo de todo o contorno da peça. Por outro lado, são observáveis algumas estrias horizontais na zona que medeia entre a base do colo e o lábio, também alisado.

A coloração do pote, se bem que não muito homogénea, mostra-se tendencialmente vermelha amarelada[433]. A pasta, pouco depurada, inclui elementos não plásticos, nomeadamente, mica e quartzo, algum de calibre superior a 2 mm. Parte da superfície denota exposição ao fogo, não sendo claro, porém, se tal ocorreu aquando do processo de cozedura ou no quadro de uma utilização quotidiana.

[429] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/6 ou MUNSELL, 1975: 7.5 YR 5/6.

[430] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 16, n.º 6.

[431] MORÍN DE PABLOS *et al.*, 2006: 76, fig. 26.

[432] FLÖRCHINGER, 1998: 8.

[433] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/6.

Dimensões – 118,62 mm (alt.); 88,00 mm (Ø boca); 78,86 mm (Ø colo); 111,39 mm (Ø bojo); 71,08 mm (Ø fundo); 4,88 mm (esp. lábio).

Cronologia – Finais do século V à segunda metade do VI.

Observações – Este pote foi recolhido na sepultura n.º 18759, estrutura de inumação construída com lajes e no interior da qual repousava um indivíduo de sexo masculino, já idoso. Neste sepulcro foram igualmente encontrados «[…] três grandes grupos de ferros rectangulares […]», aos quais caberia sustentar os elementos constituintes da câmara[434].

Bibliografia –

A.4. – Peso de tear (Est. XCIX, fig. 507 e 508).

N.º de Inv. – 2010.27.14.

Descrição – Peso de tear de cor rosada[435], praticamente completo, em razoável a bom estado de conservação. Apresenta-se sob a forma de um tronco de pirâmide, com base quadrangular, ligeiramente abaulada. A decoração, estampilhada, encontra-se patente em todas as superfícies: nas laterais e na base, onde, contudo, é muito esparsa. Note-se que a configuração das estampilhas (círculos preenchidos com raios ou pétalas) nem sempre é idêntica, podendo divergir ao nível da dimensão ou da quantidade de motivos que exibe. A peça foi produzida em pasta pouco depurada, com inclusão de desengordurante não plástico em quantidade considerável, sobretudo mica e quartzo, de calibre fundamentalmente reduzido. Uma das faces do peso encontra-se esbotenada. Note-se, por outro lado, que nenhuma apresenta contorno particularmente regular.

Dimensões – 124,56 mm (alt.); 58,66 mm (Ø base); 28,42 mm (Ø topo).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Não se conhece qualquer indicação relativa ao contexto sepulcral de origem deste peso, cuja decoração estampilhada é rigorosamente idêntica à revelada por fragmentos cerâmicos procedentes de Santos de la Humosa e publicados por Nuño González[436].

Bibliografia –

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. C, fig. 509 e 510).

N.º de Inv. – 15.871 / 2010.31.1.

Descrição – Fivela de aro ovalado, produzida em liga de cobre e fundida em molde. Razoavelmente conservada, mas com alguns indícios de corrosão, encontra-se incompleta, destituída do fuzilhão que com ela se articularia e cuja tipologia desconhecemos. O

[434] Informação integrada no processo do sítio, conservado no M.N.A.

[435] MUNSELL, 1975: 5 YR 7/4.

[436] NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 197, fig. II.

aro é isento de qualquer tipo de ornamentação e possui secção aproximadamente semicircular. Já a do eixo da charneira, correspondente à zona onde a espessura é mais reduzida, é circular. Lateralmente, na superfície exterior, é percetível uma espécie de aresta longitudinal, avultando sensivelmente em posição central. O verso revela tendência para o aplanamento.

Dimensões – 28,07 mm (Ø base); 5,06 mm (larg. aro); 4,20 mm (esp.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – De acordo com informação incluída no processo do Cortiçal, esta fivela foi recuperada na sepultura 22, estrutura que integrava também um grampo de ferro (n.º de inv. 2010.31.2) e vestígios osteológicos (n.º de inv. 2010.31.3), entre os quais se contavam alguns restos incaracterísticos e não diagnósticos, um fémur e dentes. Estes, segundo nota do Caderno de Campo, pertenceriam ao último indivíduo inumado. Em paralelo e entre os elementos compilados, é ainda assinalada a possibilidade de as lanças de alvado procederem igualmente do túmulo 22[437].

Bibliografia –

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (Est. C, fig. 511 e 512).

N.º de Inv. – 15.887 / 2010.27.19.

Descrição – Anel produzido em liga de cobre, fundido em molde, incompleto. Falta-lhe parte do aro, que possui secção semicircular. Por seu turno, a mesa, preservada e aplanada, ostenta três caracteres, produto de incisão, sendo que a letra *R* ocupa lugar central. A superfície frontal é a que se apresenta em melhor estado. Parece ter sido polida, encontrando-se lisa, regular e brilhante. Já no verso e, pontualmente, sobretudo na zona superior do aro e da mesa, são percetíveis alguns sinais de degradação e corrosão.

Dimensões – 24,03 mm (Ø aro); 15,07 mm (Ø mesa); 8,14 mm (larg. mesa); 2,16 mm (esp. aro); 1,92 mm (esp. mesa).

Cronologia – Século VI.

Observações – O contexto de achamento do adorno em análise não é conhecido.

Bibliografia –

[437] Informação contida no processo do sítio, conservado no M.N.A.

Sítio: São Geraldo

(Freg. União das freguesias de Nossa Senhora da Vila, Nossa Senhora do Bispo e Silveiras; Conc. Montemor-o-Novo; Dist. Évora).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Bilha (Est. CI, fig. 513 e 514).

N.º de Inv. – 16.815.

Descrição – Bilha produzida a torno, incompleta e fragmentada; restam duas únicas parcelas apartadas que, não obstante, é possível sobrepor de forma equilibrada e que, além do mais, permitiriam a concretização de uma colagem bastante regular. O bordo encontra-se ausente mas percebe-se que teria tendência algo extrovertida, face ao colo, alto e relativamente estreito. Já o bojo poderia apresentar configuração aproximadamente piriforme. O recipiente possuiria, pelo menos, uma asa, talvez retilínea, atualmente desaparecida. De qualquer modo, é observável, na parte superior do bojo, o negativo do respetivo arranque.

A superfície exterior, revestida por uma leve película de coloração aproximadamente bege ou cinza muito clara, aparenta ter sido alisada, pelo menos levemente. Pontualmente, são também percetíveis algumas estrias dispostas na horizontal. Por seu turno, a superfície interior, na qual são observáveis marcas de torno, possui alguns resquícios de solo agregados. A pasta, vermelha acastanhada[438], inclui algum desengordurante não plástico, mica e quartzo, cujo calibre não ultrapassa 1,40 mm de diâmetro.

Dimensões – 139,23 mm (alt.); 35,28 mm (Ø colo); 82,61 mm (Ø bojo); 6,95 mm (esp. parede do bojo).

Cronologia – Século VII.

Observações – Apesar de incompleta, esta bilha parece corresponder à variante B do tipo 3 de Flörchinger[439]. É possível, pois, que encontre paralelos tipológicos em dois recipientes exumados, respetivamente, nas sepultura 133 e 156 de San Pedro de Alcántara[440].

Bibliografia – VASCONCELOS, 1915: 193; VIANA 1953: 184; AREZES, 2015a: 236-241; AREZES, 2017: 152-153.

[438] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/4.

[439] FLÖRCHINGER, 1998: 10.

[440] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 6, n.º 3 e n.º 10.

Sítio: Troia (Troia Praia)
(Freg. Carvalhal; Conc. Grândola; Dist. Setúbal).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

B. Materiais metálicos
B.1 – Adereços de vestuário
B.1.1 – Fivela (Est. CI; fig. 515 e 516).
N.º de Inv. – 983.5.2.

Descrição – Fivela de aro ovalado, completa e bem preservada. Foi produzida em liga de cobre e fundida em molde. As superfícies frontais do anel e do fuzilhão apresentam decoração: «nervuras» em relevo, marcadas por leves sulcos. Surgem isoladas, como na zona superior do aro, onde apoia o fuzilhão ou, mais frequentemente, em parelha. Por seu turno, no fuzilhão, as molduras salientes restringem-se a dois pares, colocados no campo mais baixo da agulha. O fuzilhão possui agulha retilínea e encontra-se ainda provido do gancho que se articula em torno do eixo da charneira. A secção do gancho é aproximadamente quadrangular, sendo que a da extremidade da agulha é triangular.

Dimensões – 39,13 mm (Ø aro); 9,11 mm (larg. aro); 38,41 mm (comp. fuzil.); 7,74 (esp. fuzil.).

Cronologia – Século VI.

Observações – Destacamos as óbvias similitudes entre a decoração do exemplar em análise e a de uma outra fivela, recolhida numa sepultura da necrópole da Basílica do Cine Teatro Marques Duque, em Mértola, que adiante descreveremos (n.º de inv. BR-FV2-47). Em paralelo, são também percetíveis semelhanças com uma peça recuperada no túmulo de Ouerre, em Eure-et-Loir, França, com cronologia atribuída ao século VI[441].

Bibliografia –

B.1.2 – Fivela (Est. CII; fig. 517 e 518).
N.º de Inv. – 983.5.4.

Descrição – Fivela de aro ovalado, provida de fuzilhão de contorno escutiforme. Fundida em molde e produzida em liga de cobre, revela tonalidade dourada e encontra-se em bom estado de conservação. A superfície frontal do aro é volumosa e algo arredondada; já o verso denota tendência para o aplanamento. O fuzilhão, completo, conserva o gancho, pelo que continua a articular-se com o aro a partir do eixo da charnela. Não exibe qualquer motivo decorativo nem separação física entre a agulha e a base. A secção do anel é semicircular, sendo a do fuzilhão retangular, exceto na extremidade, que termina sob a forma de triângulo.

[441] LEBEDYNSKY, 2001: 134.

Dimensões – 25,24 mm (Ø aro); 25,39 mm (comp. fuzil.); 11,80 mm (larg. base fuzil.); 4,34 (esp. aro).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – A configuração do aro do adereço de vestuário em análise é idêntica aos das fivelas procedentes da Abuxarda[442]. Ressalve-se, porém, que apesar de o formato do fuzilhão ser escutiforme, o de Troia carece de qualquer tipo de ornato, enquanto os da necrópole de Cascais exibem dois sulcos paralelos na zona de separação entre a agulha e a base.

Bibliografia –

B.1.3 – Fivela (Est. CII; fig. 519 e 520).

N.º de Inv. – 983.5.5.

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, razoavelmente preservada. Apesar de se encontrar consolidada ainda são percetíveis algumas leves concavidades, provavelmente devidas a fenómenos pontuais de corrosão. O aro, ovalado e de secção semicircular, é mais volumoso e arredondado na superfície frontal, registando, em contrapartida, tendência para o aplanamento no verso. Na área superior apresenta ligeira depressão, consequência do facto de ali se apoiar a extremidade da agulha do fuzilhão. Este possui base de contorno escutiforme e ostenta, como decoração, dois sulcos incisos, colocados na horizontal e de modo paralelo entre si, na zona de transição entre a base e a agulha. Conserva o gancho, pelo que continua a articular-se com o aro. A agulha, por seu turno, não é retilínea, sendo evidente a ocorrência de um leve ressalto; já na extremidade, denota secção retangular.

Dimensões – 27,07 mm (Ø aro); 31,50 mm (comp. fuzil.); 13,92 mm (larg. base fuzil.); 5,30 (esp. aro).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – À semelhança do exemplar anteriormente observado, também este denota similitudes com as fivelas da Abuxarda e, desta feita, não apenas ao nível do aro e da configuração do fuzilhão[443], mas igualmente no que concerne à singela decoração exibida.

Bibliografia –

B.1.4 – Fivela (Est. CIII; fig. 521 a 524).

N.º de Inv. – 983.5.6.

Descrição – Fivela de aro ovalado, produzida em liga de cobre, de tonalidade dourada. Fundida em molde, apresenta-se completa e em bom estado de conservação. O aro, bastante regular, possui secção semicircular, exceto no eixo da charneira, onde a secção é circular. O

[442] AREZES, 2011: 203-206.

[443] AREZES, 2011: 203-206.

fuzilhão, de contorno escutiforme, é decorado através de uma incisão horizontal, disposta na zona adjacente à agulha, cuja base denota secção triangular. No entanto, e dado que se encontra destituído de gancho, não é possível articulá-lo de modo efetivo com a fivela.

Dimensões – 32,58 mm (Ø aro); 35,94 mm (comp. fuzil.); 17,35 mm (larg. base fuzil.); 6,56 (esp. fuzil.).

Cronologia – Último quartel do século V aos finais do VI/inícios do VII.

Observações – A morfologia do aro desta fivela encontra paralelos em numerosas peças com vocação congénere. O mesmo se pode afirmar para o fuzilhão, caracterizado pela avultada dimensão da base e pela ausência de decoração, particularidades que o aproximam substancialmente de um objeto recuperado na Casa de *Cantaber* (?), em *Conimbriga* (n.º de inv. 74 C, do M.M.C.), previamente estudado.

Bibliografia –

Sítio: São Matias

(Freg. São Matias; Conc. Beja; Dist. Beja).

Local de depósito: A.I.A. (Seixezelo – Vila Nova de Gaia).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Jarro (Est. CIV, fig. 525 e 526).

N.º de Inv. – S.M.T. 08. 35.

Descrição – Jarro produzido a torno, razoavelmente preservado, incompleto. A asa, que deveria arrancar do bocal, encontra-se ausente, dela restando apenas o arranque, observável no campo central do bojo. Falta também parte do gargalo, bem assim como a totalidade do bocal, que se supõe trilobado. O perfil da peça pode considerar-se relativamente simétrico, apesar de o bojo se mostrar mais arredondado na face oposta àquela onde figuraria a asa. O fundo, por seu turno, é plano.

A textura é regular, algo áspera, mas não rugosa. A pasta possui tonalidade vermelhada[444], com matizes vermelhas amareladas[445] e inclui elementos não plásticos, sobretudo mica branca, bastante abundante e, mais residual, preta; é igualmente notória a ocorrência de algum quartzo, cujo calibre chega a ultrapassar os 4 mm. São visíveis várias linhas de fratura, sobretudo na superfície oposta à do alinhamento da asa, bem como numa das laterais, que se posiciona de modo imediatamente adjacente à zona da pega. Tal como já verificámos noutras

[444] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 4/8.

[445] MUNSELL, 1975: 5 YR 5/6.

peças tipologicamente idênticas, este jarro apresenta-se parcialmente revestido por uma película esbranquiçada, a qual, todavia, não se espraia integralmente ao longo de toda a superfície. Será a referida película resultante das condições de preservação no terreno? Ou decorrerá de alguma tentativa de promover o acabamento do jarro? Neste caso em particular, inclinámo--nos para a primeira hipótese, até porque as indicações colhidas no relatório da escavação se direcionam nesse sentido. Note-se ainda que a parede da zona localizada abaixo da linha do bocal, atualmente desaparecido, exibe alguma fuligem esparsa, certamente devida à exposição ao fogo no processo de cozedura, pouco controlado, e não à utilização quotidiana da peça ao lume. Com efeito, não só a função do recipiente não se coadunaria com tal uso, como, além do mais, o fundo não encerra qualquer indício de ter contactado diretamente com chamas. Aliás, encontra-se «revestido» da mesma película esbranquiçada a que acima aludimos.

Dimensões – 166,4 mm (alt.); 48 mm (Ø gargalo); 117,80 mm (Ø bojo); 71,47 mm (Ø base); 8,49 mm (esp.).

Cronologia – Meados do século VI aos alvores do VII.

Observações – O jarro em análise foi detetado em contexto, concretamente, na U.E. -035, enchimento depositado no interior da sepultura 3 e que permitiu igualmente a recolha de vestígios osteológicos avulsos, fauna malacológica, cerâmica comum e de construção[446]. Associado ao enterramento de um indivíduo em decúbito dorsal, correspondente à U.E.-051[447], parece coadunar-se com a variante B do tipo 10 definido por Flörchinger[448], com cronologia atribuída ao período que se estende entre os meados e os finais do século VI e possibilidade de, eventualmente, penetrar na centúria subsequente.

Bibliografia – COSME, 2008: 13-14; 90, fig. 90; 96.

B. Materiais metálicos

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Brinco anelar (Est. CIV, fig. 527 e 528).

N.º de Inv. – S.M.T. 08. 145.

Descrição – Brinco anelar produzido em liga de cobre, em razoável estado de conservação, apesar de serem observáveis alguns indícios de corrosão ativa e áreas levemente escurecidas. O aro, que denota a usual tendência para a redução da espessura, à medida que se aproxima da extremidade oposta àquela onde figura o apêndice, apresenta-se incompleto. Com efeito e caso não se encontrasse fragmentado e com a configuração original, ao que tudo indica, ligeiramente alterada, poderia prolongar-se praticamente até tocar o apêndice. Este possui decoração moldurada: sulcos incisos dispostos de modo paralelo entre si, perfazendo quatro caneluras. A secção do aro é aproximadamente circular e a da extremidade do apêndice, elíptica.

[446] COSME, 2008: 13.

[447] COSME, 2008: 90.

[448] FLÖRCHINGER, 1998: 15.

Dimensões – 35,94 mm (Ø); 2,44 mm (esp. aro); 3,94 mm (esp. apênd.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O brinco anelar, que surge classificado como alfinete ou fíbula, foi recolhido na U.E.-145, um ossário (2A). Depositado na zona nascente do sepulcro 4, proporcionou a exumação não apenas de restos humanos esqueletizados, mas igualmente de fauna, inclusive malacológica, e de fragmentos de cerâmica comum[449].

Bibliografia – COSME, 2008: 47; 90, fig. 92; 96; POMBAL & SIMÃO, 2008: 11; 27.

Sítio: Beja – Convento de Santa Clara

(Freguesia: União das freguesias de Salvador e Santa Maria da Feira; Conc. Beja; Dist. Beja).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa) e M.R.R.L. (Beja).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela de cinturão (Est. CV; fig. 529 e 530).

N.º de Inv. – Au 124 (M.N.A.).

Descrição – Peça áurea, em excelente estado de conservação. É composta por um aro de configuração aproximadamente circular, por uma placa de fixação ao cinto e por um fuzilhão. O aro, de espessura irregular, possui seis alvéolos ou cavidades, preparados para receber a incrustação de granadas. Quatro são circulares e dois de aspeto amendoado, todos dispostos simetricamente: na aproximação da charneira ou dobradiça, no campo mais central do aro e na zona mais avançada, onde apoia a extremidade de agulha. Por seu turno, a placa é quase integralmente ocupada por uma granada de dimensão avultada, perfeitamente encastoada na caixa definida para tal fim. Já lateralmente e também numa das extremidades, são observáveis três saliências, atravessadas por igual número de cravos ou rebites, enquanto em posição sensivelmente oposta à da ponta, figura a charneira, ainda funcional. É neste ponto que se processa a articulação entre placa, aro da fivela e fuzilhão. Este apresenta como particularidade o facto de ser zoomorfo, correspondendo a extremidade da agulha ao «focinho» do animal, modelado e provido de olhos, também eles resultantes da utilização de granadas. Estas deveriam igualmente ser usadas no corpo do fuzilhão, onde continuam visíveis as concavidades destinadas ao engaste, se bem que, presentemente, vazias.

Dimensões – 52 mm (comp. total); 33,19 mm (comp. fuzil.); 24,35 mm (Ø aro); 24,47 mm (Ø placa); 17,58 mm (Ø granada central); 29,85 g (peso).

[449] COSME, 2008: 47.

Cronologia – Século V.

Observações – Este notável exemplar revela incontornáveis semelhanças com peças «principescas» orientais. As mais próximas constam de duas placas oriundas de Kertch, na Crimeia. De qualquer modo, ao nível da configuração, decoração do aro e carácter zoomórfico do fuzilhão há igualmente que destacar as analogias com um objeto procedente do sítio de Regöly (Tolna), na Hungria[450].

Bibliografia – CAMPOS, 1906: 285; MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1934: 169-170; SUPIOT, 1934: 53-54, fig. 5, I. b; FIGUEIREDO & PAÇO, 1947: 17-18, n.º 2; VIANA, 1953: 185; 187-188; VIANA, 1960: 6; VIANA, 1961: 10; ALMEIDA, 1962: 108; 239-241; 251; lâm. LXIII, fig. 345; CARDOZO, 1967: 343; HAUSCHILD, 1986: 152; 154; BARROCA, 1987: 78; KAZANSKI, 1991a: 125-126, fig. 1, n.º 8; MATTOSO, 1992: 344; TORRES, 1993a: 42; PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 631, n.º 17; 635, n.º 3; 637; LEBEDYNSKY, 2001: 81, n.º 1; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 296, fig. 3; LÓPEZ QUIROGA, 2004b: 216-217; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 125, 3; 126; SANTOS, 2008: 364-365, b); 681; AREZES, 2011: 18; 77; 112-113; 211-212; AREZES, 2012: 230, fig. 3; AREZES, 2017: 146-148; AREZES: no prelo: a.

B.1.2 – Fivela de cinturão (Est. CVI; fig. 531 e 532).

N.º de Inv. – Au 125 (M.N.A.).

Descrição – Peça áurea, em óptimo estado de conservação. É constituída por um aro de formato circular, uma placa decorada, para fixação ao cinto e um fuzilhão. O aro, de secção elipsoidal, não possui qualquer ornamento. É na área inferior, onde a espessura é mais reduzida, que se articula com a charneira ou dobradiça da placa, cuja base, concretamente, do apêndice esquerdo, se encontra fragmentado. A charneira está soldada ao corpo principal da placa, que deveria segurar-se ao cinto através dos três rebites ou cravos de cabeça arredondada que ladeiam o corpo central. Este, subdividido em cavidades alveolares, exibe um motivo assimilável a uma estrela de quatro pontas, irradiando a partir de um círculo central, ou antes a um motivo floral, dotado de quatro pétalas. Cada alvéolo apresenta uma granada de cor castanha avermelhada incrustada e perfeitamente adaptada à configuração das pequenas divisórias, deste modo corporizando a aplicação da técnica *cloisonné*.

Dimensões – 2,6 mm (Ø); 5,5 mm (fuzil.); 2,6 mm (alt.); 48,82 g (peso).

Cronologia – Século V.

Observações – São vários os paralelos para esta placa, caso de uma peça exumada em Fürst e de outra recolhida em Wolfsheim, sendo que ambos os sítios se localizam na Alemanha[451]. Todavia, os mais parecidos entre todos os que tivemos oportunidade de observar na bibliografia consultada constam de dois adereços recuperados, respetivamente, em Lébény

[450] KAZANSKI, 1991a: 126, n.º 5, 6 e 7.

[451] KAZANSKI, 1991a: 126, fig. 1, n.º 15 e 18.

(Hungria) e, novamente, em Fürst[452]. Note-se ainda que, em artigo da autoria de Pérez Rodríguez-Aragón, é erroneamente atribuída à peça em análise uma origem galega. Já a placa inventariada no M.N.A. com a designação Au 127, essa sim, supostamente procedente da Galiza, é tida como proveniente da sepultura de Beja.

Bibliografia – CAMPOS, 1906: 285; MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1934: 169-170; FIGUEIREDO & PAÇO, 1947: 17-18, n.º 3; VIANA, 1953: 185; 187-188; VIANA, 1960: 6; VIANA, 1961: 10; ALMEIDA, 1962: 108; 239-241; 251; lâm. LXIII, fig. 344; CARDOZO, 1967: 343; HAUSCHILD, 1986: 152; 154; BARROCA, 1987: 78; KAZANSKI, 1991a: 126, fig. 1, n.º 19; MATTOSO, 1992: 338; 344; TORRES, 1993a: 42; PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 631, n.º 14; 635, n.º 1; 637; RODRÍGUEZ RESINO, 2003: 296, fig. 3; LÓPEZ QUIROGA, 2004b: 216-217; 221; RODRÍGUEZ RESINO, 2005: 125, 1; 126; SANTOS, 2008: 364-365, a); AREZES, 2011: 18; 77; 112-113; 213-214; AREZES, 2012: 230, fig. 4; AREZES, 2017: 146-148; AREZES, no prelo: a.

B.4 – Armamento militar ou cinegético

B.4.1 – Espada (Est. CVII; fig. 533 e 534).

N.º de Inv. – MRB.1.31 (M.R.R.L.).

Descrição – Espada com lâmina de ferro, provavelmente fundida, atualmente recoberta por lascas, em muito mau estado de conservação. Apesar da condição de grande fragilidade em que a peça e, sobretudo, a lâmina, se encontra, presumimos que tenha sido depositada em bom estado, completa e com a decoração preservada. Julgamos, pois, que as condições particulares da jazida poderão estar na origem da degradação do metal, entretanto exacerbada por problemas inerentes à passagem do tempo e à posterior exposição a novas condições ambientais, na sequência da descoberta. Genericamente, há a destacar a ornamentação exibida pelas guardas: cavidades definidas por fios de ouro, destinadas à incrustação de âmbar e, como tal, configurando um exemplo de utilização da técnica *cloisonné*. Mas passamos a descrever mais pormenorizadamente as soluções adotadas. Sobre a superfície figura uma capa ou película de textura suave, nalguns pontos mal preservada. Duas linhas douradas dispõe-se longitudinalmente, nas zonas mais próximas das extremidades laterais, delimitando o campo decorativo. E a decoração patente em cada um dos lados das guardas refere-se a cinco motivos sequenciais em forma de losango, supostamente reservados ao engaste de elementos de âmbar. Todavia, apenas alguns permanecem conservados. O mais próximo da zona da pega, no lado esquerdo, apresenta-se danificado; o da extremidade oposta, por seu turno, está desaparecido e a cavidade vazada. Também a parte inferior e lateral estão em falta, pelo que, se a parte direita das guardas não se mantivesse preservada, apenas se poderia conjeturar quanto ao esquema decorativo da esquerda: é que, no lado direito, apenas uma das cavidades, que corresponde, aliás, à que se encontra des-

[452] KAZANSKI, 1991a: 126, fig. 1, n.º 16 e 17.

locada daquela que seria a sua posição original, surge destituído do âmbar que aí deveria estar embutido.

Note-se que não existe separação entre pega e lâmina, sendo que a referida continuidade é percecionada em razão da interrupção do alinhamento das guardas. De qualquer modo, é apenas a partir da zona atravessada pelo campo ornamentado que se evidencia, mais claramente, a alteração do perfil da peça. Finalmente, acrescente-se que que o facto de não ser possível observar nem o verso nem a parte lateral da espada acaba por limitar a análise, deixando por esclarecer certos pormenores, nomeadamente, qual a presente espessura e real estado da lâmina.

Dimensões – 966,61 mm (comp. total); 547,67 mm (larg. lâmina); 25 mm (esp.).

Cronologia – Século V.

Observações – Em conformidade com opinião veiculada por I. Lebedynsky, esta e outras espadas, datáveis do período das invasões hunas, mas achadas no Ocidente, não constam de produções locais, antes de importações. Derivando da implementação e difusão das chamadas «modas danubianas», escapam às modalidades de desenvolvimento evidenciadas pelas espadas ocidentais. No entanto e se, por um lado, as características gerais da peça de Beja, nomeadamente, a decoração das guardas (em *cloisonné*), a aproximam de certas armas pôntico-danubianas, por outro, e a confirmar-se a reconstituição preconizada por G. Koenig, a configuração do seu punho, algo alongado na horizontal, encontra paralelos sobretudo no Ocidente e, mais raramente, nas regiões danubianas. Por este motivo, o autor mantém as dúvidas em torno da sua origem[453]. Devemos, porém, registar, que o formato do punho, não só conforme atualmente observável, mas inclusive, como representado por Saavedra Machado[454] e publicado por Leite de Vasconcelos já em 1913, nas *Religiões da Lusitânia*[455], não se coaduna com a tendência distendida veiculada por G. Koenig, pelo que nos questionamos se não teria havido um entendimento erróneo da estrutura da espada. Pérez Rodríguez-Aragón, baseando-se precisamente na imagem reconstituída do punho, considera que esta arma terá sido fabricada no Ocidente mas, por outro lado, encontra na ornamentação policroma das guardas fortes similitudes face a uma outra espada que, por seu turno integrava, nas suas palavras, um «depósito cerimonial huno», o qual, exumado na *Pannonia*, concretamente, em Györ-Sopron (Hungria), tem sido atribuído ao período de domínio de Átila[456].

Bibliografia – VASCONCELOS, 1913: 577, fig. 296; VASCONCELOS, 1915: 193; CABRÉ MORAN, 1951: 261-262; VIANA, 1953: 183-191; VIANA 1960: 6; ALMEIDA, 1962: 89-90; 239-240; 251; lâm. LXIII, fig. 342; ALMEIDA, 1986b: 20-21; HAUSCHILD, 1986: 152; 154; BARROCA, 1987: 78; KAZANSI, 1991a, 124; TORRES, 1993a: 42; PÉREZ RODRÍ-

[453] LEBEDYNSKY, 2001: 123.

[454] VIANA, 1953: 185; 188.

[455] VASCONCELOS, 1913: 577, fig. 296.

[456] PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 637-638.

GUEZ-ARAGÓN, 1997: 631, n. º 19; 636-638, 1; KAZANSKI, 2013a: 502; KAZANSKI, 2013b: 117, fig. 4; LEBEDYNSKY, 2001: 123; LÓPEZ QUIROGA, 2004b: 216-219; BARROSO CABRERA et al., 2006a: 215; SANTOS, 2008: 264-265; 681; LÓPEZ QUIROGA & CATALÁN RAMOS, 2010: 419-420; 428; AREZES, 2011: 18; 77; 129; WOLFRAM, 2011: 45; AREZES, 2012: 230; AREZES, 2017: 146.

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1. – Adorno ou cabuchão (Est. CVIII; fig. 535).

N.º de Inv. – Au 126 (M.N.A.).

Descrição – Peça áurea, fundida e martelada, bem preservada. O campo central é integralmente ocupado por uma volumosa granada de tonalidade vermelha escura e configuração oval, encastoada numa espécie de alvéolo ou cápsula. Contornando todo o perímetro, é observável uma espécie de delicado cordão decorativo, eivado de finas caneluras sequenciais. Na superfície frontal é visível uma mancha escura, patente entre o cabuchão e o cordão trabalhado, a qual poderá resultar do derrame da matéria utilizada para embutir a granada, visto que é percetível uma fina película semelhante ao longo de todo o contorno do objeto. No verso, a lâmina ou chapa de ouro surge interrompida e fragmentada, sendo que a abertura revela a presença de material de coloração escura, no interior.

Dimensões – 18,25mm (Ø); 11,84 mm (esp.); 25,6 g (peso).

Cronologia – Século V.

Observações – A este tipo de peça, de origem eventualmente alano-sármata e com paralelos em objetos atribuídos ao período de dominação dos hunos, como os exumados numa sepultura dupla em Untersiebenbrunn, na Áustria[457], tem sido conferida uma vocação «mágica» e propiciatória. De qualquer modo, Pérez Rodríguez-Aragón assinala a possibilidade de exemplares similares, comuns no tempo das «Grandes Migrações», terem respondido a um propósito mais prático, podendo inclusive integrar a espada de guerreiros[458]. Contudo e se bem que a sepultura de Beja pudesse configurar um «contexto» adequado a corroborar a viabilidade de tal hipótese, devemos registar que, tendo analisado a espada, somos tendentes a excluir, sem reservas, uma relação entre este adorno, em particular, e aquele elemento ofensivo, dada a completa desadequação entre as proporções, orgânica e decoração denotada por ambas as peças.

Bibliografia – CAMPOS, 1906: 285; SUPIOT, 1934: 54, fig. 5, I; VIANA, 1953: 185; 187; ALMEIDA, 1962: lâm. LXIII, fig. 343; CARDOZO, 1967: 343; HAUSCHILD, 1986: 152; TORRES, 1993a: 42; PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 631, n.º 20; 636, 2; 638; SANTOS, 2008: 364-365, c); AREZES, 2011: 129-130; 369-370; AREZES, 2012: 230, fig. 5; AREZES, 2017: 146.

[457] KAZANSKI, 1991b: 79.

[458] PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 1997: 636; 638.

Sítio: Montinhos 6
(Freg. Brinches; Conc. Serpa; Dist. Beja).

Local de depósito: A.P. (Porto).

B. Materiais metálicos

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Brinco anelar (Est. CVIII; fig. 536).

N.º de Inv. – 033.

Descrição – Brinco completo, bem preservado, produzido em liga de cobre. Possui aro de configuração tendencialmente circular, com estreitamento progressivo à medida que se concretiza a aproximação à extremidade apontada. Na oposta, por seu turno, figura um apêndice moldurado, com caneluras bem evidentes e salientes.

Dimensões – 28,60 mm (Ø); 4,92 mm (comp. apênd.); 4,24 mm (esp. apênd.); 2,74 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça perfaz um par com o segundo brinco anelar recolhido em Montinhos 6, cuja descrição é de seguida apresentada. Ambos foram detetados *in situ*, junto dos ossos cranianos do inumado[459].

Bibliografia – AREZES *et al.*, 2013: 1920-1922; 1924, fig. 11.

B.2.1 – Brinco anelar (Est. CVIII; fig. 536).

N.º de Inv. – 034.

Descrição – Brinco completo, de liga de cobre, em bom estado de conservação. A configuração apresentada pelo aro é idêntica à do objeto previamente descrito, denotando a costumada tendência para a existência de uma extremidade fina e apontada, que começa a alargar à medida que se aproxima do limite oposto, provido de apêndice. O remate, neste caso, é mais alongado e menos espesso que o do primeiro brinco de Montinhos, mas igualmente moldurado, com caneluras sequenciais.

Dimensões – 28,73 mm (Ø); 4,03 mm (comp. apênd.); 1,43 mm (esp. apênd.); 2,75 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Foram reconhecidos diversos paralelos para este brinco, inclusive em objetos descritos no presente catálogo, caso de um recolhido em *Conimbriga* (s/n.º de inv.; caixa 668) ou de um outro (n.º de ordem 137), procedente do sítio do Mosteiro, adiante analisado. Também o túmulo 205 da necrópole de Segobriga, em Cuenca, proporcionou a

[459] AREZES *et al.*, 2013: 1920.

exumação de uma peça cuja configuração do remate se mostra particularmente idêntica à de Montinhos 6[460].

Bibliografia – AREZES *et al.*, 2013: 1920-1922; 1924, fig. 11.

Sítio: Loja 5

(Freg. São Salvador; Conc. Serpa; Dist. Beja).

Local de depósito: A.P. (Porto).

B. Materiais metálicos

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Brinco anelar (Est. CVIII; fig. 537).

N.º de Inv. – 010.

Descrição – Brinco de liga de cobre, razoavelmente preservado, apesar da ocorrência de algumas concreções ao longo da superfície. No aro, aberto e liso, com configuração circular, é percetível uma fratura na zona de aproximação à extremidade mais fina. À semelhança dos objetos que têm vindo a ser observados, também este exibe, no limite oposto ao apontado, um apêndice decorativo, com molduras salientes.

Dimensões – 26,44 mm (Ø); 7,90 mm (comp. apênd.); 2,04 mm (esp. apênd.); 4,45 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O esquema decorativo do remate moldurado revela semelhanças com uma das peças recuperadas em Montinhos 6, concretamente a identificada com o n.º 033, ainda que a espessura do objeto em análise se mostre um pouco menos proeminente. Neste sentido, aproveitamos para apontar outros paralelos mais próximos deste exemplar: um deles radica num dos brincos recolhidos no sepulcro 4 da necrópole de Segobriga, em Cuenca[461]; outro, por seu turno, remete para uma peça exumada na sepultura 123 da necrópole de Carpio de Tajo[462].

Bibliografia – AREZES *et al.*, 2013: 1920-1923, fig. 10.

[460] ALMAGRO BASCH, 1975: 97, fig. 44, n.º 1.

[461] ALMAGRO BASCH, 1975: 18.

[462] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 95, fig. 24, n.º 5.

Sítio: Mosteiro
(Freg. Mértola; Conc. Mértola; Dist. Beja).

Local de depósito: C.A.M. (Mértola).

B. Materiais metálicos

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (?) (Est. CIX; fig. 538 e 539).

N.º de Inv. – BR – AN1 – 43.

Descrição – Pequeno objeto metálico, de aro torso, cujo entrelaçamento permite o fecho sobre si mesmo. Razoavelmente preservado, foi produzido em material não inteiramente diagnóstico mas, ao que supomos, em liga de cobre, atendendo aos resquícios de corrosão com tonalidade verde patentes em alguns pontos da superfície.

Dimensões – 16,65 (Ø); 2,23 mm (esp. área torsa); 1,67 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – A peça em análise, conjuntamente com dois brincos anelares (n.º de ordem 141 e 148), foi recuperada na sepultura n.º 15[463]. É rigorosamente idêntica a um objeto recolhido no túmulo 58 de San Pedro de Alcántara[464], onde surgiu acompanhada de duas argolas com o mesmo tipo de sistema de fecho[465]. A constar, efetivamente, de um anel e atendendo à reduzida dimensão que apresenta, poderia talvez destinar-se a ser usado no dedo mínimo do adulto inumado.

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16; 37.

B.2.2 – Brinco anelar (Est. CIX; fig. 540 e 541).

N.º de Inv. – 137 (n.º de ordem).

Descrição – Brinco anelar com configuração circular, produzido em liga de cobre, em bom estado de conservação, consolidado. Uma das extremidades possui um apêndice alongado, com espessura variável. Exibe como decoração uma espécie de moldurado. À semelhança do que se verifica com outros objetos de adorno congéneres, o aro mostra-se mais espesso nas proximidades do apêndice, começando a estreitar à medida que avança na direção oposta. De qualquer modo, convém notar que o aro deste brinco não se encontra completo, antes ligeiramente fragmentado, sendo que a extremidade contrária à do apêndice não chega a ser visível.

Dimensões – 30,43 (Ø); 9,02 mm (comp. apênd.); 3,02 mm (esp. apênd.); 2,46 mm (esp. aro).

---

[463] LOPES *et al.*, 2011: 37.

[464] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 5, n.º 3.

[465] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 5, n.º 1 e 2.

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – São nítidas as semelhanças percetíveis entre o formato do apêndice de uma das peças oriundas de Montinhos 6, em Serpa[466], concretamente a identificada com o n.º 034, e o do objeto em análise, recolhido no sepulcro n.º 10, conjuntamente com um segundo elemento metálico de função congénere[467].

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16-17; 37.

B.2.3 – Brinco anelar (Est. CIX; fig. 542 e 543).

N.º de Inv. – 138 (n.º de ordem).

Descrição – Brinco anelar produzido em liga de cobre, razoavelmente bem preservado, consolidado. Não obstante, encontra-se em falta a extremidade apontada do aro e, por outro lado, são visíveis algumas zonas escurecidas ao longo da superfície. A dimensão apresentada é mais reduzida que a revelada pela peça precedente (n.º ordem: 137), sendo que, em paralelo, a configuração é também algo divergente, neste caso, tendencialmente elíptica. O apêndice é geométrico, paralelepipédico e a secção, perfeitamente retangular.

Dimensões – 29,95 mm (Ø); 7,13 mm (comp. apênd.); 4,41 mm (larg. apênd.); 1,95 mm (esp. apênd.); 1,98 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Até ao momento, não foi possível identificar um paralelo exato para o brinco em análise, que, supostamente, fazia par com o acima descrito (n.º de ordem 137), dado que procede da mesma sepultura[468].

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16-17; 37.

B.2.4 – Brinco anelar (Est. CX; fig. 544 e 545).

N.º de Inv. – 141 (n.º de ordem).

Descrição – Brinco anelar, em bom estado de conservação e consolidado, mas, eventualmente, incompleto. Com efeito, não possui apêndice; contudo, não é totalmente claro se o remate teria, efetivamente, existido e, neste caso, figurado na parte que supomos ligeiramente fragmentada ou, em alternativa, se esta peça seria, originalmente, desprovida de tal elemento. A configuração mostra-se ligeiramente irregular, nomeadamente na parte mais espessa do aro, que coincide com a lateral esquerda (se observado o objeto com a extremidade mais estreita à direita).

Dimensões – 29,45 mm (Ø); 2,23 mm (esp. máx. aro); 0,63 mm (esp. mín.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O paralelo mais direto que detetámos para esta peça radica num dos

[466] AREZES *et al.*, 2013: 1924, fig. 11.

[467] LOPES *et al.*, 2011: 37.

[468] LOPES *et al.*, 2011: 37.

brincos anelares recuperados na necrópole da Abuxarda, em Cascais, concretamente o único que se apresentava desprovido de remate decorativo[469].

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16-17; 37.

B.2.5 – Brinco anelar (Est. CX; fig. 546 e 547).

N.º de Inv. – 146 (n.º de ordem).

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, com tonalidade dourada, bem preservado e consolidado. A configuração é aproximadamente circular, bastante regular. Numa das extremidades figura um apêndice modulado, provido de três caneluras em relevo, bem definidas, sobretudo no verso. A peça apresenta tendência para o estreitamento progressivo na direção oposta à do apêndice. Com efeito, junto ao remate, a espessura é mais avultada.

Dimensões – 29,97 mm (Ø); 4,83 mm (comp. apênd.); 2,89 (larg. apênd.); 2,17 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este brinco, à semelhança do anteriormente descrito (n.º de ordem 141), com o qual compunha um par, e do suposto anel (BR – AN1 – 43), é oriundo da sepultura n.º 15[470].

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16-17; 37.

B.2.6 – Bracelete (Est. CX; fig. 548 e 549).

S/ Inv.

Descrição – Vários fragmentos de ferro, procedentes de um possível bracelete. Ao todo, totalizam onze parcelas isoladas: duas delas encontram-se ainda sobrepostas, pelo que se deduz que esta peça apresentaria o aro justaposto, pelo menos em parte da superfície.

Dimensões – 42,76 mm (comp. frag. > dimen.); 11,22 mm (esp.); 10,92 mm (peso, antes do tratamento).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Há que notar que, nas fotos, optámos por captar uma possível «reconstituição» do bracelete, detetado na sepultura n.º 13, escusando-nos a registar os fragmentos isolados. Por outro lado, acrescentamos o facto de serem notórias as similitudes entre o adorno do sítio do Mosteiro e um outro, por seu turno identificado na necrópole da Retorta, em Loulé, cuja descrição pode ser encontrada adiante, no presente catálogo (n.º de inv. M.A. 76/02).

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16.

[469] AREZES, 2011: 327-328.

[470] LOPES *et al.*, 2011: 37.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – Conta (Est. CXI; fig. 550 e 551).

N.º de Inv. – VD – CT 2 – 117.

Descrição – Conta de colar razoavelmente preservada. Produzida em âmbar, denota configuração algo irregular, mas genericamente sub-retangular, sendo que duas das faces se apresentam bem definidas. Parte da superfície encontra-se degradada, exibindo zonas escurecidas.

Dimensões – 11,23 mm (comp.); 6,52 mm (larg.); 1,60 mm (Ø orifício); 0,46 g (peso).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Esta conta, juntamente com duas outras, cuja descrição se segue (n.º de inv. VD – CT 2 – 118 e VD – CT 2 – 119) e do bracelete, acima analisado (s/ inv.), foi recolhida na sepultura 13[471].

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16; 37.

D.1.2 – Conta (Est. CXI; fig. 552 e 553).

N.º de Inv. – VD – CT 2 – 118.

Descrição – Conta similar à anteriormente analisada (VD – CT – 117), mas em melhor estado de conservação: não se encontra danificada nem possui zonas com tonalidade escurecida. Em contrapartida, a configuração, sub-cilíndrica, é mais irregular. Uma das faces denota tendência aplanada, ainda que ligeiramente côncava, enquanto as restantes prenunciam tendência mais arredondada.

Dimensões – 8,55 (comp.); 8,61 mm (larg.); 1,37 (Ø orifício); 5,85 mm (esp.); 0,29 mm (peso).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – As duas contas produzidas em âmbar encontram paralelo em exemplares recuperados noutros sítios localizados no território português, caso da necrópole da Fonte do Sapo, em Abrantes (vejam-se as contas inventariadas com a designação 09.FSN.012.21.7).

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16; 37.

D.1.3 – Conta (Est. CXI; fig. 554 e 555).

N.º de Inv. – VD – CT 2 – 119.

Descrição – Conta de colar gomada, razoavelmente bem preservada. Produzida em pasta de vidro, apresenta-se praticamente completa, encontrando-se em falta apenas uma pequena parte de um dos «gomos». A textura da superfície não é regular, parecendo um pouco «escamada», quase como se de um elemento xistoso se tratasse.

[471] LOPES *et al.*, 2011: 16.

Dimensões – 16,96 mm (Ø); 4,89 mm (Ø interior); 7,85 mm (esp.); 1,76 mm (peso).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Este tipo de elemento encontra-se documentado em diversos contextos peninsulares. Como paralelo indicamos uma conta recolhida no túmulo 48 de El Gatillo de Arriba, em Cáceres[472] e, para o território português, duas contas procedentes da necrópole da Abuxarda (n.º de inv. 2003.9.11 / 20.816 e 2003.9.12 / 20.818).

Bibliografia – LOPES *et al.*, 2011: 16; 37.

Sítio: Cine Teatro Marques Duque
(Freg. Mértola; Conc. Mértola; Dist. Beja).

Local de depósito: C.A.M. (Mértola).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. CXII; fig. 556 a 559).

N.º de Inv. – BR – FV2 – 47.

Descrição – Fivela produzida em liga de cobre, fundida em molde, consolidada, em bom estado de conservação. A decoração do aro, aproximadamente ovalado, consta de bandas de caneluras sequenciais. Os ornatos surgem dispostos ao longo de toda a superfície, exceção feita à área interior do aro. Também o eixo da charneira se apresenta isento de motivos. O gancho do fuzilhão, dobrado de modo algo irregular e exibindo um campo aplanado, onde assentaria a base da agulha (atualmente apartada do aro), continua a articular-se em torno do eixo da charneira. Quanto à base do fuzilhão, exibe contorno escutiforme pouco desenvolvido e algo incipiente. Já o perfil é regular e bem definido, culminando numa extremidade apontada, de formato triangular. A agulha, por seu turno, denota espinha dorsal longitudinal. Note-se ainda que o fuzilhão possui resquícios de tecido agregados à superfície frontal, reveladores da associação deste objeto à indumentária do defunto.

Dimensões – 36,49 mm (Ø aro); 10,33 mm (Ø gancho); 36,41 mm (comp. fuzil.); 10,82 mm (larg. fuzil.); 8,72 mm (esp. aro); 3,92 mm (esp. eixo da charneira); 36,69 g (peso).

Cronologia – Século VI.

[472] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 24, n.º 3.

Observações – Esta fivela, juntamente com a peça cuja análise se segue, foi recuperada na sepultura 17 da necrópole do Cine Teatro[473]. O aro é idêntico ao de um objeto de Troia Praia (n.º de inv. 983.5.2) e ao de uma outra fivela, detetada no túmulo de Ouerre, em Eure-et-Loir, França, datada do século VI[474]. Já o fuzilhão, de contorno escutiforme, possui múltiplos paralelos, dos quais destacamos a agulha de uma fivela de *Conimbriga*[475].

Bibliografia – LOPES, 2014: 468; 481.

B.1.2 – Fivela (Est. CXII; fig. 560 e 561).

N.º de Inv. – BR – FV2-51.

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, bem preservada e consolidada. De dimensão reduzida, caracteriza-se pela ausência de decoração e pela grande regularidade da superfície. O aro, de tendência ovalada ou em forma de *D*, encontra-se ligeiramente quebrado na zona de articulação do gancho do fuzilhão. E, note-se, não é absolutamente claro se, originalmente, seria desencontrado ou se a aparência atual resulta da referida fratura. O fuzilhão é retilíneo até à extremidade, onde dobra ligeiramente, parecendo apoiar-se na parte superior do aro, levemente rebaixado. O gancho, por seu turno, é regular e recurvo, mantendo-se funcional.

Dimensões – 26,69 mm (Ø aro); 20,51 mm (comp. fuzil.); 4,81 mm (larg. fuzil.); 3,81 mm (esp. aro); 6,01 g (peso).

Cronologia – Século VI.

Observações – É possível apontar diversos paralelos para esta peça, procedente da sepultura 17[476]: um deles radica numa das fivelas recuperadas no túmulo de Pouan, em Aube[477]; outro, num objeto exumado na necrópole de Afligidos «O», em Alcalá de Henares[478]; finalmente, já no território português, destacamos as semelhanças face a um exemplar recolhido em *Conimbriga* (n.º de inv. A. 21).

Bibliografia – LOPES, 2014: 468; 481-482.

[473] LOPES, 2014: 481.

[474] LEBEDYNSKY, 2001: 134.

[475] AREZES, 2011: 227-228.

[476] LOPES, 2014: 482.

[477] MENGHIN, 1983 *apud* KAZANSKI & PÉRIN, 1997: 202, fig. 1 A, n.º 5.

[478] MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 127, fig. 55, n.º 13.

Sítio: Rossio do Carmo
(Freg. Mértola; Conc. Mértola; Dist. Beja).

Local de depósito: M.M.-N.B.P.(Mértola)[479] e M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1 – Púcaro (Est. CXIII, fig. 562 e 563).

N.º de Inv. – 2006.31.14 (M.N.A.).

Descrição – Púcaro feito a torno, em bom estado de conservação. A boca é larga e o bordo alto, com lábio vertical e regular. O colo, por seu turno, é reentrante, a pança, bojuda e o fundo, plano. A asa, de fita, arranca do lábio e prolonga-se até ao campo inferior do bojo, onde assenta, ostentando duas impressões digitadas, cada uma das quais colocada junto de uma das extremidades laterais, criando, deste modo, uma espécie de vértice.

A pasta é razoavelmente bem depurada, com inclusão de alguma mica e de quartzo, muito residual. A cor da superfície é rosada ou rosada acastanhada[480], muito embora seja observável uma zona com fuligem, resultado da exposição ao fogo, e que coincide com a implantação da abertura previamente mencionada. Note-se, além do mais, que não é de excluir que essa zona tenha sido «escovada». De resto, são apenas percetíveis algumas estrias, muito leves e dispostas na horizontal.

Dimensões – 132,42 mm (alt.); 104 mm (Ø boca); 92,41 mm (Ø colo); 114,48 mm (Ø bojo); 79,11 mm (Ø base); 6 mm (esp. lábio).

Cronologia – Século VI (?).

Observações – Segundo D. Fernando de Almeida, o recipiente em análise foi recuperado no «cemitério visigótico de Mértola»[481], designação que, presumimos, o autor utiliza para aludir ao Rossio do Carmo. Note-se, porém, que o contexto preciso de recolha é desconhecido. Acrescente-se, por outro lado, que muito embora não possua bocal trilobado, este púcaro se assemelha ao tipo 12 de Flörchinger[482], com cronologia balizada entre o derradeiro quartel do século V e, sensivelmente, a primeira metade do VI.

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 234; est. LV, fig. 312.

A.2 – Cantil (Est. CXIII, fig. 564 e 565).

N.º de Inv. – 2006.329.1 (M.N.A.).

---

[479] Dado que as peças depositadas no Núcleo da Basílica Paleocristã e que tivemos oportunidade de estudar se encontram em exposição, observámo-las presencialmente e fotografámo-las, mas abstivemo-nos de proceder a novos registos metrológicos. Neste sentido, e no caso dos objetos sinalizados com a indicação (N.B.P. – M.M.), subsequente ao n.º de inventário, as medidas apresentadas foram retiradas da publicação intitulada *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã*, dada à estampa em 1993.

[480] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/4.

[481] ALMEIDA, 1962: est. LV.

[482] FLÖRCHINGER, 1998: 15.

Descrição – Cantil completo, em bom estado de conservação. No bordo, o lábio surge ligeiramente espessado para o exterior, exibindo contorno levemente arredondado, se bem que com tendência para revelar-se mais aplanado no topo. O colo é estreito e alto, ao passo que o bojo ou reservatório se mostra, numa das faces, aplanado e, noutra, globular e projetado. Mas ambas exibem uma espécie de disco ligeiramente rebaixado e reentrante, colocado aproximadamente em posição central. O pé, ligeiramente saliente, possui configuração retangular ou trapezoidal e mostra-se algo assimétrico; não se apresenta alinhado com a boca, daí que, quando pousada sobre a base, a peça fique instável e desequilibrada. As asas arrancam sensivelmente a partir do campo que medeia entre a abertura da boca e a base do colo, e estabelecem ligação entre si através de uma espécie de moldura que se estende na horizontal. A zona mencionada aparenta ter sido espatulada, no sentido vertical. Já a restante superfície poderá ter sido sujeita a tratamento equivalente, se bem que aplicado em direções variáveis e não exclusivamente na vertical. A textura das superfícies é um pouco áspera.

A tonalidade da pasta oscila entre o vermelho[483] e o amarelo avermelhado[484], sendo percetível a ocorrência de alguns elementos não plásticos, nomeadamente, quartzo, com calibre superior a 2,5 mm.

Dimensões – 157,47 mm (alt.); 34,42 mm (Ø boca); 26,88 mm (Ø colo); 96,79 mm (larg. reservatório); 25,81 mm (Ø base); 22,95 mm (larg. asa); 10,63 mm (esp. asa); 6,01 mm (esp. lábio); 316,3 g (peso).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com informação incluída no processo do sítio conservado no M.N.A., o cantil foi recolhido na sepultura F do Rossio do Carmo. Trata-se de um exemplar correspondente ao tipo Izquierdo 6/13[485], com paralelos documentados em diversas estações peninsulares. No território português destacamos o cantil recuperado em Milreu (n.º de inv. 16.819), adiante descrito; na província de Segóvia, em Santiuste de Pedraza, apontamos o recipiente oriundo de Nuestra Señora de las Vegas de Requijada[486]; na região de Cuenca, o de Villaverde y Pasaconsol[487] e, na zona de Málaga, o cantil retirado do túmulo 137 de San Pedro de Alcántara[488].

Bibliografia –

A.3 – Bilha (Est. CXIII, fig. 566 e 567).

N.º de Inv. – 12.755 / 2006.330.1 (M.N.A.).

---

[483] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/6.

[484] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/6.

[485] VIZCAÍNO SÁNCHEZ, 2007 [Ed. 2009]: 580.

[486] BLANCO GARCÍA, 2003: 155.

[487] BARROSO CABRERA, 2006: 132, fig. 32.

[488] FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 6, n.º 7.

Descrição – Recipiente de contenção de líquidos ligeiramente assimétrico, produzido a torno. Encontra-se fraturado e incompleto: sem boca e sem parte do colo, alto e estrangulado; não obstante, o estado de conservação geral é razoável. Na transição entre o colo e a pança é observável uma primeira saliência ou ressalto e, na metade inferior do bojo, uma carena, menos proeminente. O fundo, por sua vez, mostra-se plano. A asa arranca da zona superior do colo e prolonga-se até à parte superior do bojo, onde assenta, exibindo uma impressão digitada. Apesar da ausência de decoração, são visíveis leves estrias abaixo do colo, as quais se estendem até à primeira carena. E, em paralelo, na zona inferior da carena mais baixa, são percetíveis incisões, dispostas de modo aparentemente pouco ordenado.

A pasta é depurada, de tonalidade amarela[489], com ocorrência de alguma mica (branca e preta) e também de quartzo, muito embora bastante residual.

Dimensões – 133,94 mm (alt.); 30,82 mm (Ø colo); 104,42 mm (Ø bojo); 56,52 mm (Ø base); 22,44 mm (larg. asa); 11,87 mm (esp. asa); 5,32 mm (esp. colo); 306,1 g (peso).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Em conformidade com o processo do sítio, conservado no M.N.A., este recipiente terá sido recolhido numa «sepultura cristã». A tipologia que revela, menos frequente que outras que temos vindo a analisar, encontra paralelo numa vasilha oriunda da necrópole de El Pelao (Jorquera, província de Albacete)[490], bem como em duas outras, procedentes dos sepulcros 10 e 11 da necrópole de La Dehesa de la Casa, Cuenca[491].

Bibliografia –

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Placa de cinturão (Est. CXIV; fig. 568 e 569).

N.º de Inv. – BR.FV.0001 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Pequena placa de cinturão de liga de cobre, fundida em molde, de tipologia liriforme. Apresenta-se consolidada e em bom estado de conservação geral, apesar de faltar a fivela com a qual, originalmente, se articularia. Na extremidade distal da superfície frontal é observável uma saliência ou remate de contorno arredondado. Por seu turno, são visíveis dois apêndices na área proximal, um dos quais fragmentado. A moldura lateral surge decorada com sulcos sequenciais incisos, cuja disposição assume forma de meia lua, tendência retilínea ou, em alternativa, aproximadamente triangular. Já o campo central é quase que integralmente ocupado por decoração zoomórfica, obtida através de uma combinação de motivos incisos e oculados. No verso são percetíveis três apêndices, destinados à passagem dos fios de couro: um, isolado, na zona distal, e dois outros, na proximal, paralelos entre si.

[489] MUNSELL, 1975: 10 YR 8/6.

[490] GAMO PARRAS, 2006: 153, fig. 15, n.º 5.

[491] LOPEZ REQUENA & BARROSO CABRERA, 1994: 70-71.

Dimensões – 42 mm (comp.); 21 mm (larg.); 9 mm (esp.).

Cronologia – Finais do século VI/início do VII aos alvores do VIII.

Observações – Esta peça, correspondente ao tipo H de Ripoll López[492], foi detetada numa camada de revolvimento, nas imediações da área escavada por Estácio da Veiga nos finais do século XIX[493].

Bibliografia – LOPES, 1993: 67; 70, n.º de catálogo 01; LOPES, 2003: 151-152; MACIAS, 1993: 53; MACIAS, 2006b: 129, II.91.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Brinco (Est. CXIV; fig. 570 e 571).

N.º de Inv. – AG.BC.0001 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Peça produzida em prata, bem preservada. Possui aro liso, de secção circular, muito delgado e com diâmetro sensivelmente equivalente ao longo de toda a superfície. O aro culmina, em cada uma das extremidades, curvando-se sobre si mesmo, sendo que o fecho da peça é promovido através do encaixe dos remates.

Dimensões – 16 mm (Ø aro); 1 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Trata-se de uma peça contextualizada[494], para a qual, apesar de similitudes genéricas reveladas face a outros objetos de vocação congénere, encontrámos um único paralelo direto: um brinco recuperado no túmulo 34 da necrópole de Duratón, que surgiu associado a uma conta de colar de âmbar decorada com incisões[495].

Bibliografia – LOPES, 1993: 68; 72, nº de catálogo 04; LOPES, 2003: 152.

B.2.2 – Argola (Est. CXIV; fig. 572 e 573).

N.º de Inv. – AU.BC.0001 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Pequeno peça de adorno produzida em ouro branco, muito bem conservada. Trata-se de um objeto fechado sobre si mesmo, espécie de argola completamente destituída de decoração. O aro, liso e de secção circular, é mais fino na zona de fecho, com aumento progressivo da espessura na direção da área inferior oposta, onde não só o diâmetro é mais elevado, como além do mais, é observável uma ligeira saliência.

Dimensões – 11 mm (Ø aro); 2 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Segundo Virgílio Lopes, este adorno foi identificado *in situ*, junto da terceira vértebra do indivíduo inumado na sepultura 163 A[496]. Note-se, todavia, que pela

[492] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 133, fig. 16; 140.

[493] LOPES, 1993: 67.

[494] LOPES, 1993: 73.

[495] MOLINERO PÉREZ, 1948: 142; lâm. XXV.

[496] LOPES, 1993: 67; 72.

nossa parte hesitamos quanto à funcionalidade desta argola: seria efetivamente um brinco ou faria parte de algum objeto compósito, do qual tenha restado apenas este elemento? Não sendo possível, de momento, esclarecer esta questão, aproveitamos para assinalar as analogias que revela face a um objeto de dimensão diminuta detetado no túmulo 205 da necrópole de Segobriga, em Cuenca[497].

Bibliografia – LOPES, 1993: 67-68; 72, n.º de catálogo 03; LOPES, 2003: 152.

B.2.3 – Anel (Est. CXV; fig. 574 e 575).

N.º de Inv. – BR.AN.0001 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Anel de fita completo, de liga de cobre, fundido em molde, em razoável estado de conservação. O aro, simples e de secção retangular, não possui qualquer indício de decoração. Há apenas que realçar que, na parte correspondente à mesa, a largura é mais elevada e, por outro lado, que as extremidades do aro se apresentam sobrepostas.

Dimensões – 21 mm (Ø aro); 6 mm (larg.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Esta peça foi recolhida no sepulcro 36 F, uma das estruturas funerárias localizadas no exterior da basílica[498]. Na forma como a mesa se apresenta, provida de largura mais avultada que a exibida pelo restante corpo do aro, mas isenta de ornatos, mostra-se análoga à de um anel identificado no sepulcro 63 de Duratón[499].

Bibliografia – LOPES, 1993: 67; 71, n.º de catálogo 02; 2003: 151; LOPES, 2003: 152.

B.2.4 – Brinco (Est. CXV; fig. 576 e 577).

N.º de Inv. – BR.BC.0001 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Peça de liga de cobre, razoavelmente preservada, incompleta, de contorno circular relativamente regular. O aro, de secção circular, apresenta-se liso e destituído de decoração. Todavia, dois apêndices de contorno aproximadamente cilíndrico e com as extremidades algo salientes, colocados posteriormente sobre o aro, ornamentam a peça.

Dimensões – 51 mm (Ø aro); 4 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este adorno foi identificado no interior de um sepulcro escavado no substrato, implantado nas imediações do muro que delimita o edifício da escola primária, a norte[500]. Revela evidentes parecenças com um outro, de menor tamanho, mas igualmente provido de elementos decorativos apensos, detetado no túmulo 3 da necrópole de Camino de los Afligidos, em Alcalá de Henares[501], assim como com dois pendentes recolhidos no

[497] ALMAGRO BASCH, 1975: 97, fig. 44, n.º 2.

[498] LOPES, 1993: 67; 71.

[499] MOLINERO PÉREZ, 1948: 143; lâm. XXVI, fig. 2.

[500] LOPES, 1993: 74.

[501] MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 145, fig. 61, n.º 4.

sepulcro 63 de Duratón, Segóvia[502] ou com objetos procedentes, respetivamente, das sepulturas 10 e 15 da necrópole de Dehesa de la Casa, em Cuenca[503].

Bibliografia – LOPES, 1993: 67-68; 74, n.º de catálogo 05; LOPES, 2003: 152.

B.2.5 – Brinco anelar (Est. CXV; fig. 578 e 579).

N.º de Inv. – BR.BC.0002 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Pequeno brinco anelar de liga de cobre, com aro liso, de contorno e secção tendencialmente circulares. O aro, ao contrário do que sucede com alguns exemplares, possui diâmetro globalmente constante, sem revelar propensão para o estreitamento à medida que se aproxima do extremo apontado. Na extremidade oposta avulta um apêndice de configuração sextavada.

Dimensões – 20 mm (Ø aro); 2 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Peça contextualizada[504], cujo apêndice denota formato similar ao de um objeto recuperado em *Conimbriga*[505].

Bibliografia – LOPES, 1993: 67-68; 75, n.º de catálogo 06; LOPES, 2003: 152.

B.2.6 – Brinco anelar (Est. CXVI; fig. 580 e 581).

N.º de Inv. – BR.BC.0003 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, com apêndice moldurado, patente numa das extremidades. O aro, liso e de secção circular, revela tendência notória para a redução da espessura à medida que se concretiza a progressão na direção da extremidade oposta à do remate.

Dimensões – 34 mm (Ø aro); 1 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O remate desta peça, recolhida do interior da sepultura 150[506], denota consideráveis similitudes face ao apêndice do brinco n.º 33, exumado num dos túmulos de Montinhos 6[507].

Bibliografia – LOPES, 1993: 67-68; 75, n.º de catálogo 07; LOPES, 2003: 152.

B.2.7 – Brinco anelar (Est. CXVI; fig. 582 e 583).

N.º de Inv. – BR.BC.0004 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Brinco anelar, de liga de cobre, com contorno simétrico e muito regular.

---

[502] MOLINERO PÉREZ, 1948: 143; lâm. XXVI, fig. 2.

[503] LOPEZ REQUENA & BARROSO CABRERA, 1994: 78, lâm. 27; 83, lâm. 32.

[504] LOPES, 1993: 75.

[505] AREZES, 2011: 353-354.

[506] LOPES, 1993: 76.

[507] AREZES *et al.*, 2013: 1924, fig. 11.

Possui apêndice decorado: quatro molduras salientes e pronunciadas, com formato discoide bem desenhado. O aro, liso e de secção circular, possui diâmetro mais avultado na zona central, sendo que, a partir daí, estreita à medida que se aproxima da extremidade oposta à do remate.

Dimensões – 34 mm (Ø aro); 3 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – À semelhança do brinco anelar previamente descrito, também o objeto em análise foi recuperado no sepulcro 150 e, precisamente, no mesmo nível estratigráfico: R.C./988/Q1[508].

Bibliografia – LOPES, 1993: 67-68; 77, n.º de catálogo 08; LOPES, 2003: 152.

B.2.8 – Brinco anelar (Est. CXVI; fig. 584 e 585).

N.º de Inv. – BR.BC.0005 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, em razoável a bom estado de conservação. O aro é liso, de secção circular. Possui, numa das extremidades, um apêndice pouco volumoso, no qual são observáveis, lateralmente, dois sulcos incisos. A extremidade apontada corresponde ao ponto onde o diâmetro é mais reduzido.

Dimensões – 30 mm (Ø aro); 2 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – A configuração do apêndice deste brinco é similar à de outro recolhido na necrópole da Abuxarda, já descrito neste catálogo (n.º de inv. 20.824 / 2003.9.17).

Bibliografia – LOPES, 1993: 67-68; 78, n.º de catálogo 09; LOPES, 2003: 152.

B.2.9 – Brinco anelar (Est. CXVII; fig. 586 e 587).

N.º de Inv. – 16.025/983.280.1 (M.N.A.).

Descrição – Brinco anelar muito frágil, em estado de conservação razoável/mau, com concreções patentes ao longo de toda a superfície. Produzido em liga de cobre, possui um aro muito fino, mas com espessura tendencialmente regular, e extremidades ligeiramente desencontradas. Numa delas avulta um apêndice ou remate de tamanho diminuto. O próprio brinco é, na verdade, bastante pequeno, não sendo claro se tal circunstância derivará de uma opção estilística ou se, eventualmente, se ficará a dever ao facto de não pertencer a um adulto.

Dimensões – 22,11 mm (Ø aro); 2,50 mm (Ø apênd.); 1,42 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com o processo, este brinco terá sido exumado de uma das «sepulturas cristãs» da necrópole (M.N.A.).

Bibliografia –

[508] LOPES, 1993: 77.

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1. – Alfinete (Est. CXVII; fig. 588 e 589).

N.º de Inv. – BR.AL.0002 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Alfinete de liga de cobre, consolidado e razoavelmente bem preservado. É provido de uma haste alongada, de secção circular, que culmina numa extremidade bem apontada. Presentemente, encontra-se dobrado pouco abaixo da cabeça, de contorno discoide e tendencialmente convexa.

Dimensões – 48 mm (comp.); 4 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – A atribuição de cronologias a elementos como este é sempre complexa, daí que a proposta avançada, ainda que em consonância com a datação atribuída à generalidade dos adornos metálicos do Rossio do Carmo, não esteja isenta de reservas.

Bibliografia – LOPES, 1993: 68; 80, n.º de catálogo 11; LOPES, 2003: 152.

B.5.2. – Alfinete (Est. CXVII; fig. 590 e 591).

N.º de Inv. – BR.AL.0003 (N.B.P. – M.M.).

Descrição – Alfinete de liga de cobre, consolidado, em estado de conservação razoável a bom. À semelhança do objeto acima analisado, também a haste deste se mostra alongada, terminando sob a forma de uma extremidade afiada. Mas, ao contrário daquele, não sofreu dano que motivasse deformação equivalente. Ainda assim, a metade inferior denota curvatura muito ligeira. Quanto à cabeça, revela configuração piramidal regular.

Dimensões – 56 mm (comp.); 4 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Tal como o alfinete descrito previamente, também este provém de um contexto definido[509]. Atendendo à morfologia que exibe, é possível apontar-lhe como paralelo uma peça metálica recuperada na necrópole de Afligidos «O», Madrid[510].

Bibliografia – LOPES, 1993: 68; 81, n.º de catálogo 12; LOPES, 2003: 152.

Sítio: Bensafrim

(Freg. União das freguesias de Bensafrim e Barão de São João; Conc. Lagos; Dist. Faro).

Local de depósito: M.M.S.R. (Figueira da Foz).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

[509] LOPES, 1993: 80-81.

[510] MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 132-133, fig. 59, n.º 43.

B.1.1 – Placa de cinturão (Est. CXVIII; fig. 592 e 593).

N.º de Inv. – 1840.

Descrição – Fragmento de placa de cinturão de liga de cobre, fundida em molde, razoavelmente preservada, melhor na superfície frontal. Apesar de atualmente incompleto, é notório que se coaduna com a tipologia liriforme. Conserva apenas a parte distal, de configuração tendencialmente arredondada, em forma de bolbo, provida de um botão na extremidade. A decoração é profusa. Praticamente adjacente ao limite exterior da placa é observável um sulco inciso, logo seguido de uma moldura em relevo que, por seu turno, surge eivada, ao longo de toda a extensão, de pequenas linhas, também elas incisas. No campo central, avulta uma conjugação complexa de motivos. Em destaque, um zoomorfo: um animal fantástico, talvez um grifo, dotado de quatro cabeças que, duas a duas, se afrontam. Irrompem a partir de um tronco comum, que se inicia praticamente junto da extremidade da zona distal e se prolonga até ao ponto oposto, culminando sob a forma de um elemento aparentemente vegetal. Cada cabeça possui um olho, de contorno circular, provavelmente obtido através de excisão, além de um bico adunco e entreaberto. Já os corpos, em relevo, alongados e estilizados, denotam ocasionalmente a ocorrência de decoração incisa. O verso, que se apresenta em pior estado de conservação, mantém dois dos apêndices originais, paralelos entre si.

Dimensões – 45,42 mm (comp.); 42,21 mm (larg.); 2,75 mm (esp.).

Cronologia – Finais do século VI/início do VII aos alvores do VIII.

Observações – Este fragmento de placa, cuja proveniência é problemática[511], corresponde, em termos morfológicos, ao tipo C definido por Ripoll López[512]. São evidentes as semelhanças que o aproximam de dois objetos igualmente liriformes: um, mutilado, de origem desconhecida e integrado na referida Coleção; outro, completo, procedente de Hinojar del Rey (província de Burgos), atualmente depositado no Museu Arqueológico Nacional, em Madrid[513].

Bibliografia – ROCHA, 1904: 104; ROCHA, 1906: 99-100; est. XIV, fig. 90; ALMEIDA, 1962: 245; 255; lâm. LXVIII, fig. 366; GOMES, 2002: 385; INÁCIO, 2005: 58-59; 81; 38 (anexo I); fig. 35 (anexo II); CATARINO, 2007: 162, fig. 3; AREZES, 2011: 87-88; 143-144; AREZES, no prelo: a.

[511] AREZES, 2011: 87-88.

[512] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 133-134.

[513] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 61; 144; 146; 159; 161, fig. 29, n.º 128; 349-350; lâm. XLII.

Sítio: Marateca

(Freg. União das freguesias de Lagos [São Sebastião e Santa Maria]; Conc. Lagos; Dist. Faro).

Local de depósito: M.M.S.R. (Figueira da Foz).

A – Materiais cerâmicos

A.1 – Jarro (Est. CXVIII, fig. 594 e 595).

N.º de Inv. – 2929.

Descrição – Vaso destinado à contenção de líquidos. O estado de conservação pode considerar-se regular, apesar o recipiente se encontrar incompleto: está em falta o colo, o bordo e a asa. O bojo, tendencialmente piriforme, exibe uma sequência de sulcos paralelos, dispostos na vertical e oblíqua, sobretudo nas imediações do arranque da asa, de secção retangular. Não é claro se resultam de uma ação intencional (esforço decorativo, se bem que não muito bem conseguido) ou se decorrem de uma afetação mais recente, porventura relacionável com danos promovidos no processo de escavação. O fundo é plano e pouco regular, mas ainda assim estável.

A coloração oscila entre o vermelho[514] e o vermelho claro[515]. Todavia, parte do cerne, visível nos pontos de fratura, apresenta tonalidade escura. Noutras zonas, nomeadamente em torno do arranque da asa e na face do bojo oposta à dos sulcos incisos, é observável uma película esbranquiçada, que poderá derivar das condições da jazida. As superfícies mostram-se pouco regulares, com impurezas que alteram a textura e tornam, por vezes, rugosa. A pasta inclui desengordurante, sobretudo à superfície, enquanto o cerne parece razoavelmente depurado. Regista-se a presença de mica branca e brilhante, bem assim como de algum quartzo, cujo calibre chega a atingir os 3 mm de diâmetro.

Dimensões – 143,44 mm (alt.); 58,85 (Ø colo); 99,86 mm (Ø bojo); 70,67 mm (Ø base); 31,16 mm (Ø arranque da asa); 8,32 mm (esp. parede).

Cronologia – Segunda metade do século VII, até aos inícios do VIII.

Observações – Apesar de o recipiente em análise se apresentar fraturado e incompleto, a configuração do seu perfil leva-nos a aproximá-lo da variante A do tipo 3 de A. Flörchinger, até pelas notórias similitudes que revela face a um dos vasos recuperados na sepultura 19 de San Pedro de Alcántara[516]. Note-se, por outro lado, que o n.º de inv. que acima indicámos coincide com a identificação da etiqueta que subsiste colada no bojo do vaso; no entanto, Santos Rocha atribui-lhe uma outra designação, conforme passível de ser confirmado no Catálogo Geral do Museu, por si elaborado[517].

[514] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 5/8.

[515] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 6/8.

[516] FLÖRCHINGER, 1998: 10; lâm. 3, n.º 13.

[517] ROCHA, 1905: 94.

Bibliografia – ROCHA, 1896: 71; ROCHA, 1905: 94, n.º 2029; SANTOS, 1971: 376; INÁCIO, 2005: 58.

Sítio: Serro do Algarve
(Freg. Mexilhoeira Grande; Conc. Portimão; Dist. Faro).

Local de depósito: M.M.S.R. (Figueira da Foz).

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (Est. CXIX; fig. 596 e 597).

N.º de Inv. – 8634.

Descrição – Anel de fita de liga de cobre, em estado de conservação razoável, ainda que pontualmente menos regular e denotando certo grau de degradação. Muito fino, consta de uma leve lâmina metálica. A decoração, profusa, ocupa quase toda a superfície do anel, nomeadamente a mesa, prolongando-se a partir desta para cada uma das partes laterais do aro. Apenas nas proximidades do término desencontrado da peça é possível observar campo metálico aparentemente destituído de ornatos. Mas, lateralmente, mesmo as zonas recortadas, de contorno oblongo, praticamente amendoado (e que são visíveis tanto de uma perspetiva frontal, como lateral), surgem ladeadas por linhas oblíquas e, mais ocasionalmente, também por cruzes. Na mesa avulta uma conjugação de motivos incisos, que se assemelham a grafitos: basicamente, sulcos que perfazem motivos estelares integrados numa moldura losangular, por seu turno atravessada por uma linha vertical, que deste modo parece criar uma cruz. O aro, em conformidade com o que tivemos já oportunidade de referir, apresenta-se desencontrado. Todavia, originalmente, a parte mais saliente deveria sobrepor-se à mais recuada, impressão reforçada com a observação à lupa binocular.

Dimensões – 22,75 (Ø aro); 13,12 mm (alt. mesa); 7,25 (alt. média aro); 1 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – De acordo com Santos Rocha, a decoração exibida pelo anel pretende representar a cruz, o símbolo cristão por excelência. Foi detetado entre outros vestígios osteológicos esparsos, unido a uma falange[518], a qual se encontra ainda hoje guardada junto do referido adorno.

Bibliografia – ROCHA, 1908: 221-223; 225; INÁCIO, 2005: 57; CATARINO, 2007: 187.

[518] ROCHA, 1908: 221; 225.

Sítio: Poço dos Mouros
(Freg. União das freguesias de Alcantarilha e Pera; Conc. Silves; Dist. Faro).

Local de depósito: M.M.A.A. (Albufeira).

A – Materiais cerâmicos

A.1 – Copo (Est. CXX, fig. 598 e 599).

N.º de Inv. – M.A. 4/02

Descrição – Recipiente de contenção de líquidos, ligeiramente assimétrico e modelado manualmente. Encontra-se completo e bem preservado. Possui bordo esvasado, colo reentrante, corpo alto e vertical, fundo plano.

A pasta, porosa, apresenta, na generalidade, coloração vermelha[519] ou vermelha acinzentada[520]. Porém, em algumas zonas, surge com cor mais viva; noutras, mais cinzenta, com restos de fuligem, provavelmente resultantes do processo de cozedura, pouco controlado. Já no interior, é globalmente acinzentada e pouco regular. À superfície figuram alguns resquícios de uma película esbranquiçada, que podem ficar a dever-se às condições da jazida. Além do mais, observam-se elementos não plásticos: mica, feldspato, óxidos de ferro e quartzo, cujo calibre chega a ultrapassar os 4 mm.

Não é certo se a peça terá sido sujeita a algum tipo de acabamento, entretanto aniquilado. Com efeito, e pelo menos em certas zonas, parece ter havido alisamento. De resto, a textura revela-se, por vezes, rugosa mas, globalmente, apenas pouco regular.

Dimensões – 162,62 mm (alt.); 73,29 mm (Ø boca); 53,64 mm (Ø colo); 77,06 mm (Ø corpo); 75,06 mm (Ø base); 8,73 mm (esp. lábio).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Das três peças oriundas da necrópole do Poço dos Mouros (ainda que marcadas como originárias da Retorta), esta é a única completa e não restaurada. Terá sido recolhida pelo Padre Azevedo do interior da sepultura 1, estrutura por ele removida do seu enquadramento natural e presentemente exposta numa das salas do Museu Municipal de Albufeira[521].

Bibliografia – SANTOS, 1972: 87; GOMES, 2002: 340-342; 346; 354-355; INÁCIO, 2005: 54.

A.2 – Garrafa (Est. CXX, fig. 600 e 601).

N.º de Inv. – M.A. 32/02

Descrição – Garrafa provida de duas asas, de cor castanha avermelhada[522] ou, mais

[519] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 4/6 ou 10 R 4/6.

[520] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 4/2.

[521] GOMES, 2002: 346.

[522] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 4/4.

precisamente, avermelhada escura[523]. A boca, levemente esvasada, apresenta lábio espesso, de secção semicircular. O gargalo, alto e cilíndrico, possui um cordão, sensivelmente a meia altura, a partir do qual arrancam as asas, assimétricas e contrapostas, denotando secção biconvexa e perfil quase reto, prolongando-se até assentar na parte superior do bojo, que ostenta marcas de torno e possui perfil piriforme. O fundo, por seu turno, é plano e muito regular.

A peça foi restaurada e envernizada, o que dificulta a avaliação do tipo de pasta original. Ainda assim, nas zonas onde a capa de verniz não é tão evidente perspetiva-se a superfície, com inclusões consideráveis de elementos não plásticos, sendo visível, a olho nu, areia e mica, quartzo e, eventualmente, feldspatos, de calibre muito reduzido, a par de óxidos de ferro, patentes sobretudo na superfície do bojo. Noutros pontos é também possível observar fuligem; todavia, o brilho do verniz terá acabado por matizar a sua ocorrência. A decoração visível restringe-se a caneluras, nove no total, as quais se apresentam dispostas na horizontal, de modo paralelo entre si. Dado que as protuberâncias com que rematam as asas se sobrepõem ao curso das caneluras, presume-se que aquelas tenham sido colocadas depois de concluído o processo decorativo.

Dimensões – 283,0 mm (alt.); 39,60 mm (Ø boca); 130,20 mm (Ø bojo); 84,45 mm (Ø base); 8,05 mm (esp. lábio).

Cronologia – Finais do século VI à segunda metade do VII.

Observações – Segundo informação veiculada pela bibliografia[524] e reiterada pela ficha de inventário do Museu, esta forma cerâmica, que se coaduna perfeitamente com a variante B do tipo 14 de A. Flörchinger[525] poderá proceder, à semelhança do copo previamente analisado, do sepulcro 1.

Bibliografia – SANTOS, 1972: 87; GOMES, 2002: 340-342; 346; 353-355; 376; INÁCIO, 2005: 54.

A.3 – Bilha (Est. CXX, fig. 602 e 603).

N.º de Inv. – M.A. 33/02

Descrição – Peça de perfil assimétrico mas que, segundo nos parece, apresenta marcas de torno. Presentemente encontra-se restaurada: todo o colo, a boca e grande parte da asa foram reconstruídos. Do corpo original resta o bojo, tendencialmente bitroncocónico, assim como a zona de arranque da pega. Quanto ao fundo, convexo, exibe uma área escurecida, porventura resultante das condições de cozedura.

A pasta, rosada ou vermelha clara[526], não é inteiramente visível, dada a existência de uma película de verniz ou substância similar recobrindo a superfície, certamente colocada

[523] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 3/6.
[524] GOMES, 2002: 346.
[525] FLÖRCHINGER, 1998: 17-18.
[526] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 6/6.

aquando do restauro. Ainda assim, é notória a ocorrência de mica (preta e branca), areias, quartzo de calibre muito reduzido e óxidos de ferro. Em paralelo, afigura-se que, em algumas zonas, começaria a evidenciar-se certo grau de degradação da cerâmica. De qualquer modo, o verniz dificulta a observação e até a perceção do eventual acabamento que terá sido aplicado na peça.

A decoração resulta da articulação entre dois cordões plásticos (um, superior, figurando na base da asa, sensivelmente no campo médio do bojo; o outro, inferior e mais pronunciado, marcando a transição para o campo inferior do bojo) e duas linhas incisas (a primeira, localizada acima do cordão superior, e a segunda, entre cordões, reforçando, pela proximidade, o da zona inferior).

Dimensões – 99,51 mm (alt. corpo original); 42,61 mm (Ø boca restaurada); 130,90 mm (Ø bojo); 84,45 mm (Ø base).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – É possível que o recipiente incompleto em análise tenha sido recuperado na sepultura 2 onde, presumivelmente, repousariam também os fragmentos de um outro jarro, a par do dente fóssil de tubarão[527]. Note-se ainda que, apesar de não ser rigorosamente idêntico, denota inquestionáveis similitudes com uma das bilhas recolhidas na necrópole de Dehesa de la Casa, em Cuenca, concretamente, no túmulo 11[528].

Bibliografia – SANTOS, 1972: 87; GOMES, 2002: 340-342; 356; INÁCIO, 2005: 54.

Sítio: Ponte
(Freg. Paderne; Conc. Albufeira; Dist. Faro).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1 – Bilha (Est. CXXI, fig. 604 e 605).

N.º de Inv. – 15.495.

Descrição – Bilha feita a torno, algo assimétrica e razoavelmente bem conservada, apesar de incompleta. Originalmente possuía duas asas mas, de uma delas, só restam as zonas de arranque, no colo e na parte superior do bojo. Ainda assim, é possível notar, por um lado, que não estavam alinhadas simetricamente e, por outro, que foram apensas em fase posterior e coladas ao corpo da peça, já moldado. O bordo é vertical, com o lábio espessado para o exterior, o colo alto e o bojo, arredondado.

[527] GOMES, 2002: 347.

[528] LOPEZ REQUENA & BARROSO CABRERA, 1994: 70, lâm. 19.

O fundo, por seu turno, é plano. A pasta, de cor rosada[529], é razoavelmente bem depurada, mostrando-se semelhante à da vasilha de Vizela, não obstante a diferença de tonalidade. À superfície, de textura pouco regular, é visível algum desengordurante, a par de resíduos de uma película de cor rosada e, noutros pontos, de tonalidade esbranquiçada. Em paralelo, o interior da asa preservada exibe resquícios de engobe de cor rosa. A decoração restringe-se a linhas incisas sequenciais e horizontais, dispostas sensivelmente entre a parte superior do bojo e a zona de arranque do colo.

Dimensões – 151,69 mm (alt.); 37,41 mm (Ø boca); 35,26 mm (Ø colo); 93,92 mm (Ø bojo); 70,94 mm (Ø base); 8,90 mm (esp. lábio); 16,06 mm (esp. asa).

Cronologia – Século VI.

Observações – O recipiente em análise, ainda que não rigorosamente idêntico, mostra-se razoavelmente análogo à variante C do tipo 14 de A. Flörchinger, encontrando paralelo evidente na bilha recuperada na sepultura 25 de Gerena[530].

Bibliografia – SANTOS, 1972: 131; GOMES *et al.*, 2003: 39-40, fig. 12; INÁCIO, 2005: fig. 23; AREZES, 2015a: 236-241.

A.2 – Garrafa (Est. CXXI, fig. 606 e 607).

N.º de Inv. – 15.496.

Descrição – Garrafa alta, incompleta e fragmentada, mas restaurada. Encontra-se em falta parte do gargalo e do bordo, bem como as asas. Contudo, o estado de conservação pode ser considerado, globalmente, razoável a bom. O corpo é cilíndrico e alongado, e o fundo, ligeiramente convexo, gerando certa instabilidade ao nível do equilíbrio da peça.

A pasta possui tonalidade amarela avermelhada[531], com pontuais laivos mais rosados. Inclui elementos não plásticos: alguma mica e também quartzo, que chega a aproximar-se dos 2 mm de diâmetro. A superfície é irregular, com ocorrência de finas estrias dispostas na oblíqua. Apesar das marcas digitadas observáveis, afigura-se que este recipiente terá sido produzido a torno.

Dimensões – 281,84 mm (alt.); 29,98 mm (Ø colo); 103,91 mm (Ø bojo); 74,98 mm (Ø base); 7,58 mm (esp. parede); 713,3 g (peso).

Cronologia – Século VI.

Observações – Ainda que, na forma em análise, as asas arranquem na zona superior do corpo, quase nas imediações do gargalo, pensamos que poderá coadunar-se com a variante A do tipo 14 definido por Flörchinger[532], atribuído a meados do século VI. Ressalvamos, porém, que o recipiente tipologicamente mais próximo que nos foi possível detetar

[529] MUNSELL, 1975: 5 YR 8/4 ou 7/4.

[530] FLÖRCHINGER, 1998: 18; lâm. 11, n.º 5.

[531] MUNSELL, 1975: 5 YR 6/6 ou 7.5 YR 7/6.

[532] FLÖRCHINGER, 1998: 17.

radica num objeto, igualmente incompleto, recolhido em Tolmo de Minateda[533].

Bibliografia – SANTOS, 1972: 131; GOMES *et al.*, 2003: 39-40, fig. 12; AREZES, 2015a: 236-241.

Sítio: Torres de Apra

(Freg. Loulé [São Clemente]; Conc. Loulé; Dist. Faro).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

B. Materiais metálicos

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Bracelete (Est. CXXII, fig. 608 e 609).

N.º de Inv. – 15.080 / 983.1049.1.

Descrição – Bracelete de liga de cobre, incompleto, mas consolidado. Apesar de truncado, pode afirmar-se que a parte conservada se apresenta bem conservada. O aro é liso, destituído de qualquer tipo de decoração. Contudo, o remate, modelado, assume a configuração de um ofídio.

Dimensões – 55 mm (Ø aro); 6,5 mm (larg. remate); 2 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Este bracelete fragmentado encontra paralelo num objeto recolhido em *Conimbriga*, aquando das «Escavações Antigas» (n.º de ent. laboratório 4573), bem como num outro, recuperado na sepultura 12 de Talaíde[534].

Bibliografia – MARTINS, 1988: 128; AREZES, no prelo: b.

B.2.2 – Brinco (Est. CXXII, fig. 610 e 611).

N.º de Inv. – 15.132 / 983.1047.2.

Descrição – Brinco anelar, produzido em liga de cobre e, presumivelmente, fundido em molde. Apesar de incompleto, encontra-se consolidado e razoavelmente preservado. O aro é liso e destituído de qualquer elemento ornamental. Não parece ter possuído qualquer tipo de apêndice. De qualquer modo e, independentemente de ter ou não exibido um remate decorativo, note-se que o aro alarga progressivamente, na direção oposta à extremidade de espessura mais fina.

Dimensões – 21 mm (Ø); 2 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

[533] GUTIÉRREZ LLORET *et al.*, 2004: fig. 25 *apud* GAMO PARRAS, 2006: 149, fig. 12.

[534] CARDOSO *et al.*, 1995: 322.

Observações – O objeto em análise é similar a um brinco anelar identificado na necrópole da Abuxarda (n.º de inv. 20.809 / 2003.9.5).

Bibliografia – PEREIRA, 2014: vol. I, 330; vol. II, est. 78, n.º 3; AREZES, no prelo: b.

B.2.3 – Anel (Est. CXXIII, fig. 612 e 613).

N.º de Inv. – 15.136 / Au 856.

Descrição – Anel de prata, fundido em molde. A mesa não foi soldada, tendo o anel sido preparado como um todo. Apresenta-se consolidado e em ótimo estado de conservação. Possui configuração e secção aproximadamente elípticas. O aro é liso, exibindo quatro linhas de fratura, uma das quais mais superficial. A mesa, de contorno arredondado, é algo saliente, encontrando-se os motivos plenamente visíveis e bem definidos. No campo central figura uma espécie de moldura incisa, de formato sub-triangular, em cujo interior é observável uma estampilha circular. No seu interior, por seu turno, elementos em relevo evocam uma flor, constituída por um motivo circular oculado, ladeado por quatro «pétalas» trapezoidais ou retangulares. Já em posição sensivelmente adjacente ao limite exterior da mesa são observáveis outros motivos: finas incisões dispostas sensivelmente na vertical ou oblíqua.

Dimensões – 27 mm (Ø); 14,5 mm (Ø mesa); 4 mm (esp. mesa); 2 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Este anel representa o mais significativo objecto que tivemos oportunidade de analisar entre os materiais da necrópole de Torres de Apra, não só pelo suporte em que foi produzido, mas também pelo grau de preservação em que se encontra. Ressalvamos, porém, que até ao momento, não nos foi possível identificar-lhe um paralelo direto.

Bibliografia – SANTOS, 1971: 156; MARTINS, 1988: 128, foto 28; 130, fig. 21; AREZES, no prelo: b.

B.2.4 – Anel (Est. CXIII, fig. 614 e 615).

N.º de Inv. – 15.137 / 983.1048.3.

Descrição – Anel de liga de cobre, fundido em molde. Encontra-se fragmentado e incompleto: conservam-se dois fragmentos, que propiciam colagem, mas está em falta parte do aro, concretamente da zona que arrancaria junto da moldura. O primeiro dos fragmentos comporta a parte fundamental da peça, em que avulta a mesa, de configuração aproximadamente retangular, provida de uma espécie de moldura projetada, que surge ladeada por elementos puncionados. No campo central são observáveis caracteres alfabéticos: *A D C A* (sendo que a leitura do último levanta algumas reservas). Lateralmente, figura uma moldura dupla, marcando a transição para o aro, decorado com elementos puncionados, dispostos sem ordem aparente. Já do lado oposto regista-se uma quebra, imediatamente após a moldura. É nessa zona que se poderia proceder à colagem com o segundo fragmento. Este concerne ao aro, que possui secção elíptica. A altura mais expressiva, onde figuram os

elementos puncionados, verifica-se na zona adjacente à mesa, coincidente com a localização da fratura. Reduz depois progressivamente, até à zona precisamente oposta à do posicionamento da mesa.

Dimensões – 18 mm (Ø); 9 mm (alt. mesa); 6 mm (larg.); 5 mm (esp. aro).

Cronologia – Século VI-VII.

Observações – As especificidades do traçado dos carateres, aliadas ao facto de as letras surgirem ladeadas por elementos puncionados, aproxima inquestionavelmente o exemplar em análise de um anel exumado no túmulo 16 da necrópole dos Afligidos, em Alcalá de Henares[535].

Bibliografia – SANTOS, 1971: 156; MARTINS, 1988: 128, foto 29; 130, fig. 20; PEREIRA, 2014: vol. I, 330; vol. II, est. 79, n.º 1 e 2; AREZES, no prelo: b.

Sítio: Retorta

(Freg. Boliqueime; Conc. Loulé; Dist. Faro).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa) e M.M.A.A. (Albufeira).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Placa de cinturão (Est. CXXIV; fig. 616 e 617).

N.º de Inv. – 16.844 / 983.1223.1 (M.N.A.).

Descrição – Placa rígida de liga de cobre, fundida em molde, consolidada e bem preservada. Denota ligeiro estrangulamento do corpo, mas acaba por alargar, culminando numa lingueta arredondada. Possui fivela integrada, de contorno quadrangular, provida de fuzilhão escutiforme, decorado por duas caneluras horizontais, no espaço que medeia entre a base e a agulha. O gancho, completo, encaixa num orifício circular, patente na zona de arranque da placa. Na superfície frontal da fivela é observável decoração geométrica: círculos oculados, colocados nos vértices, cada um dos quais flanqueado por motivos puncionados. Em paralelo, ocorrem outros elementos incisos, quer na fivela quer na placa, mas de configuração semicircular, e dispostos em combinações diversas. No verso, conservam-se os três apêndices, completos, através dos quais cruzariam os fios de couro: um deles surge colocado na zona distal, isolado; os restantes dois, em posição paralela, localizam-se nas imediações da fivela.

Dimensões – 97,83 mm (comp.); 39,29 mm (larg.); 2,44 mm (esp.); 36,63 mm (comp. fuzilhão).

[535] MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 227, lâm. 34.

Cronologia – Segunda metade do século VI, até cerca do ano 600/640.

Observações – A tipologia deste objeto tem paralelo na placa rígida exumada na sepultura 65 de Duratón, onde surgiu associada a uma faca e a contas de colar[536].

Bibliografia – CARDOZO, 1942: 254-255; FIGUEIREDO & PAÇO, 1947: 19; ALMEIDA, 1962: 244; 254; lâm. LXVI, fig. 360-361; PALOL I SALELLAS, 1966: 47; SANTOS, 1972: 137-138; MARTINS, 1988: 146; GOMES, 2002: 385; INÁCIO, 2005: 48; 80-81; 26 (anexo I); fig. 34 (anexo II); CATARINO, 2007: 186, fig. 4; AREZES, 2011: 91; 99; 179--180; PEREIRA, 2014: vol. I, 340; vol. II, estampa 81, n.º 5; AREZES, no prelo: a; AREZES, no prelo: b.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Brinco (Est. CXXIV, fig. 618 e 619).

N.º de Inv. – M.A. 30/02 (M.M.A.A.).

Descrição – Brinco anelar de liga de cobre, fundido em molde, razoavelmente bem preservado, consolidado. À semelhança do que se verifica com outros objetos congéneres, o aro é liso e a sua espessura aumenta progressivamente à medida que se regista a aproximação ao apêndice. Este apresenta decoração, a qual parece resultar de uma espécie de modelado, que promoveu a criação de duas zonas mais proeminentes ou salientes, mediadas por uma faixa cuja espessura é mais consonante com a do aro.

Dimensões – 32,04 mm (Ø aro); 6,33 mm (comp. apênd.); 3,36 mm (esp. apênd.); 2,66 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – É possível que esta peça tenha sido recuperada na sepultura 1 da necrópole, onde figurava ainda um segundo brinco, bem como um anel, que se mantinha colocado num dos dedo, e um bracelete. Note-se que também no sepulcro 13 se exumaram brincos anelares com remates decorados[537]; porém, os diâmetros apontados para estes dois objetos não se coadunam com os dados metrológicos que tivemos oportunidade de recolher.

Bibliografia – MARTINS, 1988: 149, foto 48.

B.2.2 – Brinco (Est. CXXV, fig. 620 e 621).

N.º de Inv. – M.A. 31/02 (M.M.A.A.).

Descrição – Brinco anelar, produzido em liga de cobre, razoavelmente bem conservado, consolidado. O aro é liso, regular e não revela indícios de fratura; apenas denota estreitamento da espessura, à medida que se concretiza a aproximação à extremidade apontada. No lado oposto é observável o apêndice: de contorno cilíndrico e bem modelado, exibe cinco molduras ou caneluras sequenciais, resultantes da incisão de sulcos.

[536] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXVI, fig. 3.

[537] MARTINS, 1988: 150; 153.

Dimensões – 33,52 mm (Ø aro); 6,45 mm (comp. apênd.); 4,09 mm (larg. apênd.); 2,85 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Dado o facto de, presumivelmente, ter sido recolhido na sepultura 1[538], este exemplar faria par com o brinco inventariado com o número M.A. 30/02, acima descrito.

Bibliografia – MARTINS, 1988: 149, foto 48; AREZES, no prelo: b.

B.2.3 – Brinco (Est. CXXV, fig. 622 e 623).

S/ Inv. (M.M.A.A.).

Descrição – Brinco anelar, de liga de cobre, consolidado, em razoável a bom estado de conservação. Todavia, o aro apresenta sinais de fragilidade, em particular na parte mais próxima da extremidade apontada, onde a espessura é mais reduzida. A partir daí, o diâmetro do aro aumenta progressivamente até à zona do apêndice, paralelepipédico. O aro é liso. Os únicos ornatos figuram no apêndice facetado e de secção retangular: sulcos incisos, paralelos entre si, promovendo a criação de caneluras sequenciais.

Dimensões – 31,91 mm (Ø aro); 5,38 mm (comp. apênd.); 4,03 mm (larg. apênd.); 2,37 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – A configuração e decoração do apêndice encontram paralelo particularmente próximo num brinco anelar recolhido na sepultura 4 da necrópole de Talaíde, em Cascais[539], previamente descrito no catálogo (n.º de inv. TA.39.75), bem assim como em dois outros exemplares, oriundos do sepulcro 146 de Carpio de Tajo[540].

Bibliografia – AREZES, no prelo: b.

B.2.4 – Bracelete (Est. CXXVI, fig. 624 e 625).

N.º de Inv. – M.A. 76/02 (M.M.A.A.).

Descrição – Bracelete de ferro fundido em molde. Apresenta-se quebrado, segmentado em cinco partes distintas, mas consolidadas. Cada um dos fragmentos, com secção circular, exibe concreções, as quais, de momento, se encontram perfeitamente estabilizadas e controladas. Aparentemente, o aro não possuiria qualquer tipo de decoração.

Dimensões – 51,63 mm (comp. frag. mais extenso); 7,32 mm (esp. frag. mais volumoso).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – O bracelete em análise poderá corresponder à peça procedente da sepultura 1, onde se detetaram igualmente dois brincos e um anel ou, em alternativa, à

[538] MARTINS, 1988: 150.

[539] CARDOSO *et al.*, 1995: 333, fig. 14, n.º 7.

[540] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 115, fig. 36.

pulseira oriunda do túmulo 13, que figurava em torno dos restos esqueletizados do braço esquerdo do inumado. Mas também no sepulcro 2 foi identificado um bracelete, desta feita, colocado na perna do defunto[541], daí as dificuldades na atribuição de uma origem precisa ao objeto. Independentemente da clarificação desta questão, há que registar as notórias afinidades evidenciadas face a dois exemplares previamente descritos e identicamente fragmentados: um originário da Abuxarda (n.º de inv. 20.813 / 2003.9.8); outro procedente do sepulcro 10 do sítio do Mosteiro (Mértola). Porém e contrariamente a este último, o da Retorta não possui qualquer indício que aponte para a possibilidade de, originalmente, o aro se apresentar sobreposto.

Bibliografia – MARTINS, 1988: 149-150; 153; INÁCIO, 2005: 44-45; AREZES, no prelo: b.

B.2.5 – Anel (Est. CXXVI, fig. 626 e 627).

N.º de Inv. – M.A. 80/02 (M.M.A.A.).

Descrição – Anel de fita, produzido em liga de cobre, em estado de conservação razoável. Possui contorno circular, algo irregular, sendo a secção, por seu turno, sub-retangular. O aro não seria fechado; as extremidades surgem, aliás, algo desencontradas. Já a zona da mesa denota tendência para o achatamento. Todavia, não é possível determinar se tal resulta de uma intervenção intencional subjacente à produção da peça ou se deriva do processo de colagem e restauro.

Dimensões – 18,85 mm (Ø aro); 8 mm (larg. mesa); 1,04 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com a ficha de inventário do M.M.A.A., este adorno terá sido recuperado na sepultura 1. Encontra paralelo, a título de exemplo, em dois dos anéis de fita da necrópole da Abuxarda (n.º de inv. 20.803 / 2003.8.2 e 2003.9.7). Todos configuram um mesmo tipo, ainda que as peças de Cascais exibam singelos ornatos. Já completamente isentos de decoração, vejam-se os anéis recolhidos no túmulo 56 da necrópole de Duratón[542].

Bibliografia – MARTINS, 1988: 149-150; AREZES, no prelo: b.

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1. – Alfinete (Est. CXXVI; fig. 628 e 629).

N.º de Inv. – M.A. 28/2 (M.M.A.A.).

Descrição – Alfinete de liga de cobre praticamente completo, em estado de conservação regular, embora desprovido de cabeça. A haste, destituída de decoração, possui secção circular. Seria tendencialmente retilínea; no entanto, atualmente apresenta-se dobrada, sensivelmente na metade inferior da sua extensão.

[541] MARTINS, 1988: 150-151; 153.

[542] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. LXXVI, fig. 2.

Dimensões – 57,53 mm (comp. apênd.); 1,91 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Atendendo à fotografia da ficha de inventário consultada no M.M.A.A., a peça, oriunda da sepultura 10, encontrar-se-ia fragmentada. Todavia, a parte quebrada foi entretanto colada, pelo que, presentemente, o alfinete surge quase completo, ainda que dobrado. Já no registo publicado por Isilda Martins, o único objeto congénere observável não mostra qualquer curvatura[543], daí que, tratando-se do mesmo elemento metálico, possa ter sofrido algum tipo de dano posteriormente à captação da imagem.

Bibliografia – MARTINS, 1988: 149, foto 48.

B.4 – Armamento militar ou cinegético

B.4.1 – Lâmina (Est. CXXVII; fig. 630 e 631).

N.º de Inv. – M.A. 29/02 (M.M.A.A.).

Descrição – Lâmina de ferro incompleta e fragmentada, em razoável estado de conservação. A parte dianteira apresenta configuração sub-triangular, enquanto a proximal, possivelmente destinada ao encabamento, se mostra sub-retangular. Na superfície frontal é observável uma saliência ou protuberância, patente sensivelmente a meio da parte sub--retangular da peça, não sendo clara a função a que se destinaria. O negativo não é visível no lado oposto, parte do qual se apresenta enegrecido e destituído da espessa camada de concreções que recobre a parte frontal.

Dimensões – 134,41 mm (comp.); 58,62 mm (larg.); 8,62 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com a ficha de inventário do M.M.A.A., esta lâmina procede da sepultura 5. Mostra-se razoavelmente próxima de uma outra, recolhida no túmulo 140 de Duratón[544], ainda que a parte do encabamento da peça de Segóvia não seja propriamente sub-retangular.

Bibliografia – MARTINS, 1988: 149, foto 48; 151 (?); AREZES, no prelo: b.

B.4.2 – Lâmina (Est. CXXVII; fig. 632 e 633).

N.º de Inv. – M.A. 78/02 (M.M.A.A.).

Descrição – Lâmina, produzida em ferro, presumivelmente por fundição. Encontra-se fragmentada e incompleta. Em falta está parte da zona de encabamento, de configuração sub-retangular, assim como da extremidade, por seu turno, sub-triangular. A lâmina propriamente dita deveria ser menos espessa do que atualmente. Com efeito, em cada uma das superfícies é observável um significativo nível de oxidação, uma capa de concreções, muito embora presentemente controladas e estabilizadas.

[543] MARTINS, 1988: 149.

[544] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXIX, fig. 2.

Dimensões – 134,06 mm (comp.); 54,36 mm (larg.); 10,60 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – De acordo com o manuscrito do Padre Semedo de Azevedo, no interior da sepultura 5 e, concretamente, junto dos pés do esqueleto, figuravam duas armas de ferro: «[…] uma espada quebrada na ponta […]; [um] punhal […]»[545]. Ora, apesar de, quer o objeto em análise quer o precedente constarem dos únicos elementos passíveis de se coadunar com a definição de «armas», as medidas apresentadas não correspondem às que tivemos oportunidade de efetuar. Além do mais, e sendo ambos tão similares, não conseguimos discernir a qual deles se pretenderia referir o Padre Azevedo com as denominações que optou por usar: «espada» e «punhal».

Bibliografia – MARTINS, 1988: 151; AREZES, no prelo: b.

Sítio: Milreu

(Freg. União das freguesias de Conceição e Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

A – Materiais cerâmicos

A.1. – Pega (?) (Est. CXXVIII, fig. 634 e 635).

N.º de Inv. – 15.113 B.

Descrição – Zoomorfo modelado em cerâmica, fragmentado e incompleto, mas em bom estado de conservação geral. Provido de secção circular, poderá corresponder à pega de um recipiente ou, em alternativa, configurar parte de um amuleto. A observação da peça em perfil mostra-a algo arqueada; já a visualização a partir da cabeça denota a sua assimetria. Parte substancial da decoração patente na superfície superior e, parcialmente, nas zonas laterais, resulta de puncionamento. Aliás, no campo superior, este recurso parece servir para criar uma espécie de espinha dorsal, a partir da qual se dispõem outros elementos sequenciais e regulares. No entanto, regista-se a ocorrência de mais soluções decorativas, caso da excisão, para definir os olhos e o nariz ou a mesmo a perfuração, que se evidencia na abertura de contorno circular que se estende de um extremo a outro da cabeça, representando as orelhas e que poderia servir para a passagem de um fio ou elemento congénere. De resto, a separação entre o corpo e a cabeça é promovida através de um sulco disposto longitudinalmente.

A pasta, de cor rosada, produto de cozedura oxidante, é compacta, medianamente homogénea e depurada, com ocorrência de cerâmica moída, mica e quartzo, que chega a

[545] MARTINS, 1988: 151.

ultrapassar os 2,5 mm de dimensão. A superfície é áspera e o cerne, observável na zona da fratura, apresenta tonalidade cinzenta, indiciando pendor friável.

Dimensões – 95,49 mm (comp.); 32,67 mm (larg); 24,67 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – De acordo com o processo do sítio, consultado no M.N.A., este curioso artefacto, para o qual não nos foi possível, até ao momento, reconhecer qualquer paralelo direto, terá sido recolhido por Estácio da Veiga.

Bibliografia –

A.2. – Cantil (Est. CXXVIII, fig. 636 e 637).

N.º de Inv. – 16.819.

Descrição – Cantil praticamente completo, em bom estado de conservação. Falta-lhe apenas parte do bordo, saliente e com lábio espessado para o exterior. Da zona superior do gargalo, alto, cilíndrico e ligeiramente reentrante, face ao bordo, arrancam as duas asas, que se prolongam até assentar na parte superior do corpo. O bojo, discoide, mostra-se, numa das faces, projetado ou convexo, sendo decorado através de uma moldura saliente, de contorno circular, em cujo centro e na sequência de um rebaixamento, é visível uma espécie de mamilo saliente. Na face oposta avulta uma zona aplanada, preenchida por múltiplos círculos, produto de incisão ou, eventualmente, de estampilha.

As superfícies, de textura regular, apresentam tonalidade rosada[546], com pontuais laivos de cor vermelha clara[547]; no entanto, são também observáveis restos de uma película de tonalidade esbranquiçada. A pasta é razoavelmente depurada, com ocorrência de alguma mica e quartzo.

Dimensões – 198 mm (alt.); 145 mm (larg.); 32,08 mm (Ø boca); 30,11 mm (Ø colo); 13,13 mm (esp. asa); 4,96 mm (esp. lábio); 407,5 g (peso).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Ao contrário do cantil exumado no Rossio do Carmo (n.º de inv. 2006.329.1), o de Milreu, que, segundo informação incluída no processo (M.N.A.), terá sido recolhido por Estácio da Veiga, não se apoia na base, pelo que não é possível mantê-lo na vertical sem apoio. Notamos, por outro lado, que ambos os exemplares encontram perfeita correspondência no tipo Izquierdo 6/13[548], com paralelos assinalados em diferentes pontos da geografia peninsular.

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 233; est. LIV, fig. 305 a 307.

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

[546] MUNSELL, 1975: 5 YR 7/3.

[547] MUNSELL, 1975: 2.5 YR 6/6.

[548] VIZCAÍNO SÁNCHEZ, 2007 [Ed. 2009]: 580.

B.1.1 – Placa de cinturão (Est. CXXIX; fig. 638 e 639).

N.º de Inv. – 15.322-A / 983.1002.102.

Descrição – Placa de cinturão de liga de cobre, fundida em molde, em estado de conservação não muito favorável, atendendo aos sinais de degradação e corrosão patentes em ambas as superfícies. A configuração desta peça, de tipo rígido e pequena dimensão, é similar a uma seta. Aparentemente, não possui decoração, se bem que as concreções não permitam uma perfeita visualização da superfície frontal. No verso conservam-se os dois apêndices de sujeição, dispostos em posição paralela, um na aproximação ao campo distal, outro, ao proximal. Cada um deles possui um orifício de contorno circular, destinado à passagem de fio.

Dimensões – 33,99 mm (comp.); 20,96 mm (larg.); 2,81 mm (esp).

Cronologia – Segunda metade do século VI ao final da primeira metade do VII.

Observações – O paralelo mais próximo que nos foi possível identificar para o objeto em análise radica numa placa recuperada em Villanueva del Rosario, Málaga, ainda que se registem certos pontos divergentes, nomeadamente ao nível das opções tomadas na definição do contorno proximal de ambas as peças[549].

Bibliografia – SANTOS, 1972: 236, fig. 291; SIDARUS & TEICHNER, 1997: 184; INÁCIO, 2005: 42; AREZES, 2011: 89; 99; 165-166; AREZES, no prelo: a.

B.1.2 – Placa de cinturão (Est. CXXIX; fig. 640 e 641).

N.º de Inv. – 15.338 / 983.1002.101.

Descrição – Placa de liga de cobre de tipo rígido, fundida em molde. Presentemente destituída de fuzilhão, encontra-se em estado pouco regular, com indícios de degradação em ambas as superfícies, se bem que mais pronunciados no verso. Apresenta configuração aproximadamente retangular, com ligeiro estrangulamento central, e lingueta semicircular, um pouco danificada na extremidade. A superfície frontal não exibe qualquer motivo decorativo. É apenas visível um sulco inciso, cruzando a peça a toda a largura e, deste modo, estabelecendo a separação entre a zona da fivela e a da placa propriamente dita. A progressão do sulco é, contudo, interrompida por um orifício circular, onde deveria ser inserido o gancho do fuzilhão, atualmente em falta. No verso são observáveis os três apêndices originais, embora fragmentados: um, isolado, no campo distal; os restantes dois, paralelos entre si e colocados em posição mais recuada.

Dimensões – 89,22 mm (comp.); 37,95 mm (larg.); 2,22 mm (esp).

Cronologia – Segunda metade do século VI ao final da primeira metade do VII.

Observações – Notem-se as evidentes similitudes entre a placa de Milreu e duas peças rígidas exumadas, respetivamente, nas sepulturas 73 e 177 da necrópole de Carpio de Tajo[550].

Bibliografia – CARDOZO, 1942: 254-255; SANTOS, 1972: fig. 291; SIDARUS & TEI-

[549] RIPOLL LÓPEZ, 1998: 99.

[550] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 76-77, fig. 14, n.º 1; 127-128, fig. 43, n.º 1.

CHNER, 1997: 184; INÁCIO, 2005: 42; 81; AREZES 2011: 89; 99; 167-168; AREZES, no prelo: a.

B.1.3 – Fivela (Est. CXXX; fig. 642 e 643).

N.º de Inv. – 15.852 / 983.1002.84.

Descrição – Aro de fivela de liga de cobre, fundida em molde, em estado de conservação razoável, apesar de alguns indícios de corrosão. Com configuração retangular, encontra-se incompleta e destituída de fuzilhão. As superfícies são lisas, desprovidas de motivos decorativos. Há apenas a destacar a presença, no campo superior da superfície frontal, de uma leve reentrância, sobre a qual entretanto se acumularam concreções, e que poderia corresponder ao ponto de apoio do fuzilhão, atualmente ausente.

Dimensões – 28,74 mm (comp.); 25,29 mm (larg.); 3,84 mm (esp).

Cronologia – Século VI, atingindo, eventualmente, o VII.

Observações – São diversos os paralelos passíveis de ser apontados para esta fivela, cujo tipo, ainda que entroncando na tradição romana, ocorre frequentemente em necrópoles providas de um componente artefactual classificada como «visigótica»[551], caso de Estagel, localizada nos Pirenéus[552] ou de Tinto Juan de la Cruz, em Pinto, Madrid[553]. No território português, destacamos as semelhanças com o aro retangular da fivela da necrópole da Pedreira, em Rio de Moinhos[554], e com o da fivela de Patalou (s/ inv.), previamente descrito.

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 243; 354; lâm. LXV, fig. 354; SIDARUS & TEICHNER, 1997: 184; INÁCIO, 2005: 42; 80; 22 (anexo I); AREZES, 2010-2011: 72; 81, fig. 5, n.º 3 e 4; AREZES, 2011: 89; 111; 237-238.

B.1.4 – Fivela (Est. CXXX; fig. 644 e 645).

N.º de Inv. – 16.852-A / 983.1002.77.

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, em estado de conservação regular, apenas toldado pelos pontuais indícios de degradação observáveis no verso da peça. Encontra-se incompleta, pois o fuzilhão está ausente. O aro, ligeiramente convexo, denota configuração sub-retangular, sendo as extremidades tendencialmente arredondadas. Exibe decoração: na parte superior e inferior figura um sulco inciso, longitudinal, disposto na horizontal, ainda que não retilíneo. Depois e, partindo de cada um dos referidos sulcos, arrancam outras incisões, em regra, oblíquas e parte das quais, sobretudo na zona inferior, esbatidas. Lateralmente, são visíveis mais sulcos, com disposição geométrica, dispondo-se entre a extremidade exterior e a interior do aro. No verso conservam-se os dois apêndices originais, colocados em posição simétrica e ainda perfeitamente perfurados.

[551] BARROSO CABRERA *et al.*, 2006b: 559.

[552] LANTIER, 1949: 65, fig. 8.

[553] BARROSO CABRERA *et al.*, 2006b: 545, fig. 8, n.º 593; 559.

[554] FERREIRA, 1992: 96, fig. 13; 97, fig. 16.

Dimensões – 60,02 mm (comp.); 43,75 mm (larg.); 3,04 mm (esp).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Os ornatos incisos patentes no objeto em análise denotam similitudes com os revelados por outras fivelas detetadas em território peninsular. Todavia, não nos foi possível, até ao momento, reconhecer um paralelo direto para a peça.

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 243; 254; lâm. LXV, fig. 353; SIDARUS & TEICHNER, 1997: 184; INÁCIO, 2005: 42; 80; 22 (anexo I); AREZES, 2011: 89; 111; 239-240.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (Est. CXXXI, fig. 646 e 647).

N.º de Inv. – 13.352 / 983.1002.86.

Descrição – Anel completo, de liga de cobre, em estado de conservação razoável. O aro, de contorno circular, encontra-se destituído de decoração. Já na mesa, patente na parte frontal, são observáveis elementos puncionados, dispersos, que aparentemente não respondem a uma organização bem definida. No entanto, não foi possível discernir se os referidos elementos correspondem à totalidade dos motivos ou se, originalmente, haveria mais puncionamentos, entretanto apagados.

Dimensões – 21,42 mm (Ø aro); 1,27 mm (esp. mesa); 1,10 mm (esp. aro).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Os paralelos mais próximos para o anel em análise radicam em dois exemplares recolhidos, respetivamente, nos sepulcros 63 e 124 da necrópole de Duratón[555]. No primeiro dos casos apontados, as similitudes evocadas prendem-se sobretudo com a morfologia; no segundo, também com o esquema decorativo.

Bibliografia – SIDARUS & TEICHNER, 1997: 184; INÁCIO, 2005: 42; AREZES 2011: 89; 118; 297-298.

B.2.2 – Anel (Est. CXXXI, fig. 648 e 649).

N.º de Inv. – 15.241 / 983.1002.87.

Descrição – Anel de fita, de liga de cobre, razoavelmente bem preservado. O aro fecha-se sobre si mesmo, através da sobreposição das partes metálicas. Possui decoração, ainda que singela: sulcos incisos, traçados na vertical ou na horizontal, de modo a criar motivos geométricos, sobretudo, triangulares; a estes acrescenta-se um outro, colocado no término da sequência geométrica e que, por seu turno, assume contornos aparentemente vegetalistas.

Dimensões – 21,56 mm (Ø aro); 2,68 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Registamos as notórias semelhanças entre o adorno em análise e os anéis G e H, recuperados na província de Salamanca[556].

[555] MOLINERO PÉREZ, 1948: 143; lâm. XXVI, fig. 2; 146; lâm. XXVIII, fig. 1.

[556] MORÍN DE PABLOS, 2006: 205.

Bibliografia – SIDARUS & TEICHNER, 1997: 184; INÁCIO, 2005: 42; AREZES, 2011: 89; 118; 299-300.

B.2.3 – Bracelete (Est. CXXXII, fig. 650 e 651).

N.º de Inv. – 16.856 / 983.1003.1.

Descrição – Bracelete de liga de cobre, em razoável estado de conservação, melhor na superfície exterior; na interior, são evidentes certos sinais de degradação. É sustentada por um pedaço de madeira. Aliás, parte da peça não é visível, ficando oculta pela matéria orgânica, daí a impossibilidade de avaliar o estado de preservação em que se encontra e se mantém ornatos similares aos que pontuam ao longo da restante superfície. A decoração observável é profusa. Nas zonas adjacentes aos limites superior e inferior do aro, figuram duas fiadas de elementos puncionados, com disposição algo irregular. O campo central fica assim definido, sendo preenchido ao longo de toda a extensão por círculos oculados, que perfazem um total de trinta e nove unidades. As extremidades apresentam remates providos de apêndices laterais, cuja configuração parece sugerir a tentativa de representar zoomorfos, provavelmente, cabeças de ofídios.

Dimensões – 71,73 mm (Ø aro); 6,55 mm (larg.); 1,6 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Não nos foi possível reconhecer um paralelo direto para esta peça. Todavia, quer ao nível do formato dos remates, quer da gramática decorativa, são percetíveis interessantes pontos de contacto entre este bracelete e um outro, recuperado em Mértola[557].

Bibliografia – SIDARUS & TEICHNER, 1997: 184; INÁCIO, 2005: 42; AREZES, 2011: 89; 124-125; 323-324.

B.3 – Elementos de utilização quotidiana

B.3.1 – Osculatório (Est. CXXXII; fig. 652 e 653).

N.º de Inv. – 15.340-1 / 983.1002.42.

Descrição – Peça de liga de cobre, fundida em molde. Apesar de incompleta e destituída da parte terminal, apresenta-se razoavelmente preservada, melhor na superfície frontal, já que no verso são percetíveis zonas corroídas. Originalmente, seria composta por três áreas diferenciadas, em conformidade com o esquema atestado noutros objetos deste tipo: o anel inferior, de contorno circular, a haste ou alavanca central e o remate superior. Este, concretamente, encontra-se ausente, daí que se equacione a hipótese de poder ter tomado a forma de um animal (por exemplo, pomba, galo ou golfinho), à semelhança do que se verifica noutras peças congéneres. Entre o anel e a haste é possível reconhecer um elemento de configuração aproximadamente trapezoidal, provido de abertura triangular no seu interior. Não é clara a função a que se destinaria mas é possível que, para além do propósito

[557] AREZES, 2001: 321-322.

decorativo, pudesse servir também como ponto de apoio para segurar o osculatório. Em contrapartida, poderia assumir-se como ponto fraco da peça, na medida em que a abertura a torna mais susceptível a rupturas. Note-se, por último, que o objeto revela tendência para começar a soerguer-se apenas a partir do ressalto patente sensivelmente a meio da haste, no que configura uma ocorrência minoritária, entre o conjunto de osculatórios conhecidos.

Dimensões – 92,32 mm (comp.); 26,95 mm (Ø anel); 5,92 mm (esp.).

Cronologia – Século V.

Observações – A finalidade dos osculatórios não se encontra claramente definida, muito embora diversas indicações pareçam apontar no sentido de se destinarem a remover resquícios de perfume, integrando, por isso, o grupo de objectos de toucador, maioritariamente conotados com o universo feminino. De qualquer modo, registe-se que a associação imediata destas peças a uma utilização exclusiva por parte de mulheres pode ser errónea: no enterramento 11 de Suellacabras (Soria), um osculatório surge em conexão com uma ponta de lança, elemento ofensivo tradicionalmente conotado com o género masculino. Em contrapartida, alguns autores apontam a possibilidade de, no território peninsular, a funcionalidade dos osculatórios ter evoluído, tendo estes objetos acabado por ser incorporados nos domínios da liturgia cristã[558].

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 247; 254; lâm. LXVIII, fig. 373; SANTOS, 1972: 236, fig. 292.

Sítio: Quinta de Marim

(Freg. Quelfes; Conc. Olhão; Dist. Faro).

Local de depósito: M.N.A. (Lisboa).

B. Materiais metálicos

B.1 – Adereços de vestuário

B.1.1 – Fivela (Est. CXXXIII; fig. 654 e 655).

N.º de Inv. – 15.517 B / 983.1015.7.

Descrição – Fivela de liga de cobre, fundida em molde, em estado pouco regular, pior no verso, onde as manchas e sinais de degradação, como as concreções, se mostram mais abundantes. Encontra-se completa, conservando o fuzilhão, provido de agulha retilínea e gancho recurvo, quebrado na extremidade; note-se, porém, que a fratura não obsta a que continue a articular-se na base do aro, de espessura mais reduzida. A configuração do anel é aproximadamente ovalada. Liso, sem decoração, há apenas a realçar o facto de, na faixa

[558] FUENTES DOMÍNGUEZ, 1986-87: 213-214.

superior da superfície frontal, ser observável uma ligeira depressão ou concavidade, coincidente com o local de apoio do fuzilhão.

Dimensões – 29,53 mm (Ø aro); 5,08 mm (esp.); 24,74 mm (comp. fuzil.); 3,72 mm (larg. fuzil.).

Cronologia – Século VI.

Observações – Existem evidentes analogias entre esta peça e duas fivelas procedentes de necrópoles da Meseta castelhana: a primeira, corresponde a um achado descontextualizado da necrópole de Duratón[559]; a segunda, por seu turno, com contexto conhecido, procede do sepulcro 160 de Carpio de Tajo[560].

Bibliografia – AREZES, 2011: 90; 111; 243-244.

B.1.2 – Fíbula (Est. CXXXIII; fig. 656 e 657).

N.º de Inv. – 16.847.2 / 983.1016.3.

Descrição – Fíbula discoide de liga de cobre, fundida em molde, bem preservada. Na superfície frontal é observável profusa decoração. Logo a escassos milímetros do limite externo figura uma banda de motivos incisos, de configuração tendencialmente triangular. Depois, na área interior, assim delimitada, avultam múltiplos ornatos. No campo central destaca-se a representação de uma figura humana estilizada que resulta da conjugação de incisões de vários formatos: retilíneos, triangulares, sob a forma de *SSS* ou em espinha. A cabeça, por exemplo, é retratada através de um círculo inciso, rodeado por elementos puncionados sequenciais, que parecem evocar uma coroa ou auréola. O verso, em pior estado, com sinais de degradação ativa, conserva uma placa presa com cravos e, no lado contrário, um outro rebite, onde poderia apoiar-se a extremidade do fecho.

Dimensões – 37,54 mm (Ø).

Cronologia – Século VI.

Observações – Esta fíbula, que configura exemplar único e sem paralelo entre os materiais que tivemos oportunidade de analisar, terá sido exumada na sepultura n.º 4 da Quinta de Marim. Apesar de enformar um tipo pouco abundante no território peninsular, é possível, ainda assim, assinalar analogias com alguns objetos recuperados em necrópoles tradicionalmente associadas à presença visigótica, caso da de Camino de los Afligidos, em Alcalá de Henares[561].

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 243; lâm. LXV, fig. 355; PALOL I SALELLAS, 1966: 47, n.º 15 (bis); AREZES, 2011: 90; 109; 201-202.

[559] MOLINERO PÉREZ, 1948: 147; lâm. XXVIII, fig. 3, n.º 38 a.

[560] RIPOLL LÓPEZ, 1985: 123, fig. 40, n.º 5; 124.

[561] FERNÁNDEZ-GALIANO RUIZ, 1976: 49, fig. 28, n.º 30 e 31; 69-70; MÉNDEZ MADARIAGA & RASCÓN MARQUÉS, 1989: 124, n.º 17 e 18; 127, fig. 55, n.º 17 e 18; 220, lâm. 22.

B.2 – Adornos do corpo

B.2.1 – Anel (Est. CXXXIV, fig. 658 e 659).

N.º de Inv. – 15.518 / 983.1018.1.

Descrição – Anel de liga de cobre, em estado de conservação razoável. É constituído por duas partes distintas: o aro, de contorno circular, fundido em molde, e uma caixa saliente, de configuração retangular, correspondente à mesa da peça. Unidas através de soldadura, separa-as um ligeiro ressalto, provavelmente motivado pelo referido processo de solda. O aro apresenta largura mais avultada na parte frontal, onde se apoia a mesa, estreitando depois progressivamente, à medida que se afasta para a direção oposta. A mesa, por seu turno, exibe resquícios de um vidro de tonalidade clara, esbranquiçada ou amarelada, incrustados na cavidade metálica.

Dimensões – 30,34 mm (Ø total); 13,20 mm (comp. mesa); 8,17 mm (esp. mesa).

Cronologia – Século VI.

Observações – São notórias as semelhanças morfológicas entre a peça em análise e outros anéis providos de mesa saliente e vidros encastoados, caso dos recuperados no sepulcro 176 de Duratón[562].

Bibliografia – GRAEN, 2007: 284; AREZES, 2011: 90; 121; 299-300.

B.2.2 – Anel (Est. CXXXIV, fig. 660 e 661).

N.º de Inv. – 16.865 – A / 983.1018.2.

Descrição – Anel de fita, de liga de cobre, fundido em molde, razoavelmente preservado, apesar dos pontuais sinais de degradação. A parte frontal da peça é ocupada pela mesa, sub-retangular e decorada. Um primeiro sulco inciso define uma moldura losangular. Depois, no seu interior, cruzam-se duas linhas, uma na vertical, outra na horizontal, deste modo promovendo a divisão da mesa em quatro campos diferenciados, cada um dos quais ornado por cinco elementos puncionados. O aro, fino, de contorno circular, e também ele provido de ornatos incisos, se bem que apenas na zona de arranque, junto da mesa, é aberto e não encerrado sobre si mesmo.

Dimensões – 21,29 mm (Ø total); 8,96 mm (larg. mesa); 0,81 mm (esp. mesa).

Cronologia – Séculos VI a VII.

Observações – Ainda que não sendo rigorosamente idêntico, em razão de certas variáveis nas soluções decorativas, o objeto em análise mostra consideráveis similitudes com um outro, recolhido no túmulo 47 da necrópole de Duratón[563].

Bibliografia – MACEDO, 1928: 337; GRAEN, 2007: 284; AREZES, 2011: 90; 118; 305-306.

[562] MOLINERO PÉREZ, 1948: 153; lâm. XXXI, fig. 3.

[563] MOLINERO PÉREZ, 1948: 143; lâm. XXVI, fig. 2.

B.5 – Outros materiais metálicos

B.5.1 – Alfinete (Est. CXXXV; fig. 662 e 663).

N.º de Inv. – 16.858 / 983.1015.4.

Descrição – Alfinete de liga de cobre, em estado de conservação razoável/mau, atendendo aos sinais de degradação que pontuam a superfície. Possui uma haste alongada e destituída de decoração, que denota uma leve inflexão a cerca de 7 mm da cabeça. Esta, por seu turno, é aproximadamente esférica, encontrando-se um pouco escurecida.

Dimensões – 39,98 mm (comp.); 1 mm (esp., junto à cabeça).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – São nítidas as semelhanças entre este alfinete e um conjunto de elementos congéneres recolhidos no túmulo 28 da necrópole de Segobriga (Cuenca), onde foram detetados em associação com dois brincos anelares e duas argolas, uma das quais de tamanho diminuto[564].

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 237; 255; lâm. LX, fig. 332.

B.5.1 – Alfinete (Est. CXXXV; fig. 664 e 665).

N.º de Inv. – 16.858 / 983.1015.6.

Descrição – Alfinete de liga de cobre, razoavelmente preservado, apesar da ocorrência de algumas zonas deterioradas. À semelhança do alfinete precedente, também este possui haste alongada e lisa, sem qualquer ornato, e termina de forma apontada. Na extremidade oposta, figura a cabeça, mais volumosa que o corpo, mas de configuração mal definida, sendo que, na aproximação, é observável uma ligeira curvatura da haste.

Dimensões – 39,02 mm (comp.); 6,35 mm (larg.); 2,03 mm (esp., junto à cabeça).

Cronologia – Séculos VI-VII (?).

Observações – Quer o alfinete em análise quer o acima descrito constam de objetos isolados, sem contexto conhecido.

Bibliografia – ALMEIDA, 1962: 237; 255; lâm. LX, fig. 332.

D. Outros materiais

D.1 – Adornos

D.1.1 – Conta de colar (Est. CXXXVI; fig. 666 e 667).

N.º de Inv. – 16.831 (771 / vol. 7).

Descrição – Conta de cerâmica, de configuração tendencialmente cilíndrica, apesar de uma das faces se mostrar algo aplanada. O estado de conservação pode considerar-se satisfatório; todavia, o topo da peça encontra-se ligeiramente danificado e quebrado. A pasta, compacta e homogénea, possui algumas inclusões de elementos não plásticos de reduzido calibre; a tonalidade é castanha ou avermelhada escura, matizada pela ocorrência de uma película de tonalidade castanha clara.

[564] ALMAGRO BASCH, 1975: 28, fig. 7.

Dimensões – 21,11 mm (Ø total); 3,99 mm (Ø perf.); 16,26 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI a VII (?).

Observações – De acordo com o processo do sítio, esta conta, sem contexto conhecido, foi incorporada no Museu por intermédio de Estácio da Veiga.

Bibliografia –

D.1.2 – Conta de colar (Est. CXXXVI; fig. 668 e 669).

N.º de Inv. – 16.831 / 2008.119.4.

Descrição – Dois fragmentos de conta tubular, provavelmente produzidos em vidro, em estado de conservação razoável. Apesar de propiciarem colagem, não completam a peça, pelo que uma parte do corpo original estará em falta. A cor de base é o castanho; surge alternada com as bandas concêntricas que se dispõem de modo paralelo entre si e cuja tonalidade se aproxima do bege.

Dimensões – 12,06 mm (comp.); 8,07 mm (Ø).

Cronologia – Século VI.

Observações – Em conformidade com o processo do sítio, esta conta fracionada foi recolhida no interior de uma estrutura sepulcral. Acrescente-se, por outro lado, que se coaduna perfeitamente com o tipo 25.3, estabelecido por M. Maczynska para os achados efetuados na necrópole de Carpio de Tajo[565].

Bibliografia –

D.1.3 – Conta de colar (Est. CXXXVI; fig. 670 e 671).

N.º de Inv. – 16.835 / 2008.119.14.

Descrição – Conta fusiforme ou bicónica, muito leve e frágil, produzida em material não inteiramente diagnóstico, eventualmente vidro, algo danificada. Apresenta tonalidade bege brilhante, pontualmente descamada. Encontra-se fragmentada numa das extremidades.

Dimensões – 16,41 mm (comp.); 1,14 mm (Ø perf.); 6,37 mm (esp.).

Cronologia – Séculos VI-VII.

Observações – Apontamos como paralelo para esta pequena conta que, segundo informação constante do processo, terá sido exumada em contexto sepulcral, três dos exemplares de vidro recolhidos na necrópoles de Talaíde (nº de inventário: TA.40.75). A estes acrescentamos ainda quatro das contas que compunham o colar depositado no interior do túmulo 205 da necrópole de Segobriga, em Cuenca[566].

Bibliografia –

[565] MACZYNSKA, 1992: 183.

[566] ALMAGRO BASCH, 1975: 97.

D.1.4 – Conta de colar (Est. CXXXVI; fig. 672 e 673).

N.º de Inv. – 16.837 / 2008.119.18.

Descrição – Conta de vidro, de tonalidade amarelada, com resquícios de revestimento brilhante na superfície mais arredondada. Já a oposta, que atinge um diâmetro mais elevado, é aplanada. Adjacente aos indícios do referido revestimento é observável uma linha incisa, não sendo claro se consta de um recurso decorativo ou antes um indício de fratura.

Dimensões – 15,40 mm (Ø total); 3,65 mm (Ø perf.); 7,40 mm (esp.).

Cronologia – Século VI.

Observações – À semelhança da pequena conta acima analisada e, de acordo com informação integrada no processo do M.N.A., também esta terá sido recolhida numa sepultura. É idêntica a um exemplar recuperado no túmulo 104 da necrópole de Duratón[567], a um outro, recolhido no sepulcro 48 de Tinto Juan de la Cruz[568], bem como a um dos detetados na necrópole da Abuxarda (n.º de inv. 2003.9.10), não obstante a diferença de diâmetro do orifício central.

Bibliografia –

[567] MOLINERO PÉREZ, 1948: lâm. XXVII, fig. 4.

[568] BARROSO CABRERA *et al.*, 2006b: 547, fig. 9, n.º 660.

ANEXO II
DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA

ESTAMPAS DOS MATERIAIS DO CATÁLOGO

Estampa I

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Estampa II

Fig. 5

Fig. 6

Fig. 7

Fig. 8

Fig. 9

Fig. 10

Estampa III

Fig. 11

Fig. 12

Fig. 13

Fig. 14

Estampa IV

Fig. 15

Fig. 16

Fig. 17

Fig. 18

Estampa V

Fig. 19

Fig. 20

Fig. 21

Fig. 22

Fig. 23

Fig. 24

Estampa VI

Fig. 25

Fig. 26

Fig. 27

Fig. 28

Estampa VII

Fig. 29

Fig. 30

Fig. 31

Fig. 32

Fig. 33

Fig. 34

Estampa VIII

Fig. 35

Fig. 36

Fig. 37

Fig. 38

Estampa IX

Fig. 39

Fig. 40

Estampa X

Fig. 41

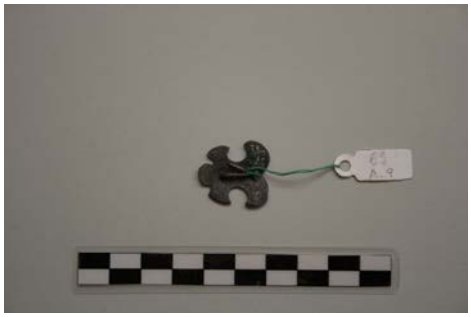


Fig. 42

Fig. 43

Fig. 44

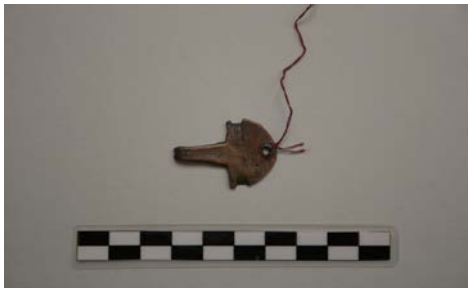


Fig. 45

Fig. 46

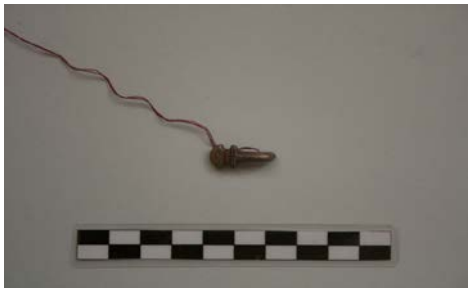


Fig. 47

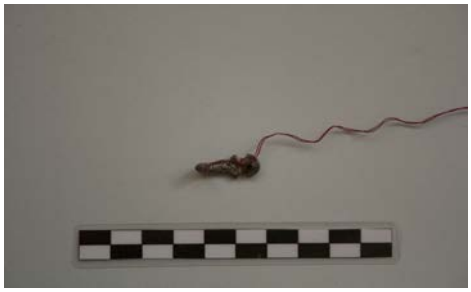


Fig. 48

Estampa XI

Fig. 49

Fig. 50

Fig. 51

Fig. 52

Fig. 53

Fig. 54

Fig. 55

Fig. 56

Estampa XII

Fig. 57

Fig. 58

Fig. 59

Fig. 60

Fig. 61

Fig. 62

Estampa XIII

Fig. 63

Fig. 64

Fig. 65

Fig. 66

Fig. 67

Fig. 68

Estampa XIV

Fig. 69

Fig. 70

Fig. 71

Fig. 72

Fig. 73

Fig. 74

Estampa XV

Fig. 75

Fig. 76

Fig. 77

Fig. 78

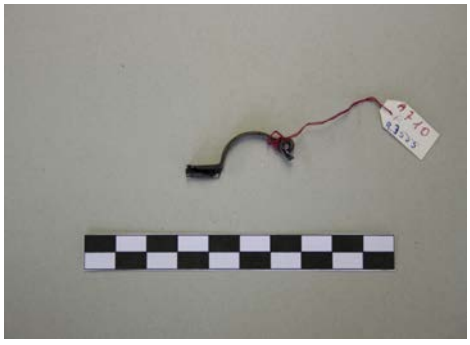


Fig. 79

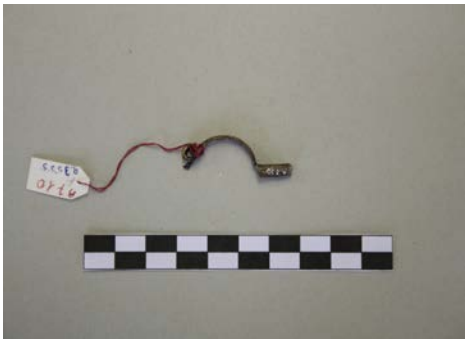


Fig. 80

Estampa XVI

Fig. 81

Fig. 82

Fig. 83

Fig. 84

Estampa XVII

Fig. 85

Fig. 86

Fig. 87

Fig. 88

Fig. 89

Fig. 90

Estampa XVIII

Fig. 91

Fig. 92

Fig. 93

Fig. 94

Fig. 95

Fig. 96

Estampa XIX

Fig. 97

Fig. 98

Fig. 99

Fig. 100

Fig. 101

Fig. 102

Estampa XX

Fig. 103

Fig. 104

Fig. 105

Fig. 106

Estampa XXI

Fig. 107

Fig. 108

Fig. 109

Fig. 110

Estampa XXII

Fig. 111

Fig. 112

Fig. 113

Fig. 114

Fig. 115

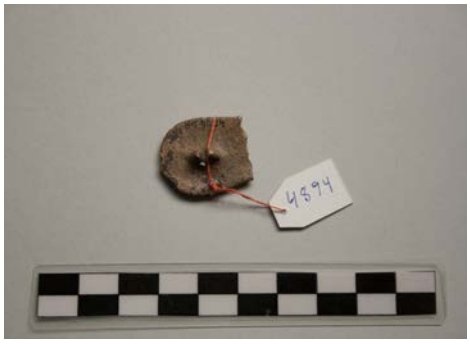


Fig. 116

Estampa XXIII

Fig. 117

Fig. 118

Fig. 119

Fig. 120

Fig. 121

Fig. 122

Estampa XXIV

Fig. 123

Fig. 124

Fig. 125

Fig. 126

Fig. 127

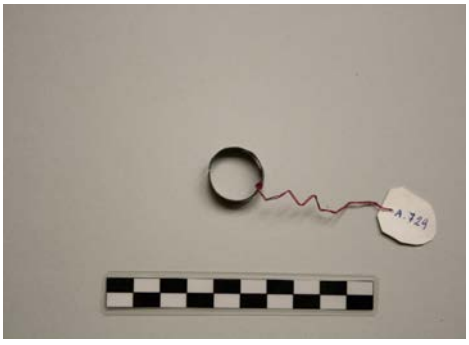


Fig. 128

Estampa XXV

Fig. 129

Fig. 130

Fig. 131

Fig. 132

Fig. 133

Fig. 134

Fig. 135

Fig. 136

Estampa XXVI

Fig. 137

Fig. 138

Fig. 139

Fig. 140

Fig. 141

Fig. 142

Estampa XXVII

Fig. 143

Fig. 144

Fig. 145

Fig. 146

Fig. 147

Fig. 148

Estampa XXVIII

Fig. 149

Fig. 150

Fig. 151

Fig. 152

Fig. 153

Fig. 154

Estampa XXIX

Fig. 155

Fig. 156

Fig. 157

Fig. 158

Fig. 159

Fig. 160

Estampa XXX

Fig. 161

Fig. 162

Fig. 163

Fig. 164

Fig. 165

Fig. 166

Estampa XXXI

Fig. 167

Fig. 168

Estampa XXXII

Fig. 169

Fig. 170

Fig. 171

Fig. 172

Estampa XXXIII

Fig. 173

Fig. 174

Fig. 175

Fig. 176

Estampa XXXIV

Fig. 177

Fig. 178

Fig. 179

Fig. 180

Estampa XXXV

Fig. 181

Fig. 182

Fig. 183

Fig. 184

Estampa XXXVI

Fig. 185

Fig. 186

Fig. 187

Fig. 188

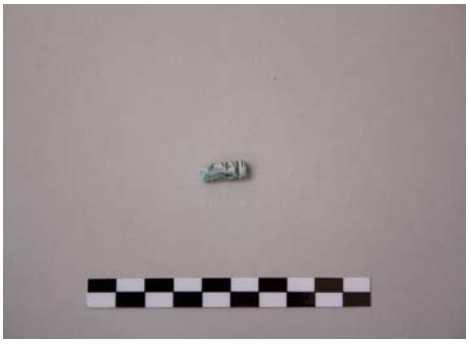


Fig. 189

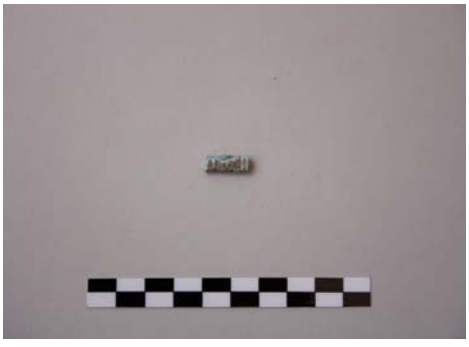


Fig. 190

Estampa XXXVII

Fig. 191

Fig. 192

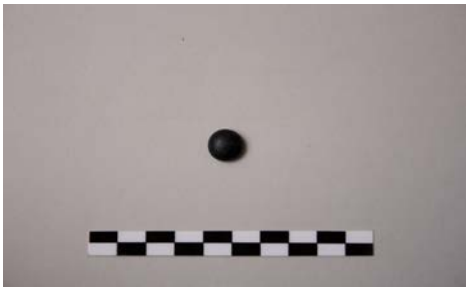


Fig. 193

Fig. 194

Fig. 195

Fig. 196

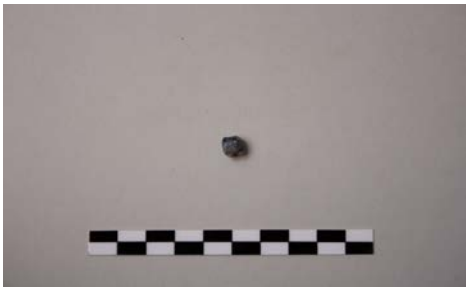


Fig. 197

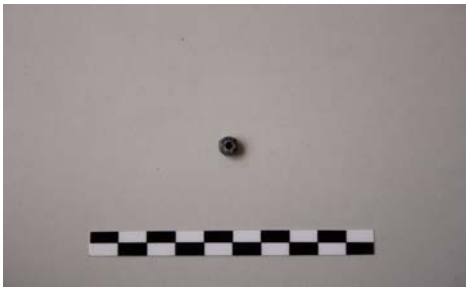


Fig. 198

Estampa XXXVIII

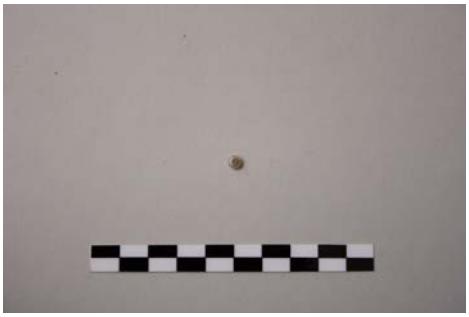


Fig. 199

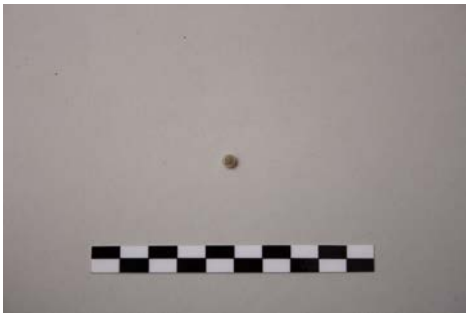


Fig. 200

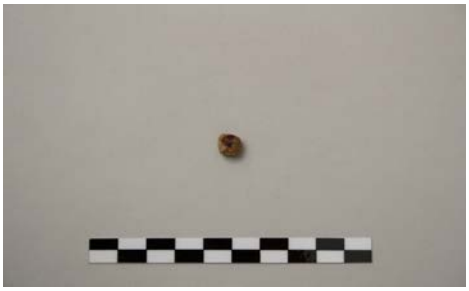


Fig. 201

Fig. 202

Fig. 203

Fig. 204

Fig. 205

Fig. 206

Estampa XXXIX

Fig. 207

Fig. 208

Fig. 209

Fig. 210

Fig. 211

Fig. 212

Fig. 213

Fig. 214

Estampa XL

Fig. 215

Fig. 216

Fig. 217

Fig. 218

Estampa XLI

Fig. 219

Fig. 220

Fig. 221

Fig. 222

Estampa XLII

Fig. 223

Fig. 224

Fig. 225

Fig. 226

Fig. 227

Fig. 228

Estampa XLIII

Fig. 229

Fig. 230

Fig. 231

Fig. 232

Fig. 233

Fig. 234

Estampa XLIV

Fig. 235

Fig. 236

Fig. 237

Fig. 238

Fig. 239

Fig. 240

Estampa XLV

Fig. 241

Fig. 242

Fig. 243

Fig. 244

Fig. 245

Fig. 246

Estampa XLVI

Fig. 247

Fig. 248

Fig. 249

Fig. 250

Estampa XLVII

Fig. 251

Fig. 252

Fig. 253

Fig. 254

Estampa XLVIII

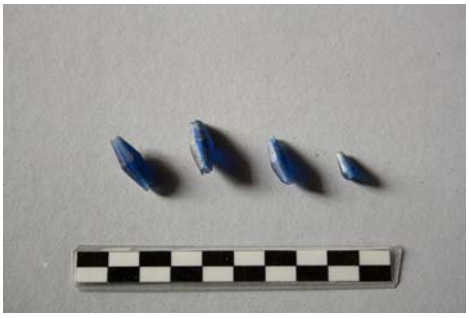


Fig. 255

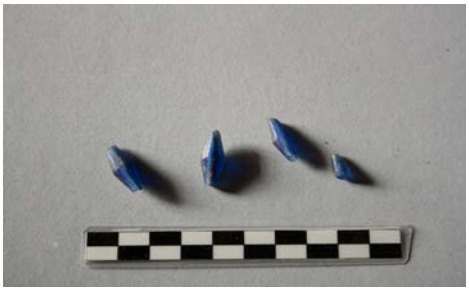


Fig. 256

Fig. 257

Fig. 258

Estampa XLIX

Fig. 259

Fig. 260

Fig. 261

Fig. 262

Fig. 263

Fig. 264

Estampa L

Fig. 265

Fig. 266

Fig. 267

Fig. 268

Fig. 269

Fig. 270

Estampa LI

Fig. 271

Fig. 272

Fig. 273

Fig. 274

Fig. 275

Fig. 276

Fig. 277

Fig. 278

Estampa LII

Fig. 279

Fig. 280

Fig. 281

Fig. 282

Estampa LIII

Fig. 283

Fig. 284

Fig. 285

Fig. 286

Estampa LIV

Fig. 287

Fig. 288

Fig. 289

Fig. 290

Estampa LV

Fig. 291

Fig. 292

Fig. 293

Fig. 294

Estampa LVI

Fig. 295

Fig. 296

Fig. 297

Fig. 298

Estampa LVII

Fig. 299

Fig. 300

Fig. 301

Fig. 302

Fig. 303

Fig. 304

Estampa LVIII

Fig. 305

Fig. 306

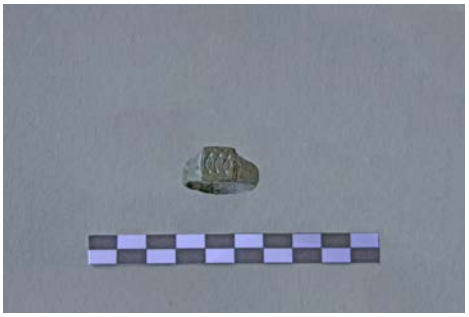


Fig. 307

Fig. 308

Estampa LIX

Fig. 309

Fig. 310

Fig. 311

Fig. 312

Fig. 313

Fig. 314

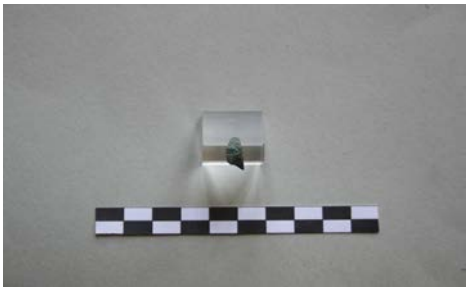


Fig. 315

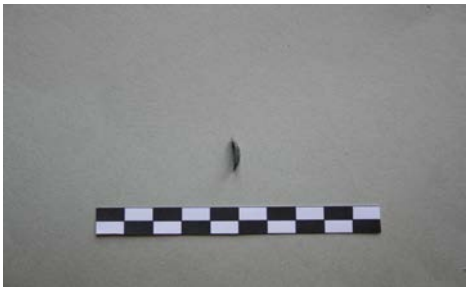


Fig. 316

Estampa LX

Fig. 317

Fig. 318

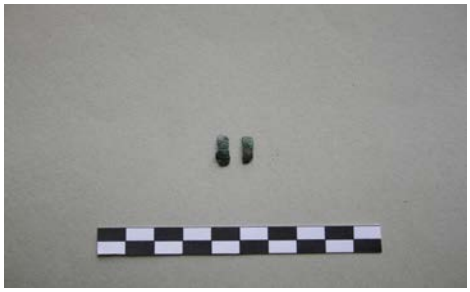


Fig. 319

Fig. 320

Fig. 321

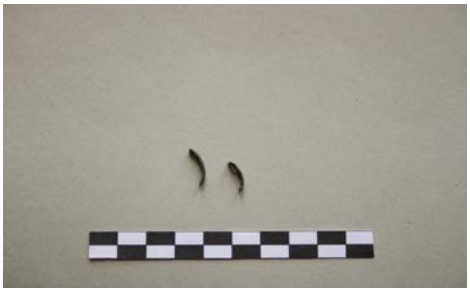


Fig. 322

Fig. 323

Fig. 324

Estampa LXI

Fig. 325

Fig. 326

Fig. 327

Fig. 328

Fig. 329

Fig. 330

Estampa LXII

Fig. 331

Fig. 332

Fig. 333

Fig. 334

Fig. 335

Fig. 336

Estampa LXIII

Fig. 337

Fig. 338

Fig. 339

Fig. 340

Fig. 341

Fig. 342

Estampa LXIV

Fig. 343

Fig. 344

Fig. 345

Fig. 346

Fig. 347

Fig. 348

Estampa LXV

Fig. 349

Fig. 350

Fig. 351

Fig. 352

Fig. 353

Fig. 354

Estampa LXVI

Fig. 355

Fig. 356

Fig. 357

Fig. 358

Fig. 359

Fig. 360

Estampa LXVII

Fig. 361

Fig. 362

Fig. 363

Fig. 364

Estampa LXVIII

Fig. 365

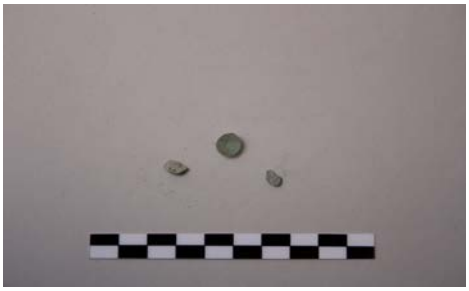


Fig. 366

Fig. 367

Fig. 368

Estampa LXIX

Fig. 369

Fig. 370

Fig. 371

Fig. 372

Estampa LXX

Fig. 373

Fig. 374

Fig. 375

Fig. 376

Fig. 377

Fig. 378

Estampa LXXI

Fig. 379

Fig. 380

Fig. 381

Fig. 382

Estampa LXXII

Fig. 383

Fig. 384

Fig. 385

Fig. 386

Estampa LXXIII

Fig. 387

Fig. 388

Fig. 389

Fig. 390

Fig. 391

Fig. 392

Estampa LXXIV

Fig. 393

Fig. 394

Fig. 395

Fig. 396

Estampa LXXV

Fig. 397

Fig. 398

Fig. 399

Fig. 400

Estampa LXXVI

Fig. 401

Fig. 402

Fig. 403

Fig. 404

Fig. 405

Fig. 406

Estampa LXXVII

Fig. 407

Fig. 408

Fig. 409

Fig. 410

Estampa LXXVIII

Fig. 411

Fig. 412

Fig. 413

Fig. 414

Estampa LXXIX

Fig. 415

Fig. 416

Fig. 417

Fig. 418

Estampa LXXX

Fig. 419

Fig. 420

Fig. 421

Fig. 422

Estampa LXXXI

Fig. 423

Fig. 424

Fig. 425

Fig. 426

Estampa LXXXII

Fig. 427

Fig. 428

Fig. 429

Fig. 430

Estampa LXXXIII

Fig. 431

Fig. 432

Fig. 433

Fig. 434

Fig. 435

Fig. 436

Estampa LXXXIV

Fig. 437

Fig. 438

Fig. 439

Fig. 440

Fig. 441

Fig. 442

Estampa LXXXV

Fig. 443

Fig. 444

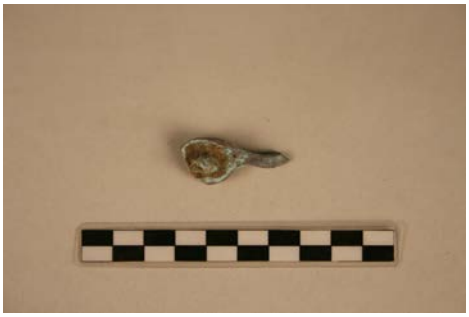


Fig. 445

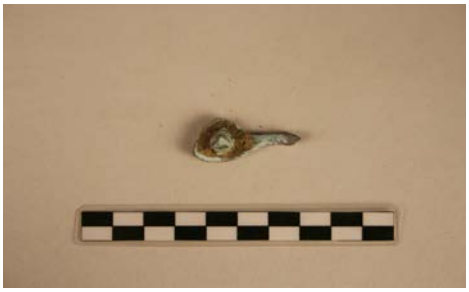


Fig. 446

Estampa LXXXVI

Fig. 447

Fig. 448

Fig. 449

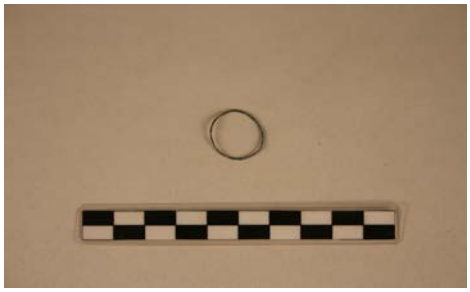


Fig. 450

Estampa LXXXVII

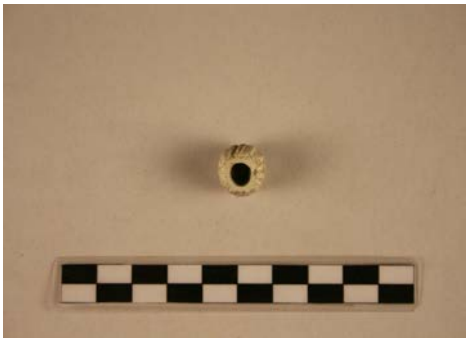


Fig. 451

Fig. 452

Fig. 453

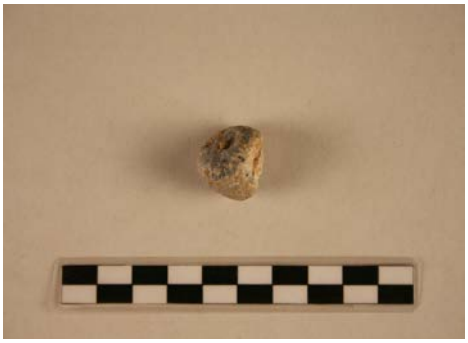


Fig. 454

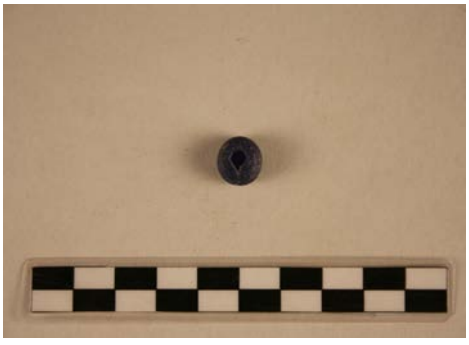


Fig. 455

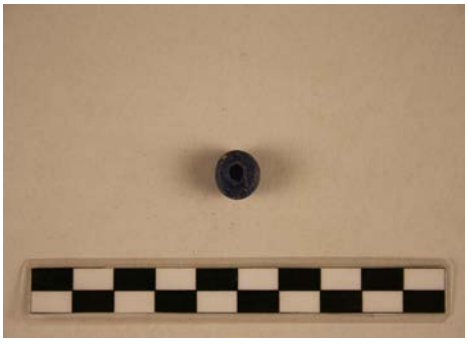


Fig. 456

Estampa LXXXVIII

Fig. 457

Fig. 458

Fig. 459

Fig. 460

Estampa LXXXIX

Fig. 461

Fig. 462

Fig. 463

Fig. 464

Estampa XC

Fig. 465

Fig. 466

Fig. 467

Fig. 468

Estampa XCI

Fig. 469

Fig. 470

Fig. 471

Fig. 472

Estampa XCII

Fig. 473

Fig. 474

Fig. 475

Fig. 476

Estampa XCIII

Fig. 477

Fig. 478

Fig. 479

Fig. 480

Fig. 481

Fig. 482

Estampa XCIV

Fig. 483

Fig. 484

Fig. 485

Fig. 486

Estampa XCV

Fig. 487

Fig. 488

Fig. 489

Fig. 490

Fig. 491

Fig. 492

Estampa XCVI

Fig. 493

Fig. 494

Fig. 495

Fig. 496

Fig. 497

Fig. 498

Estampa XCVII

Fig. 499

Fig. 500

Estampa XCVIII

Fig. 501

Fig. 502

Fig. 503

Fig. 504

Estampa XCIX

Fig. 505

Fig. 506

Fig. 507

Fig. 508

Estampa C

Fig. 509

Fig. 510

Fig. 511

Fig. 512

Estampa CI

Fig. 513

Fig. 514

Fig. 515

Fig. 516

Estampa CII

Fig. 517

Fig. 518

Fig. 519

Fig. 520

Estampa CIII

Fig. 521

Fig. 522

Fig. 523

Fig. 524

Estampa CIV

Fig. 525

Fig. 526

Fig. 527

Fig. 528

Estampa CV

Fig. 529

Fig. 530

Estampa CVI

Fig. 531

Fig. 532

Estampa CVII

Fig. 533

Fig. 534

Estampa CVIII

Fig. 535 (Foto: M.N.A.)

Fig. 536 (Foto: A.P.)

Fig. 537 (Foto: A.P.)

Estampa CIX

Fig. 538

Fig. 539

Fig. 540

Fig. 541

Fig. 542

Fig. 543

Estampa CX

Fig. 544

Fig. 545

Fig. 546

Fig. 547

Fig. 548

Fig. 549

Estampa CXI

Fig. 550

Fig. 551

Fig. 552

Fig. 553

Fig. 554

Fig. 555

Estampa CXII

Fig. 556

Fig. 557

Fig. 558

Fig. 559

Fig. 560

Fig. 561

Estampa CXIII

Fig. 562

Fig. 563

Fig. 564

Fig. 565

Fig. 566

Fig. 567

Estampa CXIV

Fig. 568

Fig. 569

Fig. 570

Fig. 571

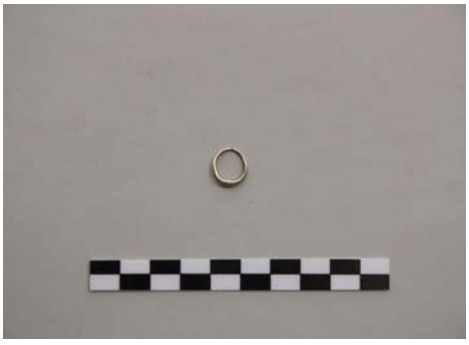


Fig. 572

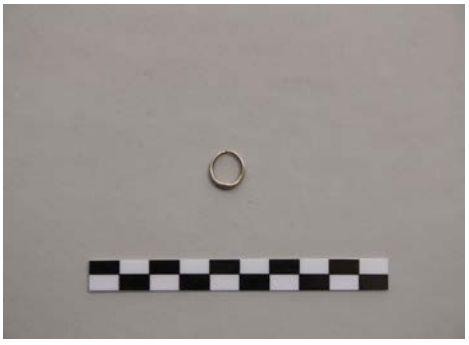


Fig. 573

Estampa CXV

Fig. 574

Fig. 575

Fig. 576

Fig. 577

Fig. 578

Fig. 579

Estampa CXVI

Fig. 580

Fig. 581

Fig. 582

Fig. 583

Fig. 584

Fig. 585

Estampa CXVII

Fig. 586

Fig. 587

Fig. 588

Fig. 589

Fig. 590

Fig. 591

Estampa CXVIII

Fig. 592

Fig. 593

Fig. 594

Fig. 595

Estampa CXIX

Fig. 596

Fig. 597

Fig. 598

Fig. 599

Estampa CXX

Fig. 600

Fig. 601

Fig. 602

Fig. 603

Estampa CXXI

Fig. 604

Fig. 605

Fig. 606

Fig. 607

Estampa CXXII

Fig. 608

Fig. 609

Fig. 610

Fig. 611

Estampa CXXIII

Fig. 612

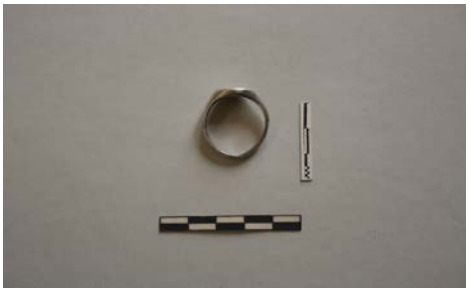


Fig. 613

Fig. 614

Fig. 615

Estampa CXXIV

Fig. 616

Fig. 617

Fig. 618

Fig. 619

Estampa CXXV

Fig. 620

Fig. 621

Fig. 622

Fig. 623

Estampa CXXVI

Fig. 624

Fig. 625

Fig. 626

Fig. 627

Fig. 628

Fig. 629

Estampa CXXVII

Fig. 630

Fig. 631

Fig. 632

Fig. 633

Estampa CXXVIII

Fig. 634

Fig. 635

Fig. 636

Fig. 637

Estampa CXXIX

Fig. 638

Fig. 639

Fig. 640

Fig. 641

Estampa CXXX

Fig. 642

Fig. 643

Fig. 644

Fig. 645

Estampa CXXXI

Fig. 646

Fig. 647

Fig. 648

Fig. 649

Estampa CXXXII

Fig. 650

Fig. 651

Fig. 652

Fig. 653

Estampa CXXXIII

Fig. 654

Fig. 655

Fig. 656

Fig. 657

Estampa CXXXIV

Fig. 658

Fig. 659

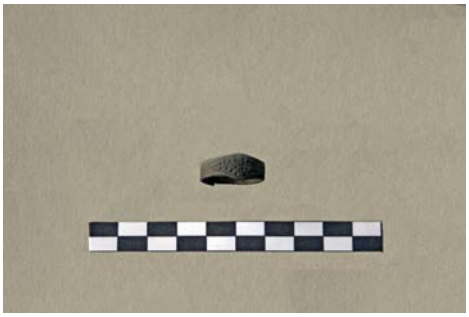


Fig. 660

Fig. 661

Estampa CXXXV

Fig. 662

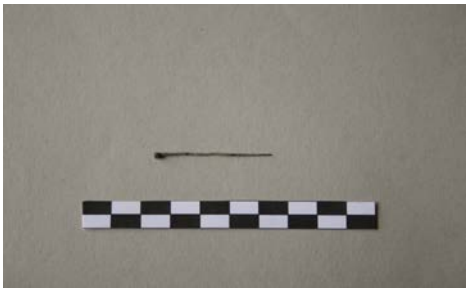


Fig. 663

Fig. 664

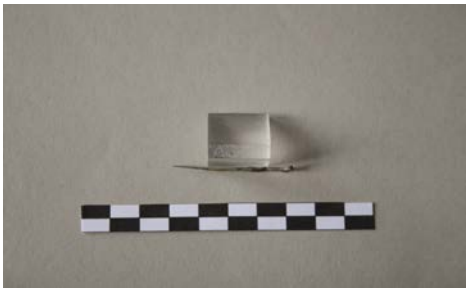


Fig. 665

Estampa CXXXVI

Fig. 666

Fig. 667

Fig. 668

Fig. 669

Fig. 670

Fig. 671

Fig. 672

Fig. 673

OUTRAS ILUSTRAÇÕES

Estampa CXXXVII

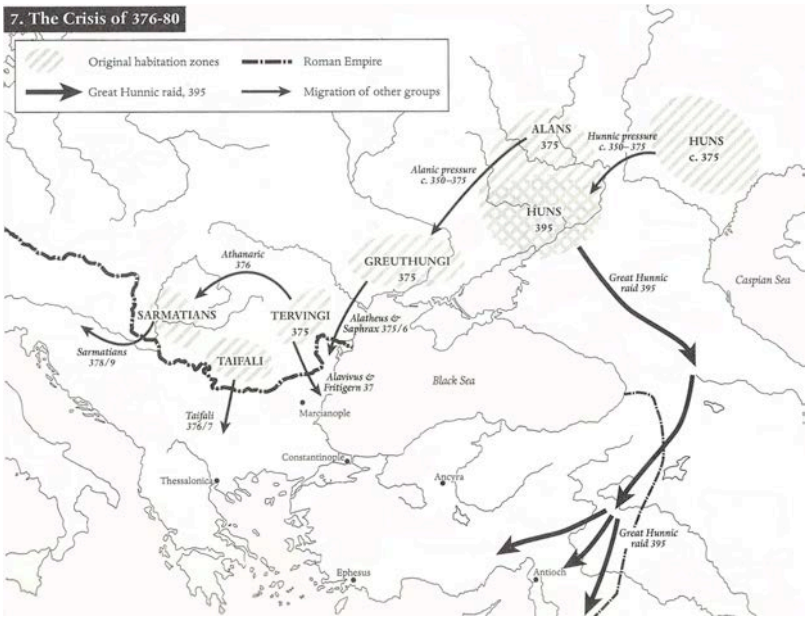


Fig. 674. Cartografia das movimentações ocorridas entre 376 e 80 (HEATHER, 2009: 628).

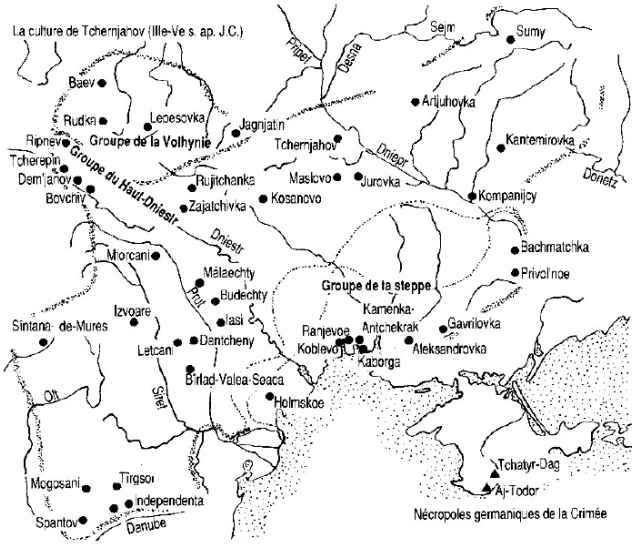


Fig. 675. Sítios orientais associados à «cultura» de *Tchernjahov* (KAZANSKI & PÉRIN, 2008: 183).

Estampa CXXXVIII

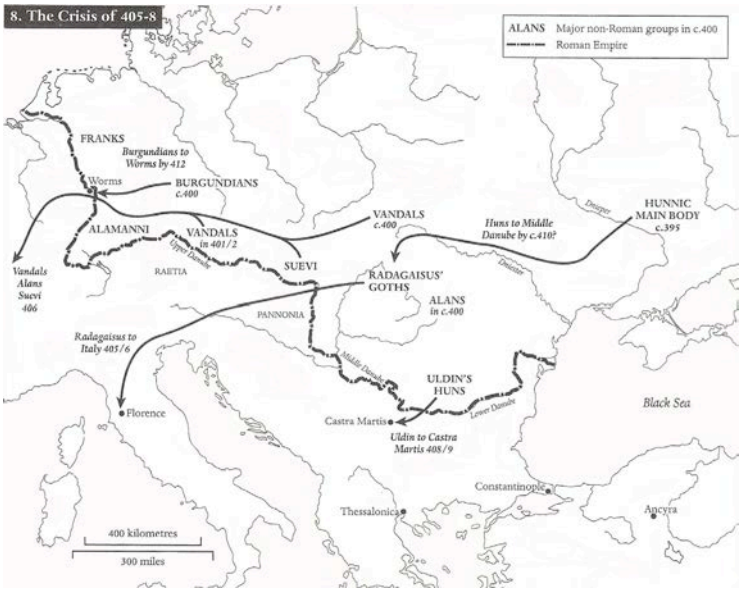


Fig. 676. Cartografia dos avanços ocorridos entre 405 e 408 (HEATHER, 2009: 629).

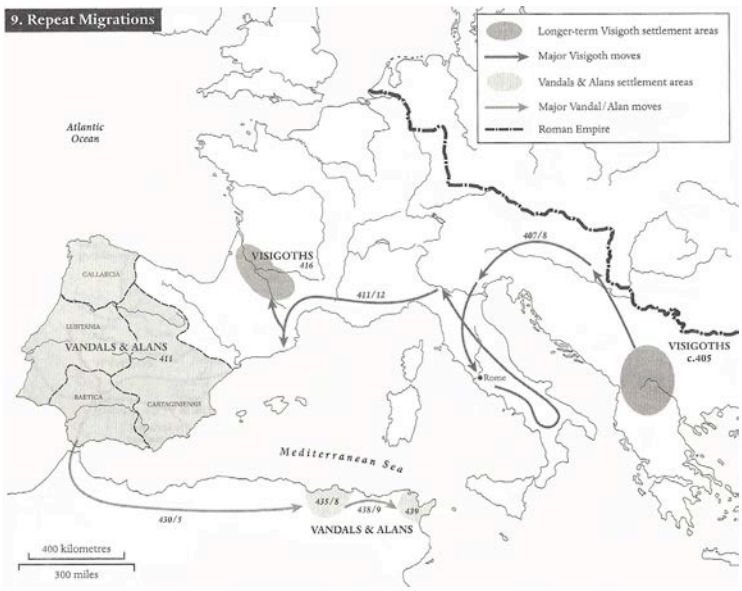


Fig. 677. Cartografia das movimentações e fixação protagonizadas por diferentes grupos na primeira metade do século V (HEATHER, 2009: 630).

Estampa CXXXIX

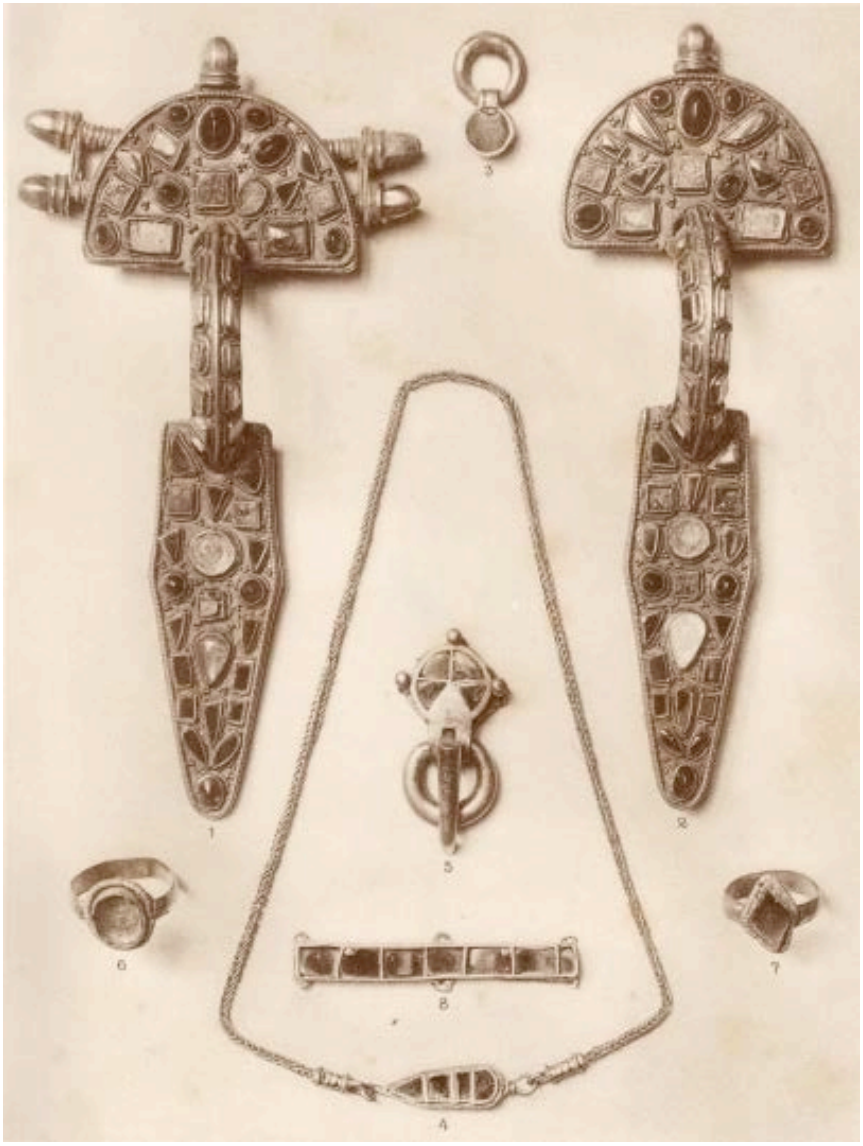


Fig. 678. Materiais recolhidos num enterramento duplo em Untersiebenbrunn - Áustria (KUBITSCHEK, 1911: lâm. I).

Estampa CXL

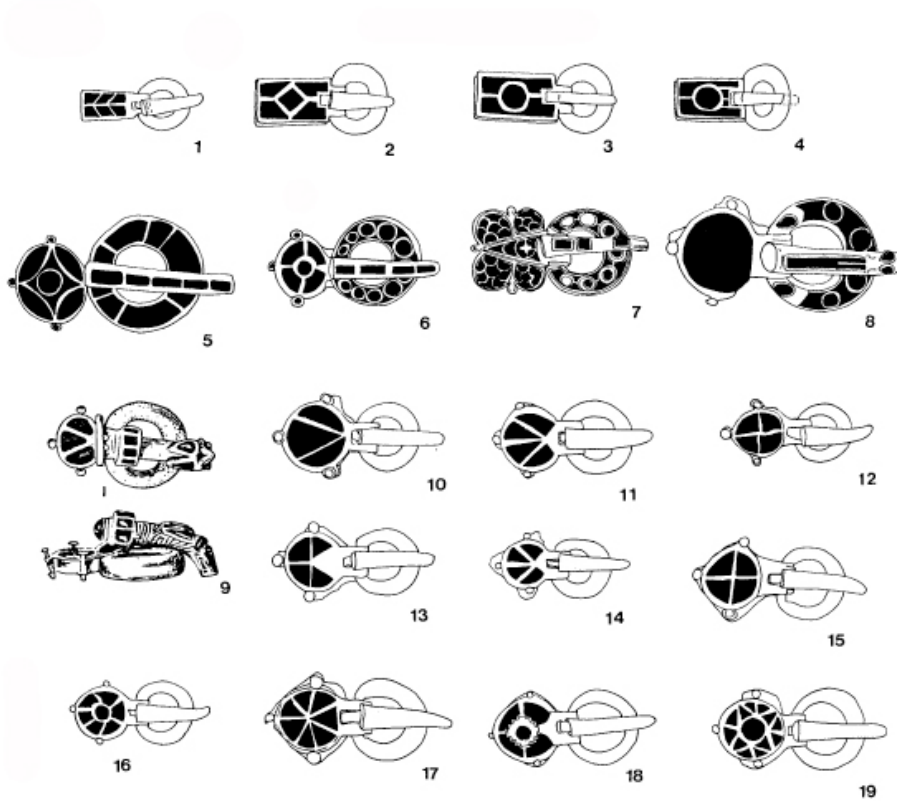


Fig. 679. Objectos com devoração *cloisonné* integráveis no «horizonte» *Untersiebenbrunn-Gospital'naja* (KAZANSKI, 1991a: 126, fig. 1). Na imagem são observáveis os dois exemplares de Beja (nº 8 e 19), a par de um conjunto de outras peças com características similares (nº 1 e 18: Wolfsheim, Alemanha; nº 2 a 6: Kertch, Crimeia; n.º 7: Regöly, Hungria; nº 9: Kertch, Novikovskij sklep; nº 10: Lengyeltóti, Hungria; nº 11, 14 e 16: Lébény, Hungria; nº 12, 15 e 17: Fürst, Alemanha; nº 13: Untersiebenbrunn, Áustria).

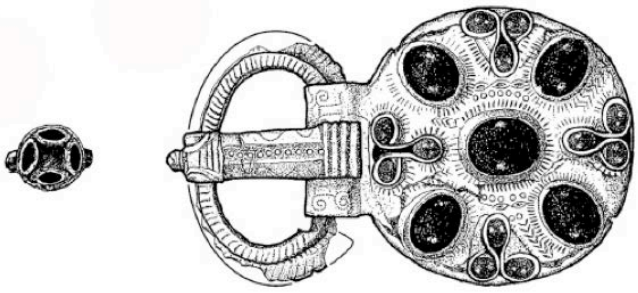


Fig. 680. Anel oriundo de Murias de Paraxuga (Oviedo) e placa de Baamorto (Monforte de Lemos). Excerto de composição apresentada por Pérez Rodríguez-Aragón (PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 2008: 257).

Estampa CXLI

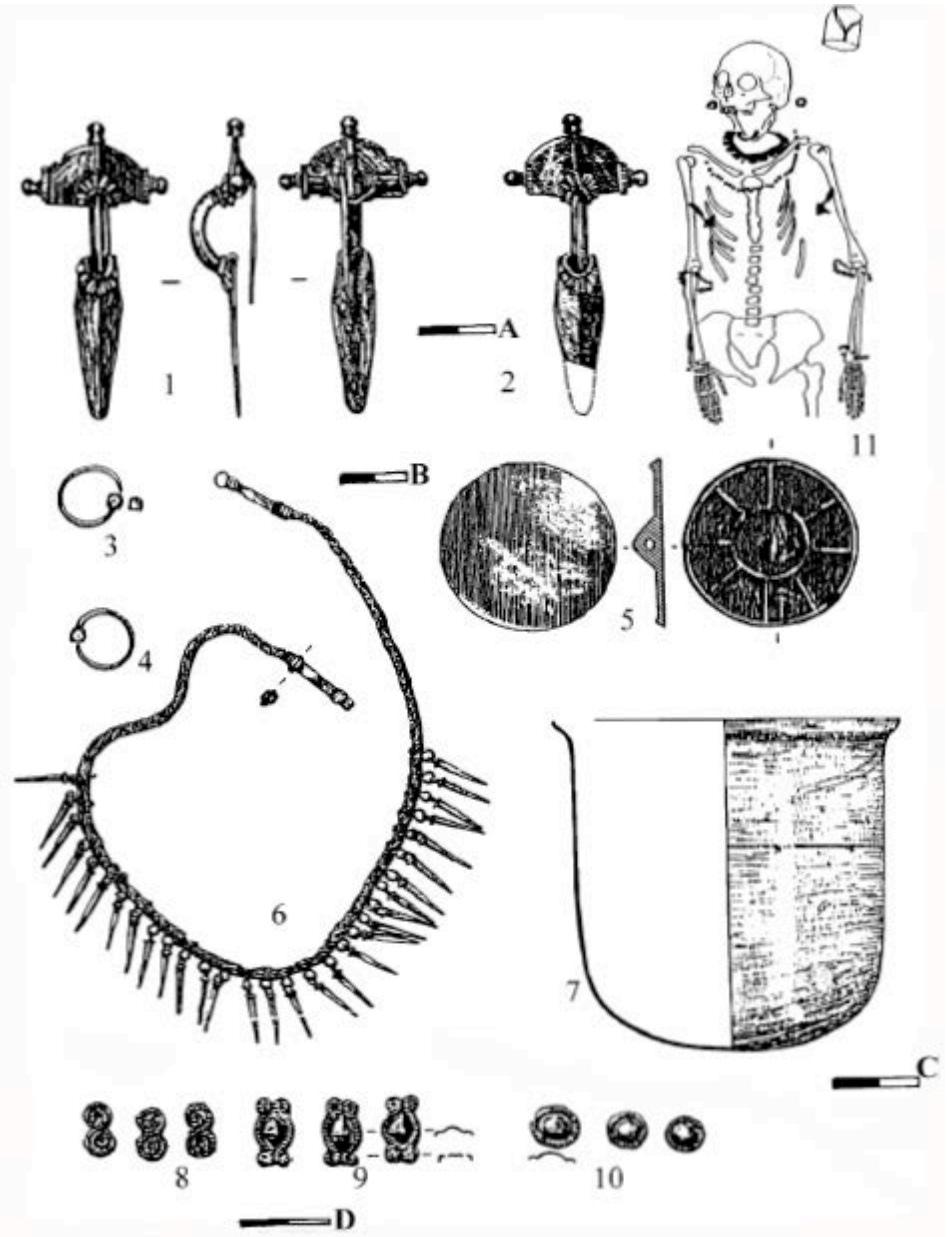


Fig. 681. Conjunto exumado no túmulo de Hochfelden, Alsácia - Baixo Reno (BIERBRAUER, 1975 *apud* KAZANSKI, 1997, fig. 7).

Estampa CXLII

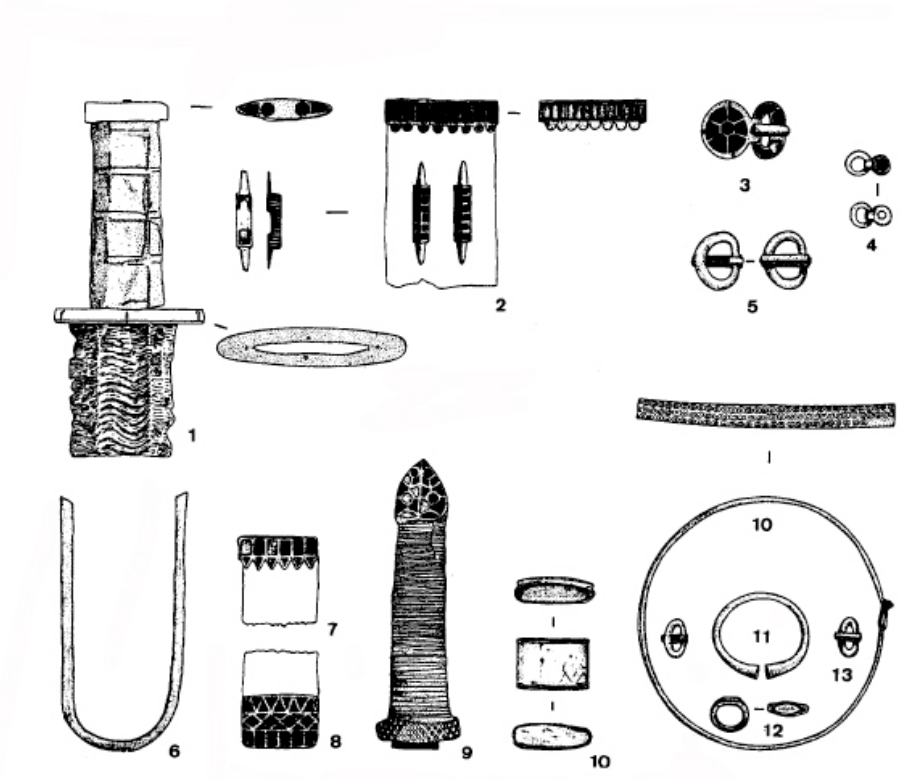


Fig. 682. Conjunto funerário exumado no túmulo de Pouan, em Aube - França (MENGHIN, 1983 *apud* KAZANSKI & PÉRIN, 1997: 202, fig. 1, A).

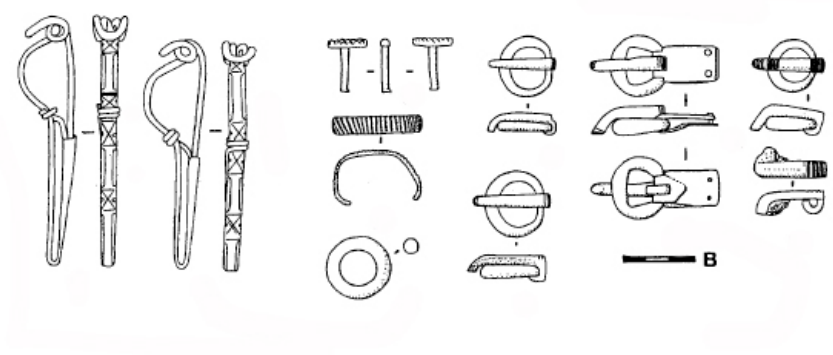


Fig. 683 - Objectos recolhidos num dos túmulos da Borgonha classificados como «germânicos orientais» (VALLET, 1993 *apud* KAZANSKI, 1997).

Estampa CXLIII

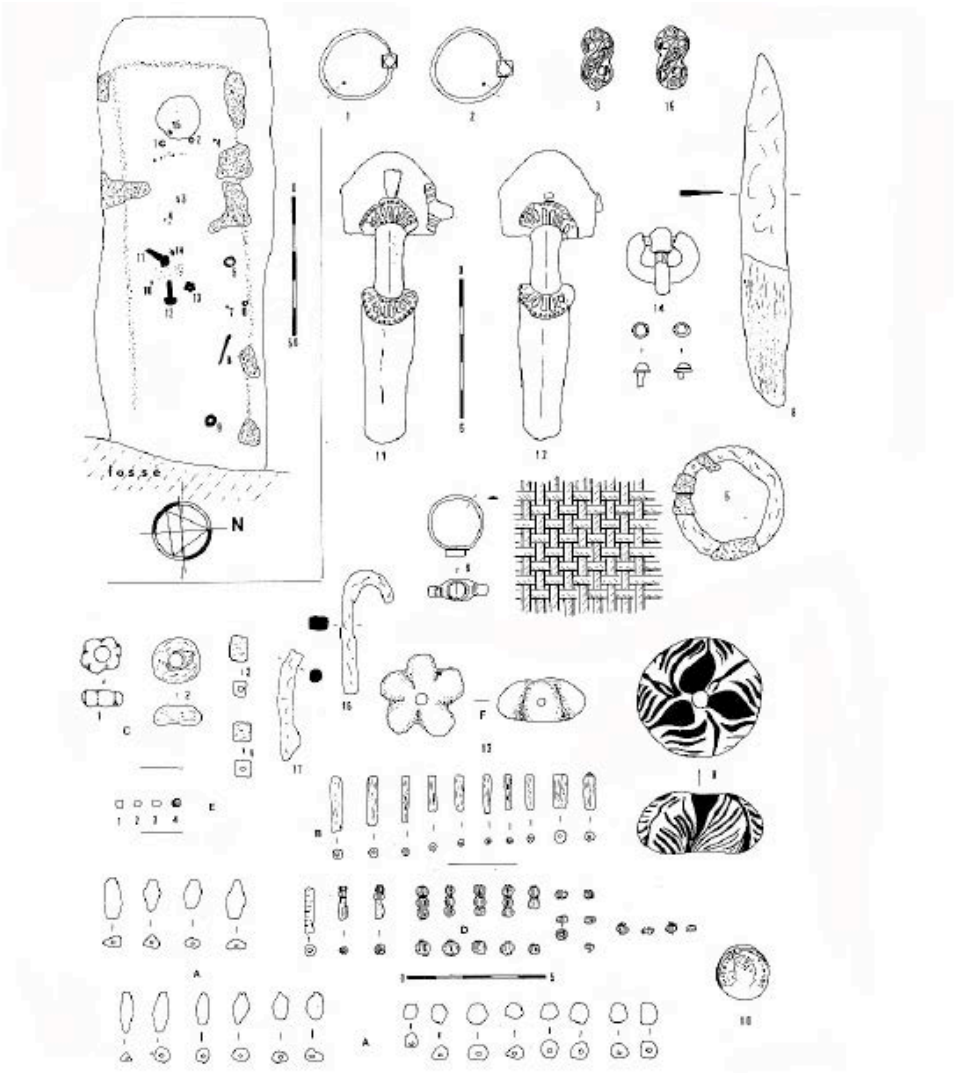


Fig. 684. Conjunto artefactual recolhido no túmulo 140 de Nouvion-en-Ponthieu - Picardia, França (PITON, 1985: pl. 31 *apud* KAZANSKI & PÉRIN, 2008: 197, fig. 140).

Estampa CXLIV

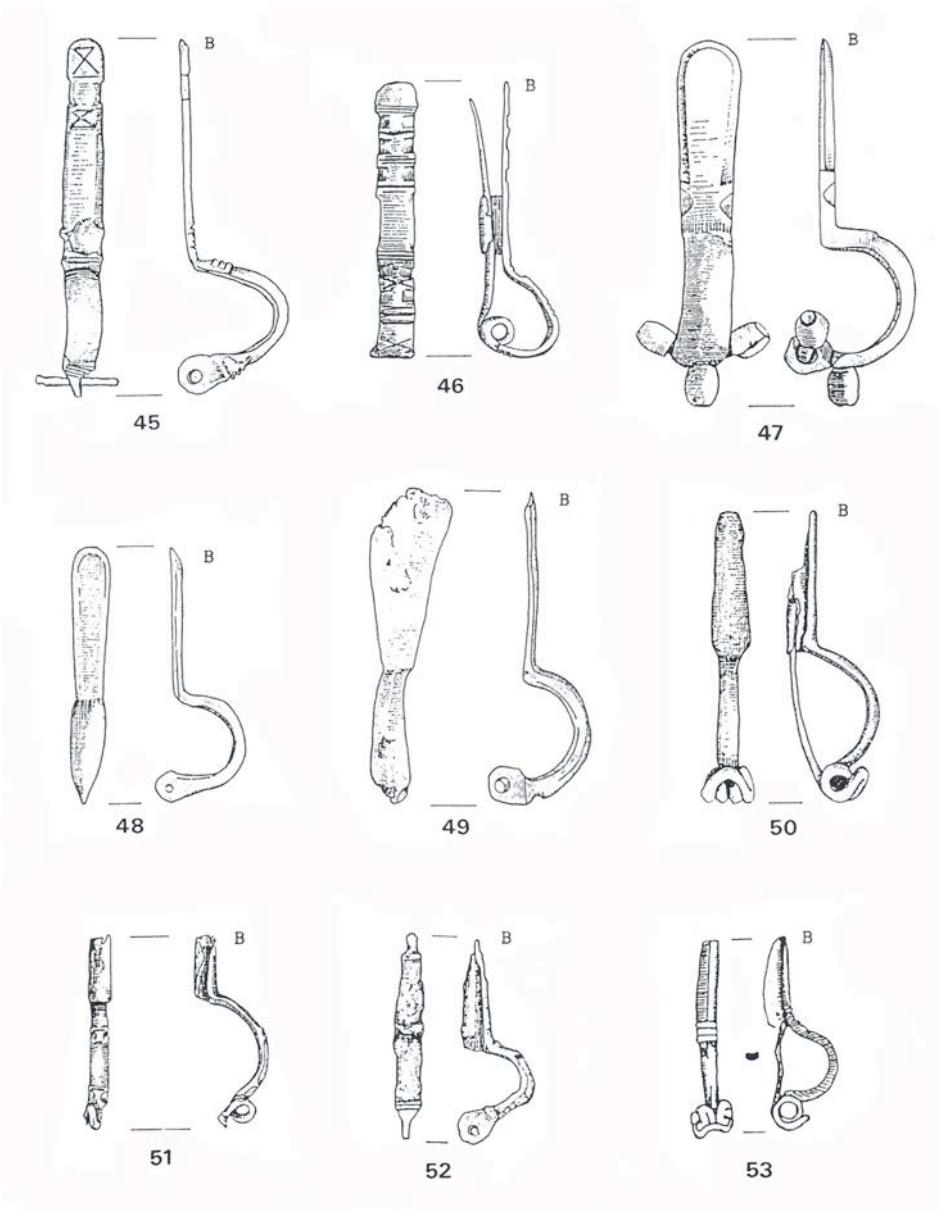


Fig. 685. Conjunto de fíbulas recolhidas em *Conimbriga*, tidas como variantes do grupo das *Armbrustfibeln* fundidas e, num único caso (n.º 47), do das *Bügelknopffibeln.* De acordo com a proposta avançada por Nuño González (NUÑO GONZÁLEZ, 1989: 205), os objectos inventariados subdividem-se em diversos tipos: *Duratón* (n.º 45 e 46); *Conimbriga* (n.º 47), *Rouillé* (n.º 48 e 49), *Siscia* (n.º 52) e, por último, «sem classificar» (n.º 50, 51 e 53), pelo facto de as características apresentadas pelas peças em causa não se coadunarem completamente com os traços distintivos das *Armbrustfibeln.*

Estampa CXLV

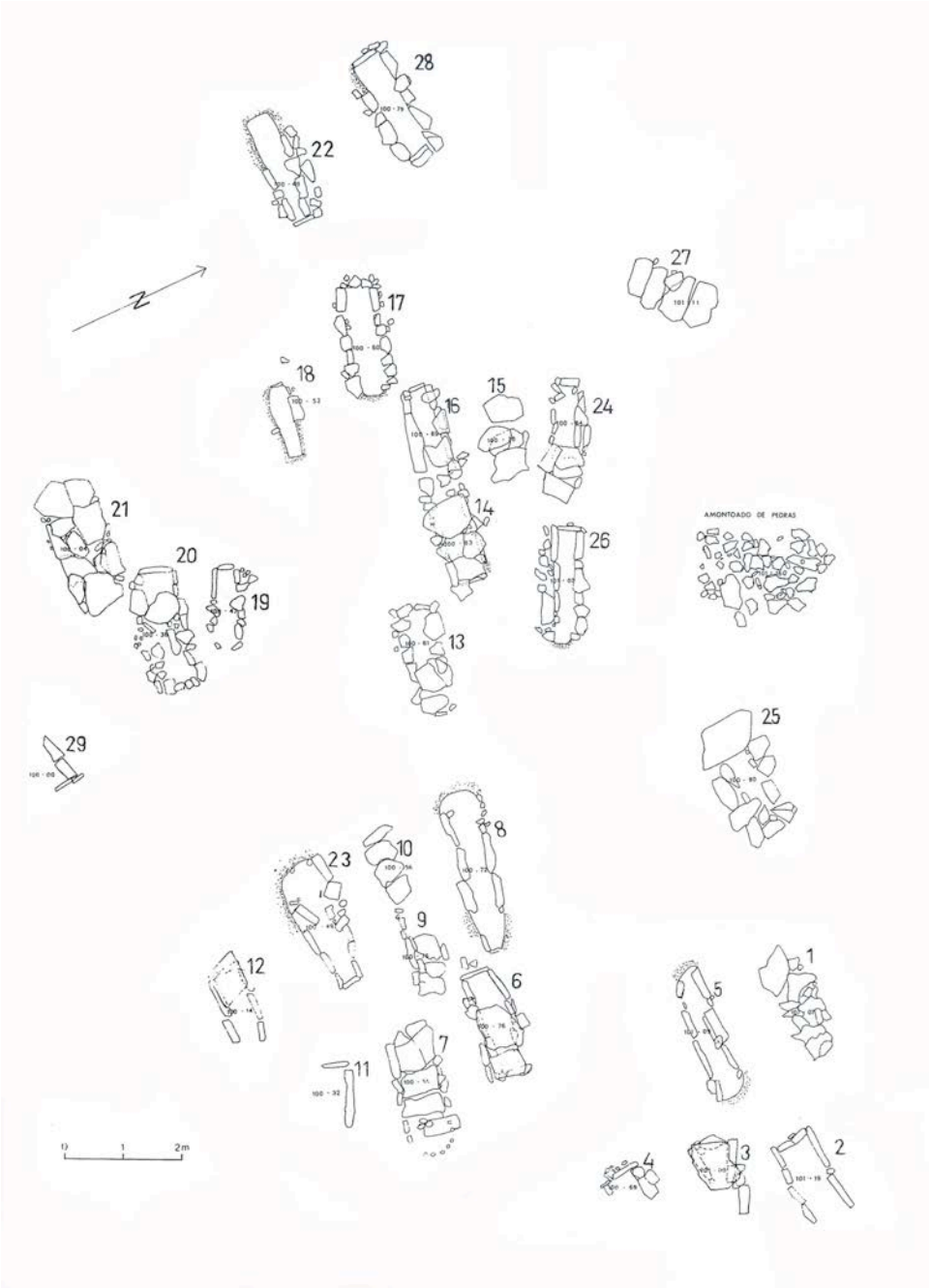


Fig. 686. Planta da área intervencionada na necrópole de Talaíde - Cascais (CARDOSO *et al.*, 1995: fig. 5).

Estampa CXLVI

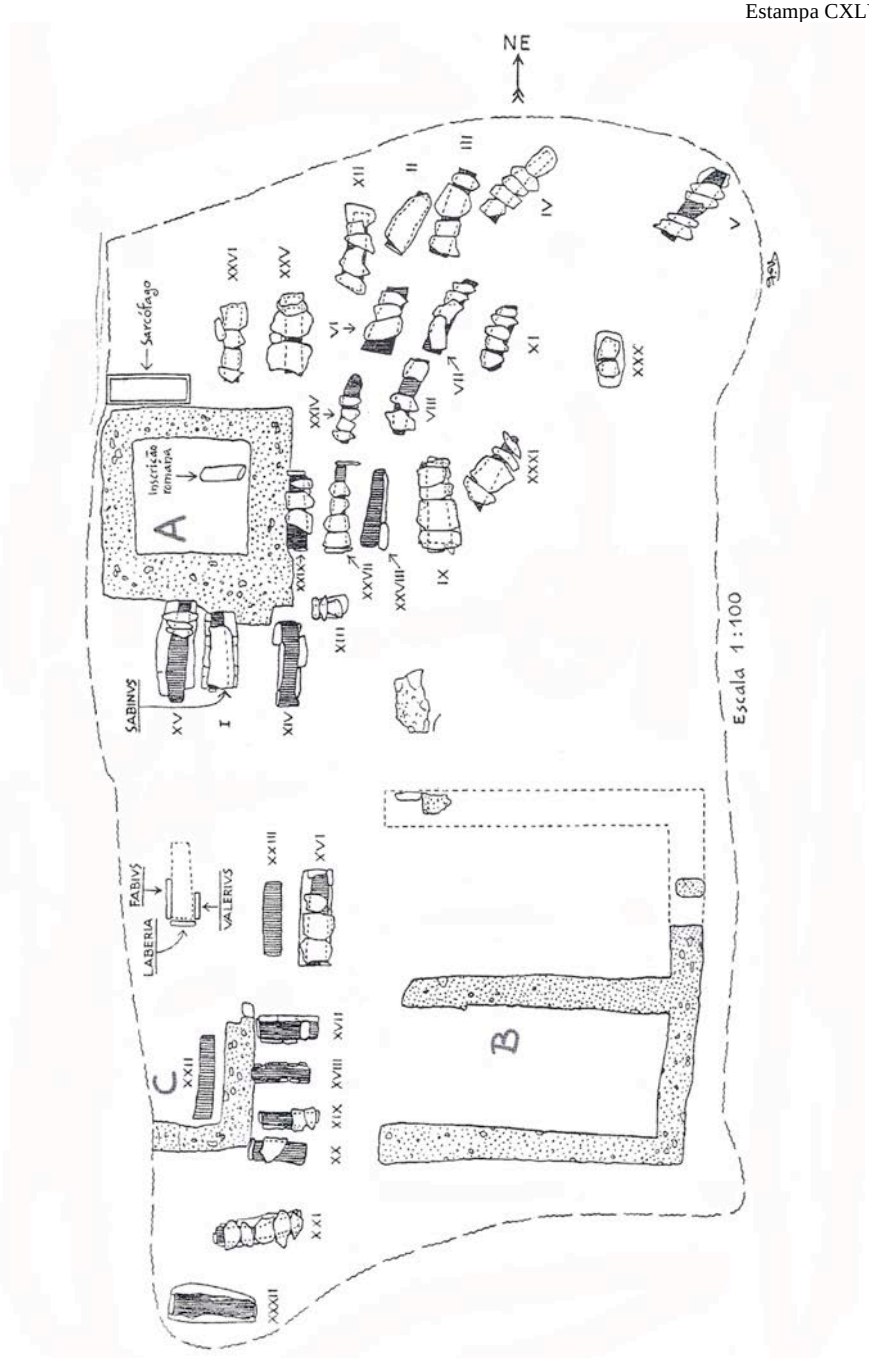


Fig. 687. Planta da necrópole de Silveirona - Estremoz, da autoria de Francisco Valença (CUNHA, 2008: 104).

Estampa CXLVII

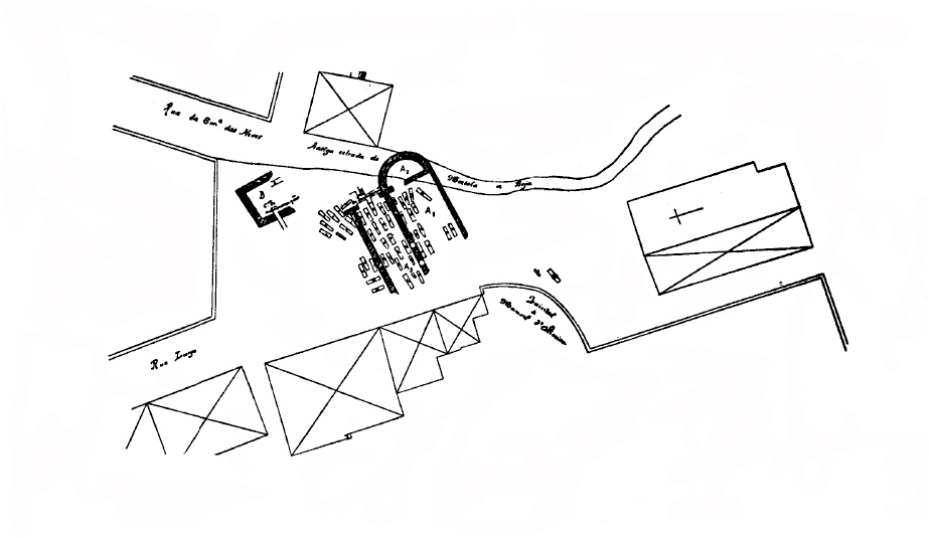


Fig. 688. Planta do Rossio do Carmo - Mértola (FERREIRA, 1965: fot. 1).

Fig. 689. Trabalhos de escavação realizados nos inícios do século XX no Rossio do Carmo, sob a direção de Leite de Vasconcelos (CARDOSO, 2006: 336, fig. 42).

Estampa CXLVIII

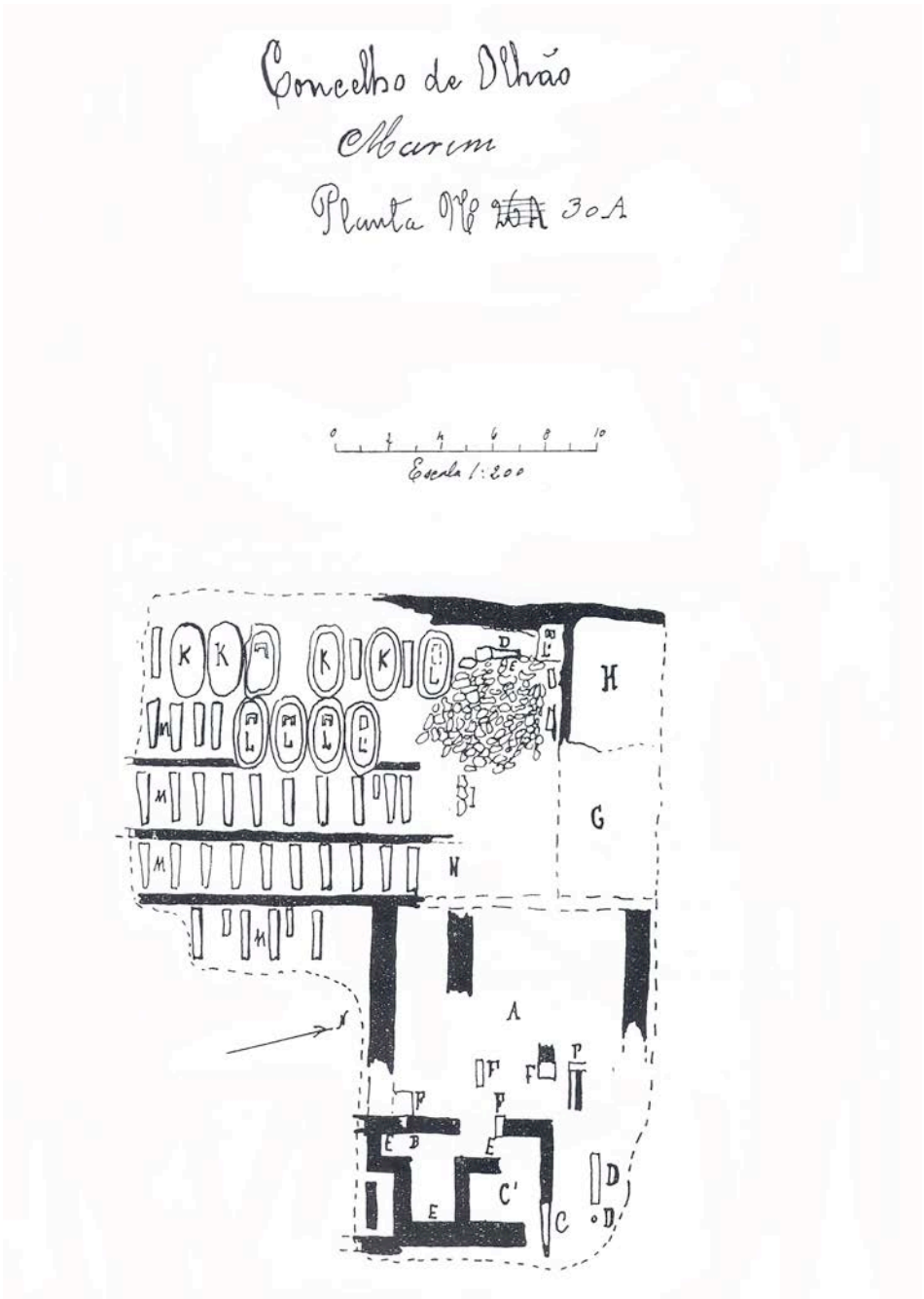


Fig. 690. Planta da área da necrópole da Quinta de Marim explorada por Estácio da Veiga em 1877 (SANTOS, 1972: fig. 298).

Estampa CXLIX

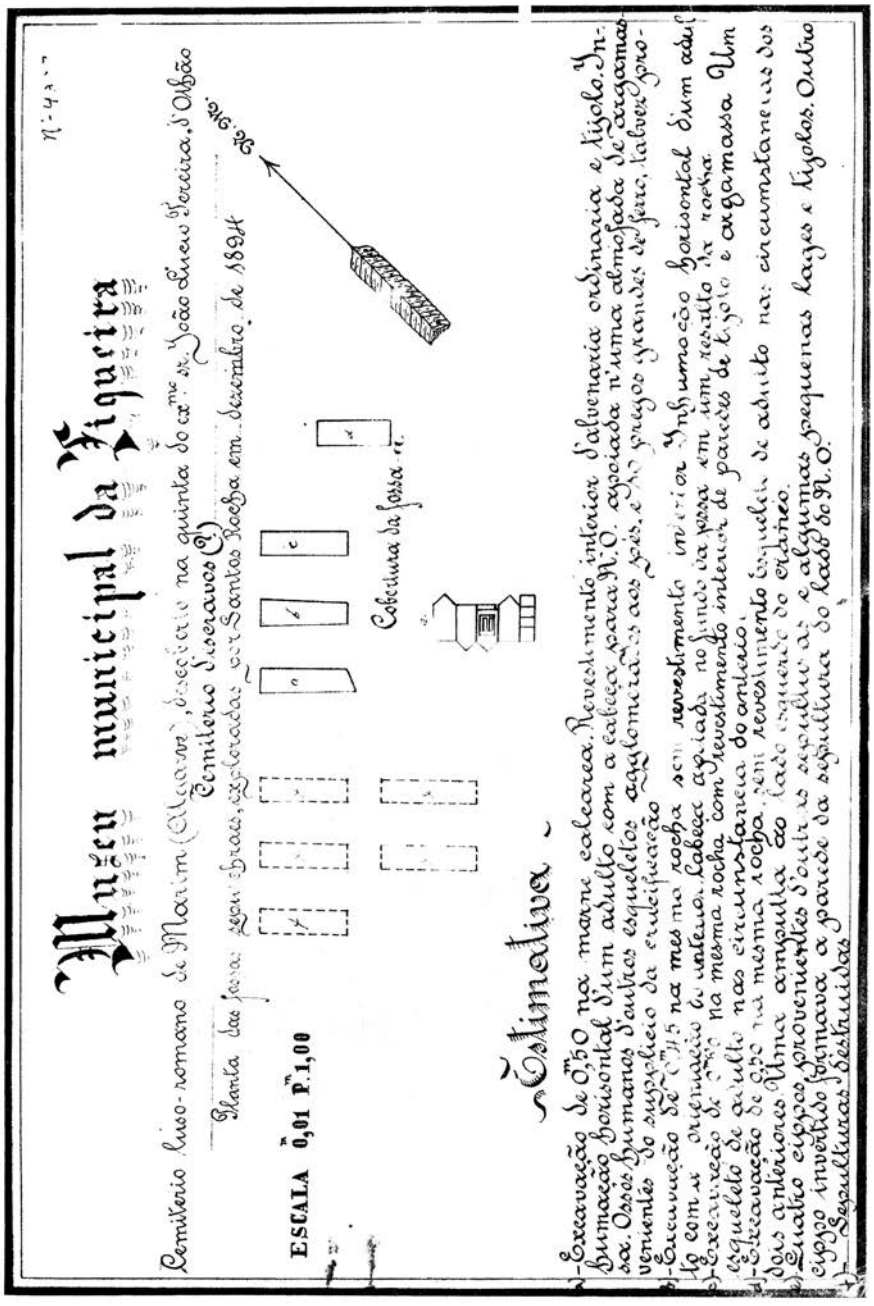


Fig. 691. Planta da área da necrópole intervencionada por Santos Rocha nos finais do século XIX (SANTOS, 1972: fig. 307).

Estampa CL

Fig. 692. Perspetiva das sepulturas 8, 9 e 10 da necrópole de S. Miguel - Caldas de Vizela, captada num momento em que a vasilha detectada na 8 se encontrava ainda *in situ* (AREZES, 2006).

Fig. 693. Pormenores construtivos de duas das sepulturas, registados na sequência da escavação (AREZES, 2006).

Estampa CLI

Fig. 694. Imagem ilustrativa das diferentes soluções construtivas adotadas (AREZES, 2006).

Fig. 695. Perspectiva geral da área escavada da necrópole (AREZES, 2006).

Estampa CLII

Fig. 696. Perspetiva das estruturas de inumação intervencionadas na necrópole de Santo Amarinho - Castelo de Vide (Foto: S.A.C.M.C.V.).

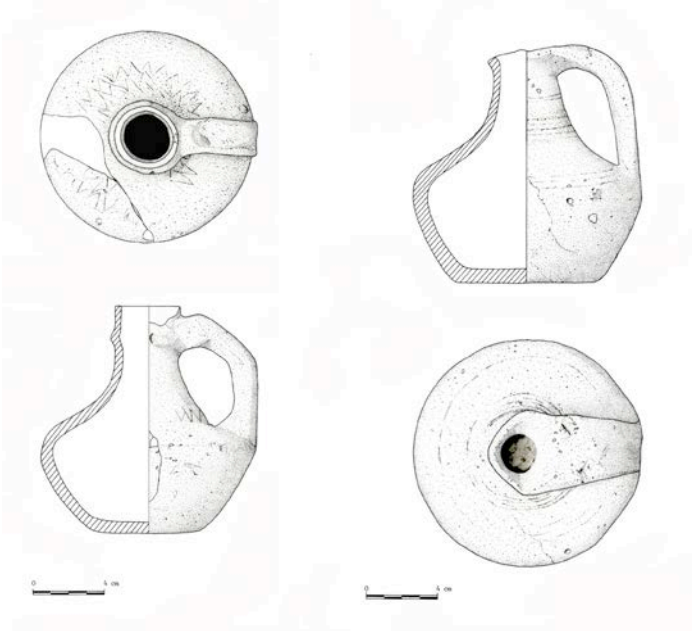


Fig. 697. Bilhas (n.º inv. SA 1 e SA 5) recuperadas, respetivamente, nas sepultura 11 e 10 da necrópole de Santo Amarinho. Desenhos: João Magusto (S.A.C.M.C.V.).

Estampa CLIII

Fig. 698. Perspetiva da necrópole da Boa Morte - Castelo de Vide (Foto da autora: novembro de 2012).

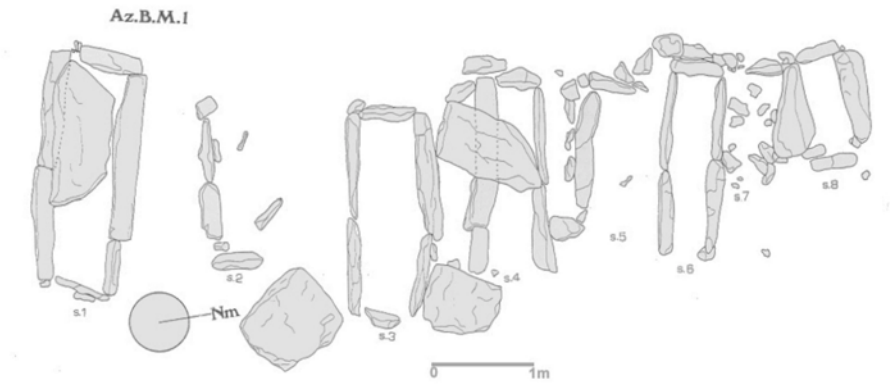


Fig. 699. Planta das sepulturas da necrópole. Desenho: João Magusto (S.A.C.M.C.V.).

Estampa CLIV

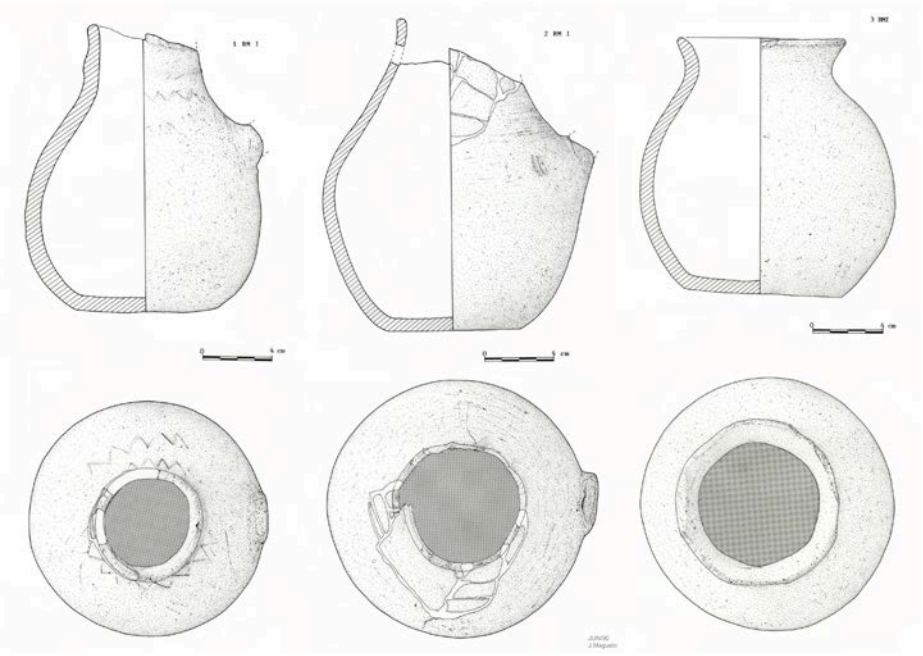


Fig. 700. Recipientes cerâmicos exumados na necrópole da Boa Morte I.
Desenhos: João Magusto (S.A.C.M.C.V.).

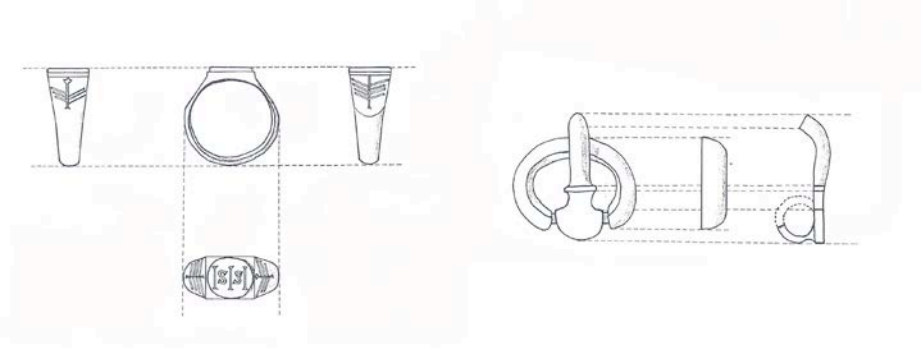


Fig. 701. Anel e fivela (atualmente em paradeiro desconhecido) recolhidos numa das sepulturas da Boa Morte I. Montagem feita a partir dos desenhos apresentados por C. Rodrigues (RODRIGUES, 1978: estampa XLVIII).

Estampa CLV

Fig. 702. Sepultura XXI de Silveirona - Estremoz, conforme atualmente observável nas reservas do M.N.A., para onde foi transladada, às ordens de Manuel Heleno. Foto da autora (fevereiro de 2012).

Fig. 703. Perspetivas da sepultura XXI, captadas aquando do processo de escavação. Montagem feita a partir dos registos apresentados por M. Wolfram da Cunha (CUNHA, 2004: 172, fig. 50).

Estampa CLVI

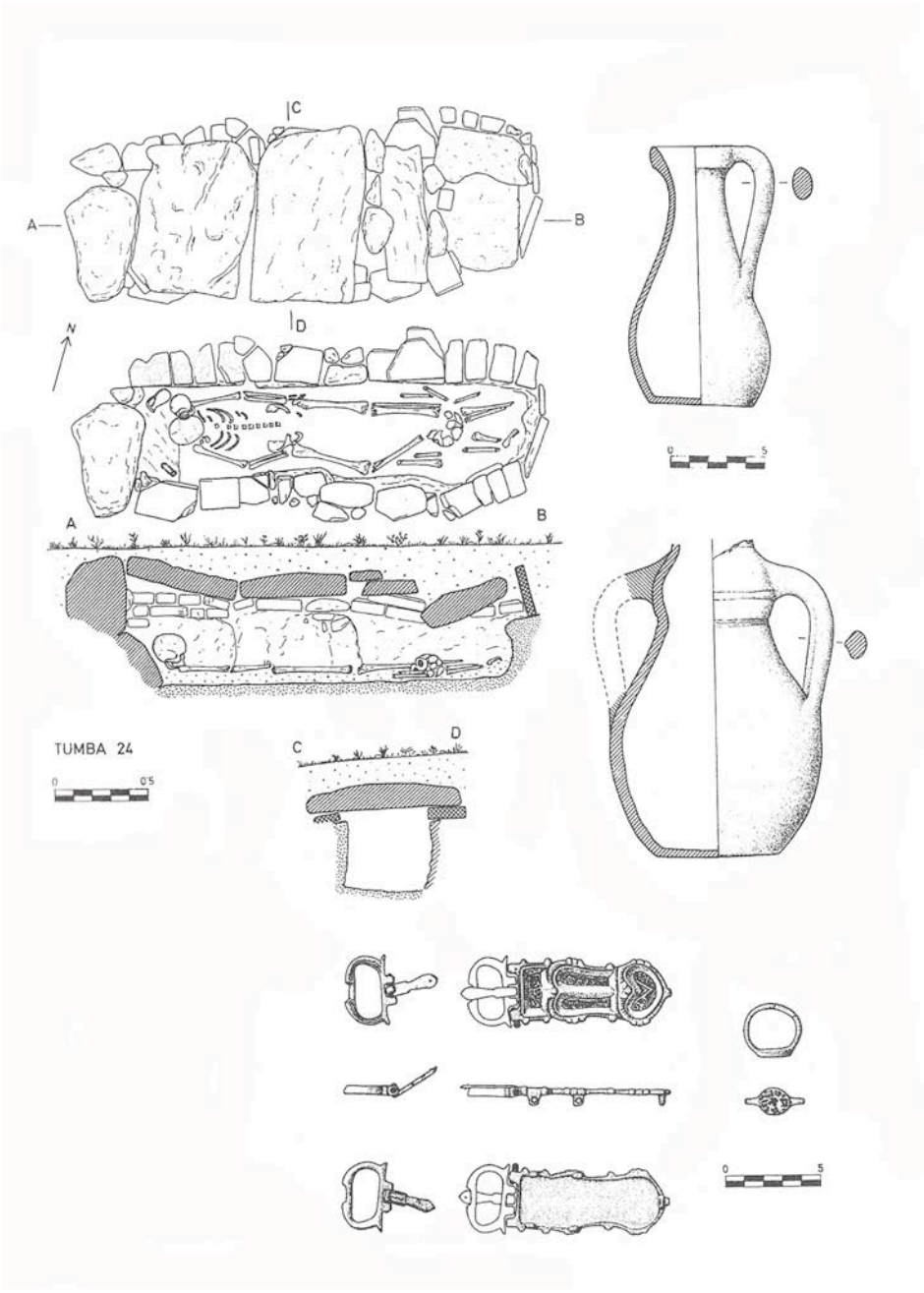


Fig. 704. Representação gráfica da sepultura 24 da necrópole de Gerena - Sevilha, e dos materiais cerâmicos e metálicos recuperados no seu interior (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 255).

Estampa CLVII

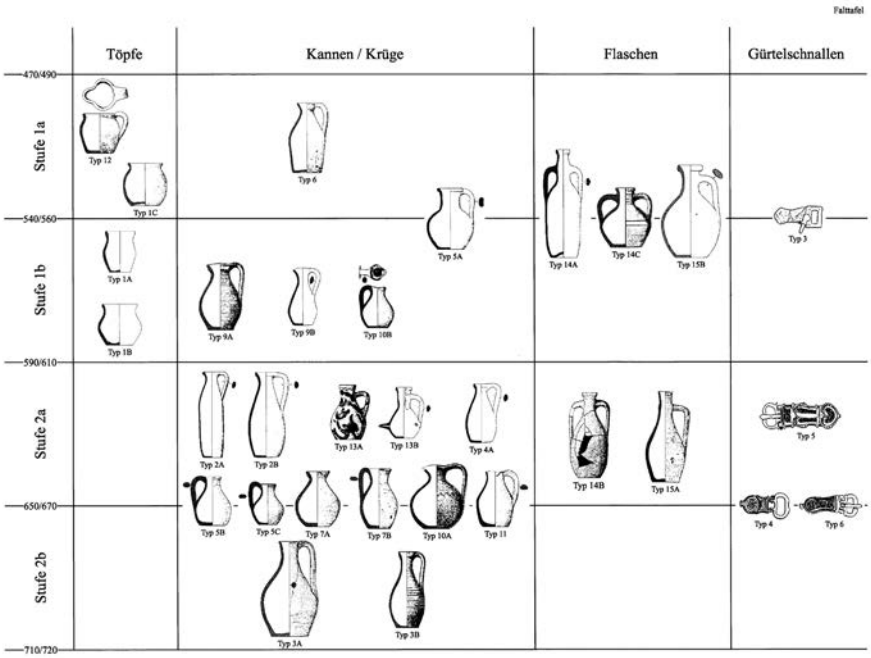


Fig. 705. Proposta de enquadramento cronológico para os recipientes cerâmicos «tipo» recuperados em contextos sepulcrais tardios localizados no centro e sul do atual território espanhol, e sua correlação com placas de cinturão rígidas e liriformes (FLÖRCHINGER, 1998).

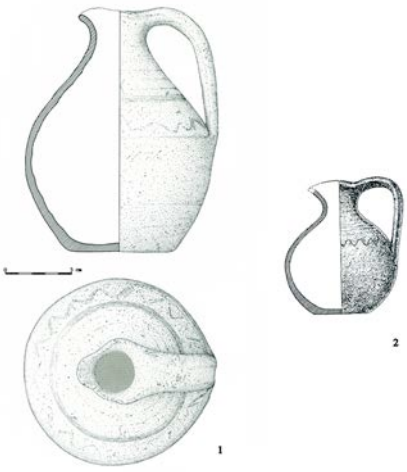


Fig. 706. Recipientes cerâmicos com procedência funerária: o primeiro é originário de uma das sepulturas tardias detetadas na *villa* do Mascarro - Castelo de Vide (desenho de J. Magusto); o segundo, por seu turno, foi recolhido no túmulo 21 de San Pedro de Alcántara - Málaga (FLÖRCHINGER, 1998: lâm. 4, n.º 2).

Estampa CLVIII

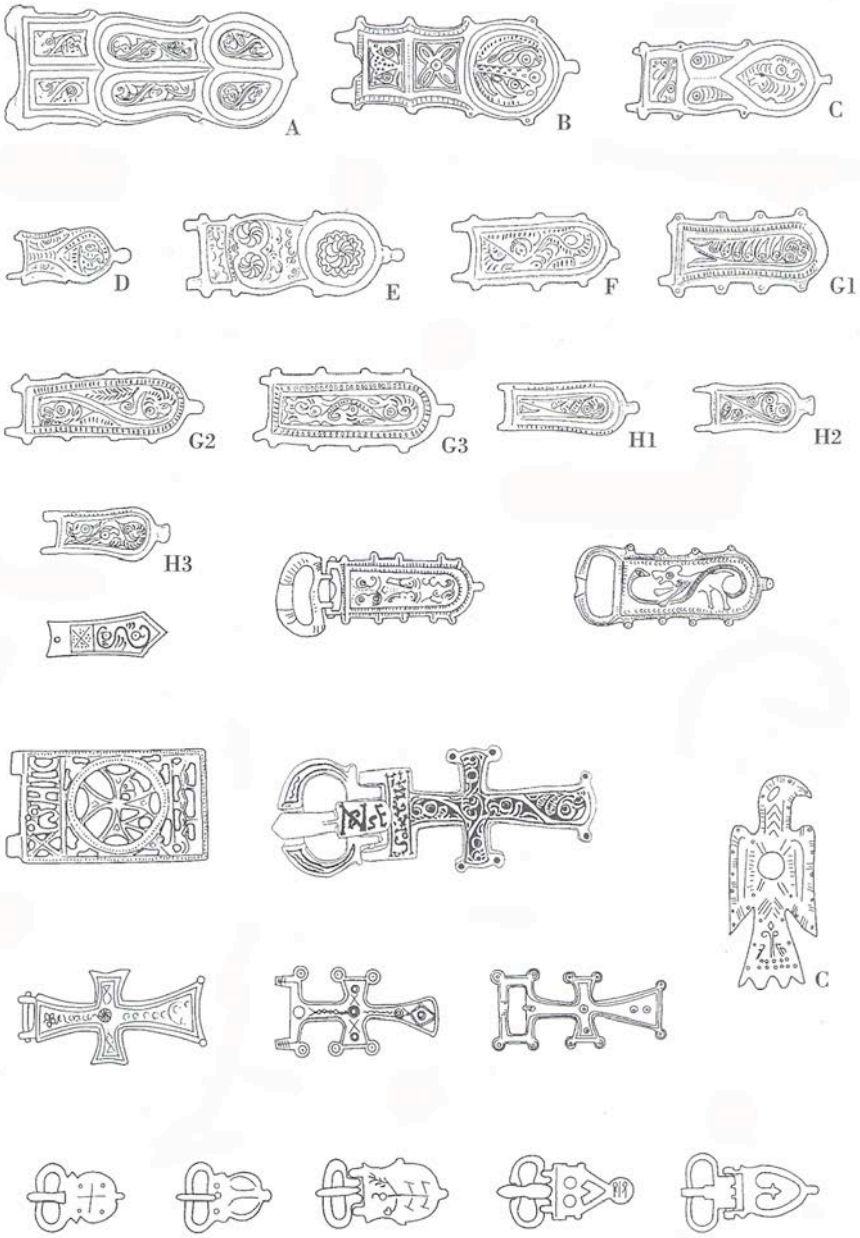
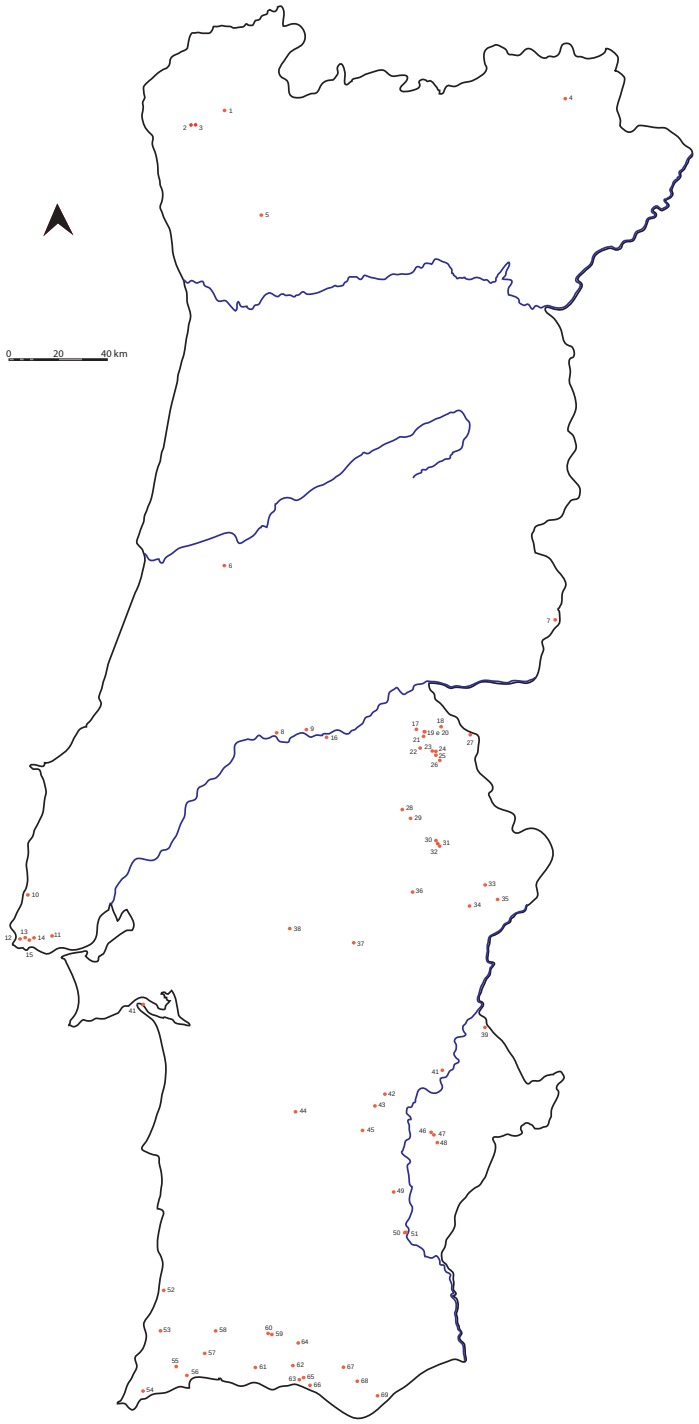


Fig. 707. Adornos pessoais incluídos no designado «nível V», definido por Ripoll López para os materiais da *Baetica*, e cuja cronologia surge balizada entre cerca 600/40 e 710/20 (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 61, fig. 4).

ANEXO III
CARTOGRAFIA E GRÁFICOS



Estampa CLIX:
Sítios portugueses analisados

1. Beiral do Lima
2. Bouça da Gateira
3. Quinta do Paço Novo da Facha
4. Castro de Avelãs
5. São Miguel de Caldas de Vizela
6. Conimbriga
7. Salvaterra do Extremo
8. Quinta da Pedreira
9. Fonte do Sapo
10. Cerrado das Torres
11. Talaíde
12. Casais Velhos
13. Murches
14. Alcoitão
15. Abuxarda
16. Casal da Várzea/Aneirão
17. Patalou
18. Cerejeiro
19. Azinhaga da Boa Morte I
20. Azinhaga da Boa Morte II
21. Tapada de Manuel Antunes
22. Vale da Bexiga
23. Mascarro
24. Santo Amarinho
25. Moita Forte
26. Sobral
27. Herdade dos Pombais
28. Alter do Chão
29. Quinta do Pião
30. Cemitério do Sampão
31. Monte do Pombal
32. Torre de Palma
33. Herdade da Chaminé
34. Terrugem
35. Torre das Arcas
36. Silveirona
37. Cortiçal
38. São Geraldo
39. Poço da Marra
40. Monte Musgos 7
41. Troia
42. Horta de João Lopes
43. São Matias
44. Herdade do Marmelo
45. Beja
46. Montinhos 6
47. Loja 5
48. Torre Velha 3
49. Mosteiro
50. Cine Teatro
51. Rossio do Carmo
52. Odeceixe
53. Alcaria
54. Padrão
55. Bensafrim
56. Marateca
57. Serro do Algarve
58. Alcaria (Monchique)
59. Vale de Corgos
60. Bica Alta
61. Poço dos Mouros
62. Ponte
63. Vale de Carro
64. Morgado de Alte
65. Retorta
66. Cerro da Vila
67. Torres de Apra
68. Milreu
69. Quinta de Marim

Fig. 708. Sítios portugueses analisados.

Estampa CLX

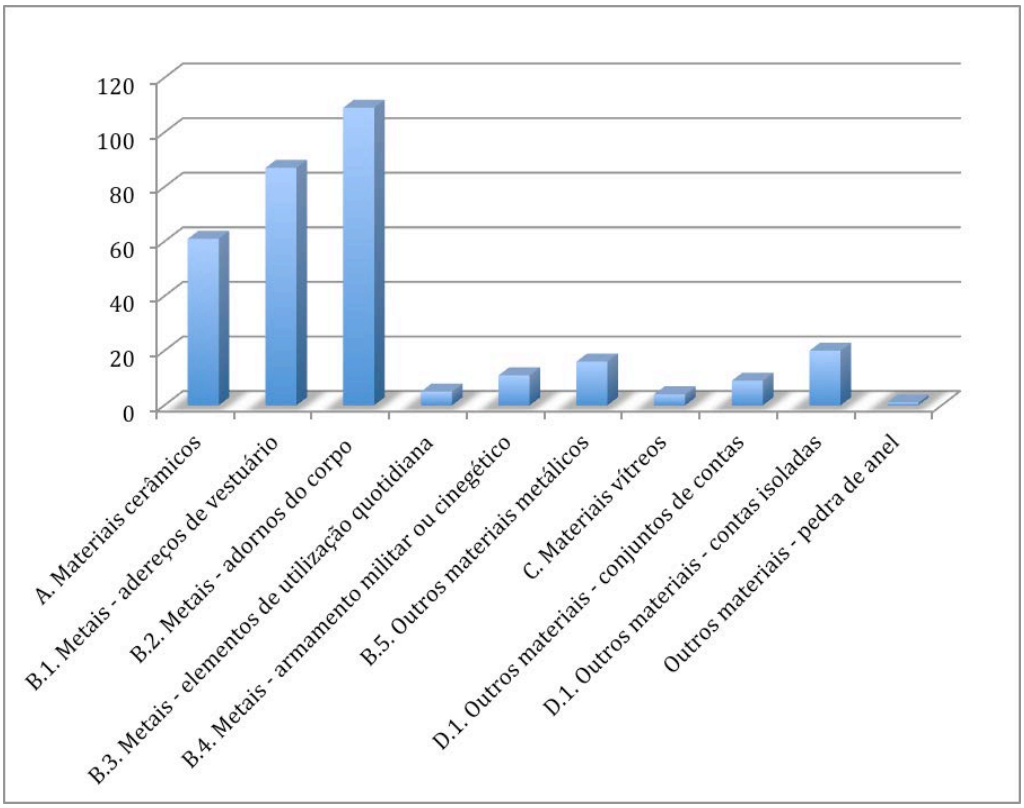


Fig. 709. Distribuição dos materiais analisados no Catálogo.

Estampa CLXI

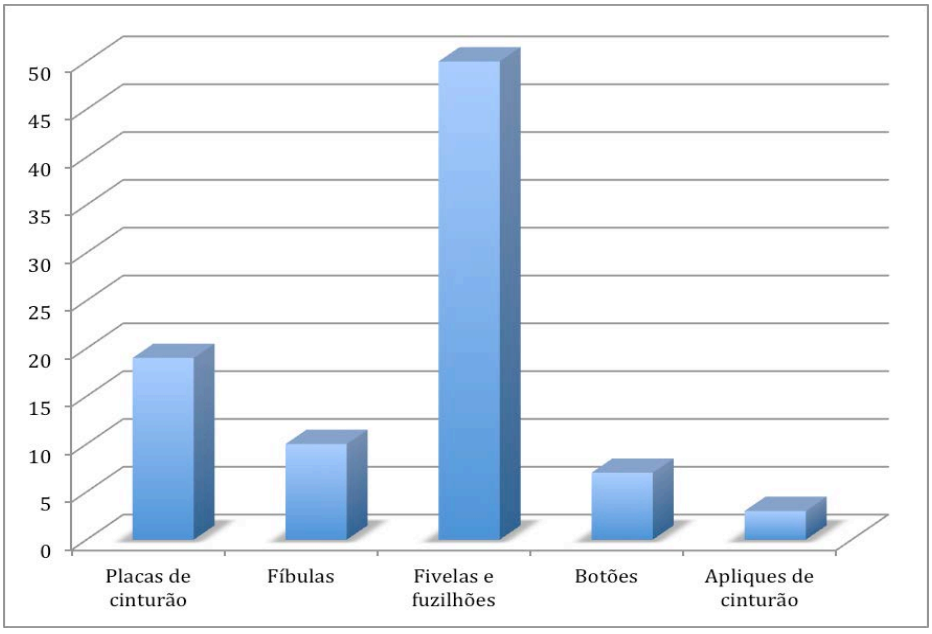


Fig. 710. Distribuição dos adereços de vestuário.

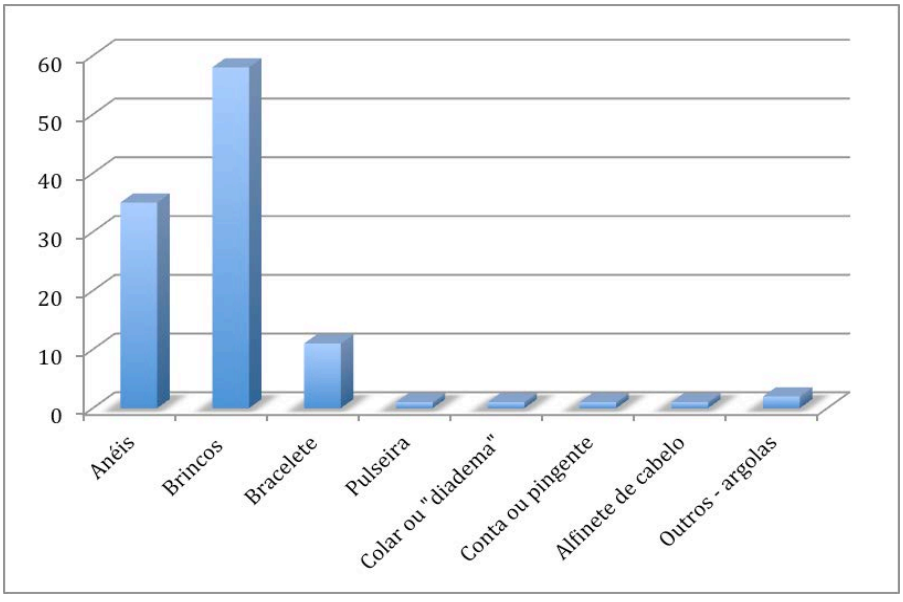


Fig. 711. Distribuição dos adornos metálicos.

Estampa CLXII

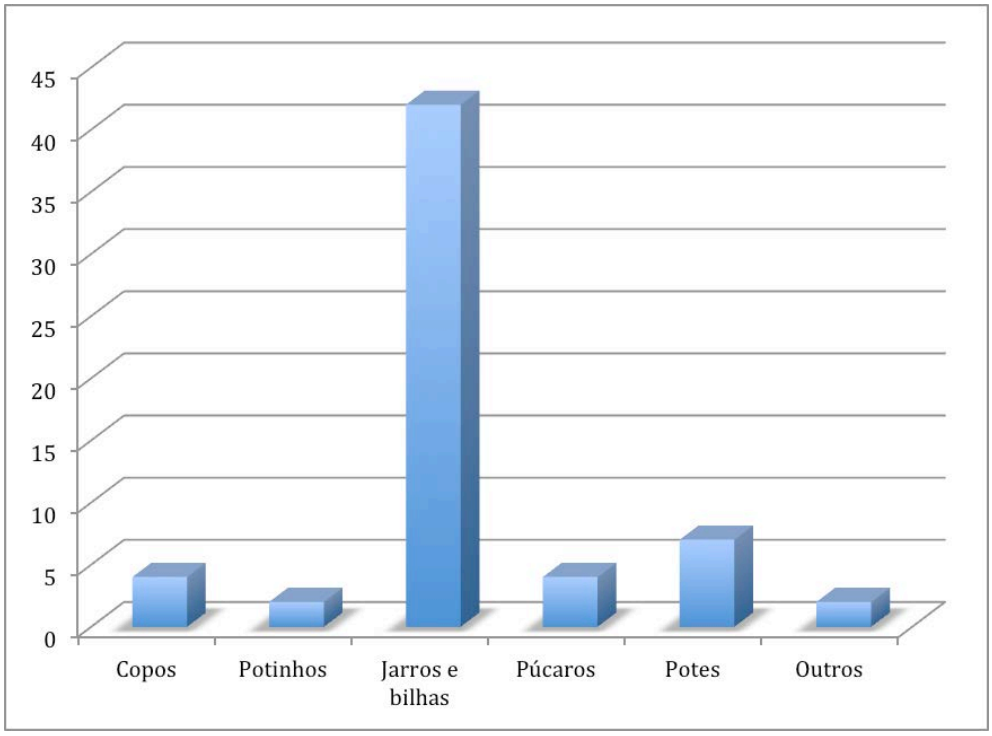


Fig. 712. Distribuição das cerâmicas por formas.